

Renata Brião de Castro

*“Una Società senza
scuola è come un
corpo senz’anima”*



As escolas italianas em Pelotas/RS
durante os anos de 1872 a 1938

←constituição e trajetória→



*“Una Società senza
scuola è come un
corpo senz’anima”*



As escolas italianas em Pelotas/RS
durante os anos de 1872 a 1938

←constituição e trajetória→

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Karen Mello Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Matheus de Mesquita Silveira
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Renata Brião de Castro

*“Una Società senza
scuola è come un
corpo senz’anima”*



As escolas italianas em Pelotas/RS
durante os anos de 1872 a 1938

←constituição e trajetória→



© da autora

1ª edição: 2024

Preparação de Texto: Laura Deves Alves

Editoração: Igor Rodrigues de Almeida

Leitura de Prova: Maria Teresa Echevenguá Maldonado

Capa: Ana Carolina Marques Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

C355s Castro, Renata Brião de
“Una società senza scuola è come un corpo senz’anima”
[recurso eletrônico] : as escolas italianas em Pelotas/RS durante
os anos de 1872 a 1938 : constituição e trajetória / Renata Brião de
Castro. – Caxias do Sul, RS : EducS, 2024.
Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5807-349-9

1. Escolas - Pelotas (RS) - História. 2. Italianos - Rio Grande
do Sul - História. 3. Imigrantes - Rio Grande do Sul - História. I.
Título.

CDU 2. ed.: 373(816.5PELOTAS)(091)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|--|------------------------------|
| 1. Escolas - Pelotas (RS) - História | 373(816.5PELOTAS)(091) |
| 2. Italianos - Rio Grande do Sul - História | 325.54(450:816.5)(091) |
| 3. Imigrantes - Rio Grande do Sul - História | 314.151.3-054.72(816.5)(091) |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 –
Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

A pesquisa que deu origem a este livro foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Dedicatória

*Aos dois pequenos que me ensinam sobre o amor,
meus sobrinhos: Joaquim e Lorenzo Castro.*

Uma história das escolas italianas em Pelotas/RS num olhar transnacional, ao modo de prefácio

O tema da imigração italiana para o Rio Grande do Sul tem sido recorrente e habita páginas e páginas de obras publicadas por historiadores, memorialistas e genealogistas, e o assunto, como num giro de calidoscópio, tem sido pensado, perscrutado e analisado sob diferentes matizes. No entanto, quando se trata do tema história da educação e e/imi-gração italiana, apenas nas duas últimas décadas é que objetos de investigação têm sido construídos e tomados com a centralidade investigativa que merecem. Assim, a presente obra, resultado de tese de doutoramento intitulada *“Una Società senza scuola è come un corpo senz’anima”*: *As escolas italianas em Pelotas/RS durante os anos de 1872 a 1938: constituição e trajetória*, de autoria da pesquisadora Renata Brião de Castro, é uma contribuição inédita, ímpar e muito significativa.

É uma contribuição inédita e significativa, pois até recentemente, no contexto da história gaúcha e de Pelotas, em particular, pouco se tinha produzido na pesquisa histórico-educacional sobre a diversidade de iniciativas escolares com marcas étnicas, colocando-se como foco a especificidade de tais escolas, as suas práticas, os materiais produzidos e/ou utilizados, as disputas e os consensos em torno da escola italiana.

Renata Brião de Castro¹ nos brinda com uma pesquisa histórico-educacional de fôlego, com a mobilização de massa documental inédita que contribui, sobremaneira, para compreendermos as ações, os sujeitos, as políticas e a circulação internacional entre Brasil e Itália – de pessoas, mas também de objetos, ideias e modos de ensinar e aprender. Se a história é “conhecimento por meio de documentos” que constitui a “narrativa de eventos” (Veyne, 1998, p. 18), nessa obra o leitor conhecerá a história da escola italiana em Pelotas em suas múltiplas interfaces e conexões com a península itálica, num olhar transnacional, entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Para produzir esse livro, Renata Brião de Castro percorreu arquivos e bibliotecas e mobilizou bibliografias da História e da História da Educação da Itália e do Brasil. Como escreve Farge (2009), Renata andarihou por arquivos, enfrentou as armadilhas, as tentações, a complexidade da disponibilidade dos documentos e de sua inexistência, dos silêncios, mas também dos excessos. Do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul ao *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri* em Roma, entre tantos outros acervos que constituem a riqueza documental construída em um denso percurso, o olhar atento e inquisitivo da autora e os ecos dos estudos teóricos marcam presença. A pesquisadora Renata mergulhou em um *corpus* documental composto por correspondências e relatórios de agentes consulares e cônsules, cartas de professores, jornais e outros, que por meio da análise documental histórica, realizada com

¹ A condução cuidadosa e aprofundada da orientadora, professora Dra. Patrícia Weichschadt, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e do coorientador, professor Dr. Alberto Barausse, da *Università degli Studi del Molise* (UniMol), é uma sinalização da qualidade do estudo apresentado, agora também em formato de livro, e merece destaque.

maestria, em diálogo com a autoria e todo o referencial teórico, resultam nas páginas que o leitor agora é convidado a percorrer. Na lida documental, seleções, recortes e composições são percebidas como prática do ofício de pesquisa que media entre o sabor do arquivo (Farge, 2009) e a análise que inicia com o “gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”, como há tanto tempo ensinou Certeau (2002, p. 81). E, ainda, consiste em produzir tais documentos, inquiri-los, dar-lhes sentido, entrecruzá-los, para então dispô-los artesanalmente, na oficina do historiador da educação em uma narrativa entre autoria, empiria e teoria.

Para que o leitor conheça um pouco da obra que agora tem em suas mãos, esclareço que o livro está organizado em seis capítulos. A autoria inicia os dois primeiros situando o leitor no objetivo e tema investigado, delineando os caminhos de pesquisa trilhados bem como apresentando uma revisão teórico-bibliográfica que sustenta a análise. A partir do terceiro capítulo, o leitor é convidado a imergir, no contexto histórico de Pelotas no século XIX, as migrações e as configurações de associações que marcaram a vida cultural do sul do estado do Rio Grande do Sul, em especial com a abertura de escolas. Disputas, consensos e negociações entre representantes consulares locais e da capital gaúcha, bem como os vínculos com a Itália recém-unificada, são sinalizados nesta narrativa histórica que, de modo emblemático, demonstra o quanto é relevante estar atento às conexões internacionais dos objetos investigados.

A partir do quarto capítulo o foco é a história das escolas italianas em Pelotas. Movimentando a análise de um conjunto diversificado de documentos, a pesqui-

sadora Renata apresenta – de modo inédito – práticas, modos de organizar e cultura escolar vinculando-a à italianidade. A atuação do *Commissariato Generale dell’Emigrazione* e o seu vínculo no processo escolar italiano em Pelotas são evidenciados na análise das primeiras décadas do século XX. Os programas de ensino, algumas práticas reveladas por meio da correspondência dos professores, o ensino do italiano e a sua relação com a identidade cultural, a italianidade, são alguns dos vários aspectos históricos abrangidos na análise.

As escolas italianas instituídas e mantidas em Pelotas no meio urbano foram, em sua maioria, vinculadas às Associações Italianas. Como menciona Renata Brião de Castro, são histórias marcadas por divergências e disputas entre dirigentes, seja da *Società italiane riunite Unione e Filantropia*, do *Circolo Garibaldi* ou da *Cristoforo Colombo*. Tais conflitos – percebidos e por vezes mediados pelas autoridades consulares – foram mote para suspensão de repasses de subsídios para as escolas, por exemplo. Mas, além disso, revelam o quanto as iniciativas escolares ficaram desprovidas e, de certo modo, a irregularidade de sua existência, associada aos dissabores das tensões locais. Se a primeira notícia de escola remonta a 1872, entre os anos de 1907 e 1937 a pesquisadora indica não ter havido registro de novas escolas italianas em Pelotas. A iniciativa de abertura de nova escola, sob os auspícios das políticas fascistas de Mussolini em Pelotas, pouco perdurou, já que as escolas italianas no Rio Grande do Sul foram todas fechadas em 1938.

O leitor tem em mãos uma obra que o conduzirá pelas sendas da história da escola italiana em Pelotas, mas também permitirá entrever as relações entre o sul do estado gaúcho e a Itália, seja pelas cartas trocadas,

pelos livros enviados da Itália para Pelotas ou mesmo pelas práticas de ensinar e aprender, marcadas pelo sentimento de italianidade, como expresso e analisado pela autora. Ainda merece destaque a atuação do professor Umberto Ancarani e sua esposa Iró Ancarani. Se até o final do século XIX os professores que atuaram nas escolas italianas em Pelotas tinham sido aqueles que se destacavam pelo seu conhecimento e dispunham-se a ensinar, o caso de Umberto e Iró difere significativamente. Tendo vindo ao Brasil enviado pelo Ministério das Relações Exteriores para desempenhar a função dupla de professor e agente consular (*maestro-agente*), Umberto foi docente com formação, autor de livros, uma liderança que foi significativa e reconhecida nos espaços em que atuou. Iró também atuou *pari passu* no ensino de meninas. A atuação de ambos é bem delineada no presente livro, demonstrando a contribuição da pesquisa realizada por Renata Brião de Castro, que convida a pensar na tarefa do historiador da educação como aquele que abre “as palavras que nos chegam do passado para novos sentidos, para novas convivências com o presente, é se dedicar a encontrar achadouros de outros possíveis passados, escavando a memória já petrificada, dementando e desmentindo as verdades estabelecidas” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 92).

Por fim, deixo ao leitor o convite para que possa desfrutar da leitura desta obra, degustando-a, permitindo-se adentrar nas searas da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, para conhecer os matizes e as nuances da história da escola com marcas étnicas italianas, as disputas, as dissonâncias e os consensos que tornaram possível sua existência. Os sujeitos, as práticas e as materialidades de um fazer escolar marcado pela italianidade, em que Pelotas, no

sul do território gaúcho, interliga-se com Roma, com as políticas e ações diplomáticas. São páginas enriquecidas pela documentação inédita analisada que constituem uma história da escola que, até então, era pouco conhecida. É com alegria que convido à leitura, ao estudo, e estimo que as brechas possíveis, descortinadas pela obra, possam produzir ressonâncias e abrir espaço para novas e renovadas investigações. Entre a história das migrações e a história da educação, ainda são possíveis e potentes as análises, como tão bem demonstra e testemunha a presente obra. Boa leitura!

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

*por Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul
Primeiros dias do outono de 2024*

Sobre orientar uma tese e apresentar um livro

Confesso o quão difícil é colocar em palavras a apresentação do trabalho da pesquisadora Renata Brião de Castro, derivado da sua tese, que se concretiza neste livro autoral. Participei de forma direta como orientadora do processo formativo de Renata desde 2015, no âmbito do mestrado e do doutorado, presenciando a forma obstinada, séria e perspicaz de uma investigadora ética e com capacidade no campo historiográfico educativo na busca e na análise de dados, bem como o aprofundamento de teorizações pertinentes à área. Tal trabalho emerge de um aprofundamento da autora no campo da História da Educação e de grupos étnicos, nesse caso, os italianos em Pelotas. É um trabalho rigoroso de uma pesquisadora hábil com as fontes estrangeiras e nacionais utilizadas, assim como o cuidado no refinamento teórico e conceitual. Baseada em fontes empíricas coletadas em um grande número de acervos nacionais e italianos, a pesquisa buscou realizar um levantamento e uma análise das escolas italianas existentes no município de Pelotas (RS) entre os anos de 1872 e 1938. Nesse sentido, a teoria da *Global History*, o aprofundamento sobre a abordagem transnacional, a *histoire croisée* e as relações de redes imigratórias foram desenvolvidas de forma coesa para mobilizar as imbricações do contexto local de Pelotas com a realidade italiana no recorte temporal estipulado. Tal trabalho permitiu compreender a constituição das escolas italianas em Pelotas, os interesses e a cultura

escolar formada a partir de tal empreendimento, tendo sido permeadas por aspectos de italianidade, organização escolar étnica na língua italiana e relação entre as escolas e as sociedades escolares. O trabalho é original, por ter sido uma das primeiras pesquisas que englobou aspectos de escolas étnicas italianas na região de Pelotas, tratando-se, portanto, de uma referência importante no âmbito nacional e internacional. Ademais, as lentes teóricas escolhidas permitiram perceber as imbricações de processos de construção identitária no contexto local de Pelotas cruzados com os interesses da Itália. Destacam-se, ainda, as especificidades educativas que auxiliaram a região numa escolaridade mais ampliada num período de alto índice de analfabetismo no Brasil. Permite-nos, em consequência, visualizar a presença dos grupos étnicos na realidade brasileira por meio de experiências educacionais, pensadas no estrangeiro, mas negociadas e conectadas em contexto locais.

por Patrícia Weiduschadt
Universidade Federal de Pelotas
Pelotas, 2024.

Nas últimas décadas, tanto na Europa quanto na América Latina, o setor dos estudos de História da Educação registrou o surgimento de uma série de linhas de pesquisa inovadoras, que despertaram o crescente interesse dos estudiosos e revelaram suas notáveis potencialidades heurísticas. Entre estas, uma menção especial deve ser feita às investigações que, mais recentemente, iniciaram uma análise mais aprofundada sobre as experiências de escolarização promovidas em contextos migratórios. Trata-se de um campo de investigação que certamente se alimenta dos estímulos provenientes das atuais dinâmicas produzidas pelos processos de mo-

bilidade humana e que leva os historiadores a questionar o passado para verificar como, em outros contextos, se constituíram as sociedades multiculturais. Nestes últimos decênios, deparou-se com um verdadeiro canteiro de obras (Barausse, 2022) que colocou no centro da atenção dos estudiosos também as manifestações e os processos que interessaram principalmente ao campo escolar e educativo. O salto de qualidade registrado nos últimos quinze anos coincidiu com a evolução da historiografia especializada. O renovado interesse dos historiadores, tanto brasileiros quanto italianos, na reconstrução dos processos educativos e identitários encontra, neste caso, seu fundamento comum na renovação do paradigma histórico-educativo amadurecido justamente no final do século passado, orientado para a promoção de uma investigação histórico-escolar e educativa capaz de ultrapassar a perspectiva oferecida pela tradicional história das ideias, pela história das instituições ou pela história social quantitativa. Aos aportes iniciais dos estudos pós-coloniais (Novoa, 1995) e dos estudos culturais dos historiadores e da historiografia da educação europeia francesa, belga e anglo-saxônica e, depois, ibérica e italiana (Julia, 1995; Depaepe; Simon, 1995; Grosvenor; Lawn; Rousmaniere, 1999; Novoa, 1995, 1998; Escolano, 2000, 2007; De Giorgi, 2004; Sani, 2011) somaram-se, com alguma dificuldade, aqueles provenientes de pesquisas que ofereceram novos estímulos e hipóteses interpretativas sobre o fenômeno da circulação das ideias, dos movimentos e das iniciativas a nível transnacional. A História da Educação como disciplina frequentemente deixou de lado em sua narrativa ou em sua perspectiva de investigação referências a conexões transnacionais ou internacionais. Poucos foram os historiadores da educação que,

como Popkewitz (2013), Fuchs (2014), Droit (2007) ou Droux e Hofstetter (2014, 2015), enfrentaram as perspectivas historiográficas sugeridas pela “*histoire croisée*” (Werner; Zimmermann, 2006) ou pelas “*connected histories*” (Gruzinsky, 2001; Subrahmanyam, 1977). Ainda menos historiadores da educação foram atentos a introduzir a história dos processos educativos nos contextos migratórios fazendo uso das ferramentas conceituais oferecidas pela perspectiva transnacional. Por muito tempo prevaleceu uma abordagem condicionada pelo que foi definido como “nacionalismo metodológico” (Lawn; Rabelo, 2014), em que, mesmo para a história dos processos educativos, predominou a dimensão de um estado e das suas fronteiras como um fator “natural” e impermeável e uma grandeza de escala excessivamente restritiva (Wimmer; Schiller, 2002). Nestes últimos tempos, levantaram-se diversas vozes críticas em relação a essa perspectiva (Ascenzi *et al.*, 2019) que parecem convergir para a necessidade de promover no campo das relações entre migração e educação novos percursos de investigação que sejam capazes de ultrapassar os limites de uma historiografia e de abordagens metodológicas consideradas muito restritas nos limites nacionais. O convite para olhar além das fronteiras nacionais não significa abandonar o quadro nacional, mas colocar a nação e os fenômenos sociais, como o migratório, que os caracterizaram dentro de um quadro mais amplo.

É dentro desse fermento historiográfico que se coloca o rico e articulado volume de Renata Brião de Castro, a qual, por meio de uma extensa exploração de fontes inéditas recolhidas em diversos locais de preservação, tanto no Estado do Rio Grande do Sul quanto na Itália, reconstruiu as vicissitudes da escolarização étnica

italiana no contexto particular de Pelotas. O importante centro urbano do estado meridional do Brasil, como nos lembra a “*giovane ricercatrice brasiliana*”, foi destino de italianos desde o final do século XIX, antes mesmo do início da grande migração que levou centenas de milhares de italianos provenientes de diversos municípios do Vêneto, da Lombardia, da Toscana e da Calábria a embarcar para alcançar as terras do outro lado do oceano. O volume de Renata Brião de Castro lança luz sobre uma experiência quase esquecida no âmbito da História da Educação tanto brasileira quanto italiana, experiência que sofreu as dinâmicas geradas pelos processos migratórios em algumas áreas do Brasil entre o final do século XIX e os primeiros decênios do século XX, sobretudo aquelas relacionadas aos processos de nacionalização acentuados durante o fascismo mussoliniano na Itália e o varguismo do Estado Novo, que, como é sabido, determinou o fechamento de muitas iniciativas voltadas à promoção das línguas e culturas estrangeiras entre o final dos anos trinta e o início dos anos quarenta do século passado. O ensaio da pesquisadora brasileira se insere plenamente na agenda de pesquisa orientada a aprofundar, segundo uma perspectiva transnacional, a complexidade da história dos processos educativos, formativos, de escolarização e das culturas escolares para lançar luz sobre dimensões geralmente inexploradas da relação entre migrações e educação no Brasil. Destaca-se pela diversidade dos aportes que, cada vez mais, estão caracterizando os itinerários e percursos de investigação movidos pela necessidade de cruzar as fronteiras dos estados-nação, em muitos aspectos envolvidos na pesquisa com a necessidade de reconstruir, avaliar e descrever as relações culturais e as conexões espaciais determinadas pelos fenômenos migratórios que geraram as diásporas,

como aquelas que interessaram a Itália como área de partida e o Brasil como país de destino nos séculos XIX e XX; uma história capaz de se mover em diferentes escalas para verificar a presença daquela circularidade de ideias, movimentos, experiências de caráter pedagógico e escolar educativo e culturas materiais que caracterizaram as múltiplas formas de educação dos imigrantes italianos no ultramar (Luchese *et al.*, 2021). O itinerário percorrido pela pesquisadora gaúcha pretende, de fato, chamar a atenção e reconhecer a incidência dos microcosmos locais na promoção dos esforços empreendidos para a escolarização dos filhos dos migrantes e não só; trata-se de uma perspectiva que não pretende ignorar a importância das especificidades territoriais no destino de homens e mulheres migrantes, dos quais é necessário saber em que período e de onde, de qual parte da Itália saíram para chegar aos atuais estados brasileiros. O valor heurístico da abordagem introduzida por Renata Brião de Castro é ainda mais apreciável em um período em que é forte o risco de utilizar conceitos imprecisos e ambíguos que, ao contrário, pareceriam aspirar a produzir uma nova história universal por meio de “montagens apressadas” (Prosperi, 2021, p. 4) ou a propor e exercer uma história *da* globalização em vez de *na* globalização (Giovagnoli, 2003).

Na reconstrução da significativa experiência de escolarização étnica, a estudiosa se vale das perspectivas heurísticas oferecidas pela renovação geral dos *Migration studies*, que promoveram um significativo aumento no uso de conceitos e ferramentas de análise e mais amplas possibilidades temáticas em torno das migrações. Basta lembrar o conceito de “diáspora” de Gabaccia (2003), ou o uso do conceito de mobilidade não exclusivamente em sentido unilateral ou não restrito

a um único país (Lucassen; Smith, 2014) na análise dos fenômenos migratórios, em substituição à visão economicista e pauperista das migrações, na tendência de se deter na circularidade da experiência migratória, com suas redes relacionais e vínculos transnacionais e não apenas territoriais (Conrad, 2015). A pesquisa, além disso, permite compreender a contribuição das experiências de escolarização ao desenvolvimento do que se define como etnicidade (Smith, 1984; Stuart, 2000) e com quais características se representou a italianidade. O leitor, na reconstrução das vicissitudes da escolarização étnica italiana no contexto migratório de Pelotas, poderá reconhecer na investigação os aportes daquela historiografia que, com o uso de categorias e conceitos como invenção e construção das identidades (Conzen *et al.*, 1992; Anderson, 2018), definiu a identidade étnica como um construto cultural que se desenvolveu em um determinado período histórico e a invenção da tradição como o processo que envolve a manipulação simbólica, revelando a necessidade de reafirmar a própria personalidade social (Hobsbawn; Ranger, 2002). Em suma, o estudo nos ajuda a compreender como, através das escolas, também o grupo étnico italiano estabelecido em Pelotas contribuiu para reinventar sua própria etnicidade para se confrontar com a realidade em mudança e construir uma comunidade imaginada (Constantino, 2002).

Vale destacar como a estudiosa brasileira também se orientou metodologicamente em um percurso de natureza transnacional, seguindo os documentos ao longo das trajetórias que caracterizaram as relações dos migrantes e acompanharam as dinâmicas das relações entre os lugares de origem e os de destino, entre o microcosmo de Pelotas e o de Roma ou de outras cidades

italianas. O uso de novas fontes, na sua maioria inéditas ou pouco consideradas pela historiografia da área, produzidas e conservadas tanto nos arquivos e bibliotecas localizadas no território italiano quanto no brasileiro, aumenta o valor da reconstrução e revela as qualidades desta pesquisa.

Em conclusão, é um livro realmente muito importante o de Renata Brião de Castro, que certamente contribuirá para consolidar essa nova fase de estudos e pesquisas sobre a história da escolarização étnica em contextos migratórios, tanto em seus aspectos de caráter político quanto naqueles relativos à cultura material da escola, potenciando também a colaboração entre estudiosos de diferentes países e de vários continentes que, sozinhos, podem nos permitir finalmente deixar para trás as “histórias nacionais” da escola para chegar finalmente a uma reconstrução de maior amplitude e alcance supranacional das instituições, dos sistemas e dos processos formativos e escolares.

por Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise
Campobasso, Itália, 2024.

Sumário

Agradecimentos/ 23

Apresentação/ 25

1 Introdução/ 28

1.1 Entre arquivos e bibliotecas: o percurso empírico da pesquisa/ 33

2 Perspectivas teóricas e metodológicas/ 46

2.1 A Pesquisa histórico-educativa e a questão imigratória: uma revisão dos estudos/ 46

2.1.1 Análise das teses, das dissertações, dos artigos e dos livros: produção nacional e internacional/ 52

2.1.2 Análise das apresentações realizadas em eventos científicos nacionais e internacionais/ 65

2.2 A Pesquisa histórico-educativa e a questão imigratória: uma revisão dos estudos/ 75

2.3 Um aprofundamento sobre a abordagem transnacional, a *histoire croisée* e as relações de redes imigratórias/ 83

3 A imigração italiana em Pelotas: italianidade, representatividade e inserção social/ 97

3.1 O desenvolvimento de Pelotas na segunda metade do oitocentos e o impacto do fenômeno imigratório no município/ 97

3.2 Pelotas nos relatórios dos representantes diplomáticos italianos e dos viajantes e a produção da italianidade/ 121

3.3 As sociedades italianas de Mútuo Socorro em Pelotas e a assistência às escolas/ 139

4 As origens e o desenvolvimento das escolas italianas em Pelotas no ottocento/ 156

4.1 A política italiana para as escolas no exterior no século XIX/ 156

4.2 Escolas italianas em Pelotas entre os anos de 1872 e 1900/ 173

4.3 Cultura escolar e italianidade/ 197

5 O desenvolvimento da escola italiana em Pelotas nas primeiras décadas do Novecento/ 214

5.1 As duas primeiras décadas do século XX e a criação do *Commissariato Generale dell'Emigrazione/ 214*

5.2 As escolas italianas em Pelotas durante os primeiros anos do século XX/ 224

5.3 As décadas de 1920 e 1930 e as novas diretrizes/ 254

6 Considerações finais/ 271

Jornais consultados/ 284

Documentação consultada/ 285

Referências/ 295

Agradecimentos

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante” (Saint-Exupéry, 1999, p. 83). O excerto do clássico *Le Petit Prince* representa o processo de produção desta obra, o tempo do doutoramento, vivido na intensidade, que esse momento merece, durante quatro anos, eu pesquisei, estudei, li, transcrevi, traduzi, aprendi idiomas e realizei sonhos.

Este livro é o produto de um longo processo de pesquisa e de estudos, processo esse acompanhado, incentivado e financiado por um grupo de pessoas e instituições sem as quais nada seria possível, a eles meus mais carinhosos agradecimentos:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes;

À Universidade Federal de Pelotas, UFPel, e ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFPel;

À *Università degli Studi del Molise, UniMol*, e o *Dipartimento di Scienze Umanistiche, Sociali e della Formazione* da UniMol;

Ao *Centro di documentazione e ricerca sulla Storia delle Istituzioni scolastiche, del libro scolastico e della letteratura per l'infanzia, Ce.S.I.S.* e ao *Museo della scuola e dell'educazione popolare da UniMOL*;

Aos inúmeros arquivos, bibliotecas e instituições de salvaguarda de acervo;

À minha orientadora, querida amiga e parceira de tanto, Prof.^a Dr.^a Patrícia Weiduschadt;

Ao meu orientador italiano, amigo e maior incentivador deste livro, Prof. Dr. Alberto Barausse;

Aos professores que, tão gentilmente, contribuíram para o aprofundamento deste estudo: Antonio de Ruggiero, Claudia Panizzolo, Elomar Antonio Callegaro Tambara, Giana Lange do Amaral e Terciane Ângela Luchese;

Ao Gelson Leonardo Rech, colega atencioso e generoso;

Ao meu professor de italiano, Silvio Paniz, e ao nosso grupo, *Carmènere*;

À minha querida professora de francês, Eleonora Jaime;

A Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação, a ASPHE, as nossas pesquisas se fortalecem e se consolidam no interior deste grupo;

A todos os amigos, amigas, colegas de doutorado, colegas pesquisadores de tantas universidades e grupos de pesquisas nacionais e internacionais;

À minha família por tudo e por sempre;

Ao “Grupo de Pelotas”, como é conhecido em tantos espaços, um agradecimento destacado, sublinhado, especial e afetuoso àquele que me fez historiadora da educação: O Centro de Estudos e Investigações em História da Educação da Universidade Federal de Pelotas, o CEIHE, que sabe tanto acolher quanto ensinar.

Esta pesquisa que ora se apresenta como livro é resultado direto da minha tese de doutorado defendida no ano de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, a qual encontra-se disponibilizada no repositório digital da Capes e da UFPel. A obra começou a ser delineada ainda durante o período de mestrado, quando ao investigar uma escola rural situada em uma região de imigração italiana, permanecia o questionamento acerca da existência das escolas étnicas italianas com ensino em língua italiana em Pelotas. Desse modo, iniciaram-se as pesquisas em alguns documentos e leituras de bibliografias que, sim, indicaram a presença da tipologia de escolas italianas em Pelotas durante um período de tempo considerável. Cada vez mais emergia a potencialidade de um estudo acerca dessas instituições escolares que pudesse fornecer elementos para a compreensão de como o grupo italiano em Pelotas se organizou em termos escolares e quais as relações foram estabelecidas com a sociedade pelotense, assim como a cultura escolar característica de uma instituição escolar étnica italiana. Assim, com os dados necessários para o início da pesquisa, ingressei no doutorado no ano de 2017 e, a partir de então, intensificaram-se os estudos acerca dessas instituições escolares italianas em Pelotas tanto no espaço urbano quanto no rural.

Ao longo da investigação foi-se delineando o perfil dessas instituições, assim como o perfil do grupo de italianos que começou a se estabelecer em Pelotas ainda

na primeira metade do século XIX. Em um primeiro momento, as fontes históricas eram escassas e pareciam não responder a todas as perguntas do estudo. Nesse sentido, desde o início da pesquisa, foi intencionado um período de doutorado-sanduíche na Itália. Foi nesse momento, entre 2018-2019, que a pesquisa foi enriquecida por documentos e bibliografia italiana e a pesquisadora, por sua vez, foi enriquecida com tudo o que o *Bel Paese* nos oferece. Os seis meses de estágio na *Università degli Studi di Molise* possibilitaram um mar de novos documentos históricos, inéditos, até então pouco explorados. Os dias passados dentro do Arquivo da Farnesina em Roma me mostraram o que havia sido, de fato, a experiência das escolas italianas organizadas pelo governo italiano não só no Brasil, mas em vários países, e me possibilitaram estudar as escolas italianas em Pelotas dentro de um contexto mais amplo, de compreensão do fenômeno da mobilidade humana, do ato de migrar e de estabelecer em outro país, assim como os percursos de escolarização e as suas intencionalidades. Um pequeno conjunto documental, pequeno numericamente, mas grandioso no significado, de exercícios escolares, do interior da escola italiana de Pelotas, me instigaram a conhecer e aprofundar a pesquisa sobre essas instituições e a cultura escolar.

Nesse ínterim, as poucas fontes passaram para o outro extremo, as muitas fontes e a difícil arte de escolher o que faria parte da composição do texto final. Ao final, a escolha foi a de investigar o percurso das escolas italianas em Pelotas durante todo o período de tempo em que elas estiveram presentes na sociedade pelotense, a saber, de 1872 a 1938, assim como a cultura escolar característica dessas escolas e os imigrantes italianos

presentes nas sociedades italianas em Pelotas que foram os lugares mantenedores das escolas.

O texto, portanto, abre possibilidades investigativas sobre os imigrantes italianos na região sul do estado do Rio Grande do Sul, bem como o percurso escolar deles e as características singulares de um grupo de italianos que muitas vezes chegava no sul a partir dos países vizinhos, Uruguai e Argentina.

Assim sendo, este livro/tese apresenta aos leitores a constituição e o percurso das escolas italianas em Pelotas, modalidade de escolas subsidiadas pelo governo italiano, as quais estiveram profundamente interligadas com as sociedades italianas em Pelotas e aos seus atores. A investigação situou-se temporalmente durante os anos de 1872 a 1938, anos do primeiro e do último registro de escola italiana em Pelotas. Ademais, a obra discute sobre quem eram os italianos que se dirigiram para Pelotas, organizaram as associações e as escolas, se destacaram no cenário urbano pelotense e mantiveram diversas instituições e atividades também no espaço colonial rural.

Desse modo, o estudo apresentado neste livro/tese complementa meus estudos desde sempre, e para sempre, na História da Educação.

1 Introdução

Neste espaço introdutório, serão explicitados os objetivos da pesquisa, a justificativa, a metodologia, assim como a estrutura deste trabalho. Ainda, para uma melhor compreensão e, também, para valorizar a pesquisa empírica como parte importante nesta pesquisa, dissertar-se-á sobre as fontes de pesquisa utilizadas e os respectivos arquivos e bibliotecas onde estas foram localizadas.

Esta pesquisa insere-se dentro da temática das escolas italianas no exterior. É necessário, nesse momento, explicar o termo “escolas italianas no exterior”: essa era a expressão utilizada pelo *Ministero degli Affari Esteri* (Ministério das Relações Exteriores – MAE), na Itália, para designar as escolas italianas que estavam fora da Itália, ou seja, do ponto de vista italiano, eram escolas no exterior, pois não estavam na Itália. Dessa forma, quando neste texto utiliza-se essa expressão é para designar as escolas italianas no Brasil ou em outros países e não na Itália. Essas escolas foram instituições organizadas pelo governo italiano com o intuito, entre outros, de tutelar também, em termos escolares, os que haviam deixado a pátria italiana. Essas escolas recebiam subsídios e orientações do governo italiano para funcionamento. Estiveram presentes em vários países em diversos continentes. No Brasil, existiram em diversos estados e municípios nos quais houve um fluxo de imigrantes italianos. Essa temática será melhor explicitada ao longo do texto.

Dessa forma, dentro do tema abrangente das escolas italianas no exterior, a presente pesquisa tem

como objetivo realizar um levantamento e uma análise das escolas italianas existentes no município de Pelotas (RS) entre os anos de 1872 a 1938. Esse recorte temporal refere-se à data da primeira escola italiana instituída em Pelotas, 1872, e o ano final, 1938, refere-se ao último ano em que foram encontradas fontes sobre essas escolas em Pelotas. É necessário salientar que as escolas italianas em Pelotas não funcionaram ininterruptamente. Durante todo esse interstício de tempo, houve momentos em que elas estiveram fechadas e, posteriormente, foram reativadas. Desta forma, este recorte temporal refere-se ao período completo em que existiram escolas italianas em Pelotas.

O título *Una Società senza scuola è come un corpo senz'anima* é uma referência a uma frase citada por Domenico Tafuri, presidente da *Società italiane riunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*. Em julho de 1906, Domenico Tafuri escreveu uma carta ao *Ministero degli Affari Esteri* em Roma para solicitar mais subsídios para que a sociedade pudesse manter a escola no seu interior. Em determinado momento da carta, nas justificativas para que a sociedade receba mais recursos, o presidente escreve que é necessário mais incentivo de subsídios porque “uma sociedade sem escola é como um corpo sem alma” (*Una Società senza scuola è come un corpo senz'anima*). Essa pequena frase resume o que foram as escolas italianas em Pelotas, a saber, majoritariamente urbanas e vinculadas às sociedades de mútuo socorro e beneficência e, também, denota a necessidade de os gestores requisitarem mais subsídios para a manutenção das escolas.

Nessa perspectiva, a principal questão de pesquisa investigada é a seguinte: Como as escolas italianas constituíram-se no município de Pelotas e quais inte-

resses e culturas escolares formaram-se a partir da escolarização desse grupo? Cada um dos capítulos e subcapítulos foram organizados para responder os desdobramentos da pesquisa: a) Identificar aspectos da italianidade presente nas instituições escolares e nas fontes; b) Identificar a organização e a cultura escolar; c) Analisar em que contexto foram criadas as escolas e quando encerraram suas atividades; d) Investigar se essas instituições estavam presentes no meio urbano e no rural; e) Compreender a relação entre as escolas e as sociedades italianas; f) Caracterizar a imigração italiana no município de Pelotas. Esses objetivos específicos foram contemplados ao longo dos capítulos organizados no texto, nos quais se busca integrar os elementos centrais da teoria que fornece sustentação para essa pesquisa, a saber, a *global history* e a história transnacional. Neste texto, compreende-se que as escolas italianas em Pelotas não estiveram dissociadas da rede de escolas italianas no exterior. Não foram atividades isoladas e devem ser estudadas dentro do contexto da imigração, na qual a italianidade foi um fator importante, por isso a escolha do referencial teórico mencionado.

Após toda a pesquisa realizada, defende-se de que as escolas italianas em Pelotas estiveram majoritariamente ligadas às sociedades italianas no município e, também, foram, em alguns períodos, influenciadas pelos direcionamentos locais de ofertas do ensino público municipal e pelas políticas nacionalistas no governo de Getúlio Vargas e, em outros períodos, foram influenciadas pelas diretrizes italianas para as escolas no exterior. Ainda, defende-se a ideia de uma dimensão transnacional do cotidiano escolar italiano em Pelotas, de negociações entre os gestores locais dessas instituições e as determinações do governo italiano, desta forma configurando

a abordagem transnacional que esta pesquisa buscou abarcar.

No que tange à justificativa e à relevância da investigação, a presente pesquisa foi motivada, inicialmente, pela pesquisa por mim realizada para a dissertação de mestrado. Ao estudar uma instituição escolar pública municipal, Escola Garibaldi, situada em uma comunidade colonizada por imigrantes italianos, foram realizados estudos sobre os grupos de imigração, sobretudo os italianos, e a sua relação com a educação institucionalizada. Ainda que a escola analisada não fosse étnica, muitos aspectos estavam ligados à etnicidade e à identidade italiana, mesmo dentro de uma instituição pública (Castro, 2017). Outrossim, foi possível identificar iniciativas anteriores à Escola Garibaldi e, entre essas, havia escolas étnicas italianas. Além disso, a região onde está localizada a Escola Garibaldi, Colônia Maciel, é uma das localidades rurais de Pelotas que mais registrou a presença de imigrantes italianos. Dessa forma, ao analisar uma escola nesta localidade, era necessário compreender, ao menos em parte naquele momento, a presença italiana no município. Assim, ao analisar as fontes utilizadas para o trabalho dissertativo, foram percebidos aspectos identitários ligados ao grupo étnico italiano e também, ao ter acesso a bibliografias de autores que abordavam as escolas italianas em outras regiões do estado do Rio Grande do Sul, persistiu o questionamento de como ocorreu esse processo no município de Pelotas. Porém, naquele momento, da elaboração da dissertação de mestrado, não era possível nem desejável englobar e analisar as escolas étnicas italianas. Apenas foi delineado que pesquisas futuras poderiam ser realizadas:

Ainda, é oportuno mencionar que este trabalho dissertativo abriu possibilidades para a continuidade dos estudos envol-

vendo os imigrantes de origem italiana e seus descendentes na região do município de Pelotas e os processos de escolarização desse grupo (Castro, 2017, p. 193).

Deste modo, após a finalização do mestrado, deu-se início a esta pesquisa de doutoramento.

Outro elemento primordial no que tange à justificativa de uma pesquisa acadêmica é referente à revisão de literatura ou estado da arte para identificar se existem ou não estudos sobre o mesmo tema e ponto de vista. Dessa forma, deve-se registrar que, após uma extensiva busca nos bancos de dados, não foram encontradas pesquisas específicas sobre as escolas italianas no município de Pelotas. Alguns estudos, tais como os de Maestri (2000), Luchese (2010), Barausse (2017) mostram que essas instituições escolares existiram em Pelotas, mas não foram analisadas em profundidade. Dessa forma, o estudo contribuirá para a História da Educação no município de Pelotas, preenchendo uma lacuna existente, que são os estudos sobre as escolas italianas na região. Além do mais, o estudo ampliará as discussões e os estudos sobre a forma como se organizaram, em termos de escolarização, os imigrantes italianos que vieram para o Brasil. Ressalta-se que há estudos sobre outros grupos étnicos na região e os processos de escolarização, como, por exemplo, a etnia alemã e a pomerana, mas não sobre a italiana. A revisão de literatura completa, assim como a metodologia utilizada serão explicitadas em detalhes no próximo capítulo.

Para alcançar os objetivos citados, a pesquisa foi realizada a partir de duas frentes de trabalho: a busca às fontes e o investimento teórico. A escolha teórica será explicitada no capítulo seguinte. No tocante à busca às fontes, passa-se a descrever no próximo tópico.

1.1 Entre arquivos e bibliotecas: o percurso empírico da pesquisa

Nasce assim o sentimento ingênuo, porém profundo, de romper um véu, de atravessar a opacidade do saber e de chegar, como depois de uma longa viagem incerta, ao essencial dos seres e das coisas. O arquivo age como um desnudamento; encolhidos em algumas linhas, aparecem não apenas o inacessível como também o vivo. Fragmentos de verdade até então retidos saltam à vista: ofuscantes de nitidez e de credibilidade. Sem dúvida, a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome: fonte (Farge, 2009, p. 15).

De todos os elementos que compõem uma pesquisa de doutorado, um elemento importante e fundamental para esta investigação diz respeito às pesquisas e às buscas de documentos em instituições de salvaguarda. Ao longo do período de doutoramento, foram consultados documentos em inúmeras instituições, tais como arquivos, bibliotecas, museus, centro de estudos e documentação, os quais foram apresentados nesse momento por duas razões principais. A primeira para registrar e demonstrar a relevância da pesquisa empírica e da busca, por vezes, complexa nos arquivos, bibliotecas e outras instituições; a segunda razão para narrar a partir de quais fontes de pesquisa foi construída esta pesquisa, a qual seguramente teria outra abordagem que não a das escolas italianas, caso não fosse possível ter acesso às instituições de salvaguarda que serão citadas.

Constantino (2013), ao escrever sobre as fontes e os arquivos para a pesquisa da imigração italiana, observa a dificuldade e a escassez de séries e dados documentais sobre a presença italiana nas cidades durante o século XIX. A autora utiliza a expressão de que procura “agulhas no palheiro” (p. 107). Nessa direção, para a presente pesquisa, é possível repetir as palavras

da historiadora pioneira nos estudos sobre a imigração italiana nas cidades gaúchas. De fato, houve, no início da pesquisa, uma dificuldade em encontrar fontes que permitissem o aprofundamento do objeto estudado: as escolas italianas em Pelotas. Porém, posteriormente, essa escassez foi convertida em abundância. Bacellar (2015) escreve que as fontes são a matéria-prima dos historiadores. De fato, não há como realizar uma pesquisa original em História da Educação sem o acesso a fontes. Mais produtivo ainda é quando o pesquisador tem a oportunidade de ter acesso direto aos documentos originais nas instituições nas quais estes estão preservados, como foi o caso da presente pesquisa. Nessa direção, era primordial ir atrás dos documentos ou, como observa Bacellar (2015, p. 23), ser “uma espécie de Indiana Jones dos arquivos” ou ainda, para tecer conexões com a literatura, ao pesquisador em História da Educação é necessário seguir as pistas, analisar os dados e apresentá-lo em uma hipótese plausível, tal como fazia Sherlock Holmes ao investigar crimes e mistérios na Inglaterra do final do século XIX e início do XX. Farge (2009), no seu clássico livro *O Sabor do Arquivo*, disserta sobre os encantos e os fascínios e também as dificuldades das horas passadas entre papéis e livros nos arquivos, pois “desconcertante e colossal, o arquivo atrai mesmo assim. Abre-se brutalmente para um mundo desconhecido [...]” (Farge, 2009, p. 12).

Dessa forma, aos poucos, ou, para fazer uso de uma expressão italiana, *piano, piano*, a pesquisa empírica nos arquivos ganhou forma e centralidade. Esta etapa requer tempo e é permeada por vários momentos distintos entre si, mas, no seu conjunto, dá o tom completo deste percurso. No ato de listar as instituições nas quais foram pesquisadas e coletadas as fontes de pesquisa,

há por trás todas as etapas que iniciam ainda antes da pesquisa empírica nas instituições de salvaguarda. Uma vez dentro do arquivo, o primeiro passo é na direção de olhar, observar, familiarizar-se com a estrutura e com os documentos ali conservados, manuscritos ou não, o arquivo “[...] é difícil em sua materialidade [...]” (Farge, 2009, p. 11). Com as fontes escolhidas, passa-se à tarefa de reprodução, neste caso, sobretudo fotocópias dos documentos. Essa é ainda uma tarefa artesanal e manual que demanda tempo e, como diz Bacellar (2015), paciência. No entanto, não é uma etapa mecânica da pesquisa; há, sim, já uma primeira e preliminar análise, nesse sentido:

O sabor do arquivo passa por esse gesto artesão, lento e pouco rentável, em que se copiam textos, pedaço por pedaço, sem transformar sua forma, sua ortografia, ou mesmo sua pontuação. Sem pensar muito nisso. E pensando o tempo todo [...] (Farge, 2009, p. 23).

Como mencionado anteriormente, durante o percurso da pesquisa empírica nas instituições de salvaguarda, no que se refere às fontes para este estudo, passou-se do “quase nada ou muito pouco” à “imensidão de materiais”. Nesse caminho, havia, literalmente, um oceano de distância. De um lado do Atlântico, as instituições brasileiras forneceram importantes documentos para compreender a escolarização pública, sobretudo no estado do RS e no município de Pelotas, assim como os imigrantes italianos entrados no estado e direcionados a Pelotas. Ainda os periódicos brasileiros auxiliaram na compreensão da colônia italiana da época e sua relação com a sociedade pelotense. Do outro lado do Atlântico, as instituições italianas forneceram uma ampla documentação sobre as escolas italianas no exterior de uma forma geral e em específico sobre Pelotas, as leis, diretrizes e regulamentos dessas instituições escolares e

sobre o que significou a emigração para a Itália. Além disso, foi possível ter contato com uma enormidade de bibliografias acerca da emigração italiana naquele país e toda a sua forma de organização naquela época.

Nos dois países, foram pesquisados importantes documentos que se complementam entre si e possibilitam também a escolha pela teoria que alicerça esta pesquisa. Busca-se integrar os aspectos locais, nacionais e transnacionais, abrindo um horizonte que amplia as discussões, integrando o que foi a imigração italiana no Brasil e a emigração italiana na Itália. Para facilitar a visualização, lista-se a seguir em quais instituições buscaram-se fontes para esta pesquisa de doutorado:

Quadro 1 – Lista das instituições nas quais foram consultadas as fontes desta pesquisa na Itália e no Brasil.

Itália	Brasil
<i>Archivio Centrale dello Stato</i>	Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul
<i>Archivio di Stato di Campobasso</i>	Arquivo Municipal de Porto Alegre Moysés Velinho
<i>Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri</i>	Associação Cultural Italiana Pelotense
<i>Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze</i>	Biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul
<i>Biblioteca del Ministero degli Affari Esteri</i>	Bibliotheca Pública Pelotense
<i>Biblioteca della Società geografica italiana</i>	Bibliotheca Rio-grandense
<i>Biblioteca Polo Parlamentare</i>	Centro de Estudos e Investigações em História da Educação
<i>Biblioteca Università degli Studi del Molise</i>	Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas

<i>Centro di documentazione e ricerca sulla Storia delle Istituzioni scolastiche, del libro scolastico e della letteratura per l'infanzia (CeSIS) e Museo della scuola e dell'educazione popolare (MuSEP)</i>	Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
<i>Centro Studi Emigrazione</i>	Museu da Comunicação José Hipólito da Costa

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2021.

Além desses espaços físicos de pesquisa, foram também consultados alguns bancos de dados que se encontram disponíveis para a pesquisa *online*: A Hemeroteca Digital Brasileira², o banco de dados em que estão disponíveis os relatórios dos presidentes de província³, o repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina⁴ no qual se encontram relatórios provinciais, leis municipais, decretos do período imperial e republicano, o *internet archive* que contém, entre outros documentos, alguns números dos boletins da emigração italiana⁵. Ainda durante a pesquisa nas instituições italianas, foi utilizado o sistema de *prestito*, no qual é possível ter acesso a várias outras bibliotecas italianas a partir de uma biblioteca base, neste caso, a Biblioteca da Unimol.

A partir deste conjunto de arquivos, bibliotecas, museus e centros de estudos, foi recolhida uma série de documentos dos mais variados formatos, os quais não foram todos utilizados neste estudo. Desta forma, uma tarefa importante foi a seleção dessas fontes, seleção essa que foi tangenciada pelos objetivos e questiona-

² <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

³ http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_sul.

⁴ <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/98894>.

⁵ <https://archive.org/>.

mentos que esta pesquisa busca responder. Nem tudo o que foi fotocopiado e digitalizado foi mobilizado para a tessitura do texto final, de forma não fácil opera-se inevitavelmente a seleção, uma etapa difícil e imprescindível. Muitas e diversificadas eram as direções que esta pesquisa poderia seguir mantendo o pano de fundo da escolarização dos italianos e descendentes em Pelotas. Dentro de todas as possibilidades, elegeu-se abordar as escolas italianas em Pelotas, sem desconsiderar as outras abordagens que poderiam ser pesquisadas dentro da mesma temática. Somente era necessário escolher com base em uma metodologia justificável. Quanto aos documentos, foi necessário selecioná-los e priorizá-los tal como observa Farge:

A tensão se organiza – em geral em modo conflituoso – entre a paixão de recolhê-lo inteiro, de oferecê-lo integralmente à leitura, de jogar com seu lado espetacular e com seu conteúdo ilimitado, e a razão, que exige que ele seja habilmente questionado para adquirir sentido. É entre paixão e razão que se decide escrever a história a partir dele. Ambos lado a lado, sem que um jamais supere o outro ou o sufoque, e sem jamais se confundirem ou se justaporem, mas imbricando seu caminho até que não se coloque mais a questão de ter de distingui-los (Farge, 2009, p. 21).

Dessa maneira, o *corpus* empírico do estudo foi composto de diversificadas tipologias de fontes, as quais requisitaram igualmente diversificadas formas de organização.

Um dos conjuntos mais significativos de fontes é o que foi coletado no *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri italiano* (Arquivo Histórico Diplomático do Ministério das Relações Exteriores – ASMAE). Neste, há uma série de documentos acerca das escolas italianas no exterior, assim como relatórios de representantes consulares acerca da situação de cada escola, pedidos de subsídios, listas de

alunos, normativas, ofícios, requerimentos, despachos governamentais, enfim, toda a documentação referente à comunicação entre os representantes consulares no Brasil e, em específico, no Rio Grande do Sul e o *Ministero degli Affari Esteri italiano* (Ministério das Relações Exteriores – MAE). Todos esses documentos, na sua época, eram incumbência do consulado italiano de Porto Alegre enviá-los ao MAE e, por isso, hoje encontram-se preservados em Roma. Alguns relatórios foram recentemente organizados e publicados pela Universidade de Caxias do Sul em parceria com a *Università degli Studi di Padova*, na Itália, esses relatórios estão organizados em cinco tomos e também foram utilizados nesta pesquisa. As fontes consulares são a base que sustenta empiricamente esta pesquisa. Sobre a utilização dessas fontes em pesquisas históricas, escreve Barausse:

[...] as fontes consulares foram completamente ignoradas pela historiografia italiana, por relevar a condição do desenvolvimento das escolas, nas áreas coloniais – mais ainda, no exterior – neste período. A historiografia brasileira também utilizou muito pouco as relações consulares, para cruzar os dados e as informações, com o objetivo de reconstruir o desenvolvimento dos processos de escolarização, no Brasil, entre a segunda metade do século 19 e as primeiras décadas do século 20 (Barausse, 2017, p. 46).

Algumas pesquisas fizeram uso de fontes consulares em suas contribuições, as quais mostraram que esses documentos, com a devida análise crítica, são importantes ferramentas para a compreensão das escolas italianas no exterior. São uma das tipologias de fontes que, integradas a outras, podem ser utilizadas pelos pesquisadores para explicar o fenômeno da imigração e das escolas italianas. É visível que os relatórios e os demais documentos consulares foram organizados para um melhor controle dos consulados e agências instalados

no Brasil e em outros países. O governo italiano necessitava de informações sobre os que haviam saído do país. Atualmente, esses documentos são transformados pelos pesquisadores em fontes para a pesquisa histórica; há uma atribuição de significado que transforma o documento em monumento, como escreve Le Goff (1990).

Outras publicações produzidas pelo MAE também foram fontes valiosas para esta pesquisa, como os *annuari delle scuole italiane all'estero* (anúários das escolas italianas no exterior) e os *bolletini dell'emigrazione* (boletins da emigração). Os primeiros tiveram início em 1889 e fornecem um quadro geral das escolas e instituições italianas ao redor do mundo. Os segundos, iniciados no ano de 1901, trazem informações não somente das escolas italianas, mas de todos os aspectos que envolviam a emigração italiana. Nos dois tipos de documentos, encontram-se também anexos com regulamentos e leis italianas, a partir dos quais é possível compreender e analisar, de forma integrada, o fenômeno migratório nos dois países.

Outro conjunto de documentos importantes são os relatos de viajantes, alguns dos quais foram publicados em forma de livros. Estes não se referem especificamente às escolas italianas, mas, sim, aos municípios que os viajantes percorreram e aos italianos nessas localidades. Os relatos são instrumentos importantes para compreender a visão desses estrangeiros sobre Pelotas. Constantino (2013) aborda que os relatos de viajantes são interessantes para as pesquisas, mas é necessário analisá-los a partir de fundamentos teóricos.

Documentos oficiais, tais como relatórios dos presidentes de província e relatórios da intendência e do município de Pelotas, foram utilizados por alguns motivos centrais. Interessou-se compreender como estava

organizado o sistema público em Pelotas para analisar o contexto geral da escolarização no qual se inserem as escolas étnicas italianas e também a de Pelotas.

Outrossim, utilizaram-se documentos relativos à entrada de imigrantes no Rio Grande do Sul com o objetivo de analisar numericamente a presença italiana em Pelotas e também caracterizar quem eram esses italianos. Ainda foram encontrados e utilizados alguns documentos referentes à interação entre o governo brasileiro e o consulado italiano de POA, documentos nos quais se percebem alguns conflitos envolvendo a comunidade italiana de Pelotas.

No que tange aos documentos internos das sociedades italianas de Pelotas, analisam-se apenas dois regulamentos da *Società Italiane Reunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* dos anos de 1902 e 1903.

Além desses conjuntos citados, receberam também atenção alguns periódicos brasileiros e italianos. Primeiramente, é necessário mencionar que os jornais não foram utilizados como objeto de pesquisa, mas como fontes, nas quais foram buscadas notícias e informações que pudessem ser analisadas e problematizadas nesta pesquisa. Os periódicos utilizados são jornais que circulavam no município durante o período estudado, a saber: Jornal A Discussão, Diário de Pelotas, Jornal Diário Popular e Echo do Sul. Esses periódicos estão todos salvaguardados na *Bibliotheca* Pública Pelotense. De forma abrangente, buscaram-se notícias referentes ao grupo dos italianos em Pelotas. Em específico, procurou-se por matérias sobre as sociedades italianas em Pelotas, as escolas italianas, assim como anúncios de aulas particulares de professores italianos.

O jornal italiano *Stella D'Italia* foi outro periódico utilizado nesta pesquisa. Apesar de este não ser um jornal pelotense e sim de Porto Alegre, ele traz notícias sobre os italianos em outras regiões e municípios do estado do Rio Grande do Sul e, a partir dessas notícias, podem-se obter dados e informações acerca de Pelotas. O periódico *Stella D'Italia* e suas relações com as escolas italianas no Rio Grande do Sul foi estudado por Barausse e Bastos (2019). Teve uma circulação de 1902 a 1925, foi dirigido por Adelchi Colnaghi e editado por Benvenuto Crocetta (Barausse; Bastos, 2019). Entretanto, os números utilizados neste texto referem-se aos anos de 1902 a 1913, os quais estão microfilmados e disponibilizados por: “Em 2017, Alberto Barausse localizou um acervo que abrange os anos de 1902 a 1913 na Biblioteca Municipal Sormani de Milão/Itália, com um total de 1223 exemplares do periódico [...]” (Barausse; Bastos, 2019, p. 363, tradução nossa).

Com este periódico, não se tem a intenção de fazer uma análise dele, mas de utilizá-lo como fonte nesta pesquisa e, neste sentido, problematizar e analisar as informações juntamente com outros documentos utilizados. A partir do jornal *Stella D'Italia* é possível classificar os dados e informações sobre Pelotas em duas tipologias: uma relacionada ao grupo dos italianos em Pelotas de uma forma em geral e a outra ligada especificamente às escolas italianas no município e as suas atividades, majoritariamente, as instituições situadas no espaço urbano. Dentre essas notícias, há diversas informações que nos ajudam a compreender a organização italiana em Pelotas, quem eram esses italianos e as suas posições, as instituições escolares e, também, os professores. O jornal *Stella D'Italia* foi o periódico mais utilizado para esta pesquisa.

É necessário referir que, apesar de algumas pesquisas mencionarem a existência de jornais italianos publicados em Pelotas: *Il venti settembre* (1883) de Carlos Cantaluppi, o *Echo da Colonia Italiana* (1886) (Anjos, 2000; Rech, 2015) e uma revista, a *Italo-Brasiliiana*, (*Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud*, 2000), não foi encontrado nenhum exemplar desses periódicos.

A maior parte das fontes utilizadas, aquelas que formam a base da pesquisa, são manuscritas. Nesse sentido, é necessário “[...] acostumar-se com a caligrafia” [...] (Bacellar, 2015, p. 55) e, no específico desta pesquisa, traduzir, pois a maioria dos documentos utilizados estão escritos no idioma italiano, o que, longe de ser um problema, é apenas um elemento a mais no percurso de pesquisa documental. Bacellar (2015) sintetiza que “o trabalho com fontes manuscritas é, de fato, interessante, e todo historiador que entra por essa seara não se cansa de repetir como os momentos passados em arquivos são agradáveis” (Bacellar, 2015, p. 24). No entanto, após essa etapa da pesquisa documental, é necessária a análise desses documentos dentro de uma perspectiva teórica e que responda aos objetivos e aos questionamentos propostos, pois “[...] o arquivo não escreve páginas [...]” (Farge, 2009, p. 10).

Nesta direção, para analisar a documentação citada precedentemente, a pesquisa busca apoio em André Cellard (2008) para pensar sobre a análise documental. Conforme o autor, para analisar documentos, é necessário integrar uma série de elementos, como, por exemplo, o contexto no qual os documentos foram produzidos, os autores, o tipo de documento e o modo de produção deste, a fim de analisar de forma completa o estudo investigativo. Relacionando os itens elencados pelo autor

com a pesquisa, explica-se como esta pesquisa fará uso dessas ideias. No que se diz respeito ao contexto, este estudo aborda, de forma geral, dois contextos: aquele do país de origem e o do país de destino dos imigrantes, respectivamente, a Itália e o Brasil. Escreve-se, também, sobre a estrutura do município de Pelotas no período em que os imigrantes chegaram. Outrossim, é necessário conhecer o contexto de produção das fontes pesquisadas, os autores e o tipo de documento analisado, pois saber a intencionalidade da produção dos documentos reflete no momento da análise, não há como problematizar as fontes da pesquisa sem conhecê-las, isto é, como salienta Cellard (2008), o contexto de produção das fontes e dos autores dos textos.

Assim, para abarcar todos os objetivos propostos, a pesquisa foi estruturada em seis capítulos. O primeiro refere-se a esses aspectos introdutórios. O capítulo dois descreve e analisa, de forma aprofundada, a revisão de literatura dos estudos já existente sobre a temática. Também neste segundo capítulo, escreve-se sobre a teoria que sustenta esta pesquisa. No terceiro capítulo, disserta-se sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul e especificamente no município estudado, Pelotas. Também se analisa como foi constituído o grupo italiano em Pelotas, caracterizando-o na medida do possível, assim como as instituições por eles criadas. As sociedades italianas em Pelotas são também foco neste capítulo. Ainda, analisa-se a visão dos representantes consulares e viajantes sobre Pelotas.

No capítulo quatro, inicia-se a discussão sobre as escolas italianas propriamente ditas, analisando essas instituições durante os anos do século XIX que envolvem esta pesquisa. Por sua vez, o quinto capítulo engloba as discussões sobre as escolas italianas nas

décadas referentes ao século XX. E, por fim, são tecidas as considerações finais desta pesquisa.

É necessário mencionar que, em todos os capítulos buscou-se englobar aspectos locais, nacionais e transnacionais de acordo com a teoria em que esta pesquisa está alicerçada. Assim sendo, pretende-se construir a escrita a partir da junção entre empiria, teoria e contexto. Utiliza-se o contexto com o objetivo de problematizar, explicar e analisar as fontes de pesquisa, evitando o que Werner e Zimmermann (2006, p. 47) nomeiam de “uso conveniente e preguiçoso do contexto”.

Uma vez mais, chama-se para elucidar o diálogo a literatura inglesa do final do *ottocento* e princípios do *novecento* com os contos investigativos protagonizados por Sherlock Holmes e Dr. Watson. Os personagens seguiam atrás de pistas e dados para desvendar e solucionar crimes e mistérios. Também, na pesquisa histórica, e aqui histórico-educativa, é necessário encontrar as fontes, tarefa que, via de regra, não é realizada em um único local em uma única vez. É preciso ligar os fios que entrelaçam a trama para construir o que se denomina pesquisa.

2 Perspectivas teóricas e metodológicas

Este capítulo teórico-metodológico tem dois objetivos principais: o primeiro, realizar um levantamento e uma análise das pesquisas histórico-educativas sobre a temática que envolve a relação entre a imigração italiana e a escolarização. O objetivo deste levantamento é, além de conhecer os estudos sobre a temática, analisar essa produção e mostrar como esta tese insere-se no tema, assim como individualizar a particularidade desta pesquisa de doutoramento. O segundo objetivo deste capítulo é realizar uma discussão sobre os pressupostos teóricos escolhidos para dar sustentação a este trabalho, a *global history*, a história transnacional, a *histoire croisée* e redes migratórias, e, assim, explicar como esta pesquisa pretende fazer uso da teoria citada.

2.1 A Pesquisa histórico-educativa e a questão migratória: uma revisão dos estudos⁶

A revisão de literatura ou estado da arte desta tese de doutorado foi realizada em dois momentos com metodologias de buscas diferentes, mas que se complementam entre si e possuem em comum o mesmo objetivo: mapear os estudos existentes sobre as escolas italianas no Brasil e as iniciativas escolares e educacionais dos

⁶ Esta revisão de literatura foi realizada durante o ano de 2020, neste sentido, é possível que tenham surgido novos textos dentro da temática analisada. Uma versão mais atualizada foi publicada, em 2023, na revista *História da Educação*.

grupos imigratórios italianos. Existem inúmeras nomenclaturas para definir a busca de estudos acerca de uma determinada temática, tais como revisão de literatura, estado da arte, revisão sistemática, revisão de literatura teórica, entre outros. Azevedo (2016) identifica e define algumas dessas. Para esta pesquisa, importa mencionar que o objetivo dessas revisões é encontrar e dialogar com a produção existente sobre a temática. Para isso, é necessário ter critérios claros e explicitados dos passos necessários para a realização da revisão.

A revisão de literatura é uma das etapas que compõem um trabalho de pesquisa. Antes de iniciar uma análise, é necessário conhecer os estudos precedentes. É incumbência do pesquisador cercar-se de uma série de elementos para produzir conhecimento científico em sua pesquisa, ou seja, acrescentar algum elemento novo ao conhecimento já existente. Neste contexto, cabem as palavras esclarecedoras de Luchese (2012, p. 31), quando a autora escreve que é necessário: “[...] questionar as verdades dadas, naturalizadas nos discursos, pois se nossas pesquisas pretendem apenas legitimar o que já está dado... Bem, talvez elas não sejam necessárias”. Com isso, não se diz que devem ser desconsideradas as pesquisas anteriores, muito pelo contrário, elas devem ser a base para eleger um novo problema dentro de uma mesma temática. Para tanto, o pesquisador deve conhecer o que há escrito sobre o seu tema de pesquisa. Por isso, é importante realizar com seriedade, e de forma exaustiva, o estado da arte. Conforme Ferreira (2002, p. 265), no estado da arte há dois momentos:

Um, primeiro, que é aquele em que ele (o pesquisador) interage com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção [...] Um segundo momento é

aquele em que o pesquisador se pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma História de uma determinada área do conhecimento (Ferreira, 2002, p. 265).

É preciso compreender, como alerta Teixeira (2006), que as pesquisas de estado da arte não podem ser finitas e definitivas. Assim, o que se propõe aqui é analisar os estudos encontrados com base em uma metodologia precisa de busca em diversos bancos de dados. Entretanto, não se diz que estas pesquisas encontradas, as quais serão abordadas na sequência, são a totalidade de trabalhos sobre a temática escolhida, mas, sim, aquelas possíveis de serem recuperadas dos atuais e principais repositórios brasileiros e internacionais.

Esta tese de doutorado contempla as duas etapas da descrição de Ferreira (2002): a primeira de quantificação e a segunda de inventariação da produção, agrupando-a em categorias. De acordo com Teixeira (2006), as pesquisas de estado da arte ou do conhecimento buscam compreender um tema específico, em um período também específico e, posteriormente, é necessário sistematizar e analisar os dados. Para Romanowski e Ens (2006), estados da arte podem ser importantes na constituição do campo teórico de uma determinada área de conhecimento e, conforme os autores, esses estudos tornaram-se imprescindíveis para compreender o conhecimento produzido. José d'Assunção Barros (2011) também escreve sobre a importância de uma revisão criteriosa dos estudos existentes sobre a temática do trabalho a ser elaborado. Para o autor, uma revisão aprofundada auxilia a construir a base de uma tese ou de uma dissertação. Conhecer as pesquisas existentes ajuda o pesquisador a elaborar a originalidade do seu

próprio estudo. Não é possível acrescentar elementos originais a uma pesquisa sem saber o que já foi pesquisado. Conforme Barros (2011, p. 104), a revisão “[...] poderá contribuir precisamente para apontar lacunas que o pesquisador poderá percorrer de maneira inovadora, além de funcionar como fonte de inspiração para o delineamento de um recorte temático original”.

Sintetizando, os autores acima referenciados enfatizam a relevância do estado da arte, são revisões bibliográficas que buscam mapear a produção que vem sendo desenvolvida e possibilitam novos estudos. No entanto, como mencionado anteriormente, o objetivo não é somente mapear, mas analisar a produção referente à imigração italiana e as formas de escolarização e de educação.

No âmbito dos estudos acerca da temática da história da imigração italiana, as relações entre pesquisadores brasileiros e italianos são intensas. Pesquisadores das duas partes do Atlântico interessaram-se pelo tema. Os pesquisadores abaixo explicam o interesse pela temática:

O interesse histórico nos processos educacionais e de identidade dos migrantes italianos surgiu na Itália nos anos 90, a partir de um impulso que os historiadores em emigração e da educação tentaram dar à dinâmica que envolvia a sociedade italiana. No entanto, as contribuições sobre esse tema permaneceram bastante esporádicas e desconhecidas. No contexto de iniciativas de caráter transnacional promovidas por historiadores e antropólogos italianos e brasileiros na década de 1990, com o apoio da Fundação Agnelli, orientadas a enriquecer a estrutura de conhecimento sobre a história da (e/im) migração italiana no Brasil, o espaço a dedicação ao processo educacional envolvendo (e/im) migrantes italianos no Brasil ficou praticamente à margem: intervenções esporádicas de Moretto Ribeiro e Petrone destacaram a falta de interesse dos migrantes na educação e na escolarização (Ascenzi *et al.*, 2019, p. 228, tradução nossa).

No específico das escolas italianas no exterior, alguns primeiros estudos de pesquisadores italianos, como os de Floriano (1974), Salvetti (2002), Ciampi (1998), foram importantes para mostrar a importância numérica e significativa que tiveram essas instituições no exterior. Nota-se, nos últimos anos, um crescimento significativo de estudos sobre a temática. Esse aumento poderia explicar-se pelo contexto de internacionalização das pesquisas e de trabalhos conjuntos de alguns pesquisadores nos últimos anos, como bem explica Ascenzi *et al.* (2019):

Nos últimos anos, um grupo transnacional ítalo-brasileiro bilateral vem se desenvolvendo [...] O grupo transnacional desenvolveu uma agenda de trabalho real, partindo do pressuposto de que estudos sobre processos educacionais e escolares no contexto migratório brasileiro não podem se limitar à preparação de contribuições isoladas ocasionais para eventos internacionais (Ascenzi *et al.*, 2019, p. 238-239, tradução nossa).

Inúmeras produções foram efetivadas a partir destas aproximações internacionais de pesquisa, tais como dossiês em periódicos, livros e capítulos, assim como congressos e eventos a partir de uma rede de relações e pesquisas formada nos últimos anos.

Os autores acima mencionados explicam o desenvolvimento dos estudos sobre o processo de escolarização e de educação do grupo étnico italiano:

O Grupo de História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM), filiado ao CNPq e à Universidade de Caxias do Sul e chefiado por Terciane Ângela Luchese, desenvolve pesquisas articuladas com pesquisadores de diversas afiliações institucionais, relacionadas ao tema em diferentes estados do Brasil e na Itália. Ao todo, esses estudos lançam luz sobre as diferentes formas pelas quais a escolarização foi constituída por iniciativas étnicas italianas, na configuração do fenômeno migratório em diferentes estados brasileiros (Ascenzi *et al.*, 2019, p. 230, tradução nossa).

Outros grupos de pesquisas, assim como pesquisadores individuais, dedicam-se a analisar as relações entre imigração e escolas e/ou educação. Um primeiro levantamento foi feito por Ascenzi *et al.* (2019) na introdução do dossiê *Migrations and History of education in a transnational view between Italy and Brazil in 19th and 20th centuries* (Migrações e História da educação em uma visão transnacional entre a Itália e o Brasil nos séculos XIX e XX). A partir desse estudo realizado por Ascenzi *et al.* (2019), esta tese aprofundará o mapeamento para descrever as categorias de estudos que surgem das pesquisas encontradas na revisão sistemática realizada.

Como escreve Azevedo (2016), uma série de critérios claros e objetivos são necessários para realizar uma revisão. Dessa forma, na primeira etapa deste estado da arte, foi realizado um levantamento de livros, teses, dissertações e artigos de periódicos. A partir das pesquisas encontradas, foi realizada uma análise quanto ao recorte temporal, ao *locus* da pesquisa, às fontes utilizadas, aos temas e aos campos que emergem a partir destes estudos. O estudo dessas instituições suscita muitas possibilidades de análise. Inúmeros são os assuntos dentro do grande tema das escolas italianas e processos de escolarização e/ou educação dos imigrantes italianos e descendentes. Com isso, entendeu-se como necessário um mapeamento e uma análise dos estudos já publicados para compreender quais temáticas despontaram dentro do grande tema, assim como revelar a originalidade desta tese de doutorado.

Na segunda etapa deste estado da arte, procurou-se por textos publicados em anais de eventos da área da História da Educação, pois, de maneira geral, os artigos publicados em anais de eventos não estão indexados em

banco de dados e repositórios *online*. Nesse sentido, foram visualizados os anais de alguns eventos importantes para a área da História da Educação, tanto eventos em nível local e nacional quanto eventos internacionais. O objetivo, neste momento, foi perceber um crescimento ou não da temática nos eventos acadêmicos.

2.1.1 Análise das teses, das dissertações, dos artigos e dos livros: produção nacional e internacional

A produção encontrada refere-se a diversas modalidades de publicação, como teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e livros. Assim, identificar essa produção requisitou metodologias de busca igualmente diversas.

No que diz respeito aos livros, a busca foi mais difícil de ser efetuada por não haver bancos de dados específicos para indexação de livros. Assim, estes foram procurados por meio do *Google Acadêmico* e *Google Books*, *Academia.edu*, além da leitura atenta das referências encontradas nos artigos que indicaram a produção de livros.

Assim, com essa procura, foram encontrados 06 livros específicos sobre a temática estudada. Não foram levados em consideração os artigos publicados, como capítulos em livros que abordam de forma geral outras temáticas. Também não foram considerados os livros oriundos de dissertações de mestrado e de teses de doutorado, pois estão inventariados no item abaixo. Foi necessário ter o cuidado de não repetir as publicações em várias categorias. Dos seis livros, três foram publicações individuais (Prado, 2001; Bonilha, 1970; Maschio, 2013). Os outros três são publicações organizadas por pesquisadores conceituadas no estudo da

imigração e educação e recolhem artigos sobre diversas regiões e estados do Brasil (Luchese, Kreutz, 2011; Luchese, 2014; Luchese, 2018).

Quanto às teses, as dissertações e aos artigos, a metodologia utilizada para o mapeamento dessa produção deu-se da seguinte maneira: primeiramente, foram selecionados os seguintes termos a serem usados como palavras-chave, “escolas italianas”; “escolas étnicas italianas”; “escolas italianas no exterior”; “escolas de imigrantes”; “escolas de imigração”; “imigração italiana e escolarização”; “imigração italiana e educação”. É interessante mencionar que a escolha desses descritores foi realizada após a leitura de muitos trabalhos da área e também a partir de estudos para entender como realizar uma revisão bibliográfica o mais completa possível. Além disso, ao longo do levantamento, os descritores foram sendo atualizados na medida em que se considerou necessário. Em um segundo momento, após encontrar e selecionar os trabalhos, estes foram lidos na íntegra e categorizados conforme será explicado na sequência.

A busca foi realizada nos seguintes bancos de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações⁷ (BTDS), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES⁸. Nestes dois repositórios, foram selecionadas teses e dissertações pelas suas características. Na sequência, pesquisaram-se artigos completos nos seguintes repositórios nacionais e internacionais: *Scientific Electronic Library Online*⁹ (SciELO), *Web of science*, *SciVerse Scopus*¹⁰, Portal de Periódicos da Capes¹¹ e *Rivista*

⁷ <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

⁸ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

⁹ <https://www.scielo.org/>

¹⁰ <https://www.scopus.com/home.uri>

¹¹ https://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pcollection&mn=70&smn=79&cid=81

*AltreItalie*¹². Os descritores mencionados acima foram inseridos nesses bancos de dados em três idiomas: português, inglês e italiano.

As teses e dissertações foram já objeto de análise de Ascenzi *et al.* (2019), os quais realizam um primeiro levantamento referente às teses de doutorado publicadas nos estados brasileiros. Segundo os autores:

No que diz respeito à investigação sobre escolas étnicas italianas no contexto brasileiro, foram apresentadas seis teses de doutorado: Luchese e Rech sobre o Rio Grande do Sul, Maschio sobre o Paraná, Rodriguez sobre Minas Gerais, Correa sobre São Paulo e Otto sobre Santa Catarina. Também existem estudos de mestrado, como os de Mimesse e Franchini sobre São Paulo, Pagani sobre o Rio de Janeiro e Dos Santos Virtuoso sobre Urussanga, no estado de Santa Catarina. Algumas pesquisas foram desenvolvidas por Norberto Dallabrida sobre Santa Catarina (Ascenzi *et al.*, 2019, p. 230, tradução nossa).

Na presente pesquisa, efetuada para esta tese, encontram-se mais duas teses de doutorado: uma sobre a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais (Teixeira, 2016) e outra que se refere à cidade de Araraquara, no estado de São Paulo (Teixeira, 2011). Além disso, acrescentaram-se, no mapeamento, seis dissertações: Cavalieri (2011) e Nicácio (2007) sobre o estado de Minas Gerais, Silveira (2007) sobre São Paulo, Thoen (2011) e Timm (2013), que estudaram algumas regiões do Rio Grande do Sul e, por fim, Vendramini (2003), sobre Santa Catarina.

Quanto aos artigos publicados em periódicos, do ponto de vista quantitativo, foram encontrados 74 artigos no espaço de tempo entre 1997 e 2020. Esse número, possivelmente, não é a totalidade daqueles que foram publicados. Seguramente uma revisão sistemática tem os seus limites, que vão desde a inserção

¹² <https://www.altreitalie.it/publicazioni/rivista/rivista.kl>

das publicações nos bancos de dados até a escolha dos descritores adequados. Deste modo, esse mapeamento, apesar de exaustivo e com base em uma metodologia da revisão sistemática, não tem a pretensão de abranger a totalidade dos artigos publicados. No entanto, foram consultados os principais e mais importantes repositórios digitais nacionais e internacionais. Além disso, foi utilizada uma gama de descritores que possibilitam um panorama significativo da produção referente à temática das escolas italianas no Brasil. Por essas razões, compreende-se como importante esta etapa.

Sobre esse levantamento realizado, é necessário mencionar que alguns dos estudos não tratam somente da imigração e das escolas italianas, mas da imigração de uma forma geral, entre as quais a italiana e, entre os aspectos analisados, está aquele relacionado à escolarização e, por isso, foram arrolados neste mapeamento.

Após encontrar os artigos, a próxima etapa foi organizá-los e descrevê-los cada um a fim de sistematizar os dados e possibilitar a análise. O recorte temporal, o *locus* das pesquisas encontradas e as fontes utilizadas foram categorias levadas em consideração ao analisar essa produção. Na sequência, individualizam-se as abordagens e as questões que surgem dentro do grande tema das escolas italianas no Brasil.

Quanto ao recorte temporal, os estudos abrangem, regra geral, desde o período da grande imigração de massa para o Brasil até 1950, mas nota-se um número maior de pesquisas referentes ao final do século XIX e aos primeiros quinze anos do XX. Esse é um período muito significativo na história das escolas italianas no exterior com várias políticas, regulamentos e legislações para essas instituições, conforme será analisado nos capítulos seguintes. A partir da política externa

italiana da época, entre o final do século XIX e o início do XX, houve uma série de medidas e providências para o incremento das escolas italianas no exterior. Com isso, o número de escolas aumentou, como se pode notar a partir dos anuários, e os subsídios também. Houve também um esforço maior em fiscalizar essas escolas, o que gerou um vasto conjunto documental dessas instituições. Isso condiciona um número significativo de estudos.

O período referente aos anos pós 1930 que seguem a nacionalização do ensino também concentra um número mais elevado de estudos. Foi uma fase de profundas mudanças na escolarização brasileira e, sobretudo, para as escolas étnicas. Nesse período, também, foi produzida muita documentação, como, por exemplo, relatórios de inspetores escolares, circulares e outras recomendações para o funcionamento das escolas, quais normas deveriam ser seguidas e quais eram proibidas. Tudo isso originou documentos que, na atualidade, estão salvaguardados em instituições de guarda e preservação e são utilizados como fontes para pesquisas histórico-educacionais. Além disso, no período do fascismo italiano, houve um incentivo para a reabertura de algumas escolas que tinham sido fechadas. Por essas razões, explicar-se-ia um maior número de estudos, seja pela disponibilidade de mais fontes, seja por um número maior de escolas que foram reabertas, como a de Pelotas.

Outro ponto de interesse nesta produção refere-se ao recorte geográfico dessas pesquisas. Interessou-se em saber que estados e regiões do Brasil possuem estudos que dizem respeito à temática da imigração italiana e a escolarização. Os estudos, quase que na sua totalidade, abrangem as regiões sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) e sudeste do país (São Paulo,

Rio de Janeiro e Minas Gerais). Em parte, essa produção explica-se pelo grande fluxo de imigrantes italianos que essas regiões receberam e por consequência foram criadas e mantidas associações italianas, como escolas e sociedades, o que possibilitou um número maior de pesquisas. Decerto, em cada um dos estados, houve características específicas que possibilitaram um maior ou menor número dessas escolas, mas, regra geral, em um estado com mais presença de italianos, é natural e consequente uma presença de escolas igualmente maiores. Referente aos estados, São Paulo é onde se encontram mais estudos sobre essas instituições, embora ainda sejam poucos se comparados com a relevância e o número de escolas italianas em São Paulo¹³, o estado brasileiro que mais recebeu imigrantes de origem italiana. Outro estado em que há muitos estudos publicados em periódicos é o Rio Grande do Sul¹⁴. Nos estados de Santa Catarina¹⁵ e Paraná¹⁶, há igualmente um grupo de pesquisadores interessados na temática. Nos estados do Rio de Janeiro¹⁷ e de Minas Gerais¹⁸, embora em uma quantidade bastante menor, também possuem estudos

¹³ Maschio; Prado (2017), Prado (2012; 2014; 2015a; 2015b; 2015c; 2019), Panizzolo (2019a; 2019b; 2019c; 2020), Bianchini (2019), Biondi (2012).

¹⁴ Antunes; Oliveira (1997), Barausse (2015; 2016; 2017; 2019a, 2019b, 2019c), Timm (2013), Timm; Kreutz (2014), Giron (1998), Grazziotin; Almeida (2013), Luchese; Kreutz; Xerri (2014), Luchese; Kreutz (2010; 2012), Rech; Tambara (2015), Castro; Barausse (2020), Castro; Weiduschadt (2019), Kreutz (2000), Kreutz; Luchese (2011) Faggion; Luchese (2014; 2016), Grazziotin; Luchese (2014), Gomes; Luchese (2016), Rech (2018), Barausse; Bastos (2019), Rech; Barausse (2019), Ruggiero (2019), Barausse; Luchese (2018; 2017), Luchese (2008; 2010a; 2010b; 2012a; 2012b; 2012c 2016; 2017; 2019; 2019b).

¹⁵ Carmo; Sandano (2009), Virtuoso; Rabelo (2015), Cunha; Silva (2019), Silva (2016), Thomé (2004).

¹⁶ Martiniak (2013; 2015), Maschio (2014; 2015; 2019), Maschio; Prado (2017), Renk (2012; 2013).

¹⁷ Pagani (2014).

¹⁸ Rodrigues (2014), Rodrigues; Luchese (2016), Souza (2012).

consolidados sobre a organização desses espaços. Nas demais regiões do país, praticamente não foram encontradas pesquisas sobre o processo de escolarização dos imigrantes italianos e sobre as escolas étnicas italianas. A partir desse panorama da distribuição das pesquisas nas várias regiões do país e da leitura dos anuários das escolas italianas no exterior, nos quais se percebe que houve escolas italianas em outras regiões do Brasil além da sul e da sudeste, fica visível que ainda há muito a ser pesquisado sobre a presença dessas instituições escolares no Brasil. De todo o universo das escolas que existiram subsidiadas pelo governo italiano, não se pode dizer que já se tem um conjunto de estudos que abrangem um mapa mais completo.

Outro item analisado neste levantamento diz respeito às fontes utilizadas pelos pesquisadores. Uma variedade de documentos é possível de ser utilizada para estudar a temática, tanto documentos produzidos no Brasil como na Itália. Um conjunto de fontes de que os pesquisadores lançaram mão, sobretudo no estado do Rio Grande do Sul, foram os álbuns comemorativos da imigração italiana no estado. Embora essas publicações não tratem especificamente de escolas, é possível obter informações que são relevantes. A história oral e as memórias dos imigrantes italianos e seus descendentes constituem um outro grupo de fontes bastante utilizado pelos pesquisadores para compreender o percurso educacional desse grupo étnico.

Os livros didáticos produzidos pelo governo italiano e utilizados nas escolas italianas, não somente no Brasil, mas também em outros países, foram igualmente utilizados como fontes pelos estudiosos da temática, tanto por pesquisadores brasileiros como italianos. A imprensa italiana no Brasil, tais como jornais, periódicos e

revistas, representa, outro conjunto de documentos que compõem o quadro das fontes utilizadas.

Um outro agrupamento de documentos utilizados como fontes de pesquisa é aquele formado por documentos oficiais do governo brasileiro e que abordam, de alguma maneira, aspectos que dizem respeito aos italianos e descendentes. De forma geral, foram mobilizados relatórios e mensagens dos presidentes das províncias, relatórios dos inspetores escolares e diretores de ensino em alguns estados, ofícios e requerimentos da instrução pública, documentos oficiais dos governos estaduais, mapas de frequência escolar, reformas políticas e educacionais, atas de inspeção de exames finais, registros de cartórios. Todos esses documentos foram utilizados não somente para compreender o percurso das escolas étnicas italianas, mas, principalmente, para estudar o percurso escolar dos imigrantes italianos e seus descendentes em instituições públicas brasileiras. A legislação brasileira a respeito das escolas étnicas é um ponto que foi pouco explorado, tanto do ponto de vista temático quanto da utilização das fontes. Explicar do ponto de vista legislativo como as escolas étnicas, e não somente as italianas, foram tratadas pelo poder público e pela legislação escolar vigente na época ainda é uma lacuna existente.

Os documentos oriundos das sociedades de mútuo socorro, como atas de reuniões, estatutos, fichas de sócios, embora em uma quantidade pequena se considerarmos o número de sociedades que existiram, foram usados para compreender como se organizavam essas sociedades e como as escolas foram colocadas dentro delas, qual era a sua organização interna, número de sócios, atividades e eventos que desenvolviam, qual era o perfil dos italianos em determinadas localidades e

idades. Os documentos internos das escolas, tais como exercícios escolares dos alunos, planejamento de aulas, cadernos escolares são mais difíceis de serem encontrados e os estudos com essas fontes encontram-se de forma muito inexpressiva.

Outras tipologias de fontes aparecem em menor número, mas são igualmente importantes para auxiliar a compreender o fenômeno das escolas italianas na sua complexidade, tais como relatórios de viajantes e fotografias. Arquivos particulares de instituições de ensino, como escolas confessionais ligadas a congregações religiosas também foram utilizados para perceber como os italianos e descendentes tiveram seu percurso escolar também nessas instituições. As fontes italianas são também utilizadas dentro da temática, seu uso teve um crescimento significativo nos últimos anos com o incentivo à internacionalização da pesquisa e trocas entre pesquisadores italianos e brasileiros. Alguns estudos foram elaborados a partir dos dados contidos nos *annuari delle scuole italiane all'estero*. Em menor quantidade, alguns pesquisadores fizeram uso de documentos produzidos pelos representantes consulares, por professores que atuavam nas escolas, de correspondências entre a diplomacia italiana e os presidentes das associações italianas no Brasil e entre o governo italiano e o brasileiro.

O último ponto de análise desta produção são as abordagens que emergem dentro do grande tema da imigração italiana e escolarização e/ou educação. Entre teses, dissertações e artigos de periódicos, foram encontrados e selecionados 85 estudos, os quais foram agrupados em algumas categorias no que se refere às suas temáticas.

Dessa forma, para um conhecimento mais aprofundado das temáticas que emergem, sistematizou-se esta produção em 13 categorias, as quais foram assim nomeadas: 1) escolas italianas *per se*; 2) livros didáticos e livros de leitura; 3) saberes e culturas escolares; 4) os professores que ensinavam nas escolas; 5) imigração italiana e educação; 6) guias para a imigração; 7) análise das escolas por meio dos jornais; 8) as escolas e iniciativas ligadas às associações italianas; 9) as memórias dos imigrantes; 10) fontes para o estudo das escolas italianas; 11) a inserção da língua portuguesa; 12) a institucionalização, as escolas públicas e comunitárias e, por fim, 13) a nacionalização do ensino. Decerto que essa não é a única maneira de sistematizar estas pesquisas, mas uma das possibilidades.

Uma parte significativa desta produção teve como foco principal a análise das escolas italianas *per se*, ou seja, levantamento e história das escolas étnicas italianas em determinadas regiões; no estado do Rio Grande do Sul, a predominância dessas pesquisas está concentrada na região nordeste do RS, na chamada Região Colonial Italiana e, em menor quantidade, na região sul do estado. Porém, além do RS, outros estados também possuem pesquisas que analisam a trajetória dessas instituições do ponto de vista da história das instituições escolares e educacionais¹⁹.

Outra abordagem de interesse crescente nos últimos anos diz respeito aos livros didáticos e aos livros de leitura²⁰ utilizados nessas escolas. Estes eram aprova-

¹⁹ Barausse (2016a, 2016b; 2017), Carmo; Sandano (2009), Martiniak (2013; 2015), Pagani (2014), Virtuoso; Rabelo (2015), Panizzolo (2020), Prado (2015a), Callegari (2004). Castro; Barausse (2018; 2019; 2020).

²⁰ Ascenzi (2017), Barausse (2015; 2016b; 2019a), Luchese (2017; 2019a; 2019b), Panizzolo (2019a; 2019b; 2019c).

dos e enviados pelo governo italiano às escolas no Brasil e distribuídos nas escolas étnicas subsidiadas. Esses livros hoje são utilizados como importantes fontes para a pesquisa histórico-educacional e podem ser encontrados em algumas bibliotecas, arquivos e centros de pesquisa italiana, como em alguns acervos no Brasil, em menor quantidade que na Itália. A partir disso, alguns pesquisadores debruçaram-se a estudar essa produção, seja do ponto de vista da análise do conteúdo e da intencionalidade veiculada nesses materiais, seja do ponto de vista da produção e da circulação dos livros no Brasil.

Nessa mesma lógica, alguns estudos foram produzidos acerca dos saberes e das culturas escolares, o que se ensinava e o que se prescrevia nas instituições²¹. Os estudos no âmbito da cultura escolar também se enquadram nesta categoria.

Mais um ponto de análise é aquele referente a quem ensinava nas escolas: quem eram os professores que atuavam²², de onde vieram, se eram enviados da Itália ou não. De forma geral, ainda se tem poucos estudos sobre o perfil dos professores que atuavam nessas instituições. A análise do papel desempenhado pelo corpo docente italiano no exterior é um assunto de estudo particularmente significativo para destacar os muitos aspectos que caracterizaram a história das escolas étnicas italianas no exterior e no Brasil em particular.

Alguns estudos referem-se à temática mais ampla da imigração italiana e educação, quais as formas de educação e escolarização utilizadas pelos italianos nos anos que seguiram a chegada dos imigrantes no país.

²¹ Grazziotin; Almeida (2013), Rodrigues (2014), Luchese (2016), Maschio (2015),

²² Castro, Barausse (2020), Renk (2012), Faggion; Luchese (2014; 2016), Grazziotin; Luchese (2014).

Nessa produção²³, são abordadas as escolas de congregações religiosas, escolas étnicas comunitárias, as quais não necessariamente eram subsidiadas pelo governo italiano, mas, sim, mantidas por outras instituições e atendiam às demandas educacionais dos imigrantes e seus descendentes²⁴. Fica claro que as escolas italianas ou as escolas para os imigrantes não foram homogêneas. Uma variedade de iniciativas foi produzida pelos e para os imigrantes italianos e cada uma dessas merece ser analisada dentro da sua especificidade, mas sem menosprezar o contexto em que foram criadas e organizadas.

A análise de guias e advertências produzidas na Itália para preparar os imigrantes italianos que se destinariam para o exterior é uma temática que vem sendo explorada nos últimos anos²⁵. A análise das instituições escolares italianas por meio de jornais italianos é outra vertente de estudos²⁶. O papel das associações italianas na criação e no desenvolvimento das escolas é outra abordagem recorrente²⁷. Um outro viés são as memórias e as lembranças acerca das escolas étnicas italianas²⁸. As fontes para a análise dessas escolas foram também objeto de um estudo²⁹.

Um outro bloco de estudos diz respeito à inserção da língua portuguesa nas escolas étnicas italianas, as quais tinham por base o ensino em língua italiana. Deste modo, alguns pesquisadores concentraram-se em analisar a inserção e o ensino do idioma português nessas

²³ Luchese (2016), Castro; Weiduschadt (2019), Souza (2012), Giron (1998).

²⁴ Luchese; Kreutz; Xerri (2014), Luchese; Kreutz (2010), Kreutz (2000), Luchese (2008), Rech (2018), Maschio (2014).

²⁵ Bianchini (2019), Sani (2017; 2019), D'Alessio (2019).

²⁶ Rech; Tambara (2015), Gomes; Luchese (2016).

²⁷ Castro; Barausse (2020), Biondi (2012).

²⁸ Antunes; Oliveira (1997), Barausse; Luchese (2018).

²⁹ Barausse (2019).

instituições³⁰. A institucionalização dessas instituições é outro ponto de interesse dos pesquisadores, a busca pela escola pública, assim como a relação entre o surgimento das escolas públicas e o conseqüente declínio das étnicas italianas³¹.

Por fim, a nacionalização e o conseqüente fechamento foram uma das questões problematizadas dentro da temática maior das escolas étnicas italianas. Com a política nacionalista de Getúlio Vargas, as escolas étnicas foram alvos de controle e, nesse momento, o fechamento foi inevitável. Decerto que alguns estados sentiram mais os efeitos da nacionalização do ensino, sobretudo justamente aqueles que receberam muitos imigrantes. Muitas são as pesquisas sobre a temática da nacionalização das escolas étnicas italianas³².

Após essa categorização e a análise desta produção a partir de diferentes ângulos, foi analisada, de forma individual, além da pesquisa nos repositórios, a *Altreitalie Rivista internazionale di studi sulle migrazioni italiane nel mondo*. Essa é uma revista do *Centro AltreItalie*³³, com publicação semestral. De 1989 até o presente momento, foram publicadas 61 edições. Essa publicação foi consultada de forma separada por se tratar de um centro específico para as pesquisas sobre a imigração italiana em várias partes do mundo e por não possuir indexação nos principais meios de busca. Foram

³⁰ Maschio; Prado (2017), Prado (2014, 2015).

³¹ Prado (2015), Luchese; Kreutz (2012), Luchese (2012), Timm (2014).

³² Prado (2012), Renk (2013), Faggion; Luchese (2014, 2016), Silva (2016), Thomé (2004), Barausse; Luchese (2017).

³³ O Centro *Altreitalie* foi instituído no ano de 2005 no interior da *Fondazione Giovanni Agnelli* e opera como um centro de pesquisa no campo da imigração italiana e das comunidades de origem italiana no mundo, contribuindo para a divulgação cultural, congressos e publicações que a *Fondazione Giovanni Agnelli* desenvolveu a partir dos anos de 1980 (Fonte: https://www.altreitalie.it/chi_siamo/chi_siamo.kl. Acesso em: 18 mar. 2020).

contabilizados 23 estudos sobre várias vertentes que envolvem a temática da imigração italiana no Brasil. Nenhum desses estudos teve como foco as escolas étnicas italianas no país. Em todas as edições da revista, encontra-se 01 artigo sobre a relação entre imigração, escolas e professores italianos na Bélgica, estudo realizado por Campanella (2017) e outro artigo sobre as escolas italianas na Tunísia (Montalbano, 2020).

Com base neste levantamento realizado e analisado e, também, a partir dos Anuários das escolas italianas no exterior, é possível perceber que as escolas foram criadas em muitos países e em vários continentes. Com base nesses documentos, as escolas italianas estiveram situadas em vários países, decerto que com características diversas que se adaptam, também, às circunstâncias locais de cada país ao redor do mundo. Desta forma, demonstra-se que há ainda muito a ser estudado sobre essa temática, bem como lançar luzes sobre consolidadas pesquisas já existentes.

Após essa revisão de livros, teses, dissertações e artigos de periódicos e a análise destes, a atenção foi voltada para os trabalhos apresentados e publicados nos principais eventos da área da História da Educação.

2.1.2 Análise das apresentações realizadas em eventos científicos nacionais e internacionais

De acordo com Magalhães (2005, p. 95):

Os congressos constituem, pelo elevado número de participantes e pelo envolvimento logístico, financeiro e institucional, importantes momentos de exposição e inventariação de idéias e de perspectivação de campos do saber, factores de afirmação institucional e grupal, como que certames/feira de idéias e de projectos.

Dessa forma, os eventos, congressos, seminários, encontros, simpósios na área da História da Educação foram outro foco deste levantamento e mapeamento dessa produção, porém com um objetivo diferente. Para os eventos científicos, a intenção foi perceber o crescimento dos estudos acerca da relação entre a imigração italiana e formas de educação, entre as quais a escolarização. Esses estudos tiveram um interesse maior nos últimos anos, sobretudo a partir de 2015, aproximadamente. Cada um dos eventos analisados possui particularidades e especificidades que merecem ser levadas em consideração, mas, de forma geral, todos apresentam um aumento significativo dos trabalhos que envolvem essa temática.

Foram pesquisados os anais e resumos dos seguintes eventos: encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE), Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), encontros anuais da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa (ANPED nacional), *Internacional Standing Conference for the History of Education* (ISCHE). Havia a intenção de consultar os anais de outros dois eventos, Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE) e Congresso Ibero-americano de História da Educação (CIHELA), porém não foi possível o acesso *online* aos anais desses eventos. Nos demais eventos, foram analisados os anos em que se encontram os anais de forma digital e não abarcam todos os anos dos eventos, mas nos fornecem um panorama do que se pretende demonstrar neste texto, a saber, o crescimento da temática das escolas italianas no Brasil, como esse tema tornou-se um eixo de estudos crescente nos últimos anos.

A escolha por quais eventos analisar foi pautada em critérios que abrange os principais eventos da área da História da Educação e estivessem diversificados entre eventos com abrangência local, nacional e internacional.

Para esta etapa, a metodologia de busca não foi baseada em descritores e palavras-chave e, sim, pela leitura dos títulos e resumos dos cadernos de resumos de todos os eventos e posteriormente a leitura na íntegra dos trabalhos selecionados na primeira etapa. A opção por não realizar a busca por palavras-chave decorreu da característica da publicação dos anais dos eventos, por não serem indexados em repositórios, mas estarem publicados em diversos *sites* e em diversos formatos. Assim, ao realizar a leitura dos títulos e *abstracts*, o levantamento ficaria mais completo.

Muitos dos textos encontrados nos anais de eventos são produções dos mesmos autores que publicaram seus estudos também em periódicos científicos. Por esse motivo, neste momento, não serão descritos esses estudos nem os autores e, também, porque o objetivo foi perceber como a temática imigração e escolarização tornou-se um eixo consolidado de estudos em muitos congressos acadêmicos.

Bastos disserta acerca dos espaços para a produção da área da História da Educação:

Nos últimos anos, ampliaram-se significativamente os espaços para produção em História da Educação no Brasil. Criaram-se grupos de pesquisa e/ou associações de pesquisadores em nível regional, estadual (ASPHE – 1995) e nacional (SBHE – 1999). Foram realizados congressos – nacionais e internacionais; aumentou a participação de pesquisadores brasileiros nos encontros anuais da *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE), tendo a SBHE filiando-se em 2000 [...] (Bastos, 2002, p. 01).

O primeiro evento analisado foram os encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Bastos (2005) escreve acerca da trajetória da entidade, a primeira associação de pesquisadores em História da Educação constituída no país. Em dois de setembro de 1996, em São Leopoldo, foi oficialmente fundada aquela associação. O primeiro encontro de pesquisadores da Associação realizou-se em 1997 e foi criado um periódico intitulado de “História da Educação” (Bastos, 2005).

Até o ano de 2020 foram realizados 25 encontros, sendo possível analisar todos os anos. Ao longo dos anos, o evento foi naturalmente assumindo uma outra característica no que diz respeito ao número de participantes e trabalhos apresentados. Assim, novos trabalhos acerca de várias temáticas passaram a ser socializados no evento. Foram encontradas 26 apresentações referentes à temática da imigração e escolarização e/ou educação. Os trabalhos iniciam em 1997 com os estudos de Lúcio Kreutz sobre a temática. Por alguns anos, os eventos da ASPHE contaram somente com os estudos de Kreutz, um pesquisador pioneiro na temática. Assim:

Após os primeiros estudos, realizados por Lucio Kreutz, que investigou processos de escolarização étnica de migrantes alemães no estado do Rio Grande do Sul, nos últimos quinze anos, a atenção à história dos processos educacionais em diferentes contextos étnicos e culturais passou por grande expansão (Ascenzi *et al.*, 2019, p. 230, tradução nossa).

A partir do ano de 2005, iniciam na ASPHE as contribuições de Terciane Luchese com os estudos específicos sobre o percurso escolar dos imigrantes italianos e seus descendentes. Por alguns anos, os estudos acerca do tema foram poucos e pontuais. A partir de 2009, percebe-se um aumento no número de trabalhos, inclusive alguns referentes a outros estados da federação.

Além de Kreutz e Luchese, novos pesquisadores passaram a apresentar suas contribuições nos encontros da ASPHE. Em 2015, durante o 21º encontro, a temática central do evento foi “Etnias, culturas e história da educação”, sendo assim as palestras e conferências do evento giraram em torno deste tema. Nos anos subsequentes, sempre houve trabalhos que envolviam a temática, sobretudo referentes a regiões do estado do RS. O quadro abaixo mostra o número de trabalhos encontrados distribuídos por ano.

Quadro 2 – trabalhos nos encontros da ASPHE sobre a temática da imigração italiana e escolarização e/ou educação.

Ano	Trabalhos apresentados
1997	1
1999	1
2004	1
2005	1
2007	2
2008	1
2009	3
2011	1
2012	1
2013	2
2014	1
2015	4
2016	1
2017	3
2018	2
2019	1

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2020.

O Congresso Brasileiro de História da Educação foi o segundo evento a ser estudado neste levantamento, esse é promovido pela Sociedade Brasileira de História

da Educação fundada em 1999 e teve sua primeira edição no ano de 2000, passando a ocorrer bianualmente. De acordo com Saviani *et al.* (2011), o número crescente de pesquisadores no campo da História da Educação exigia a ampliação dos espaços para discussões e, portanto, a criação de uma sociedade se tornava vontade comum e, nessa conjuntura, funda-se, em 1999, a Sociedade Brasileira de História da Educação. A partir do ano de 2000, começa a acontecer o Congresso Brasileiro de História da Educação. Até o presente momento, ocorreram dez edições do evento das quais foi possível ter acesso aos anais de nove edições. Apenas para o ano de 2008 não foram encontradas as publicações do caderno de resumos e dos textos completos. No CBHE, há um grupo de trabalho específico sobre gênero e etnia. Dessa forma, grande parte dos trabalhos que envolvem imigração e educação encontram-se nesse GT. Mas há também apresentações que foram realizadas em outros grupos de trabalho do congresso, tanto apresentações individuais quanto comunicações coordenadas. O número total é de 31 trabalhos distribuídos durante todos os anos analisados. A partir deste mapeamento, notou-se um crescimento exponencial após 2011. Até então, eram registradas uma ou duas apresentações por edição, mas, daquele ano em diante, nota-se que é constante a cada ano um maior número de estudos que envolvem a temática. É claro que são poucos trabalhos se considerarmos o número total de apresentações em todo o evento, mas é necessário também considerar que se analisa uma temática muito específica dentro dos estudos histórico-educativos, é apenas uma das diversas vertentes. A partir de 2011, registra-se uma participação maior dos autores também em comunicações coordenadas. Ainda que em 2006 tenha havido uma comunicação

coordenada, o aumento ocorreu depois de 2011; o ano em que houve mais trabalhos foi em 2017, no total de 7 trabalhos, 1 em comunicação coordenada e os outros 6 individuais. O quadro abaixo ilustra melhor a distribuição das apresentações em cada ano.

Quadro 3 – Trabalhos nos encontros do CBHE sobre a temática da imigração italiana e escolarização e/ou educação.

Ano	Trabalhos apresentados
2000	02
2002	01
2004	02
2006	02
2011	04
2013	04
2015	04
2017	07
2019	05

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2020.

Outro evento analisado foi o Grupo de Trabalho 02 de História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa (ANPED). Foram consultadas 16 edições do encontro no interstício de tempo entre 2000 e 2019 (com exceção do ano de 2010). Os encontros nacionais da ANPED iniciaram-se em 1978 e ocorreram anualmente até 2012, quando passaram a acontecer a cada dois anos. No ano em que não ocorre a nacional, são realizadas as regionais em cada uma das regiões do Brasil. De todos os anos analisados, no GT 02, foi encontrado somente 01 trabalho apresentado no ano de 2005.

Quadro 4 – Número de trabalhos sobre a temática imigração italiana e escolarização nos eventos da ANPED nacional.

Ano	Trabalhos apresentados
2005	01

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2020.

Por último, foram consultados os *abstracts* da *Internacional Standing Conference for the History of Education* para perceber a partir de uma perspectiva internacional como vem sendo abordada ao longo dos anos a temática. É necessário considerar que a ISCHE possui uma característica diferente dos demais eventos analisados. Há uma dimensão internacional e a temática da imigração é abordada a partir de várias perspectivas, nos últimos anos tem crescido a abordagem a partir dos estudos transnacionais e da *histoire croisée*, e dentro de tais abordagens encontram-se os estudos sobre imigração e educação. A ISCHE possui, em cada uma das suas edições, grupos de trabalhos nessa temática nos quais está incluída a maioria dos trabalhos selecionados. A nomenclatura desses GTs não permanece a mesma ao longo dos anos, mas a essência, sim.

Neste levantamento, foram levadas em consideração todas aquelas contribuições que abordam a relação entre imigração e educação com um propósito de conhecer toda essa produção e dentro delas individualizar aquelas apresentações referentes às escolas étnicas italianas.

As conferências da ISCHE começaram a acontecer no ano de 1979 e tiveram uma periodicidade anual. Dessa data até o presente momento, foram realizados 41 encontros, desses foi possível ter o acesso aos *abstracts* online a partir de 2007. Não são publicados anais com os textos completos. Por isso, foram lidos somente

os resumos. Alguns artigos depois são publicados em forma de dossiê na revista *Paedagogica Historica International Journal of the History of Education*, em que é possível ter acesso aos textos na íntegra.

Com essa busca nos resumos e a análise desde 2007, encontram-se apresentações a partir do ano de 2010 também com um crescimento exponencial. Ao longo dos anos, percebeu-se um interesse maior nos estudos sobre a escolarização e educação dos grupos imigratórios italianos, assim como a relação entre imigração e educação de uma forma geral. De 2010 a 2019, o ano que registrou o maior número de trabalhos foi 2017. Entre eles, inclui-se um grupo específico sobre imigração italiana e História da Educação, intitulado *History of Education and Italian (im)migrants: a Complex History*³⁴, no qual foram discutidos cinco trabalhos. Ademais, há outros três GTs que englobam trabalhos referentes à imigração, embora nem todos relacionados ao grupo dos italianos.

O número total de trabalhos encontrados entre os anos de 2010 e 2019 é de 81 apresentações, com um crescimento exponencial a partir de 2016. Dentro dessas 81, há 10 apresentações que envolvem o grupo étnico italiano e a relação com a educação e a escolarização institucionalizada. O quadro abaixo mostra a distribuição dos resumos.

³⁴ Grupo de trabalho coordenado por Alberto Barausse, Terciane Ângela Luchese, Maria Helena Camara Bastos e como debatedora Simonetta Polenghi.

Quadro 5 – Número de trabalhos sobre a temática imigração italiana e escolarização nos eventos da ISCHE.

Ano	Trabalhos apresentados
2019	16
2018	10
2017	37
2016	11
2014	03
2012	04
2010	01

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2020.

O objetivo aqui não foi realizar uma análise completa dos eventos nem colocar a temática da imigração e da educação em percentual dentro das várias temáticas dos eventos, mas, sim, analisar o desenvolvimento e o crescimento específico da temática mencionada.

Do ponto de vista quantitativo, o que mais possui estudos na temática é a ISCHE, mas há que se considerar a abrangência e a característica do evento. O que se pode notar a partir da análise dos quatro eventos descritos acima é uma maior atenção à temática da imigração italiana, assim como de outros grupos, e da escolarização, seja por meio das escolas étnicas italianas subsidiadas ou outras iniciativas escolares e/ou educacionais organizadas e geridas pelo grupo étnico dos italianos. Ademais, nota-se uma aproximação maior entre pesquisadores de diferentes nacionalidades propiciada pela internacionalização da pesquisa por meio de programas e agências de fomento específicas. Assim, a esses estudos é conferido um olhar transnacional.

Como mencionado acima, este capítulo será dedicado também aos aspectos teóricos desta tese, a qual será analisada a partir da *Global history*, história

transnacional e *histoire croisée*, vertentes teóricas até o momento poucas exploradas pelos pesquisadores brasileiros no campo da História da Educação. Dessa forma, ressalta-se que o objetivo deste subcapítulo não é escrever de forma exaustiva sobre essas perspectivas nem tampouco realizar uma teoria sobre a tema, mas explicar a escolha pelo uso nesta pesquisa, escolha essa efetuada após a leitura e o entendimento do que seria o percurso teórico-metodológico mais adequado à análise das fontes mobilizadas para esta tese de doutorado.

2.2 *A Pesquisa histórico-educativa e a questão migratória: uma revisão dos estudos*

A *Global History* é uma vertente historiográfica que foi pouco utilizada em pesquisas histórico-educativas brasileiras relacionadas à imigração. Há vários campos e temas passíveis de serem analisados a partir dessa teoria, a qual tem uma história não tão recente. Surgiu como uma crítica ao nacionalismo, a um modo de pensar e fazer história que coloca a história nacional no ponto de partida da análise, para Conrad (2015, p. 27, tradução nossa): “A história global visa se destacar do nacionalismo metodológico. Com isso não se destina apenas um olhar restrito, voltado para a linha de frente dos eventos dentro de sua comunidade nacional [...]”. Porém, conforme o autor, a história global foi compreendida de uma forma distorcida por um grupo de pesquisadores. Se, por um lado, é uma crítica ao chamado nacionalismo metodológico, por outro, não despreza os aspectos nacionais, mas, sim, procura a integração destes dois fenômenos (Conrad, 2015).

Rosoli (1992) explica que, em uma tentativa de superar os limites de uma abordagem de âmbito nacional,

alguns pesquisadores voltaram-se à história comparada, nos anos sessenta e setenta do século XX, seja em nível macro quanto micro. Nesse sentido, ganharam espaço as pesquisas que buscavam comparar grupos imigratórios italianos sob diferentes fatores em diversas localidades, desenvolvendo-se, posteriormente, os estudos de história global e transnacional.

Para Conrad (2015), a História Global é uma abordagem histórica e isso não quer dizer que se aplica a todas as pesquisas e a todos os campos de investigações, mas, sim, que é apropriada a algumas temáticas. O ponto de partida é a conexão do mundo, circulação de ideias, coisas, pessoas e instituições. No centro das discussões, estão os processos transnacionais, relações de troca e confrontos de relações globais (Conrad, 2015). Alguns autores, tais como Giovagnoli (2003), Di Fiori e Meriggi (2011), Conrad (2015), Rocha (2015), apontam a história global como uma das novas tendências historiográficas, uma das novas rotas da História. Ainda Douki e Minard (2007) escrevem que a história global, assim como as circulações e as conexões exercem hoje “*une incontestable séduction*”. Para Conrad (2015, p. 20, tradução nossa), “[...] A história global é, então, antes de tudo, uma perspectiva [...]”, a qual fornece base teórica para que os estudos sejam colocados dentro de um contexto mais amplo. Ainda Conrad explica que as abordagens da história global e da história transnacional aparecem, também, promovidas por uma mudança geracional e em alguns países também influenciadas pela internacionalização do trabalho acadêmico e da pesquisa. O contato entre pesquisadores de diferentes países é um ponto que influenciou o seu uso em pesquisas. Rosoli, escrevendo sobre imigração e perspectiva global, aborda que:

[...] é uma abordagem global porque coloca cada migração em um contexto mundial mais amplo, onde regiões industriais emergentes criam demanda por mão de obra imigrante. O emigrante então se move em um palco de grande amplitude para destinos espalhados em muitos continentes (Rosoli, 1992, p. 7, tradução nossa).

Não se trata de analisar grandes espaços geográficos, mas de enquadrar os locais e as regiões pesquisadas em um contexto mais amplo, dessa forma, a história global:

[...] a história global define uma forma de análise histórica na qual fenômenos, eventos e processos são enquadrados em contextos globais. Isso não significa necessariamente que a investigação seja estendida a todo o globo terrestre; para muitos temas, os pontos de referência serão mais limitados. Isso também significa que a maioria das abordagens da história global não procura substituir o paradigma histórico-nacional estabelecido por uma totalidade abstrata do “mundo”, isto é, escrever uma história total do globo. Muitas vezes, é mais fácil a historiografia de áreas limitadas, portanto não “globais”, mas com uma consciência das relações globais [...] (Conrad, 2015, p. 18, tradução nossa).

Com base nessa definição de Conrad, é possível pensar nesta pesquisa de doutorado e na escolha da teoria da história global como fio norteador. O objeto desta pesquisa situa-se em um contexto local e específico, o município de Pelotas. Porém, o tema remete a uma dimensão mais abrangente, que são os processos de circulação, mobilidade humana e imigração. Com isso, procura-se, nesta pesquisa, englobar esses aspectos mencionados, a saber, o contexto, a relação dos imigrantes italianos com outros grupos e com a própria configuração do município, a compreensão da imigração como um fator da globalização e quais relações estabeleciam os imigrantes desse grupo étnico em Pelotas. Ainda para o autor:

[...] muito mais frequentes, e principalmente ainda mais frutíferas, são as análises que consideram um objeto con-

creto em sua especificidade espacial-social e o enquadram em um contexto global. As perguntas mais emocionantes são frequentemente colocadas no ponto de encontro dos processos globais com suas manifestações locais (Conrad, 2015, p. 132, tradução nossa).

Esta é justamente a abordagem que esta pesquisa busca abarcar: colocar o processo imigratório italiano e as escolas italianas no município de Pelotas dentro de um processo global de imigração, mobilidade humana e diáspora. Mas, sem desprezar os aspectos locais, regionais e nacionais da pesquisa, a história global não menospreza nenhum dos dois aspectos, local e global. É, antes de tudo, um processo de análise e aprofundamento de uma temática nas suas várias dimensões, como explicado a seguir:

Pode parecer um paradoxo, mas a dimensão global que muitos concebem apenas através de uma árdua visão planetária ou mundial, também pode ser perseguida de maneira eficaz e, talvez, sobretudo a partir do tamanho e foco territorial. É uma afirmação que pode parecer contraditória apenas para aqueles que consideram a dimensão local em oposição à global; mas, na realidade, como já mencionado, as duas perspectivas não pertencem necessariamente à mesma escala; pelo contrário, as aberturas, convergências e simbioses que constituem a essência da história global também podem ser alcançadas a partir da concretude e apreensão de realidades limitadas e próximas (Dondarini, 2005, p. 104, tradução nossa).

Os autores utilizados nesta pesquisa esclarecem que a *global history* não pretende abranger todo o globo terrestre, ela buscou distanciar-se da história universal (Hartog, 2013). Talvez haja uma confusão pelo nome, global, mas assim como a micro-história não se destina a analisar objetos e lugares pequenos, micros, a *global history* não se ocupa de grandes dimensões e grandes distâncias, não é esse o ponto que as diferencia. Angelo Torre, um importante pesquisador italiano da micro-história italiana, explica da seguinte maneira:

[...] *para simplificar, podemos decir que lo global no es la suma de los infinitos locales de los que se compone espacialmente, sino algo más complejo, con capacidad de plasmar cada uno de ellos. De la misma manera, lo local no es lo global reducido al mínimo, sino que tiene su propio punto de vista insustituible [...]* (Torre, 2018, p. 39).

Os historiadores franceses também explicam que a história global não pretende ser total e observa que o vocabulário, no caso a palavra global, não pode induzir a enganos:

[...] Em suma, essa história global, em busca de conexões, interações ou bifurcações, em diferentes escalas, é de fato uma história “total”, mas “situada”: ela se distingue da história total ou da “síntese” de nossos anciãos na medida em que constrói seu questionário a partir de um ponto de observação situado, que obviamente não é o ponto de vista universal; não pretende, portanto, reformular uma grande narrativa explicativa do todo. O vocabulário não deve ser enganoso: global não significa totalizante (Douki; Minard, 2007, p. 21, tradução nossa).

O ponto de vista que esta pesquisa busca abordar é colocar a imigração no local estudado, Pelotas, dentro de uma perspectiva mais ampla da imigração a partir das relações globais e, para usar a expressão de Conrad, com uma consciência das relações globais. Outro elemento a ser compreendido acerca da *global history* é que ela pode ser realizada, sim, a partir de fontes e obras originais de arquivos, tais como as utilizadas nesta pesquisa. Para Subrahmanyam, um importante estudioso da história global e defensor da *histoire connectée*, é necessário considerar que:

Porém, na minha opinião, é importante desde o princípio desconsiderar a ideia de que se trata majoritariamente de uma área em que a síntese sempre prevalece em vez de uma pesquisa que utiliza arquivos ou obras originais. Isso significa que é impossível escrever uma história global a partir do nada ou – como alguns chegaram a propor – adotando uma perspectiva “extraterrestre”. Como qualquer historiador contínuo atraído por lugares e espaços definidos, e meu conhecimento é o produto direto da formação de obras,

arquivos e imagens. No entanto, esses materiais não se limitam a um espaço nacional [...] (Subrahmanyam, 2017, p. 236).

Busca-se, neste texto, analisar as fontes a partir desses elementos, pois o objetivo é enquadrar o contexto local dentro de uma perspectiva global, um dos pressupostos da história global, por isso a escolha desta teoria.

Os estudos de imigração são apontados pelos estudiosos da história global como um dos temas que estiveram na base desses estudos. Conforme Conrad (2015), a mobilidade transnacional junto com o comércio e a expansão dos impérios estão entre os processos de base de uma história mundial. Porém, uma pesquisa sobre a imigração especificamente a partir da história global é recente. A mobilidade humana e transnacional não se refere somente àquela imigração de massa na segunda metade do século XIX e, sim, a todo processo de deslocamento de pessoas e diásporas. Gabaccia (2003) sustenta que a imigração italiana não criou uma diáspora, mas muitas diásporas temporárias e mutáveis. Diásporas essas de pessoas com uma identidade que dificilmente se qualificaram como italianas, por exemplo, diásporas de pessoas provenientes da Sicília, do Piemonte, do Vêneto, pois a maior parte dos imigrantes não falavam italiano, ignoravam a civilidade e o estado italiano, assim era improvável que estes italianos formassem uma única diáspora (Gabaccia, 2003). Para Rosoli (1992, p. 07), as pesquisas que simplificam a diáspora italiana são, nas suas palavras, “falsas”. Ainda para Gabaccia (2003, p. XXVIII, tradução nossa), poucos estudiosos chamaram a mobilidade dos italianos como uma diáspora e observar “as emigrações italianas” como uma diáspora revela as raízes do transnacionalismo.

De acordo com Gabaccia (2003), nenhum outro povo migrou em tantas direções como os italianos. Também Rosoli (1992) disserta que a imigração italiana se caracteriza por uma dispersão geográfica ampla em quase todos os continentes. Novamente Conrad (2015) aborda a imigração a partir de alguns pontos principais, um deles refere-se às ondas de imigração no século XIX e para este campo “[...] as vantagens de uma abordagem histórico-global se mostram de maneira muito clara” (Conrad, 2015, tradução nossa).

A perspectiva da história global é, por vezes, confundida com outras e recebe denominações diferentes. Trivellato (2011) escreve que a distinção entre *Global History* e *World History* não está clara e não são precisas e unívocas as definições. Por isso, por vezes, são usadas como sinônimos e com leves diferenciações:

[...] Como um rótulo historiográfico “história global” é mais recente, podemos remontar ao lançamento, em 2006, do “*Journal of Global History*”, que veio ao lado do já estabelecido “*Journal of World History*”, fundado em 1990. Como reconhecem os editores da nova revista, os objetivos das duas perspectivas historiográficas não são facilmente divisíveis e se entrelaçam sobre vários níveis. Se existe uma característica distintiva da história global, ela não visa abraçar o mundo inteiro, mas trazer à luz áreas de contato negligenciadas e elementos de comparação (Trivellato, 2011, p. 121).

É justamente essa a abordagem da história global que este trabalho busca alcançar, ou seja, não se tem a pretensão de abarcar uma história mundial, mas trazer alguns elementos globais que auxiliam na explicação e compreensão dos fenômenos estudados. Trivellato (2011) escreve sobre a etiqueta historiográfica da História Global em 2006, com a criação da revista *Journal of Global History*. Outros autores, tais como Hartog (2013), a situam a partir de 2003 com a publicação do livro de Patrick Manning intitulado

Navigating World History. Douki e Minard explicam o ponto comum de ambas, que é ir além da abordagem nacional:

Em todo caso, quer se trate da história global ou da história mundial, essas abordagens têm em comum um duplo objetivo: em primeiro lugar, ir além da compartimentação nacional da pesquisa histórica, para apreender todos os fenômenos que vão além das fronteiras estaduais. Os compartimentos nacionais tendem a ocultar ou dificultar a visibilidade (Douki; Minard, 2007, p. 10, tradução nossa).

Este estudo pretende oferecer uma abordagem transnacional, no entanto sem deixar de lado os aspectos locais e nacionais.

Acevedo e Quintanilla (2009), ao organizar um dossiê temático, sobretudo a partir da experiência mexicana, escrevem sobre a perspectiva global na História da Educação e as contribuições dessa perspectiva e de uma abordagem transnacional. Para os autores, os artigos presentes no dossiê, os quais possuem estratégias distintas, possuem em comum o fato de que os objetos analisados ultrapassam as fronteiras do estado-nação (Acevedo; Quintanilla, 2009).

Para Fuchs (2014), são utilizados como sinônimos história global, mundial, transnacional, translocal e essa tendência, via de regra, têm em comum o fato de irem além da história nacional, pois “[...] em geral, a história transnacional investiga as sociedades em suas relações de interconexão transnacional [...] na prática, as relações entre perspectivas transnacionais e globais são muito próximas [...]” (Conrad, 2015, p. 22, tradução nossa).

Busca-se, dessa forma, entender um contexto local e uma localidade muito específica, que é o município de Pelotas, mas compreendendo-o a partir de uma rede migratória, da história transnacional e *histoire croisée*.

2.3 *Um aprofundamento sobre a abordagem transnacional, a *histoire croisée* e as relações de redes imigratórias*

Neste subcapítulo, serão abordadas a história transnacional, *histoire croisée* e redes migratórias. Sem ser exaustiva na escrita sobre essas perspectivas, serão delineados, na medida do necessário, alguns aspectos importantes para a compreensão, assim como porque foram escolhidas para uso nesta pesquisa. Ademais, por se tratar de uma teoria pouco utilizada na história da educação brasileira, é necessário fornecer algumas bases principais para a compreensão da importância da utilização nesta pesquisa. Não se pretende, neste trabalho, exaurir os estudos, mas fornecer alguns elementos para a compreensão destes e a utilização nesta pesquisa.

Para analisar os processos imigratórios e, em específico, os processos de escolarização dos imigrantes, um dos caminhos que podem ser percorridos refere-se aos estudos da história transnacional e da *histoire croisée*. O transnacional pode ser considerado como um desdobramento da história comparada (Guimarães, 2015) e, ao longo dos anos, acompanhou os estudos *postcolonial*. Para Conrad:

[...] a história comparada deu estímulos importantes nesse sentido; novos campos, como a história da escravidão ou do comércio, experimentaram um novo impulso e, desde a década de 1990, foram principalmente os estudos pós-coloniais que trouxeram à tona as questões do intercâmbio transnacional. Um impulso metodológico interessante, por mais ambicioso e raramente colocado em ação, havia finalmente chegado ao conceito de *histoire croisée*; baseava-se no pressuposto de que os objetos de investigação estavam em relacionamentos contínuos e, portanto, não podiam ser comparados (Conrad, 2015, p. 54, tradução nossa).

O transnacional tem uma sua origem também ligada aos estudos *postcolonial*, “[...] desde meados da década de 90, o ‘transnacional’ serviu como uma estrutura conceitual substituta para o ‘pós-colonial’ na análise da cultura contemporânea, na medida em que uma ‘virada transnacional’ foi proposta [...]” (Ossenbach; Del Pozo, 2011, p. 581).

A “virada transnacional”, que se tornou um “tema quente” no início dos anos 90, foi atribuída por alguns historiadores à influência de acadêmicos e intelectuais pós-coloniais [...] embora o significado original do conceito “pós-colonial” ampliou-se consideravelmente, a definição de “transnacional” permaneceu muito fiel aos termos pelos quais foi cunhado pela primeira vez e ainda é facilmente identificável. A noção de “história transnacional” assumiu um significado diferente do de “história internacional”, que trata das relações entre as nações. “História transnacional” examina unidades que transbordam e vazam através das fronteiras nacionais. Ela conceitua categorias e identidades, descobre redes unidas por vínculos mais fortes que a classe social ou a ideologia e vincula narrativas e experiências que transcendem o tempo e a localização, enquanto “considera a comparação internacional como sujeito e não como método” (Ossenbach; Del Pozo, 2011, p. 581, tradução nossa).

Para Fuchs (2014), historiadores transnacionais e globais ainda são hesitantes nos seus fundamentos teóricos e ainda há pouco consenso em suas abordagens, apesar de todos os debates. Fuchs escreve sobre a história e a origem do tema:

Como o termo “globalização”, que só foi amplamente utilizado na segunda metade do século passado, o termo “transnacional” tem uma história curta. Cunhado nos Estados Unidos, no início do século XX, apenas nas últimas duas décadas o termo se estabeleceu nos estudos históricos (Fuchs, 2014, p. 15, tradução nossa).

A perspectiva transnacional, como já explanado, não nasceu dentro da área da História da Educação e somente recentemente tem sido utilizada neste campo de conhecimento. Fuchs (2014) explica que a ideia de transnacional surgiu e se desenvolveu em outras áreas.

O transnacional foi estudado por Guimarães em pesquisas que têm como foco a imprensa estrangeira no Brasil, a autora sintetiza o transnacional como:

Em resumo, *transnacional* poderia ser compreendido como aquilo que vai “além das fronteiras”, o que implica, segundo o próprio termo, mudança, transformação e até negação. Quando aplicamos o conceito ao objeto aqui delineado, pode-se entender *transnacional* como a criação de um espaço que transcende as fronteiras nacionais. Todavia, mais restrito à noção espacial, o termo transnacional também implica variações temporais [...] (Guimarães, 2015, p. 91).

Para a autora, os estudos sobre os deslocamentos populacionais, entre os quais se inserem as migrações, podem beneficiar-se do transnacional na análise:

Esta metodologia é particularmente relevante, por exemplo, no estudo da migração populacional, que muitas vezes sofreu de uma perspectiva nacional estreita (focada no país de partida ou no país de acolhimento), quando, pelo contrário, os movimentos migratórios, por definição transnacionais, só podem ser compreendidos à escala global, examinando todas as ligações que induzem, através dos múltiplos movimentos, humanos e financeiros, entre zonas de embarque e desembarque (Minard, 2013, p. 27, tradução nossa).

No que diz respeito à História da Educação, sobretudo internacional, para Fuchs (2014), a partir de 2005, gradualmente, caminhou na direção de novas tendências espaciais vindos de outras áreas, porém:

[...] no entanto, ainda há pouca transferência de conceitos entre os campos. Historiadores globais e transnacionais são raramente interessados em história da educação [...] não é uma questão de simplesmente descartar a nação completamente como o contexto da história da educação, mas de desconstruir sua posição hierárquica no contexto de percepções divergentes de espaço (Fuchs, 2014, p. 21, tradução nossa).

É ainda muito recente o uso da ideia de transnacional em pesquisas histórico-educacionais e muito incipiente ainda na historiografia brasileira da educa-

ção. Ossenbach e Del Pozzo explicam como a área da educação pode lançar luzes nessa temática:

Mas, olhando além da terminologia, os historiadores precisam desenvolver perspectivas críticas sobre a maneira pela qual essas trocas culturais realmente ocorrem. É aqui que a educação pode se tornar um elemento central nesse campo de estudo, dada a posição privilegiada que ocupa na observação e interpretação de fenômenos como aculturação e enculturação, transmissão e adaptação da cultura e a relação entre culturas dominantes e receptivas. A cultura pedagógica também tem a vantagem de ser construída sobre uma base de ideias, termos, instituições e práticas que “viajam”, atravessam fronteiras, conectam espaços e servem como modelos de história transnacional. A redescoberta deste modelo e deste assunto abre novas possibilidades para avaliar a relação entre os diferentes atores no campo educacional, bem como para construir novas categorias de transferências interculturais que incluirão novas formas de forjar identidades individuais e coletivas (Ossenbach; Del Pozzo, 2011, p. 583, tradução nossa).

Ainda para as autoras, anterior ao uso de transnacional, os estudos *postcolonial* tinham uma inserção no campo da História da Educação, sobretudo a partir de 1993:

A historiografia educacional demonstrou um interesse crescente na abordagem pós-colonial, como visto nas numerosas questões monografias dedicadas pelas revistas *Paedagogica Historica* e *History of Education* às questões de transnacionalidade e pós-colonialismo na educação. O ponto de partida foi a celebração, em 1993, da 15ª Conferência Internacional Permanente para a História da Educação em Lisboa, com o título revelador “A educação encontra pessoas e culturas: a experiência colonial (séculos XVI e XX)” (Ossenbach; Del Pozzo, 2011, p. 591, tradução nossa).

Apesar de não muitos, existem sérios estudos que entrelaçam história da educação e transnacional. No ano de 2013 Thomaz Popkewitz organizou um livro acerca da perspectiva transnacional na História da Educação, com o título de *Rethinking the History of Education: transnational Perspectives in Its Questions, Methods, and Knowledge* (Repensando a História da Educação:

perspectivas transnacionais em suas questões, métodos e conhecimentos). O livro traz importantes contribuições para entender o transnacional e a aplicação deste em algumas pesquisas. Outra recente publicação, intitulada *The Transnational in the History of Education: Concepts and Perspectives* (O transnacional na História da Educação: conceitos e perspectivas), organizada por Eckhardt Fuchs e Eugenia Roldán, Vera traz algumas importantes contribuições do uso do transnacional em diversos temas e campos dentro da área da História da Educação. Nesta obra publicada em formato de livro, há a contribuição de vários autores sobre temáticas diversas que convergem na direção da História da Educação. O livro surgiu como um espaço para reflexão acerca dessas temáticas associadas ao transnacional e seus usos na História da Educação, o surgimento e o desenvolvimento deste conceito ao longo do tempo e como se pode ter uma melhor noção dos seus contornos teóricos e metodológicos para fazer um melhor uso nas pesquisas histórico-educacionais (Fuchs; Vera, 2019). Chama-se a atenção para o capítulo introdutório escrito por Fuchs e Vera (2019), no qual ambos delineiam a potencialidade do transnacional dentro do campo da História da Educação. Fuchs e Vera (2019) apontam como principais áreas de pesquisa, entre outras, a história das instituições, a pesquisa com os livros didáticos, teorias e métodos, os estudos *postcolonial*, redes, *transfer* cultural, história cruzada.

Christine Mayer, ao concluir seu capítulo no livro, disserta sobre a potencialidade do transnacional para a História da Educação:

A história transnacional como uma perspectiva de pesquisa e suas abordagens relacionais que relativizam as perspectivas nacionais, como estudos de transferência cultural ou *histoire croisée*, oferecem oportunidades para ampliar a

pesquisa por perspectiva da história da educação além de suas fronteiras atuais, que ainda são muito definidas pelos pontos de vista nacionais [...] (Mayer, 2019, p. 64, tradução nossa).

De forma geral, os historiadores da educação no Brasil e, também, aquela parcela interessada nos processos de escolarização e de educação dos imigrantes não fizeram demasiado uso destas perspectivas nem mesmo da teoria da história global. Ao utilizar o transnacional, é necessário ter cuidado para não cair em outro extremo, que é desconsiderar os aspectos locais e/ou nacionais. Pelo contrário, o objeto de estudo deve ser analisado à luz dos acontecimentos locais, nacionais e transnacionais. Se, por um lado, as pesquisas em História da Educação não fizeram quase uso da perspectiva transnacional, por outro lado, os estudos sobre grupos imigratórios estiveram e estão entre os temas analisados sob o viés da história global e do transnacional. Dessa forma, esta pesquisa buscará analisar o percurso migratório italiano para Pelotas e, especificamente, as escolas italianas nesse município a partir, também, da perspectiva transnacional:

Se voltarmos nossa atenção para os termos usados para descrever – e assim construir – uma “realidade transnacional”, precisamos primeiro diferenciar entre duas esferas distintas de referência que estão embutidas no que hoje chamamos de “abordagem transnacional” da história da educação. O primeiro deles é um discurso sobre educação que surgiu no início do século XIX e que utilizou os termos “internacional” e “internacionalismo”. “Internacional”, cento e trinta anos atrás, referia-se à esfera do estado e à sua política externa em relação a outros olhares; o conceito de “educação internacional” apareceu pela primeira vez na virada do século XIX para o século XX e continua a dominar a semântica dos discursos nacionais e globais sobre educação até hoje. A segunda esfera de referência que podemos associar a uma história transnacional da educação é uma abordagem de pesquisa. Nos últimos anos, o uso para descrever fenômenos que transcendem escalas nacionais, ainda não tem sido percebido como “transnacional”

por aqueles que as experimentaram. Essa perspectiva nos apontou para outras dimensões dos processos educacionais [...] (Fuchs; Vera, 2019, p. 04, tradução nossa).

O transnacional na História da Educação é também abordado por Lawn (2014). Esse autor faz uma crítica a algumas pesquisas na área da História da Educação, as quais, no momento da análise do objeto, levam em consideração somente aspectos nacionais, sem a percepção de que muitas das ideias que proliferaram no Brasil tiveram influências do estrangeiro. Decerto que nem todas as pesquisas da área da História precisam apropriar-se de ideias presentes em outros países. Tudo depende do objeto pesquisado e da problemática elencada para responder a indagação. Mas, para aqueles que se dedicam a estudar grupos de imigrantes para o Brasil e suas instituições, sejam elas escolares ou não, fazer uso dessa perspectiva, em suas pesquisas, auxilia em uma análise mais aprofundada, pois a principal preocupação da perspectiva transnacional é a ideia de movimento, de fluxo e de movimento tanto de pessoas, temáticas de estudos e pontos de vista (Ossenbach; Del Pozo, 2011).

Para Lawn (2014), somente elaborar uma narrativa a partir das fontes encontradas não é suficiente. É necessário abordar um tema que não esteja circunscrito apenas pelo local, que não permanecerá somente dentro de suas fronteiras. Caso isso ocorra, afetará a integridade do tema pesquisado. Ainda, conforme o autor, a História da Educação distanciou-se de referências significativas que abordem as conexões fronteiriças ou internacionais. A História da Educação trata seu objeto de estudo como se ele fosse naturalmente nacional, sem influências externas. Nas palavras de Lawn (2014, p. 132): “[...] como se tivesse fronteiras impermeáveis, instituições comuns, lugares distintos e objetos nativos.

Eu não considero o conceito de nacionalismo metodológico difícil de compreender [...]”. Esse conceito de nacionalismo metodológico tem profunda simbiose com a perspectiva transnacional. Para o autor, o nacionalismo metodológico:

no qual o Estado nação e suas fronteiras são tratados como ‘naturais’ e como a unidade de análise apropriada, e que isso não é uma condição idiossincrática de um pesquisador isolado, mas da disciplina com a qual ele está envolvido. Em um contexto de nacionalismo metodológico, o estado está tão obviamente presente que, na verdade, ele desaparece de vista (Lawn, 2014, p. 132).

No nacionalismo metodológico, o pesquisador não leva em consideração uma série de elementos importantes, os quais “distorcem” a análise efetuada. Dessa forma, em muitos casos, o contexto é apresentado como uma mera decoração nos trabalhos, sem efetivamente ser levado em consideração no momento de análise das fontes. O nacionalismo metodológico pode ser definido como:

O nacionalismo metodológico assume as seguintes premissas: ele iguala as sociedades às sociedades dos Estados-nação e vê os Estados e seus governos como o foco principal da análise científico-social. Assume que a humanidade está naturalmente dividida em um número limitado de nações, que se organizam internamente como Estados-nação e estabelecem fronteiras externas para se distinguir de outros Estados-nação. E vai mais longe: esta delimitação exterior, bem como a competição entre os Estados-nação, representa a categoria mais fundamental da organização política (Beck; Sznajder, 2006, p. 03 *apud* Marjanen, 2009, p. 249, tradução nossa).

Entretanto, como mencionado, a crítica ao nacionalismo metodológico não pode levar a um outro extremo, que é o seu desprezo total. Para os autores, não significa menosprezar os estados-nação, mas observá-los, quando possível, em estados transnacionais (Beck; Sznajder, 2006, p. 03 *apud* Marjanen, 2009, p. 249, tradução

nossa). Marjanen (2009) também reforça que não se deve ignorar o estado-nação, mas olhar para outras perspectivas transnacionais.

Ainda que Lawn (2014) esteja escrevendo mais voltado para as pesquisas em História da Educação na Europa, é possível inter-relacioná-las com os estudos no Brasil. Conforme Lawn (2014, p. 141): “[...] outra forma de pensar a respeito do conhecimento científico é vê-lo em uma constante Interconexão [...]”. Nesse sentido, ganham centralidade a *Historie croisée* e as redes em processos migratórios. Entende-se que a imigração italiana em Pelotas, assim como em outros lugares, organizou-se a partir da ideia de redes. Nesse sentido, usam-se os estudos de Truzzi (2008) sobre redes em processos migratórios. Ainda de acordo com Truzzi (2008), na análise da imigração a partir de redes, é interessante observar que:

[...] O ponto fundamental é buscar, a partir de cada indivíduo, a identificação de sua rede de relações. **Assim, o conceito de redes concebe a sociedade como um conjunto de relações**, e introduz uma dimensão da estrutura social entendida como estrutura de relações, o que é bastante diferente de imaginá-la como estruturada segundo categorias agregativas. A adoção de uma perspectiva de redes interessa a todos os que se ocupam dos fenômenos migratórios, tanto no presente como no passado [...] (Truzzi, 2008, p. 214, grifos nossos).

Torna-se claro, com essa citação, que o principal é pensar a sociedade a partir de um conjunto de relações. É dessa forma que se entendem os italianos em Pelotas, assim como a formação das instituições idealizadas por esse grupo migratório. Essa perspectiva de redes auxilia a compreender os processos migratórios dos italianos que vieram para o Brasil e a identidade formada no país que os recebeu:

Durante os últimos dez anos os estudiosos da emigração enfatizaram cada vez mais a centralidade das redes sociais no processo migratório. Redes sociais, ou seja, multidimensionais e mais amplas de cada uma das cadeias migratórias, são vistas como uma infraestrutura essencial ao sistema migratório em geral [...] (Rosoli, 1992, p. 07, tradução nossa).

Gabaccia (2003) também defende a ideia de redes nos processos imigratórios. A ideia de redes nos leva a *histoire croisée* (Werner; Zimmermann, 2003). Em simbiose com o transnacional, a história cruzada propõe a análise de sociedades e dos objetos de estudos que se entrelaçam, que, como o próprio nome sugere, cruzam-se. Seja nas fronteiras nacionais, seja nas transnacionais, considera o fluxo e o movimento humano. Como a *global history* e o transnacional, a *histoire croisée* também teve sua origem nos estudos de história comparada (Werner; Zimmermann, 2003). Os autores são considerados precursores na proposta da história cruzada e propõem alternativas que diferem da história comparada e das transferências. Segundo eles, a *histoire croisée*: “oferece novas pistas para superar o impasse no debate entre comparativistas e especialistas em transferência” (Werner, Zimmermann, 2006, p. 32, tradução nossa).

Essas perspectivas: *global history*, história transnacional, *histoire croisée*, *histoire connected* são abordagens que foram utilizadas em outras áreas e campos de conhecimento. Elas possuem uma história que não é tão recente no tempo, há pesquisas e estudos consolidados com essas abordagens. O uso na História da Educação é que é mais recente e, mais recente ainda, o uso na história da educação brasileira. Há ainda uma imprecisão destas múltiplas perspectivas e nas suas nomenclaturas (Guimarães, 2015). Entretanto, o ponto em comum é a crítica ao chamado nacionalismo metodológico:

La proliferación concurrential de etiquetas historiográficas (“historia global”, “historia-mundo”, “historia conectada”, “historia transnacional”, etc.), invita a documentar, tras la aparente unidad de una crítica común del “nacionalismo metodológico” [...], (Beck, 2000 apud Bertrand, 2015, p. 20).

Marjanen (2009) também pontua que a riqueza dessas expressões, que causam, por vezes, confusão, é indicativo de um distanciamento das análises pautadas apenas pelo estado-nação.

No que diz respeito às pesquisas brasileiras em História da Educação, de uma forma geral, alguns estudos, embora não muitos, fazem uso da ideia do transnacional e da *global history*. Sobre esta última, um texto significado é escrito por Mirian Warde (2019) e publicado em um livro que discute a história da educação entre o global, o nacional e o local. Outra importante contribuição é a publicação organizada por Vidal e Rabello (2020), a qual tem como mote principal o movimento internacional da educação nova. O livro escrito por muitos autores coloca em cena a perspectiva transnacional da educação com vários estudos que abordam essa dimensão. Outra obra de recente publicação é organizada por Vidal (2020). Para a autora, importante referência no que se refere aos estudos sobre o transnacional no Brasil:

Ao possibilitar a análise da multiplicidade espacial das vidas dos sujeitos e suas experiências, alternando de uma microescala para um macronível, de dimensões nacionais a globais, a história transnacional põe em evidência uma variedade de escalas policêntricas em interação (Vidal, 2020, p. 11).

Além disso, alguns artigos em periódicos também apontam nessa mesma direção, como os de Alcântara (2016), a qual aborda a transnacionalidade de objetos

escolares, e os de Vidal (2017; 2019), que escreve sobre a perspectiva transnacional da educação.

As pesquisas citadas acima referem-se, por um lado, à História da Educação e, por outro, aos estudos sobre imigração. No âmbito específico da interligação entre as pesquisas histórico-educativas e as de imigração, há, ainda, na produção brasileira, poucas pesquisas que fazem uso da história transnacional. Dessa forma, para compreender o uso da *global history* e história transnacional dentro do campo de conhecimento no qual esta pesquisa se insere, é necessário lançar um olhar nos estudos em ambos os campos imigração e história da educação. Nesse sentido, alguns estudos já foram realizados nessa perspectiva. O transnacional como uma perspectiva na História da Educação é utilizado por Barausse e Luchese (2018) ao analisar a educação, identidade étnica nas escolas italianas no estado do Rio Grande do Sul. Os autores, ao cruzarem fontes e documentos brasileiros e italianos sobre as escolas dos imigrantes italianos, elencam importantes elementos transnacionais para compreender e analisar essas instituições que têm sua história ligada, ao menos, aos dois países, Brasil e Itália, além de estarem imbuídas no que se convencionou chamar globalização.

Outra importante contribuição para o entrelaçamento entre a imigração e a história da educação é o dossiê produzido por Ascenzi *et al.* (2019). Os autores dissertam sobre essa perspectiva na História da Educação e elencam o surgimento e o uso desta perspectiva em alguns contextos, como o britânico e o norte-americano. O dossiê intitulado *Migrations and History of education in a transnational view between Italy and Brazil in 19th and 20th centuries* (Migrações e História da Educação em uma visão transnacional entre Itália e Brasil nos

séculos XIX e XX), publicado na revista *History of Education & Children's Literature*, conta com 14 artigos mais a introdução escrita pelos organizadores. Nesta, os autores delineiam a intenção e a proposta do dossiê, o qual foi originário de um evento planejado com o mote do transnacional. Os artigos deste dossiê foram oriundos de um evento realizado na Universidade de Caxias do Sul em parceria com outras universidades brasileiras e estrangeiras, o qual tinha como mote principal o transnacional nas pesquisas na história da educação dos imigrantes italianos e concentraram-se na imigração dos italianos e seus descendentes no Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX.

Para os autores da introdução do dossiê:

Os caminhos de pesquisa escolhidos e as abordagens metodológicas adotadas são formatadas de forma a garantir um conhecimento mais aprofundado sobre diversos aspectos relacionados ao papel e função dos processos educativos em grupos italianos em contextos migratórios no Brasil, dentro do panorama mais geral da migração transoceânica a partir da segunda metade do século 19 às primeiras décadas do século 20 (Ascenzi *et al.*, 2019, p. 239, tradução nossa).

Apesar de este dossiê tratar em específico do grupo italiano, algumas reflexões discutidas podem ser pensadas para a utilização da perspectiva transnacional para os estudos sobre a história da educação de outros grupos imigratórios que não somente o italiano. Ao analisar e aprofundar as diversas fontes mobilizadas pelos autores, é possível a compreensão do cruzamento de documentos, de como fazer uso da ideia de transnacional e o intercruzamento de perspectivas e dos contextos que entrelaçaram e influenciaram a imigração italiana e os processos de escolarização e de educação.

Para Ascenzi *et al.* (2019), uma publicação no ano de 2018 de um dossiê temático da revista britânica

“*Paedagogica Historica*”, editada por historiadores britânicos, norte-americanos e australianos, trouxe uma perspectiva transnacional, apresentando os primeiros resultados de um encontro entre acadêmicos e grupos de pesquisa, constituídos em torno do trabalho da ISCHE (Ascenzi *et al.*, 2019).

Interessa pontuar que identificar e refletir sobre o uso destas perspectivas teóricas, nas pesquisas referenciadas acima, não significa dizer que outras perspectivas não sejam relevantes ou que haja uma hierarquia, o que não há. Cada perspectiva teórica tem as suas especificidades, vantagens, e até desvantagens. Tudo dependerá dos objetos da pesquisa e, também, das fontes de pesquisa disponíveis, Warde (2019, p. 117) esclarece que “em suma, não há espaços e tempos fixos, nem abordagens ‘globais’ e ‘locais’ que devam ser prévia e obrigatoriamente estabelecidos [...]”.

3 A imigração italiana em Pelotas: italianidade, representatividade e inserção social

Este capítulo tem como objetivo delinear a estrutura do município de Pelotas a partir da segunda metade do século XIX e o fenômeno da imigração neste município. É, também, objetivo deste capítulo abordar, de um ponto de vista quantitativo, a imigração italiana em Pelotas, tendo em vista a necessidade de historiar sobre a imigração em Pelotas a partir de uma abordagem numérica mais completa. Esta pesquisa pretende, ao fazer uso de alguns documentos que fornecem um panorama quantitativo dos dados dos italianos que chegaram até Pelotas, alargar a compreensão sobre quem eram esses italianos. Ainda também será analisada a visão dos representantes consulares italianos e de viajantes acerca do município e da colônia italiana neste. Por último, analisam-se as sociedades italianas em Pelotas.

Ressalta-se que, neste capítulo, não se tem a intenção de realizar tão somente uma contextualização, mas, sim, problematizar a imigração italiana em Pelotas, tanto na área urbana quanto na rural.

3.1 O desenvolvimento de Pelotas na segunda metade do oitocentos e o impacto do fenômeno imigratório no município

Para abordar o município de Pelotas, serão utilizadas tanto estudos existentes quanto documentos

primários ainda não estudados. O cruzamento teve como objetivo trazer alguns aspectos de originalidade no que diz respeito a uma parte da história do município de Pelotas relativa aos aspectos imigratórios da nacionalidade italiana.

Inicialmente, é necessário considerar que, em Pelotas, tanto no espaço urbano como no rural, observa-se a presença de vários grupos étnicos. Pelotas recebeu imigrantes italianos, alemães, franceses, portugueses, entre outros. Certamente, havia colônias e espaços urbanos com predominância maior de determinada etnia, mas, de forma geral, vários grupos étnicos conviveram no mesmo espaço territorial. Com isso, não se diz que não houve conflitos e disputas, até mesmo de identidade, entre os diversos grupos étnicos, mas, sim, pontua-se que em Pelotas as etnias não estiveram em um isolamento geográfico, seja no ambiente urbano ou rural. Assim, ao pensar nas instituições italianas, entre elas as escolas italianas, objeto de investigação desta pesquisa, essas não existiram, ou deixaram de existir, por um isolamento dos italianos, ou pelo não contato com outras etnias, mas, sim, por considerarem que era uma instituição importante para seus descendentes. Nesse momento, cabe a teorização de Barth (2011) quando este, ao escrever sobre as fronteiras étnicas, afirma que a identidade de um grupo étnico é mantida na interação com outros e não no isolamento geográfico. Para o autor, é uma ideia simplista pensar que os grupos étnicos mantiveram seus hábitos e costumes pela não convivência com pessoas de outras nacionalidades, mas essa ideia foi defendida durante muito tempo por algumas linhas de pensamento acerca da identidade de um grupo. Barth (2011) posiciona-se contra isso. Ele aponta para a ideia de que é na interação em um dado sistema social que

ocorre a manifestação da etnicidade. O autor define grupos étnicos como aqueles que compartilham valores culturais fundamentais, formados por membros que se identificam e são identificados por outros como tal. Para o autor, o que define um grupo é a fronteira étnica e esta é social, seu fundamento é a ideia de que os grupos elaboram uma origem ou cultura em comum. A identidade pensada a partir da diferença, também, é importante anunciá-la. Ela surge e mantém-se a partir do olhar para o outro; é na diferença que há a produção de identidades (Woodward, 2014). Essas discussões são importantes para pensar as questões relacionadas à escolarização dos grupos étnicos e, sobretudo, dos italianos, os quais são o foco de estudo desta pesquisa, pois houve (e há) uma diversidade étnica no município. Ainda que haja colônias com predominância de determinada etnia, o município recebeu vários grupos étnicos. Decerto que essa situação reflete em questões identitárias e étnicas, pois o contato entre as etnias foi maior na região sul do estado. Esse ponto, também, torna-se uma peculiaridade da colonização em Pelotas no que se refere ao estado do Rio Grande do Sul. Nesse contexto, a italianidade, identidade e etnicidade estão interligadas. A produção da italianidade foi criada também no contato com outras etnias. Entende-se, assim, italianidade a partir dos estudos de Zanini (2006), considerando que, para a autora, a italianidade pode ser compreendida como vínculos de pertencimentos entre os imigrantes italianos e seus descendentes e a pátria italiana, a origem de seus antepassados, caracterizando-se uma construção mutável que se atualiza, se refaz e adquire contornos diversos em diferentes momentos históricos. É importante frisar, neste ponto do texto, que os italianos vieram de uma Itália recém-unificada e auto percebiam-se, na Itália,

como vênetos, trentinos, napolitanos, entre outros. O país estava unificado, mas os moradores ainda não se sentiam italianos, pois “[...] patriotas moderados, sem dúvida, criaram a Itália e um estado italiano. Mas eles não conseguiram ‘fazer os italianos’, isto é, uma nação capaz de apoiar esse estado. Sem uma nação unida, o novo estado italiano não seria capaz de garantir ordem e estabilidade” (Gabaccia, 2003, p. 60, tradução nossa). Mesmo com as tentativas de unificar a população, por meio de várias instituições e políticas, as divisões regionais e culturais persistem (Bertonha, 2016). Para Gabaccia:

[...] destas características da identidade da diáspora, os emigrantes da Itália só tinham o desejo de retornar à sua amada pátria. Para eles, a pátria, ou seja, o país, era um lugar, não um povo, uma nação ou um grupo da mesma linhagem (Gabaccia, 2003, p. XXI, tradução nossa).

Ao entrarem no Brasil, há uma mudança de identidade. Como explica Woodward (2014), a identidade é marcada pela diferença. Ao chegarem a um país diferente do seu, as identidades regionais podem ter sido menos valorizadas do que a identidade italiana. Decerto que o uso do dialeto foi maior que o próprio uso do italiano. Mas, no Brasil, percebiam-se como italianos, nesse sentido:

A consciência de pertencerem ao mesmo país surgirá, a duras penas, somente a partir do século XX, favorecida pela consciência de se saberem estrangeiros e pela uniformidade nacional que era atribuída aos imigrantes pela opinião pública brasileira (Trento, 1988, p. 161-162).

A produção da *italianità* configurou-se e potencializou-se nesta conjuntura. Woodward (2014) destaca, que no interior de uma identidade, algumas diferenças podem ser obscurecidas. Para a autora, a identidade nacional omite outras. O ser italiano no Brasil comportava

essas múltiplas identidades regionais, “é bem provável que os camponeses e os operários se considerassem mais italianos quando estavam no exterior do que quando estavam na sua Pátria [...]” (Gabaccia, 2003, p. 49, tradução nossa). Nesse sentido, entende-se que a identidade não pode ser explicada apenas por laços biológicos ou geográficos, mas, também, envolve aspectos sociais. É, também, por meio da diferenciação social que a identidade se manifesta (Woodward, 2014).

A emigração italiana para o mundo ao longo do tempo adquiriu cifras numéricas muito significativas: “entre 1876 e 1885, mais de um milhão de italianos solicitaram expatriação, mais de dois milhões o fizeram na década seguinte e mais de 4 milhões, entre 1896 e 1905” (Gabaccia, 2003, p. 68, tradução nossa). Entre os anos de 1870 e 1970, aproximadamente, 26 milhões de pessoas deixaram a Itália e foram viver em outros países. A emigração não era desconhecida dos habitantes da península Itálica; era, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência econômica e um modo de vida que se reproduziu por gerações. Entretanto, a emigração passou a ser significativa quantitativamente a partir dos anos de 1870 (Gabaccia, 2003).

O anuário estatístico da emigração italiana, organizado pelo Comissariado Geral da Emigração, elenca dados estatísticos sobre os italianos no mundo e, a partir desses dados, percebe-se que a América foi o continente que mais recebeu imigrantes italianos entre os anos 1876 e 1925. No que se refere aos países americanos, o Brasil foi o terceiro país que mais recebeu italianos, atrás dos Estados Unidos e da Argentina (Commissariato Generale Dell’emigrazione, 1926).

Para Iotti (2001), a emigração na Itália teve características peculiares, a saber, prolongou-se por um

período de tempo maior se comparada aos outros países da Europa. O número dos emigrados foi elevado, o que, segundo a autora, caracteriza-a como um dos maiores países exportadores de mão de obra barata no século XIX. A autora escreve que a emigração foi importante no processo do desenvolvimento capitalista italiano, pois, em um primeiro momento, auxiliou no equilíbrio demográfico e posteriormente lucrou-se com as remessas de dinheiro enviadas aos familiares por aqueles que emigraram para países distantes. Franco Cenni (2011) observa que a Itália transferiu para o Brasil, em menos de vinte anos, mais de um milhão de pessoas. Para Kreutz (2010), entre os anos de 1819 a 1947, o Brasil recebeu aproximadamente 4.900.000 imigrantes de diversas etnias. Conforme Manfroi (1975), em 1875, a metade, ou mais, da imigração europeia vinha da Itália.

A imigração italiana, assim como as escolas italianas, deve ser analisada à luz do contexto brasileiro e italiano da época. Como observa Emilio Franzina:

[...] a chave interpretativa dos fenômenos migratórios de massa tanto ontem quanto hoje reside na constante interação entre a estrutura econômica e social existente neste lado e além do oceano e a dinâmica dos interesses capitalistas facilitada e apoiada por políticas públicas precisas [...] (Franzina, 2014, p. 18, tradução nossa).

Nessa mesma linha de raciocínio, Barausse (2017) disserta sobre os impactos da mobilidade italiana nos dois países, Brasil e Itália:

O processo de mobilidade internacional em massa, envolveu numerosos grupos de italianos à partir da segunda metade do século XIX e, da maneira como nasceu, cruzou de um lado o desenho das classes dominantes brasileiras, tensionadas em individualizar soluções alternativas para a substituição de mão de obra após a escravidão, e de outro, alguns grupos dominantes de italianos empenhados em assegurar opções alternativas aos grupos populares, diante

de problemas ligados ao atraso socioeconômico e a crise do país (Barausse, 2017, p. 44).

No Brasil, os italianos, e seus descendentes, instalaram-se em diversos estados. Esse movimento migratório italiano no Brasil e no Rio Grande do Sul já foi estudado por vários ângulos por diversos pesquisadores. Desta forma, não há a intenção aqui de escrever de forma exaustiva sobre esse assunto. Apenas pontuam-se alguns aspectos necessários para a compreensão e a análise do conjunto documental. A imigração italiana para o estado do Rio Grande do Sul atendeu a interesses do Brasil e da Itália. Esta procurou acompanhar a imigração por meio dos serviços consulares nos países onde os italianos instalaram-se, e, desta forma, foram produzidos relatórios (Iotti, 2001). A imigração neste estado teve início em 1824, com a chegada de imigrantes alemães ao vale do Rio dos Sinos. Os italianos estabeleceram-se no estado, em maior número, a partir da segunda metade do século XIX. Franco Cenni (2011) ressalta a diferença entre a imigração e a colonização. A primeira refere-se ao fenômeno migratório em si e a segunda diz respeito aos imigrantes que foram colonizar, especificamente, um lote de terra, normalmente em regiões com baixa, ou nenhuma, densidade populacional. No estado do Rio Grande do Sul, a grande parte da imigração italiana ocorreu na forma de colonização, mas, os centros urbanos também receberam imigrantes com outras qualificações e atribuições e de diferentes classes sociais, os quais dedicaram a várias atividades profissionais. Neste sentido, escreve Ruggiero (2019) sobre os italianos no meio urbano de diversas cidades do Rio Grande do Sul, que estudos mais recentes sobre a imigração italiana no estado apontam a importância e

a presença dos italianos no espaço urbano e na configuração das cidades gaúchas. Para o autor:

[...] Além de terem um grande atrativo para os imigrantes por oferecerem uma diversificação das atividades profissionais, também se tornaram locais de interesse cultural, sempre mais dinâmicos e cosmopolitas. Essas cidades mudaram seus próprios traços, se expandiram e participaram de uma mudança na estrutura da sociedade e até mesmo na sua mentalidade. No caso dos italianos, muitos centros urbanos do extremo sul do Brasil, e não apenas sua capital multiétnica, testemunharam uma dialética entre diversos componentes sociais e regionais, considerando que a população italiana era grande e heterogênea, com presença efetiva desde a início do século XIX [...] (Ruggiero, 2019, p. 561, tradução nossa).

Neste momento, não é possível abordar todos os aspectos que englobam a imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, mas é necessário pontuar pesquisas atuais sobre o tema como as de Ruggiero (2019) e Conedera (2012), que lançam luzes para a presença italiana nos espaços urbanos das cidades gaúchas, assim como já delineava Constantino (1991). As instituições escolares italianas analisadas nesta pesquisa são predominantemente urbanas e atendiam aos filhos de italianos que se instalaram na cidade de Pelotas, sobretudo.

As três primeiras colônias italianas criadas no estado foram nos atuais municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Caxias do Sul, na região nordeste (Luchese, 2007, 2012). Castro (2017) ressalta, em sua dissertação de mestrado, a diferença da imigração italiana na região nordeste do RS e na região sul, onde está o município de Pelotas. A diferença maior reside no fato de que, quando os imigrantes italianos chegaram a Pelotas, este já era um município constituído. Diversamente do que ocorreu na Serra Gaúcha, onde os italianos instalaram-se para colonizar aquela região, os municípios e núcleos urbanos surgiram a partir da colonização.

Em Pelotas, os imigrantes italianos encontraram uma cidade formada. Embora, na área rural, os lotes coloniais necessitassem de povoamento, o núcleo urbano estava consolidado (Castro, 2017).

O município de Pelotas surgiu a partir da construção de capelas e do povoado ao seu entorno, povoado esse surgido em 1813 (Pomatti, 2011). No ano de 1832, a freguesia atinge a posição de vila, e, desta forma, emancipa-se do município de Rio Grande. Três anos após, em 1835, a vila eleva-se a cidade e passa a chamar-se Pelotas, ao invés de São Francisco de Paula (Magalhães, 1993). A indústria saladeiril foi o segmento econômico que movimentou o município e possibilitou o seu desenvolvimento. Conforme Pomatti (2011), em meados do século XIX, o município de Pelotas ocupava uma posição de destaque no Rio Grande do Sul, cujo desenvolvimento econômico era oriundo das charqueadas. Pelotas equiparava-se à capital do estado, Porto Alegre (Constantino, 1991). Isso acarretou o desenvolvimento de vários setores no município. Para Constantino (1991), foi essa condição econômica que atraiu a atenção dos imigrantes. Para Peixoto (2003), a chegada de imigrantes italianos é anterior à política de colonização e imigração impulsionada pelo governo brasileiro. A economia de Pelotas baseava-se principalmente na indústria do charque. No período imperial, houve um enriquecimento econômico da cidade, dos estancieiros e charqueadores. No entanto, nas primeiras décadas do século XX, houve um declínio na indústria charqueadora e na economia da cidade (Oliveira, 2012).

Os imigrantes italianos que chegaram ao município de Pelotas, conforme Anjos (2000), além de estabelecerem-se na zona rural, também se fixaram na cidade. Para a autora:

A sociedade pelotense mudou estruturalmente, no entanto manteve as mesmas formas e hábitos. O incremento da imigração ocorrido entre os séculos XIX e XX modificou, de certa forma, tal sociedade. Embora grande parte dos imigrantes de diversas nacionalidades tenha atuado ou como produtor rural, ou como mão-de-obra barata, uma parte se dedicou a investir na incipiente industrialização do já mencionado polo Rio Grande – Pelotas [...] (Oliveira, 2012, p. 143).

O espaço rural de Pelotas recebeu imigrantes italianos com a colonização dos lotes de terras no interior do município. Essas terras localizavam-se na denominada Serra dos Tapes, distantes das charqueadas, que até o momento eram o principal suporte econômico do município. Dessa forma, foi a área destinada à colonização. Esta ocorreu tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada. No ano de 1849, foi criada a Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros, de iniciativa privada, que tinha como objetivo auxiliar os imigrantes estrangeiros na colonização do município (Anjos, 2000). Foram criadas 16 colônias com esta associação (Grando, 1990). Na década de 1880, o poder público assume a colonização no município e cria três colônias imperiais: Afonso Pena, Accioli e Maciel. O governo municipal criou a Colônia Municipal (Anjos, 2000; Grando, 1990). Dessas quatro colônias, a Maciel foi a que recebeu um maior número de italianos em Pelotas. O cônsul Brichanteau escreve sobre a Colônia Maciel em seu relatório sobre as colônias italianas no RS:

Colônia Maciel – A colônia Maciel está a 8 léguas de Pelotas (a légua brasileira tem 5800 m); ergue-se sobre uma cadeia de colinas e liga-se à capital da Comarca por um mau caminho percorrido com mulas. Foi fundada por volta de 1880 e a distribuição dos lotes ainda não foi concluída. É habitada por cerca de cinquenta famílias, quase todas italianas (Veneto e algumas meridionais); calculando de 6 a 8 pessoas por família, pode-se dizer que a colônia tem de

300 a 400 pessoas. As casas são feitas de tijolo ou barro, forradas de madeira.

O solo é bastante fértil, a vinha e os cereais crescem muito bem. Os nossos colonos são trabalhadores, mas não conseguem obter conforto porque, por falta de vias de comunicação, não podem vender os seus produtos, portanto, limitam o cultivo ao suficiente para alimentar suas famílias. Existem dois moinhos hidráulicos pertencentes a colonos italianos.

Lá também foi improvisada uma pequena escola italiana na qual um agricultor dá aulas: não existe autoridade brasileira; um de nossos compatriotas tem o título de inspetor e é uma espécie de juiz conciliador (Brichanteau, 1893, p. 125, tradução nossa).

Na descrição da Colônia Maciel feita pelo cônsul, chama-se a atenção para o registro da existência de uma pequena escola italiana que tinha como professor um membro da comunidade. Não há registros de que essa escola, no ano de 1893, tenha sido subsidiada pelo governo italiano. Provavelmente, foi organizada e gerida pela comunidade local. Gehrke (2013), em sua dissertação de mestrado, escreve sobre os italianos na região da Colônia Maciel e analisa alguns depoimentos e fotografias do cotidiano deste local.

O governo, por sua vez, criou a Comissão de Terras e Colonização para dar suporte aos imigrantes que chegavam e organizar colônias (Diário de Pelotas, 1883 *apud* Pomatti, 2011, p. 43). Para Anjos (2000), o motivo principal da política de colonização na Serra dos Tapes foi o investimento imobiliário dos latifundiários, aliado à necessidade de substituição do trabalho escravo e do desenvolvimento técnico do operariado em Pelotas. Em conformidade com Cerqueira (2010), foi especialmente na Serra dos Tapes³⁵ que ocorreu o processo de colonização, o que contribuiu para a formação de uma

³⁵ De acordo com Cerqueira (2010), a região da Serra dos Tapes inclui em sua faixa territorial as áreas dos atuais municípios de Pelotas, Morro Redondo, Capão do Leão, Arroio do Padre, Turuçu, Canguçu e São Lourenço do Sul.

diversidade cultural no espaço. Para Grandó (1990), os municípios de Pelotas e Rio Grande receberam imigrantes desde a década de 1850, aproximadamente.

Com a intenção de mapear os imigrantes italianos instalados na zona rural de Pelotas, em um primeiro momento, procurou-se conhecer como foram formadas as colônias existentes no município, assim como a predominância étnica. Para esse ponto, apoia-se na pesquisa realizada por Anjos (2000), na qual o autor relaciona 61 colônias em Pelotas. A partir deste autor, pode-se notar que a predominância do grupo étnico nas colônias foi dos alemães. Os italianos estabeleceram-se em um número menor de colônias. Ainda é possível identificar que as colônias onde os italianos estabeleceram-se foram criadas todas próximas à década de 1880.

Dessa forma, das 61 colônias listadas por Anjos (2000), em nove delas registram-se a presença de imigrantes italianos, sendo que a Colônia Maciel é o lugar onde houve a maior concentração desse grupo (Anjos, 1999; Pomatti, 2011). O quadro a seguir mostra as nove colônias com a presença de imigrantes italianos:

Quadro 6 – Colônias com imigrantes de origem italiana no município de Pelotas, ano de criação e seus respectivos fundadores.

Colônia	Ano de criação	Fundador
São Domingos	1875	Herdeiros de Domingos de C. Antiqueira
Municipal	1882	Câmara Municipal
São Simão	1883	Simão da Rocha
Affonso Pena	1885	Governo Imperial
São Luiz	1885	Luiz Juvencio da Silva Leivas
Mariana	1885	Luiz Juvencio da Silva Leivas

Santo Amor	1885	Vicente Cypriano de Maia
Maciel	1885	Governo Imperial
São Zacharias	1885	Zacharias Delgado

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras, com base nas informações de Anjos, 2000, p. 68.

Pode-se perceber que a criação de colônias ocorreu de forma mais acentuada após 1875, sendo criadas tanto pelos governos, imperial e municipal, quanto por particulares. Esse período vai ao encontro da imigração desse grupo em massa para o RS. Assim, após esta data, começaram a chegar ao estado inúmeros italianos. É necessário ressaltar que os anos acima mencionados são referentes à criação oficial das colônias, por parte do poder público ou setor privado, e não necessariamente quando chegaram os colonos aos lotes. Como exemplo, a Colônia Maciel foi oficialmente criada em 1885, mas a presença italiana é percebida desde o ano de 1883. O que se pode depreender deste quadro é a criação de um número significativo de colônias nos anos 80 do século XIX, o que indica a presença, de forma mais acentuada, de imigrantes italianos no município com fins de colonização. Pelo que se percebeu por meio dos indícios encontrados nas fontes e nas referências utilizadas, a imigração urbana, em Pelotas, foi bastante anterior à imigração rural, como ficará visível a seguir.

Para Fetter (2002), o maior número de italianos instalados nas colônias em Pelotas só ocorreu após a implantação das colônias oficiais na década de 1880. Consoante Peixoto (2003), no ano de 1888, desembarcaram em Pelotas 72 italianos, os quais tiveram como destino a Colônia Maciel. Carlos Ullrich (1984) escreve, em seu relato de viagem, que os imigrantes que chegaram à Maciel eram imigrantes novos, que vieram

diretamente da Itália e não de outras regiões do país, como era o caso da maioria dos demais núcleos coloniais no município. Conforme o autor: “das colônias locais apenas algumas foram colonizadas por novos imigrantes (Santo Amor, Maciel e Colônia Municipal)”. O álbum do cinquentenário da imigração italiana no RS menciona a colônia Maciel e a perda do uso do idioma italiano na comunidade:

Colônia Maciel (Pelotas) – Diversas famílias italianas, a maioria parte de Treviso e de Vicenza, fundaram este núcleo colonial, hoje sede da paróquia, dirigida por D. Giacobbe Lorenzet; mas devido ao isolamento em que se encontram, perderam quase inteiramente o uso da língua italiana. Seu número ascende a 125 (Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 2000, tomo I, p.124, tradução nossa).

Anjos (2000) escreve sobre a participação do elemento estrangeiro no espaço urbano de Pelotas. Para esse autor, os portugueses predominavam no comércio pelotense, manufaturas e indústrias. Os alemães participaram em fábricas. Os franceses dedicavam-se ao artesanato e a profissões vinculadas à moda e à educação. Já os italianos atuavam como operários, oficineiros, mestres, artesãos e donos de estabelecimentos, como hotéis.

Pomatti (2011) ressalta que, quando os imigrantes chegaram a Pelotas, esta era, ao mesmo tempo, uma cidade cosmopolita e moderna, mas, também, com problemas estruturais, como, por exemplo, de saneamento e de higiene pública. Foi nesse contexto que o município recebeu os imigrantes urbanos. Para Constantino (1991, p. 36): “Rio Grande e Pelotas eram polos de atração porque, até aproximadamente 1890, eram mais importantes do que Porto Alegre sob o ponto de vista industrial. Em 1871, um consulado italiano em Rio Grande já substituiu a antiga Agência Consular [...]”.

Loner (2001) aborda que foi o progresso econômico do município no século XIX que atraiu estrangeiros, os quais se estabeleceram na cidade com variadas profissões. No município de Pelotas, trabalharam nas mais diversas profissões (Loner, 2001).

Para Anjos (2000), os italianos que deram entrada no porto de Pelotas na primeira metade do século XIX foram, majoritariamente, de profissões urbanas. Os italianos em Pelotas organizaram algumas instituições antes do grande fluxo imigratório para o Brasil. Com isso, percebe-se que a imigração italiana no município foi anterior à de outros municípios. Pomatti (2011) observa que o centro urbano de Pelotas foi marcado pela presença de estrangeiros, os quais atuaram nos mais diferentes setores, como, por exemplo, técnicos, engenheiros, arquitetos, profissionais liberais, como médicos e dentistas, músicos, donos de fábricas, de comércio, artistas e operários.

Entre esses estrangeiros, estão os italianos. Vieram profissionais de variadas profissões, entre eles dois arquitetos, José Isella e Guilherme Marcucci, os quais participaram ativamente de algumas construções da cidade de Pelotas, como os prédios em estilo neo-renascentista no centro histórico urbano. Alguns dos prédios foram projetados e construídos pelos arquitetos italianos: José Isella, Guilherme Marcucci, Bartolomeu Isella, Caetano Casaretto (Chevalier, 2002; Gutierrez, 2005; Daltoé, 2013). Outro italiano que teve destaque na cidade foi Frederico Trebbi, artista que produziu telas e ministrou aulas de arte em Pelotas. Sua chegada aconteceu no ano de 1870 (Anjos, 1999). Trebbi foi também agente consular e uma figura importante no interior das sociedades italianas no município. No álbum do cinquentenário da colonização italiana no RS, há um

espaço dedicado aos expoentes das artes, das ciências, do comércio e da indústria, nos quais se encontram alguns italianos de Pelotas.

E a pintura não teve mestres como Riccardo Albertazzi, falecido em 1896 em Porto Alegre, e Romualdo Prati e O venerável cav. Federico Trebbi em Pelotas e Giuseppe Boscagli e Vincenzo Cersavio e outros que transfundiram as qualidades da escola italiana aqui? [...] (Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 2000, tomo I, p. 442, tradução nossa).

Pelas notícias de jornais pelotenses da época, pode-se notar que Guilherme Marcucci e Frederico Trebbi eram membros influentes nas sociedades italianas de Pelotas. O segundo foi, inclusive, agente consular no município. O jornal *Stella D'Italia*, no ano de 1910, também escreve sobre a colônia italiana de Porto Alegre, ressaltando a posição social destes:

A colônia italiana Pelotense não é muito numerosa; enquanto a da cidade vizinha é estimada em mais de três mil almas, esta [a de Pelotas] gira em torno de cem famílias; no entanto, tem uma ampla sede social onde operam as sociedades reunidas e onde os poucos sócios reúnem-se em feriados para diversão fraterna.

O nosso agente, o Sr. Cesare Cesario, levou-me lá no domingo passado e tive a boa oportunidade de apertar a mão do seu digno presidente, o Sr. Nery e de vários compatriotas.

Quanto à posição social, está igualmente bem representada; possuem os dois hotéis mais elegantes <Alliança> e <Brasil>, o primeiro de propriedade de Gaetano Gotuzzo, um verdadeiro genovês à moda antiga, generoso e patriota, o segundo do Sr. Giuseppe Del Grande é igualmente trabalhador e estimado. Além destas duas casas de primeira classe, existem outras de âmbito mais modesto, mas muito bem conservadas: restaurantes, cafés, engarrafadoras, alfaiates, sapateiros, mercearias, etc.; muitos são dedicados a indústrias e diversas profissões: há escultores, construtores, ferradores, funcionários diversos (*Stella D'Italia*, 01 dez. 1910, tradução nossa, p. 01).

O cônsul italiano Pasquale Corte também registra a presença de artistas italianos:

Todas as profissões, artes e ofícios, estão representadas, vários médicos, não poucos farmacêuticos, alguns engenheiros, muitos padres, a maioria já naturalizados brasileiros, vários comerciantes, alguns dos quais são atacadistas e muitos varejistas, artistas inclusive pintores de mérito, como Coliva e Albertazzi em Porto Alegre, Trebbi em Pelotas e Giovannini em Bagé (Corte, 1884, p. 11, tradução nossa).

Outro importante artista descendente de italiano que atuou em Pelotas foi Leopoldo Gotuzzo. Schwonke (2018) aborda o pintor italiano na constituição do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e a influência deste na história da arte pelotense. Leopoldo Gotuzzo era filho de Gaetano Gotuzzo, proprietário de um dos hotéis mais luxuosos de Pelotas na época. Gaetano Gotuzzo foi também membro das diretorias das sociedades italianas, o que nos indica que ao menos a diretoria das sociedades era formada por uma classe italiana abastada.

Pomatti (2011) salienta que o setor em que os italianos mais atuaram no espaço urbano foi o da hotelaria, antes ainda da grande imigração em 1875. Anjos (2000) registra a quantidade de hotéis que pertenciam aos italianos. O primeiro hotel que se tem notícias é o Hotel Aliança, fundado em 1843, de propriedade de Santiago Prati e Gaetano Gotuzzo, dois italianos que vieram para Pelotas. Esse hotel era considerado de primeira ordem, ou seja, luxuoso. Nesse hotel, anos mais tarde, foi criada a primeira sociedade italiana de Pelotas, a Sociedade Italiana Pelotense *Unione e Filantropia* (Anjos, 2000). Outros hotéis também pertenceram aos italianos, como, por exemplo, o Hotel Brazil, o Hotel Garibaldi, o Hotel Piemonte, o Hotel do Commercio, o Hotel Itália e o Hotel Federativo. Segue o autor explicando que todos esses hotéis estavam instalados em uma região privilegiada, no centro da cidade. Neles ocorriam muitas festividades e comemorações. Uma delas é a comemoração do vinte

de setembro, data máxima da unificação italiana (Anjos, 2000; Ullrich, 1984).

Ângela Pomatti (2011) aborda, em sua dissertação de mestrado, os imigrantes italianos que deram entrada na Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. A partir desses dados da pesquisadora Pomatti (2011), nota-se que alguns italianos vieram para Pelotas ainda antes da imigração de massa para o estado, pois, já no ano de 1848, a partir dos registros da Santa Casa de Misericórdia, percebe-se que os italianos procuravam esse serviço médico-hospitalar. Além dos que vieram para Pelotas durante os anos da imigração de massa subsidiada e que tinham objetivos específicos desse período, também vieram para Pelotas outros profissionais que tinham outras intenções e objetivos que não os de subsistência básica. Uma elite italiana emigrou para o município de Pelotas, especificamente para o espaço urbano. Gabaccia (2003) explica a emigração de elites. A autora, especialista em imigração e diáspora italiana, disserta que esse tipo de emigração ocorreu anteriormente ao fenômeno de imigração em massa, embora tenha continuado nesse período com algumas características diversas: “Também as elites italianas continuaram emigrando, como haviam feito há séculos em pequenos números, mas o caráter desse tipo de emigração mudou evidentemente no momento da emigração em massa [...]” (Gabaccia, 2003, p. 75, tradução nossa).

Historiar sobre a imigração italiana em Pelotas, assim como sobre outros grupos étnicos, requer o uso de muitas fontes, assim como de pesquisas já realizadas nesta perspectiva. Não é uma tarefa fácil e não se pode abrangê-la na sua integridade, pelo menos por ora. A partir de todos os documentos encontrados citados anteriormente, é possível fornecer um panorama geral

da imigração italiana em Pelotas, porém não de forma completa, dada a ausência de algumas fontes relativas à entrada de imigrantes no município. Alguns documentos importantes foram localizados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs). Nesses livros, além dos dados numéricos, é possível obter a partir dessas fontes outras características que nos permitem conhecer quem eram esses italianos que chegaram a Pelotas.

Foram encontrados 15 livros referentes à entrada de imigrantes no Rio Grande do Sul, os quais, decerto, não são a totalidade dos livros que existiram. Desses 15, no entanto, foi possível a análise de 09 livros pelo fato de que alguns não possuíam os dados básicos que esta pesquisa busca entender. De todas as informações que podem ser extraídas dos documentos, optou-se por analisar somente algumas. Primeiramente, escolheu-se aquelas que estão presentes em todos os livros ou, ao menos, na grande maioria. A partir disso, ao analisar os livros a metodologia de trabalho foi a seguinte: primeiro, extraíram-se os dados referentes aos italianos, quantos haviam entrado no município em cada ano. Na sequência, individualizam-se dados numéricos relativos aos italianos em Pelotas e, por fim, algumas informações sobre estes que nos permitem conhecer, ainda que de forma parcial, quem eram esses italianos. Compreendendo que esses documentos poderiam ser analisados de muitos outros modos, escolheu-se por analisar as seguintes características dos italianos que entraram em Pelotas: religião, profissão, procedência e se eram alfabetizados ou não.

O primeiro ano encontrado refere-se a 1857 e o último, a 1899. Referente ao século XX, não foram encontrados registros das hospedarias no Rio Grande do Sul. Isso não significa que esses registros não tenham

sido realizados, mas, sim, que não foram preservados. É necessário mencionar que esses livros se referem à imigração oficial no estado do Rio Grande do Sul e os dados registrados mencionam aqueles imigrantes que ou vieram subsidiados pelo estado brasileiro ou ficaram hospedados nas hospedarias do RS. Mas, seguramente, outros imigrantes de origem mais abastada, por exemplo, imigravam por conta própria e não se encaixavam nesse perfil e, por isso, não foram registrados nesses livros. No estado do Rio Grande do Sul, existiam, nesse período, as hospedarias. Os imigrantes, ao chegarem ao estado, ficavam primeiramente nesses lugares para depois serem encaminhados às suas destinações finais. No Rio Grande do Sul as principais hospedarias eram duas: uma em Porto Alegre e outra em Rio Grande (Silva, 2014).

Com isso, esses dados certamente não representam o todo da imigração italiana no estado. Porém, os livros aqui analisados fornecem uma visão do número de imigrantes que chegaram ao município de Pelotas e algumas características importantes para conhecer, ao menos em parte, os italianos que tiveram como destino Pelotas.

Primeiramente, optou-se pelos dados quantitativos e, nesse caso, interessou-se por três grupos de dados: quantos imigrantes entraram no estado; destes quantos eram italianos e, desses italianos, quantos dirigiram-se para o município de Pelotas. Os dados, extraídos dos documentos do AHRs, foram organizados em um mesmo quadro, conforme pode ser visto a seguir:

Quadro 7 – número geral de imigrantes por ano no estado no RS, número de imigrantes italianos no estado do RS e número de italianos em Pelotas.

Ano	Imigrantes no estado	Imigrantes italianos no estado	Imigrantes italianos em Pelotas
1857-1862	5895	0	0
1862-1876	4659	07	00
1874-1897	-	605	06
1887	5328	4393	148
1887-1888	82	82	72
1891	Imigrantes em Pelotas 390	-	Italianos 60
1892-1896	1430	520	0
1896-1897	499	209	26
1896-1899	7244	3666	12

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados dos livros de registro de entrada de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2020.

O total de italianos registrados durante esses anos para o município de Pelotas é de 324. A partir desse número, podemos lançar uma série de questionamentos. O primeiro, logicamente, diz respeito ao fato de que Pelotas não foi o foco principal da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Com isso, é natural que o maior número de italianos no estado não seja neste município. No primeiro livro encontrado, referente aos anos entre 1857 e 1862, não é registrada a presença de italianos no estado. Esse é um interstício de tempo anterior ao que se considera o início da imigração em massa no RS, 1875. Reforça-se, mais uma vez, que não se diz que não tenham entrado no estado italianos, nesse período de tempo, mas que não foram registrados nestes livros analisados. Como se apontou acima, houve uma imigração de elite, tanto para Pelotas quanto para o estado do Rio Grande do Sul. Os que vieram por outros motivos

não estão registrados nesses livros da imigração oficial do RS e nos livros das hospedarias do estado, pois possivelmente a viagem e a hospedagem foram custeadas pelos próprios imigrantes e/ou familiares e não pelo governo brasileiro. Certamente, esses imigrantes estavam registrados nos livros de registros portuários, porém, até o presente momento, esses livros não foram localizados e consultados.

Após esses dados numéricos, na sequência, foram trabalhados somente os dados referentes aos italianos em Pelotas. As tabelas abaixo mostram os dados numéricos de cada uma das categorias elencadas para análise:

Quadro 8 – Religião dos italianos que tiveram Pelotas como destino.

Religião	
Católicos	324

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados dos livros de registro de entrada de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2020.

Quadro 9 – Profissão dos italianos que tiveram pelotas como destino.

Profissão	
Agricultor	100
Operário	37
Trabalhador (profissões diversas)	4
Pedreiro	6
Serviços domésticos	12
Sapateiro	2
Ferreiro	2
Lustrador	1
Mineiro	5
Carpinteiro	1
Sem informação	154

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados dos livros de registro de entrada de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2020.

Quadro 10 – Alfabetização dos italianos que tiveram Pelotas como destino.

Alfabetização	
Sim	51
Não	50
Sem informação	223

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados dos livros de registro de entrada de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2020.

Quadro 11 – Procedência dos italianos que tiveram Pelotas como destino.

Procedência	
Montevidéu	46
Rio de Janeiro	31
Rio Grande	2
Sem informação	245

Fonte: quadro elaborado pela autora com base nos dados dos livros de registro de entrada de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2020.

Como pode ser visualizado, muitos desses itens não possuem informações pelo fato de os livros serem muito heterogêneos entre si e não contemplarem alguns itens. Dessa forma, a análise é um tanto limitada tangenciada pelos dados e informações que foram possíveis de serem reunidos para esta pesquisa. O primeiro item observado refere-se à religião. Nesse caso, todos os italianos que entraram em Pelotas neste período de tempo foram registrados como católicos. Porém, isso não significa que não houve no município italianos imigrantes de outras religiões nem mesmo que esses italianos não estiveram envolvidos em outros segmentos religiosos, como a maçonaria, por exemplo. As fontes analisadas em outros capítulos, ainda que não de forma explícita, apontam nessa direção do envolvimento entre os italianos em Pelotas e a maçonaria.

Referente à profissão desses italianos que vieram para Pelotas, o maior número, nesses registros, é de agricultores e, na sequência, profissionais com atuação na área urbana. Como se mencionou anteriormente, muitos italianos se instalaram no espaço urbano e trabalharam em muitas profissões no meio urbano, tais como essas registradas no quadro, informações essas que também são registradas nos relatórios consulares, como o de Ciapelli (1905).

Quanto ao item de serem alfabetizados ou não, nota-se que, das informações obtidas, mais ou menos metade eram alfabetizadas. Sem pretensões de análises mais profundas com esses dados, reforçam-se estudos (Luchese, 2012) existentes de que os imigrantes italianos que vieram para o Rio Grande do Sul, sobretudo, não eram todos analfabetos.

O último item é referente à procedência desses italianos que tiveram como destino Pelotas. Muitos, a maioria, não vieram diretamente da Itália especificamente para a região de Pelotas, mas, sim, vieram para Pelotas provenientes de outras regiões do Brasil e também do país vizinho, Uruguai. Dessa forma, pode-se concluir que muitos dos italianos que se instalaram em Pelotas não chegaram ao município diretamente vindos da Itália, mas vindos de outras localidades do Brasil. Outro elemento importante a ser mencionado é a importância que a imigração italiana em Pelotas adquiriu do ponto de vista consular e diplomático. Nos relatórios e livros, há a frequência de informações sobre o município. Por esse viés, a partir dessas considerações, no próximo tópico será abordado como os Cônsules italianos referiam-se, em seus relatórios, ao município.

3.2 Pelotas nos relatórios dos representantes diplomáticos italianos e dos viajantes e a produção da italianidade

Neste item, serão analisados alguns relatórios de representantes consulares italianos que escreveram sobre Pelotas, assim como produções de italianos que passaram por Pelotas e a incluíram em seus relatórios, alguns dos quais foram compilados em livros. Também se analisa um conjunto de documentos que guardam correspondências entre o consulado italiano em Porto Alegre e o governo do estado do RS e algumas autoridades municipais, entre estas de Pelotas. O objetivo é analisar a visão destes acerca do município de Pelotas em uma integração com os já consolidados estudos sobre o município. Dentro dessa perspectiva, entende-se que esses documentos forneceram uma visão abrangente sobre o município e, de certa forma, até mesmo inédita tendo em vista a não utilização dessas fontes de pesquisa por outros pesquisadores. Decerto que há a compreensão de que esta é uma das muitas visões que se podem ter sobre a história de Pelotas e não se tem por objetivo desconsiderar os estudos e as pesquisas existentes, mas, sim, ampliá-los.

De forma geral, podem-se dividir os relatórios e livros usadas neste texto em duas categorias: primeiro, os documentos consulares escritos pelos representantes diplomáticos, os quais eram uma obrigatoriedade a sua produção e o seu envio ao *Ministero degli Affari Esteri*; E segundo, os livros e os relatórios escritos por viajantes, os quais trazem informações e dados mais genéricos acerca de diversas regiões. Esses dois conjuntos de do-

cumentos complementam-se entre si e possibilitam uma análise entrecruzada mais abrangente e aprofundada.

Um dos relatórios consulares mais completos sobre o município de Pelotas foi escrito por Enrico Acton, vice-cônsul neste município, intitulado *La città di Pelotas*. O relatório descreve a situação do município a partir de vários elementos. Data do ano de 1889 e declara seu propósito: “o objetivo do presente relatório é dar uma ideia geral, mas precisa da cidade de Pelotas, onde o Governo Real julgou útil a instalação de uma repartição consular dirigida por um funcionário de carreira” (Acton, 1889, p. 157, tradução nossa).

No relatório de Acton (1889), encontram-se diversificadas informações sobre o município. Apesar de ter no título a palavra cidade, ele se refere ao município como um todo. Acton divide o relatório em três partes: a cidade, o comércio e a colônia italiana.

O vice-cônsul escreve informações sobre o nome do município e a sua origem. Enrico Acton menciona a qualificação dos habitantes de Pelotas, os quais a chamam de Princesa do Sul. Na concepção do autor do relatório, uma qualificação sem justificativa. Em suas palavras: “[...] a cidade que, com pouca satisfação justificada, os habitantes qualificam como Princesa do Sul [...]” (Acton, 1889, p. 157, tradução nossa).

Acton ressalta que não houve a possibilidade de ele escrever sobre a nacionalidade dos habitantes de Pelotas (exceção dos italianos) devido ao desaparecimento desses dados. No tópico *popolazione e aspetto della città* (população e aspecto da cidade), são descritas as condições de habitação da cidade, assim como a percepção do vice-cônsul acerca do espaço urbano. Conforme o relato, a cidade possuía quatro mil casas:

A cidade de Pelotas ocupa uma área de cerca de 300 hectares, com cerca de 4.000 casas. Mas, essas casas são tão pequenas, geralmente limitadas a um andar térreo e frequentemente em um armazém simples, que no cálculo da população contam-se seis habitantes para cada uma delas (Acton, 1899, p. 158, tradução nossa).

Acton faz os seguintes comentários sobre a cidade de Pelotas:

Esteticamente a cidade é feia: pobres edificações construídas no alinhamento predial ladeiam estradas longas, largas, mal pavimentadas, de aspecto monótono. Poucos edifícios públicos de nenhum valor artístico, raros jardins, em vez de variedades, enfatizam a tristeza do conjunto. Situada em uma planície não cultivada, rodeada de areias, lagoas, águas paradas, a cidade como tema e os arredores como paisagem oferecem um quadro dos mais pitorescos que se possa imaginar (Acton, 1889, p 166-167, tradução nossa).

Nesse ínterim, nota-se que, ao mesmo tempo em que Acton descreve Pelotas como uma cidade feia e pitoresca, ele também ressalta o seu potencial econômico de exportação e a sua importância para a Província do Rio Grande do Sul, salientando que Pelotas é o segundo município mais importante do estado. Entende-se que o cônsul compreende os aspectos da economia do município, e escreve sobre isso de forma positiva, mas critica a cidade em termos de urbanidade e sofisticação. Nos textos clássicos que abordam o município de Pelotas, é comum a exaltação de Pelotas como uma cidade cosmopolita, com hábitos requintados e uma elite urbanizada, que sabia apreciar a vida cultural da cidade. Acton (1889) vai de encontro a esses textos. Salienta-se, também, que não se tem a pretensão de escolher uma das versões sobre o município, mas, sim, o objetivo aqui é realizar algumas problematizações sobre a escrita do relatório de Enrico Acton. A compreensão desta pesquisa é que uma cidade não é única e homogênea, havia, e há, itens plausíveis de elogios e outros que mereciam

ser melhorados e, portanto, passíveis de críticas. Em se tratando de espaço urbano, não havia, e não há, uniformidade de condições urbanísticas em uma cidade, havia, e há, muitas Pelotas dentro de Pelotas. As visões sobre os aspectos de urbanização e sofisticação dos espaços são muito relativas. A visão e a conexão que cada um tem de vivência em outros lugares influencia seus gostos e o que se considera uma cidade sofisticada, cosmopolita ou não.

Nesse momento, é oportuno mencionar que este cônsul viajava para outras cidades com estrutura, talvez, melhor do que Pelotas é, nesse sentido, buscava realizar comparações no que se refere à urbanidade das cidades. Além disso, Acton era europeu, tinha vivência em outras cidades fora do Brasil e a sua visão estava presente nos relatórios. Era membro da diplomacia italiana, a qual era, quase em sua totalidade, formada por membros de uma elite. Ao analisar as cidades por onde passava, sua concepção, seu modo de ver o mundo, suas referências acerca da urbanidade das cidades estavam presentes, pois, conforme Barausse (2017), quase todos os membros consulares faziam parte de um grupo nobre, os quais poderiam ter uma perspectiva colonialista. Por outro lado, é interessante entender como estava estruturada a cidade de Pelotas na época em que Acton escreveu esse relatório. Pomatti (2011) considera, que em meados do século XIX, Pelotas era um importante município do estado, dada a sua economia que crescia em decorrência, principalmente, da indústria do charque, mas, por outro lado, a infraestrutura urbana ainda era precária e deficiente. Quando Acton escreve que a cidade não tem sofisticação, poderia estar se referindo a esse aspecto da cidade, pois, apesar da adjetivação pejorativa, Acton ressalta que, nos últimos anos, a

cidade prosperou, tornando-se economicamente a mais importante da Província do Rio Grande do Sul, depois da Capital do estado (Acton, 1889).

Para Iotti (2001), nesta análise dos relatórios dos Cônsules Italianos no Brasil, é necessária a compreensão de que os cônsules, além de serem representantes oficiais, pertenciam a classes sociais privilegiadas, as quais estavam vinculadas diretamente à formação do estado italiano. Por conseguinte, a escrita dos cônsules estava em consonância com os interesses do governo italiano pela imigração e estavam inseridas as suas visões pessoais.

No assunto da economia de Pelotas, Acton (1889) escreve sobre a importação do município, ressaltando que quase não há produtos italianos. Conforme o relatório, os imigrantes residentes não têm, neste momento, hábito de consumir produtos da pátria de origem. Mas, decerto que, nessa conjuntura, não deve ser desconsiderada a distância entre Itália e Pelotas e a logística para a importação de produtos, assim como o poder aquisitivo dos italianos em Pelotas. A partir dos materiais mobilizados para esta pesquisa, pode-se perceber que essa imigração foi composta, sobretudo, por operários (na cidade) e colonos instalados na região da Serra dos Tapes. Sim, há algumas famílias italianas abastadas, mas estas não iriam elevar os índices de importação dos produtos italianos. Nesse discurso do cônsul, é possível, também, identificar um certo incentivo ao consumo de produtos italianos, o que era interessante por dois motivos. O primeiro, de ordem econômica e o segundo, alinhado à produção e à estimulação do sentimento de italianidade, para a qual os relatórios dos cônsules tiveram um papel importante.

O próximo espaço do relatório refere-se aos italianos em Pelotas e a situação destes. Acton registra, em seu relatório, informações sobre os imigrantes italianos que chegaram a Pelotas:

Entende-se bem que essa não é constituída por emigrantes propriamente ditos, ou seja, aqueles de nossos nacionais que vêm para a América do Sul com viagens gratuitas ou parcialmente gratuitas e que são especialmente destinados à agricultura. Estes estão em núcleos separados, na campanha [...] (Acton, 1889, p. 165, tradução nossa).

Para o autor do relatório, havia italianos na campanha, dos quais ele descreve a condição em uma próxima viagem, quando visitará as colônias nos territórios das províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E, também, havia os italianos no que ele denomina “Colônia cidadina”, referindo-se ao espaço urbano do município. Ainda Acton descreve os italianos e descendentes que estavam estabelecidos na cidade:

A colônia cidadina, se assim posso chamá-la, é composta de indivíduos e famílias que chegaram na América em diferentes épocas e em diferentes circunstâncias e que depois de vários eventos ou nas Repúblicas vizinhas ou no Império, vieram e se estabeleceram em Pelotas; da mesma forma que outros por conveniência instalaram-se em outras cidades (Acton, 1889, p. 173, tradução nossa).

Pela citação, observa-se que a maioria dos italianos instalados na cidade de Pelotas não vieram diretamente da Itália e, sim, emigraram primeiramente para outras regiões e depois vieram para Pelotas. A partir disso, entende-se que a imigração urbana em Pelotas teve diferenças da rural, não somente nas profissões. Pelo que se percebe, a imigração urbana em Pelotas, anterior à rural, foi composta por indivíduos e famílias que vieram de outros locais do Brasil e, também, de outros países vizinhos. Decerto que há imigrantes que vieram direto da Itália. O que se defende aqui é o fato de a maior parte

da imigração urbana ter inicialmente se dirigido a outros locais. Em algum momento, resolveram vir até Pelotas, atraídos, talvez, pelo que se demonstrou anteriormente: a situação econômica do município. Havia um espaço para essas pessoas dentro da sociedade pelotense da época.

Pasquale Corte, em seu relatório publicado na forma de livro no ano de 1884, escreve sobre o fenômeno imigratório no Rio Grande do Sul. O relatório é um importante texto para compreender a imigração de italianos que inicialmente foram para o Uruguai e posteriormente se dirigiram para alguns municípios brasileiros no estado do Rio Grande do Sul. Corte (1884) escreve que para cumprir com a meta assumida com o governo brasileiro de introduzir cem mil italianos no Brasil, o empreendedor Serpa Pinto Júnior, além de publicar uma circular na Itália para a vinda de imigrantes, também recorreu a italianos que estavam em Montevideo e em Buenos Aires para completar essa meta de cem mil italianos. Conforme Corte (1884), esses imigrantes italianos advindos do Uruguai e Argentina não eram, em sua maioria, agricultores, mas operários e outras profissões, para o autor:

Assim tiveram origem os primeiros núcleos italianos de alguma importância em Porto Alegre, Pelotas, Bagé, Rio Grande, Cachoeira, Rio Pardo etc. Mas, existe uma grande lacuna entre os núcleos agrícolas fixos e esses. Os primeiros emigraram com a intenção de estabelecer aqui o seu domicílio e depois trouxeram consigo as poucas substâncias [recursos financeiros] que possuíam da Itália e as revertiram no débito das terras que haviam adquirido. Os demais, por outro lado, partiram com a ideia de criar economias para depois voltar para casa e o que acumulam, com poucas exceções, também enviam para a Itália (Corte, 1884, p. 09, tradução nossa).

Ainda Corte (1884) faz a referência de que a imigração italiana nesses lugares próximos à fronteira do

Rio Grande do Sul com o Uruguai e Argentina e também em Pelotas teve importância em um período anterior a 1875.

No final do relatório, mesmo que Acton não tenha visitado a colônia rural, o vice-cônsul faz comentários a respeito das colônias agrícolas. No relatório, é mencionado que as melhores terras não são dos imigrantes e estes estão em lugares selvagens, discurso que reforça a italianidade. A *italianità* foi, também, impulsionada pelos cônsules italianos nos relatórios referentes a Pelotas, onde se encontram informações sobre a adaptação dos italianos e a situação econômica destes:

Toda dedicada ao exercício das artes e dos ofícios, a colônia de Pelotas é trabalhadora e tranquila: pelas necessidades da vida confunde-se com o elemento indígena e aprende com facilidade a língua portuguesa, mas preserva nobres sentimentos patrióticos, não negligenciando a ocasião de comemorar as glórias de nosso ressurgimento e relembrando os encantos da pátria de origem com a esperança de poder retornar (Acton, 1889, p. 173, tradução nossa).

A partir desse trecho, pode-se pensar em duas questões, as quais estão interligadas e têm estreita relação: a relação do imigrante italiano com o trabalho e a potencialização da *italianità*. Percebe-se, a partir disso, a menção às virtudes dos italianos para o trabalho. De certa forma, há a atribuição de que o trabalho, para os italianos, representa mais que o trabalho em si, mas é uma característica forte desse grupo étnico, pelos discursos que se encontram nos relatórios e em outras documentações. Produz-se essa ideia da italianidade e do trabalho, o ser italiano remete a essa capacidade de serem trabalhadores. Isso lhes confere determinada identidade. Gabaccia escreve sobre a criação da nação italiana no exterior e esse sentir-se italiano ao cruzar o oceano:

[...] quando os habitantes da Itália deixaram sua terra natal por longos períodos ou realizaram longas viagens, como os comerciantes genoveses, muitas vezes partiram com seus antigos vizinhos e, em muitos casos, foi essa a primeira vez em que se definiram “nações” (Gabaccia, 2003, p. 06, tradução nossa).

Ainda, é possível perceber elementos da italianidade presentes na escrita, quando o cônsul escreve que a situação da colônia é satisfatória.

Além desse relatório escrito por Enrico Acton, há outros que também abordam o município. O cônsul Ciapelli (1905) registra que, nesse ano, Pelotas é sede de uma agência do Consulado Italiano no RS. Neste relatório, são contabilizados 1.400 italianos em Pelotas. Ainda é especificado sobre as profissões dos italianos no município neste período de tempo. Conforme o relatório, dos 1.400 italianos em Pelotas:

[...] entre os quais 25 negociantes, com um capital total de signatários, 3 construtores, 198 entre lojas e funcionários comerciais. Há, também, 354 agricultores, 183 operários, 117 sapateiros, 14 chapeleiros, 46 carpinteiros, 20 ferreiros, 30 alfaiates, 15 pedreiros e 141 entre tinturarias, padeiros, cozinheiros, confeitores, jardineiros, etc [...] Em Pelotas existem 18 casas [comerciais] de propriedade de italianos, com um valor total de cerca de 190 contos (Ciapelli, 1905, p. 207, tradução nossa).

Esses dados são importantes não somente para perceber os números dos italianos em Pelotas, mas, também, para compreender como este grupo estava distribuído dentro da estrutura da cidade. É possível identificar que estavam distribuídos em diversas profissões urbanas e na área colonial. Sobre a colonização em Pelotas, escreve o cônsul Velutiis (1908): “Colônias menores – Grande número de italianos encontra-se espalhado em outros núcleos menores, tais como: Maciel, S. Antonio, Accioli, Cangussù e S. Pedro, próximo de S. Antonio [...]” (Velutiis, 1908, p. 743, tradução

nossa). Conforme se pode observar neste relatório, Pelotas encontra-se listada entre as colônias menores. Acerca da Colônia Maciel, local de maior concentração dos italianos na área rural, esta é formada, conforme Brichanteau (1892), majoritariamente, por famílias italianas advindas da região do Vêneto e alguns meridionais (*mezzogiorno*, região sul da Itália). Este mesmo cônsul elenca que em Pelotas há alguns italianos com propriedades urbanas:

Na cidade de Pelotas, os nossos compatriotas são geralmente do sul da Itália, artesãos ou negociantes. Quase todos os hotéis são administrados por italianos, incluindo os principais: Aliança, Brazil, Piemontese, Milão, etc; bem como as melhores vendas de pães, lavanderias, lojas de produtos alimentares, fábricas de massas e calçados. Os principais acionistas da linha de bondes são italianos. É doloroso ter que declarar que, embora a colônia italiana de Pelotas seja boa e trabalhadora, ela não é bem vista pelas pessoas do país [município] (Brichanteau, 1892, p. 125, tradução nossa).

Nesse mesmo relatório, o cônsul descreve a situação de uma colônia rural, a qual concentrava e concentra a maior parte dos colonos de origem italiana em Pelotas:

Colônia Maciel – É habitada por cerca de cinquenta famílias, quase todas italianas (do Vêneto e algumas do Sul); calculando de 6 a 8 pessoas por família, pode-se dizer que a colônia tem de 300 a 400 pessoas [...] Os nossos colonos trabalham arduamente, mas não conseguem obter prosperidade porque, devido à falta de rotas de comunicação, não conseguem vender seus produtos [...] (Brichanteau, 1892, p. 125, tradução nossa).

Ainda, Brichanteau traz, em seu relatório, uma tabela com os dados numéricos dos italianos nas colônias existentes no alcance do Consulado italiano em Porto Alegre, entre as quais encontra-se Pelotas e entorno, com um número de 4.600 italianos.

Outras fontes analisadas são publicações de viajantes. O primeiro deles é o livro escrito pelo professor

Giovanni Pietro Malan durante sua viagem ao Brasil. A publicação, intitulada *Un Viaggio al Brasile*, foi publicada no ano de 1885 e relata a sua vida no Brasil e suas impressões sobre as cidades pelas quais passou, entre elas Pelotas. Malan, durante um período de tempo, foi agente consular italiano neste município. Porém, no seu livro, não é registrada nenhuma informação referente a sua representação consular. A viagem de Malan da Itália ao Brasil passou por Montevideú, no Uruguai. Assim, nas primeiras páginas do livro, são descritas as condições do país e da comunidade italiana instalada nesse local. O livro foi publicado em 1885, mas, possivelmente, suas anotações referem-se a anos anteriores. A partir dos livros de registros de imigrantes no estado do Rio Grande do Sul, não foi possível mapear quando o professor entrou no estado. Malan não descreve a cidade de forma detalhada nem mesmo a colônia italiana cidadina no município:

A poucos minutos de ferrovia ou a algumas horas de navegação de Rio Grande no interior e justamente no braço direito do rio S. Gonçalo, em meio a planícies muito férteis e vastas, está a linda cidade de Pelotas com suas estradas espaçosas e direitas ladeadas por edifícios brancos, por jardins agradáveis e vivendo uma vida própria, como uma rica e graciosa herdeira do campo (Malan, 1885, p. 15, tradução nossa).

Sua vivência em Pelotas na posição de agente consular foi posterior à escrita desse documento. Porém, na sua breve escrita sobre Pelotas, ela ressalta características que outros viajantes também exaltam. Malan observou e descreveu Pelotas como a consolidação de uma sociedade urbana “sólida” (Malan, 1885, p. 14-15). O professor Malan, em sua breve visita a Pelotas, identificou, somente no contexto urbano, a presença de mais de trezentos italianos e, não por acaso, Malan encontrou os representantes mais dinâmicos da vida econômica e

cultural italiana, como o proprietário do Hotel Aliança e o pintor Frederico Trebbi: “Uma grande quantidade de couro e carne salgada é exportada de Pelotas; há mais de trezentos italianos, entre os quais conheci o pintor Trebbi e o proprietário do Hotel Aliança” (Malan, 1885, p. 15, tradução nossa). Não se sabe as motivações e os objetivos da viagem do professor Giovanni Malan ao Brasil e tampouco da publicação do seu relato em forma de livro. Porém, como já observado, Malan, mais tarde, tornou-se um representante consular e também, exerceu a profissão de professor, escrevendo inclusive uma cartilha para o ensino dos filhos dos italianos.

Outro relato analisado é o livro do viajante italiano Vittorio Buccelli, intitulado *Un Viaggio a Rio Grande del Sud* e publicado no ano de 1906. Esse livro é numericamente mais volumoso que o do professor Malan e entra em alguns detalhes maiores. Apesar de o título do livro ter como foco o estado do Rio Grande do Sul, Buccelli registra suas impressões acerca de outros estados pelos quais passou, claro que a maior parte do livro se refere ao RS. Nas primeiras páginas do livro, o autor escreve sobre a sua vinda para o Brasil a bordo do que ele chama de um navio de imigrantes, ou seja, um navio no qual havia muitos imigrantes, sobretudo italianos. Nesse momento, Buccelli escreve sobre suas impressões na viagem, ressaltando que ele, junto com outros poucos, tem o privilégio de viajar na primeira classe (Buccelli, 1906). O autor continua explicando sua impressão de que aqueles que decidiam emigrar da Itália para o Brasil, por mais informações que tivessem acerca do país por meio daqueles que já conheciam, não conseguiam ter a dimensão do que encontrariam nas suas chegadas e as visões antes do desembarque eram, por vezes, romanceadas.

Especificamente sobre o município de Pelotas, Buccelli descreve no capítulo intitulado *Per le colonie*, dentro de uma seção específica, Pelotas e Rio Grande. Acerca dos registros sobre Pelotas, é possível dividir a escrita do autor em dois tópicos, o primeiro relacionado ao município em si, número de habitantes, economia, exportação, atividades comerciais, população, instituições da cidade, personalidades da época e, em um segundo momento, informações sobre os italianos em Pelotas e suas instituições. Na abertura do capítulo, escreveu Buccelli “Pelotas é uma das cidades mais bonitas do estado do Rio Grande; é a segunda depois de Porto Alegre, é construída em piso elevado e tem cerca de 35.000 habitantes” (Buccelli, 1906, p. 371, tradução nossa). A descrição de Pelotas, assim como de outras localidades, é acompanhada por fotografias do município, sobretudo do espaço urbano pelotense. Durante sua permanência em Pelotas, Buccelli permaneceu hospedado no Hotel Aliança, o qual era de propriedade de famílias de imigrantes italianos. Inicialmente em seu relato, o autor descreve os edifícios do centro histórico e entorno, em suas considerações:

Nota-se em todos esses edifícios não um luxo imoderado ou grotesco que foi abusado em certos momentos de prosperidade inesperada em várias cidades da América do Sul, mas uma sobriedade decente de cores e ornamentos e uma certa harmonia de linhas sem grande audácia estética e estática e sem ostentação de uma riqueza que não existe (Buccelli, 1906, p. 372, tradução nossa).

Na sequência, Buccelli escreve que seu principal interesse é conhecer a atividade das charqueadas em Pelotas e, para isso, dedica uma inteira jornada para visitar esses estabelecimentos. Há no livro uma descrição do que era uma charqueada, com maiores detalhes do que a descrição de outros locais. Tendo em vista o

possível público leitor de italianos, era necessária essa explicação. Assim, muitas páginas foram escritas para dar uma dimensão das atividades charqueadoras. Sobre a cidade, Buccelli considera que: “[...] Pelotas, uma das cidades mais importantes do estado, que se encontra a 29 milhas mais ao norte do Rio Grande” (Buccelli, 1906, p. 54). Imediatamente logo após o registro sobre as charqueadas, Buccelli começa a abordar os italianos no município de Pelotas:

Em seguida, fizemos um *tour* pelo mercado, onde também encontramos um contingente respeitável de vendedores italianos. Nos campos, pode-se dizer que o italiano é raro, ou melhor raríssimo: mas nas cidades onde se adapta a todos os empregos por humildes que somos, nas montanhas onde há a necessidade de fertilizar a terra pelo suor, eles nunca faltam. Em Pelotas, são encontrados em grande número nas colônias, que ocupam todo o território ao norte do município.

Os italianos têm uma posição em Pelotas não menor que a de outras nacionalidades. Eles adquiriram consideração pública com seu trabalho e atividade constante e há uma prova da adesão de todos os cidadãos ao funeral de Umberto I, em 1900, realizado pela colônia. Eles têm uma Sociedade de Beneficência próspera, que até tem seu próprio prédio, e em todas as circunstâncias tentam honrar o nome e ao crédito da Pátria Distante (Buccelli, 1906, p. 377 – 378, tradução nossa).

Esses são os únicos momentos em que Vittorio Buccelli aborda a comunidade italiana no município de Pelotas, sem detalhes maiores de como estavam organizados e sem entrar na especificidade da escola italiana no município que existia nessa época. No entanto, observam-se itens significativos, como uma sociedade italiana existente na época, assunto do próximo item, assim como a já mencionada relação entre os italianos, seus descendentes e o mundo do trabalho. Além disso, há referência à adesão e à comoção dos italianos ao funeral do Umberto I. O objetivo da sua viagem pelo Brasil, e principalmente pelo Rio Grande do Sul, não

era descrever minuciosamente os italianos. Buccelli não era um enviado do governo italiano com esse propósito, mas, sim, um deputado italiano³⁶ que se dirigiu ao Brasil a convite do Partido Republicano Riograndense – PRR (Beneduzi, 2015) e o objetivo da obra foi de:

[...] descrever a situação contemporânea do estado, considerando a produção agrícola e manufatureira, as questões urbanísticas, a política, as problemáticas culturais e de instrução, com o objetivo de incentivar o investimento de capitalistas italianos na região e a partida de mais imigrantes para colonizá-la (Beneduzi, 2015, p. 119).

Para o autor, o livro de Buccelli refletiu ao mesmo tempo a visão que o PRR gostaria de demonstrar e a visão do próprio autor que viajou e escreveu o livro, ou seja, havia uma intencionalidade na produção da publicação que, certamente, influenciou no que acrescentar no livro e no que não inserir.

Outro relato, em forma de livro, é o de Ranieri Venerosi Pesciolini, publicado no ano de 1914 com o título de *Le Colonie Italiane nel Brasile Meridionale: Stati di Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná*. Este livro foi uma publicação da *Italica Gens*³⁷ e, também, a viagem foi propiciada por essa associação para a América do Sul. Conforme o autor, nos três estados do sul do Brasil, foi realizada em quatro meses e o objetivo era de:

³⁶ Sobre Vittorio Buccelli: “[...] O viajante italiano foi prefeito de Nizza Monferrato, cidade da província de Asti, na região do Piemonte. Foi eleito em 1904 para a Câmara dos Deputados, onde permaneceu por aproximadamente 15 anos, durante três legislaturas [...]” (Beneduzi, 2015, p. 120).

³⁷ A *Italica Gens* “[...] foi estruturada através de um escritório central em Turim e duas secretarias centrais, em Nova York (EUA) e Buenos Aires (Argentina). No Brasil, começou nos anos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial com forte presença do clero italiano, a IG realizou atividades significativas em Brasil [...]” (Barausse, 2019, p. 307, tradução nossa). Para saber mais, ver: Barausse, 2019.

O objetivo deste escrito é mostrar como é conveniente para nós cuidarmos, de forma mais eficaz do que fizemos até agora, daquelas colônias já estabelecidas e formadas; porque, dadas as condições peculiares de imigração mostrada nesses Estados, elas oferecem um campo para um trabalho verdadeiramente profícuo de nossa parte, para a explicação de uma política de emigração que em outras colônias italianas além-mar é extremamente difícil (Pesciolini, 1914, p. 10, tradução nossa).

O autor descreve o estado do Rio Grande a partir de algumas regiões e cidades mais importantes na época. Neste livro, Pelotas é abordada juntamente com Rio Grande e Bagé como se segue:

A cidade de Pelotas, situada também na Lagoa dos Patos e acessível a vapores de discretas toneladas, conta com cerca de 26.000 habitantes: a indústria de maior importância na cidade e no município é o charque; depois, há cervejarias, velas, chapéus etc.

Há uma colônia alemã numerosa e rica: residem poucos italianos, e são negociantes e operários: os italianos residentes no município ascendem a um mil e exercitam trabalhos dos mais variados (Pesciolini, 1914, p. 31, tradução nossa).

A publicação de Pesciolini não traz descrições maiores sobre os italianos em Pelotas nem mesmo informações detalhadas e extensas sobre Pelotas. Isso poderia explicar-se pelo pouco tempo em que permaneceu no município.

Outro livro que cita Pelotas foi escrito por Domenico Bartolotti do ano de 1930 com o título de *Il Brasile Meridionale*. Essa obra aborda os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na parte do livro dedicada ao Rio Grande do Sul e às principais cidades do estado, nesse momento, são feitas algumas observações sobre os italianos em Pelotas: “Um bom número de ótimos italianos vive em Pelotas, unidos em torno de nosso agente consular, prof. Ernesto Ronna, fervoroso fascista e valioso cientista, com muitas publi-

cações valiosas e um estudo profundo em 30 volumes sobre a natureza Riograndense” (Bartolotti, 1930, p. 447, tradução nossa). É necessário considerar que todas essas publicações utilizadas são de anos e momentos históricos diferentes, esse especificamente da década de 1930. Percebe-se, neste autor, uma exaltação às ideias fascistas deste período. Outro destaque interessante no texto é a menção ao Agente Consular em Pelotas, Ernesto Ronna. O álbum do cinquentenário também menciona Ernesto Ronna, o qual tinha relações com a maçonaria:

E no ensino teórico-prático das diversas ciências: agricultura, veterinária, meteorologia, química, laticínios, etc., [...]

E Dr. Duilio Bernardi, professor de engenharia civil desta Escola Superior? E o dr. Ernesto Ronna, professor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, dos Ginásios “Gonzaga” e “Pelotense” e da Academia Comercial de Pelotas, autor de mais de 170 publicações científicas, incluindo um valioso estudo em 30 volumes, sobre a Natureza do Rio Grande, e outro de 2º volume em torno da fitopatologia (doenças de plantas)? [...] (Cinquantenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 2000, volume I, p. 443, tradução nossa).

Outras fontes analisadas neste capítulo sobre os italianos em Pelotas é um conjunto de documentos que estão salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e podem ser considerados correspondências consulares. São, em sua maioria, correspondências trocadas entre o governo italiano, por meio do consulado italiano no Rio Grande do Sul, e as autoridades governativas brasileiras. Nessa série há muitos documentos referentes ao consulado italiano no RS, inicialmente em Rio Grande e depois em Porto Alegre, e as agências consulares em alguns municípios gaúchos, entre as quais Pelotas. Entre estes, não há relatórios escritos pelos representantes e, sim, correspondências trocadas. De forma geral, os documentos referentes a Pelotas

são aquelas trocas entre a representação diplomática italiana e alguns órgãos ligados à segurança e à polícia no município de Pelotas.

Nestes documentos específicos que dizem respeito a Pelotas, encontram-se registros de conflitos entre alguns italianos no município e pessoas de outras nacionalidades. Alguns desses documentos relatam uma agressão sofrida pelo vice-cônsul em Pelotas, Enrico Acton, durante uma comemoração nas dependências do Hotel Aliança. Assim escreveu o responsável pelo inquérito policial da época:

Em aditamento ao meu ofício de 06 de outubro último e em resposta ao vosso telegrama de 8 do mês findo, remeto-vos o inquérito a que procedeu o Delegado de Polícia de Pelotas acerca do conflito que houve no hotel “Aliança” entre o Barão Acton, vice-Cônsul da Itália naquela cidade, e alguns moços que ali se achavam no dia 19 de setembro deste ano (C. Costa, 09 dez. 1890, s.p.).

Ainda, uma outra série de documentos mostra alguns outros problemas entre grupos de descendência italiana com outras nacionalidades. As autoridades consulares italianas pedem para os órgãos da Secretaria de Polícia de Pelotas intervir nas investigações e com as devidas punições, caso necessárias. Em um dos documentos escritos pelo agente consular em Pelotas, Giovanni Pietro Malan, ele reclama da postura do Delegado de Polícia de Pelotas, o qual não aceita as considerações do consulado italiano e não toma nenhuma medida para punir aqueles que haviam cometido delitos contra alguns italianos. Na carta de Malan, ele lamenta a postura do delegado de Polícia ao ler uma carta do consulado, em suas palavras:

[...] Sr. Major Caldeira Comandante dos guardas de segurança pública, é delegado policial desta cidade, o mesmo Sr. Caldeira, depois de ler a carta em questão, disse em um tom arrogante: “Não aceito ordens de nenhuma autoridade estrangeira” (Carielo *apud* Malan, 27 jul. 1885, tradução nossa).

Esses documentos nos trazem uma dimensão social da presença dos italianos e seus descendentes no município de Pelotas. Como demonstrado acima, o objetivo deste capítulo não é somente quantificar esse grupo étnico, mas, também, abordar a partir de outras perspectivas que não somente a numérica. Neste sentido, essas fontes de correspondências mostram alguns problemas de relacionamento dos italianos e seus descendentes com a sociedade pelotense. Essas tensões envolviam as autoridades locais e consulares e essa troca de correspondência também denota alguns conflitos entre essas autoridades, como se pode notar a partir do trecho citado anteriormente.

3.3 As sociedades italianas de Mútuo Socorro em Pelotas e a assistência às escolas

As sociedades italianas foram organizadoras e proporcionadoras das escolas italianas em muitas cidades e estados brasileiros, assim como em outros países. Em Pelotas, esse movimento não foi diferente. As sociedades:

[...] eram associações que assumiram, em diferentes contextos, funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem através de festividades cívicas – *italianità*, foram espaços de auxílio mútuo em caso de doença, morte ou sinistro, e muitas também assumiram atividade de ensino (Luchese; Kreutz, 2010, p. 17).

Os imigrantes italianos comunicavam-se por meio de diferentes dialetos e tinham hábitos de vida diferenciados. Porém, ao se estabelecerem em um país diferente, buscaram o apoio mútuo, criando, nesse contexto, as sociedades de mútuo socorro, as quais tinham como função proteger os imigrantes (Luchese, 2007). Rech (2015) defende que as escolas italianas da

cidade de Porto Alegre (RS) estiveram vinculadas às Sociedades de Mútuo Socorro³⁸. Os anuários também se referem às iniciativas das sociedades em promover escolas, sobretudo na América:

Escolas italianas nas colônias da América – O movimento a favor das escolas italianas nas duas Américas tornou-se mais ativo e extenso nos últimos anos, graças à iniciativa espontânea e providente das sociedades de mútuo socorro e à generosidade de beneméritos patrióticos, pelo concurso de professores particulares, pela empolgação e ajuda do ministro das Relações Exteriores e pela sábia cooperação dos cônsules e agentes consulares. As escolas cresceram e melhoraram e o desejo de que os filhos dos italianos que ali residem não cresçam alheios e indignos à sua pátria natal agora parece mais vivo e ardente. O bem obtido até agora é o melhor que se pode esperar no futuro (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1890-1891, p. 206, tradução nossa).

Dentro desse contexto, as sociedades, assim como as escolas italianas, também serviram para a difusão e a manutenção da *italianità*. No andamento da pesquisa, foi perceptível a forte relação estabelecida entre as sociedades e as escolas italianas em Pelotas.

O Cônsul Legrenzi registra a existência de cinco sociedades em Pelotas no final do século XIX: *Unione e Filantropia* (1872³⁹ – Mútuo socorro); *Bellini* (1894 – divertimento); *Infantile* (1892 – divertimento); *Cristoforo Colombo* (1892 – Mútuo socorro); *Corale Savoia* (1894 – beneficência) (Legrenzi, 1895). A partir das datas de criação de associações observa-se que a primeira delas surgiu no ano de 1872, antes da grande imigração para o Rio Grande do Sul. O fato de surgir uma sociedade

³⁸ Sobre as associações de mútuo-socorro, ver a tese de Silva (2004).

³⁹ Alguns autores marcam a criação desta Sociedade no ano de 1873. No entanto, para esta pesquisa, utiliza-se a data de 1872 pelos documentos encontrados, tais como o citado relatório do cônsul Legrenzi, cartas do presidente da sociedade ao Ministério italiano, assim como a presença, já em 1872, de uma escola no interior dessa sociedade, algo que denota a sua existência já nesse ano.

italiana no município indica que houve um número significativo de imigrantes em Pelotas nesta época.

Há pesquisas, já realizadas, que abordam as sociedades italianas no município de Pelotas, sendo a principal delas a dissertação de Neis (2016). Nesse estudo, o autor percebe a produção da italianidade por meio das sociedades italianas no município. Loner (2001) escreve que, entre o final do século XIX e o início do XX, havia quatro sociedades italianas no município: *Unione e Filantropia*, *Circolo Italiano Garibaldi*, *Sociedade Italiana de Socorros Mútuos Cristoforo Colombo e Dante Alighieri*. Marcos Hallal dos Anjos (2000) escreve sobre as seguintes sociedades e suas respectivas datas de fundação: *Unione e Filantropia* (1873), *Unione e Filantropia* – dissidentes (1877), Sociedade de Socorros Mútuos *Circolo Garibaldi* (1883), Sociedades Italianas Reunidas *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* (1885), Sociedade 20 de setembro (1891), Sociedade de Socorros Mútuos *Cristoforo Colombo* (1892), Sociedade *Unione e Benevolenza* (1899).

Após uma dissidência da primeira sociedade italiana de Pelotas, *Unione e Filantropia*, foi fundada, por ex-membros desta, a *Unione e Filantropia* (dissidentes) no ano de 1877 (Anjos, 2000). No ano de 1885, as sociedades *Unione e Filantropia*, dissidentes, e *Circolo Garibaldi* uniram-se e formaram uma só, a *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi Reunidas* (Neis, 2016), instituição essa que perdurou por mais tempo no município e foi a organizadora da escola italiana que recebia subsídios do governo italiano. A *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* foi criada com a intenção principal de organizar aulas para os filhos dos sócios, sendo formados um coral e uma sociedade infantil (Pomatti, 2011). Pomatti (2011) ressalta que houve uma desorganização

interna nesta sociedade, a qual foi considerada extinta na década de 1920. Mas, no ano de 1926, foi reestruturada, funcionando até a década de 1930. É interessante observar que essa sociedade é reestruturada no mesmo momento do fascismo italiano, período esse em que também se buscou impulsionar a italianidade no exterior (Bertonha, 2016). A escola ligada a essa sociedade também teve um declínio durante os anos 1920 e uma reestruturação durante o período fascista nos anos 1930, conforme será demonstrado no capítulo cinco.

Como se pode observar, a partir das considerações tecidas anteriormente, as sociedades italianas em Pelotas tiveram um movimento intenso no município. Novas sociedades surgiram, outras encerraram suas atividades ou uniram-se em uma só. Essas dissidências das sociedades em Pelotas podem ser explicadas a partir de questões identitárias. Conforme Woodward (2014), um grupo étnico não é homogêneo, há, no seu interior, diferenças. Ao correlacionar com o grupo dos italianos, por exemplo, esses eram considerados como italianos, mas, dentro desse grupo, havia pessoas de diversas regiões da Itália. O ser italiano comportava múltiplas identidades. Pomatti e Loner (2010) escrevem que as dissidências dentro das sociedades aconteciam porque os primeiros italianos que chegaram ao município orientavam-se pelos partidos e visões políticas da Itália. Com isso, houve problemas dentro das sociedades, os quais nem sempre eram solucionados, surgindo, assim, novas associações. Vale lembrar que a primeira sociedade italiana em Pelotas teve uma ruptura, sendo fundada, pelos seus antigos membros, outra entidade com o mesmo nome e a palavra “dissidentes”. Loner (2001) escreve que as sociedades de estrangeiros no exterior tinham a característica de serem conservadoras, especialmente

no que se refere à política de seus países de origem. Havia uma obediência às autoridades do país.

A partir dos jornais, foi possível encontrar notícias referentes a essas tensões entre as sociedades. No ano de 1886, no jornal *A Discussão*, encontra-se a notícia do regresso a Porto Alegre do cônsul Pasquale Corte. Este teria vindo a Pelotas para tentar resolver uma divergência entre os membros da colônia italiana. Porém, conforme o periódico:

[...] infelizmente, porém o que sinceramente lamentamos, S. S. Não conseguiu vencer a divergência que existe em uma parte dos membros da colônia. Do emprego de sua delicada e patriótica intervenção, não surtiu, por ora, como deveria e era de esperar, o desejado efeito. E' o que lamentamos, repetimos (*A Discussão*, 16 out. 1886, p. 01).

Com essa citação, é possível identificar que as tensões entre as sociedades italianas envolviam a estrutura consular no Brasil. Eram discussões extrapolavam os limites locais e influenciavam, inclusive, as escolas italianas no município e nos subsídios do governo italiano. No jornal italiano de Porto Alegre *Stella D'Italia*, igualmente há notícias desses conflitos:

[...] E aqui estou eu em Pelotas, a cidade chamada Atenas Rio-Grandense por antítese, rica de negócios e de fábricas industriais, de casas suntuosas e praças ajardinadas, com ruas estreitas, mas movimentadas, profusamente iluminadas por gás e atravessadas em cada sentido da linha de trem a cavalo e inúmeras carruagens de duplo curso. – Aqui vive uma grande colônia italiana dedicada ao comércio e à pequena indústria; poupadora, economicamente bem colocada e geralmente bem vista, poderia estar à frente do movimento moral itálico, se uma divisão deplorável, originada, é preciso dizer, das ambições excessivas daqueles enriquecidos pela intransigência de alguns intelectuais, não a tivesse enfraquecido.

Constantemente acompanhado por nosso diligente agente Sr. Cesare Cesario, visitei regularmente os assinantes do *Stella*, retratam o melhor conceito; todos eles não compreendem a necessidade de reagir contra a praga que persegue a sua colônia e cuja base principal se encontra na sociedade

italiana chamada, com razão ou não, sociedades italianas reunidas. Convidado por seu digno presidente, o senhor Alessandro Bacchettini, pelo vice-secretário Giacomo Mancini e por nosso inseparável agente, fui visitar a sede: um elegante e sóbrio prédio de alvenaria com peristilo colunado, um pouco dilapidado; o salão de honra é o maior de qualquer outro visto até agora, cheio de pinturas alegóricas e históricas, mas que pena! Totalmente deserto. É possível ainda encontrar vestígios benéficos dos professores cap. Ancarani e Camilla Roncoroni, que se revezaram na direção de uma escola primária mista, hoje completamente morta; um e outro foram embora, e bancos e textos, e livros e ginásio, jazem miseravelmente abandonados.

A presente administração, composta por trabalhadores vigorosos, tem como objetivo restaurar sua vitalidade. Conseguirão? É pelo menos o que se pode desejar para a dignidade da colônia e o bom nome da pátria [...]

Colnachi (*Stella D'Italia*, 27 fev. 1908, p. 01, tradução nossa).

A notícia bastante extensa no periódico porto-alegrense traz vários elementos interessantes para a análise, primeiramente a referida tensão entre os membros da colônia italiana em Pelotas, assunto que não passou despercebido dos editores do *Stella D'Italia*. Outro elemento é a referência à sede da sociedade e à escola italiana que se encontrava fechada nesta data, 1910, conforme será demonstrado no capítulo cinco. Durante um longo período de tempo, a escola italiana em Pelotas esteve fechada no século XX por razões que serão explicadas no capítulo mencionado.

Outro fator que ocasionava tensões no grupo era a figura de Frederico Trebbi como agente consular no município, problema esse que refletiu, inclusive, nas escolas. No álbum do cinquentenário da imigração italiana, também estão contempladas essas discussões:

Também a *Unione e Filantropia* em Pelotas tem um honroso passado que a coloca entre as mais importantes Sociedades Italianas do Estado.

É também fruto do espírito patriótico de nosso povo mais humilde, a abnegação de nossos trabalhadores também fez

o milagre em Pelotas de ver o surgimento de um magnífico edifício que atesta a solidariedade daquela nossa colônia. Longa seria a enumeração dos pioneiros do espírito italiano na bela vizinhança da cidade, os quais todos reverenciam a venerável personalidade de Cap. Federico Trebbi, R. Agente Consular, e a quem está ligada a história da Sociedade *Unione e Filantropia*, uma história de altruísmo, de sacrifício, de lucrativas batalhas civis.

É verdade que, como comumente acontece, períodos de entusiasmo avassalador são frequentemente seguidos de longa sonolência ou, pior, paralisia de todos os membros operativos do organismo social. E se este fenômeno poderia também se reproduzir, com mais ou menos força, no que diz respeito à Sociedade Pelotense, não devemos, portanto, admitir a poderosa influência moral que este representante exerce na massa, como a ação benéfica por ele realizada no campo da assistência mútua, caridade e solidariedade colonial.

Ao reproduzir a fotografia da casa social da meritória *Unione e Filantropia*, cujos destinos se tornam prósperos, é a homenagem que se deve prestar a todos os fatores deste trabalho patriótico; é o espírito de emulação que se quer estimular em outras comunidades ainda sem nenhum sinal de sua organização.

Mas da Colônia de Pelotas outra corporação recente é lembrada: o *Fascio*, nascido por iniciativa de um grupo de jovens vigorosos, dirigidos pela mente equilibrada e culta do Dr. Ernesto Ronna, jovens que dedicam à causa da italianidade todo o seu fervor entusiasmo e consagram sua fé de ex-combatentes ou, em todo caso, de civis gregários (Cinquentenário da Colonização Italiana no Rio Grande del Sud, 2000, tomo I, p. 392-393, tradução nossa).

O álbum do cinquentenário da colonização italiana, ao escrever sobre as diversas sociedades no estado do RS, registra a sociedade de Pelotas *Unione e Filantropia*. Nessa citação, percebe-se um discurso romanceado sobre a sociedade de Pelotas, assim como para as demais, discurso esse que é característico dos álbuns e publicações comemorativas organizadas para tal fim. No entanto, há elementos importantes para a compreensão da comunidade italiana em Pelotas, como a menção ao *Fascio* local, um indicativo do envolvimento de alguns membros italianos com a ideologia fascista.

As sociedades italianas no município de Pelotas eram noticiadas com alguma frequência nos jornais pelotenses. Essas instituições, ao realizar reuniões, faziam as convocações aos seus sócios por meio dos jornais, os quais constituíam a imprensa da época. Nos periódicos, percebe-se, também, a existência de outras associações italianas em Pelotas, como, por exemplo, teatros, companhias musicais, hotéis, entre outros. Isso mostra que, no período de tempo analisado, existia uma rede de sociabilidade italiana no município, para Truzzi (2008, p. 208) “[...] a perspectiva de redes tenta explicar como são forjadas as relações sociais [...]”. É nessa perspectiva também que a presente pesquisa compreende a imigração italiana a partir da ideia de redes. Com isso, entretanto, não se entende que eles viviam afastados do restante da sociedade, mas, sim, que tinham seus espaços sociais.

Como exemplo da rede de sociabilidade, as reuniões da sociedade italiana *Unione e Filantropia* eram, por vezes, realizadas no hotel Aliança, propriedade de descendentes de italianos. Os donos desse hotel (Santiago Prati e Gaetano Gotuzzo) eram membros das sociedades italianas de Pelotas. A notícia do Diário Popular do ano de 1894 ilustra isto:

Festas Italianas

Ontem recebemos atenciosos os convites:

Para o baile que hoje, à noite, realiza a sociedade <<Vinte de Setembro>>, nos salões da sociedade reunida <<Unione Filantropia – Circulo Operario>>, sob a direção dos srs. Salvador Sicca, Domingos Stanssi e João Gigante;

Para o banquete que a mesma sociedade efetua amanhã, às 9 horas da noite, no hotel Aliança.

Assigna este convite o sr. Luiz Garbini presidente da <<Vinte de Setembro>> (Diário Popular, 19 set. 1894, p. 01).

Percebe-se que havia um grupo de italianos no espaço citadino que tinha uma posição social e econômica mais abastada e eram membros importantes e influentes dentro das sociedades italianas, as quais foram o local privilegiado das escolas italianas. No que diz respeito à liderança das associações italianas em Pelotas, conforme Constantino (1991), esta costumava ficar entre os sócios mais abastados economicamente. Segundo a autora:

A fundação de uma sociedade italiana, em 1877, demonstra um objetivo em comum que é o de querer ser italiano, identificar-se e se ver identificado como tal. Isto é possível dada a iniciativa de indivíduos que têm posição social, por vezes com destaque no comércio e nas artes, indivíduos que demonstram razoável nível cultural, desenvolvendo atividades na zona urbana onde progridem economicamente (Constantino, 1991, p. 44).

Nos periódicos do município de Pelotas, também, encontram-se elementos indicadores da italianidade, como a seguir:

Festas Italianas

A data de hoje, tão cara para nós os rio-grandenses, não é menos para os italianos, que nela comemoram a entrada triunfal das tropas italianas em Roma e a unificação de sua bela Itália.

E a colônia italiana aqui residente, que sempre tem dado os melhores exemplos de patriotismo, não deixará passar despercebida essa gloriosa data, pois organizou para soleznizar-la imponentes festejos, que já tiveram início à noite passada com um importante baile, realizado pela sociedade *20 settembre*, nos salões das sociedades reunidas *Unione Filantropia – Circolo Garibaldi*.

Hoje, a mesma sociedade e a *Cristoforo Colombo* mandaram salvar, cada uma com 21 tiros, a alvorada.

Na *Cristoforo Colombo*, depois da salva, se incorporaram os respectivos sócios e irão saudar o agente consular italiano s.r., Frederico Alberto Trebbi, precedidos de uma banda musical.

Esta associação efetuará, às 3 horas da tarde, uma sessão de gala.

Na sede das sociedades reunidas *Unione Filantropia – Circolo Garibaldi*, efetuará também a *20 settembre*, à 1 hora da tarde, uma sessão solene.

À noite, às 9 horas, esta sociedade realiza um lauto banquete no *Hotel Aliança*, fechando assim as festas comemorativas.

Para todos estes atos tivemos delicados convites (*Diário Popular*, 20 set. 1894, p. 01).

A comemoração das festividades do vinte de setembro pela comunidade italiana em Pelotas foi, com frequência, noticiada pela imprensa jornalística do município. Essa notícia acima é só um dos exemplos. Dessa matéria do *Diário Popular*, podem-se analisar dois itens, a já mencionada *italianità* e a ideia de redes mencionada anteriormente. Pois, a partir dessa citação, percebe-se a colaboração entre as instituições italianas, por exemplo, a sociedade *venti settembre* ofereceu um baile, o qual foi realizado nas dependências das sociedades reunidas *Unione e Filantropia – Circolo Garibaldi*. O *Hotel Aliança*, também, participa das festividades.

Outras festividades também eram comemoradas pelos italianos em Pelotas e registradas nos periódicos, conforme os excertos a seguir:

Notícia telegráfica transmitida pela cidade vizinha de Pelotas informa que aquela numerosa colônia italiana comemorou solenemente o dia 12 de outubro, aniversário do descobrimento da América. Uma sessão cívica foi realizada com toda a grandeza na qual vários oradores pronunciaram discursos entusiasmados. Em seguida, seguiu-se uma caminhada ordenada da Colônia em massa pelas ruas da cidade, encerrando a festa com um banquete animado e cordial sobre o centro coberto. Alegramo-nos sinceramente por esta manifestação patriótica com os compatriotas pelotenses, instando-os a manter sempre aceso no peito o fogo das cívicas virtudes pátrias (*Stella D'Italia*, 16 de outubro de 1902, p. 03, tradução nossa).

As duas sociedades, *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*, realizaram um baile, na noite do dia 12, para comemorar a grande data da descoberta da América [...] Entre vários membros da colônia italiana desta cidade surgiu a ideia de erguer um busto de mármore ao Herói dos dois mundos: Giuseppe Garibaldi. A ideia parece encontrar

pleno apoio em nossa colônia e também na sociedade brasileira [...] (*Stella D'Italia*, 23 de outubro de 1904, p. 03, tradução nossa).

Também de Pelotas recebemos os jornais <Opinião Pública> e <Diario Popular> ambos cheios de referências entusiásticas sobre a grande comemoração que reuniu <Unione e Filantropia> e <Circolo Garibaldi>.

Aquela colônia patriótica foi coberta de glória pela celebração da data mais brilhante do *Risorgimento* italiano, e o <Stella D'Itália>, reservando-se o direito de relatar longamente na próxima edição, felicita calorosamente os promotores do festival, bem como os das outras colônias acima especificadas (*Stella D'Italia*, 30 set. 1906, p.03, tradução nossa).

Ainda sobre as celebrações, há notícias de comemoração da data italiana do vinte de setembro na localidade de Monte Bonito, um distrito rural do município de Pelotas:

Monte Bonito (Pelotas)

(G. Siega) – Embora tarde, quero acenar a festa realizada pelos poucos italianos residentes neste local, assistidos pelos brasileiros, para solenizar a gloriosa data de 20 de setembro. Isso prova que embora longe da pátria, eles nunca se esquecem de honrar os seus feitos gloriosos (*Stella D'Italia*, 21 nov. 1909, p. 02, tradução nossa).

Neste ponto da pesquisa, são possíveis interlocuções com a invenção das tradições proposta por Hobsbawn (2012). As festas eram tradições recriadas no Brasil, ou reinventadas. As tradições reinventadas estruturaram-se em algo existente, mas há uma reelaboração a partir de novos elementos. No caso das festas e comemorações italianas, estas foram acrescidas de vivências e hábitos culturais adquiridos no Brasil, mescladas com aqueles da Itália. A identidade italiana no Brasil configura-se, também, desta maneira, pois os grupos étnicos, ao imigrarem, negociam identidades. Há incorporações de elementos do novo país em consonância com aquelas do país de origem. A identidade não é algo fixo, que não muda com o tempo. Ela é fluída e negociada de acordo

com os interesses do grupo. A italianidade também era incentivada e impulsionada pelas comemorações e festas que lembravam e conectam os que haviam imigrado com a pátria de origem e as notícias de jornais, como, por exemplo, os excertos citados acima do *Stella D'Italia*, o qual elogia e valoriza as festividades.

Nos jornais locais, é frequente, como dito acima, a notícia de admissão de novos sócios nas sociedades italianas:

Na sessão de domingo foram admitidos mais três sócios, que vão aumentar essa pléiade de distintos italianos que tanto se esforçam para que a sociedade atinja ao grau de prosperidade que lhe está destinado, tendo como tem por legenda a – caridade (Diário de Pelotas, 5 dez. 1876, p. 01).

Essas publicações nos jornais indicam a intenção das sociedades em mostrar publicamente suas atividades, assim como divulgar a imagem de uma associação que se preocupava com a caridade, como expressa a citação anterior. Além dessas notícias, as sociedades italianas publicaram quando era eleita uma nova diretoria:

As Sociedades reunidas <Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi> de Pelotas comunicam o resultado das eleições [...] A nova diretoria ficou assim composta: Presidente Alessandro Bacchettini; Vice-presidente Ulisse Simoni; 1º Secretário Emilio Palombo (reeleito); 2º Secretário Giacomo Mancini; Tesoureiro Achille Neri; comissão de contas: Alessandro Barella, Guido F. Valsani; Orador Aro Fantuzzi; diretores: Salvatore Felitti, Antonio Neri, Silvesyto Fortuna, Giovanni de Maio, Alvaro Alberto, Felice Iorio.

À associação nossos melhores votos de prosperidade (*Stella D'Italia*, 5-8 mar. 1908, s.p., tradução nossa).

Conforme Anjos (2000), é relevante a participação de estrangeiros na imprensa do município. Entre esses estrangeiros, estão, sobretudo, os alemães e os italianos. O autor salienta dois periódicos italianos em Pelotas: *Il venti settembre* (1883) de Carlos Cantaluppi e o *Echo*

da *Colonia Italiana* (1886). Rech (2015) também escreve sobre o jornal *Il venti settembre* e salienta que este foi o primeiro jornal italiano surgido no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, como já mencionado, não foi localizada ou identificada nenhuma edição desse periódico. Uma revista de curta duração também foi criada: “A publicação de uma revista ítalo-brasileira também teve início em Pelotas, que durou muito pouco” (Cinquantesenario della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, volume I, 2000, p. 446, tradução nossa).

Loner (2001) escreve sobre grupos musicais e salienta que alguns estavam ligados a estrangeiros, como, por exemplo, os italianos imigrantes. A autora cita a *Bellini* em Pelotas, referência também encontrada a partir do *Stella D'Italia*:

A ideia surgiu em alguns [sócios], a reorganização da antiga banda <Bellini> foi trazida para a discussão das “*Società Italiane Riunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*”. Na assembleia extraordinária realizada no domingo 10, esta proposta foi aprovada por unanimidade, designando-se para exercer as práticas necessárias à reorganização do corpo musical <Bellini> [...]

É tudo um programa de belas e úteis iniciativas que a *Società Italiane Riunite* pretende levar a cabo gradualmente, ajudando a manter vivo nos compatriotas o culto da arte de que a Itália é mestre e também o sentimento patriótico. Farão assim uma obra muito útil e civilizada, pois destas iniciativas surgirá a harmonia e união de todos nós, e as pequenas dissensões, os ressentimentos pessoais desaparecerão perante o sentimento único que nos deve mostrar ao país que nos hospeda: trabalhador, solidário e amante do progresso.

Contamos, portanto, com o apoio de toda a colônia, para que em breve a banda <Bellini> seja um fato consumado e importante para a comunidade italiana de Pelotas (*Stella D'Italia*, s.d., s.p., tradução nossa).

A reorganização desta banda musical *Bellini* foi proposta e aprovada pela sociedade italiana no início

do século XX com a intenção de manter ou reforçar o sentimento patriótico e, ao mesmo tempo, promover a união e concórdia dos italianos, fazendo desaparecer as dissidências e problemas pessoais no coletivo. Essa matéria no jornal demonstra que os problemas e tensões que existiam no século XIX no início da criação das sociedades ainda perduravam no século sucessivo.

Sobre as sociedades italianas, Loner (2001) salienta que estas mostravam a divisão da comunidade italiana em Pelotas. Para a autora, essas disputas refletiram na organização dos italianos e as entidades tiveram uma duração, por vezes, tumultuada. A instituição que conseguiu se manter por um longo período de tempo foi a *Società Italiane reunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*. Essa possui um patrimônio, incluindo sede própria em um amplo terreno (Loner, 2001).

No que se refere à documentação específica do interior do funcionamento das sociedades italianas em Pelotas, tais como livro de atas, listas de sócios e outros possíveis documentos, não é tarefa fácil encontrar esses documentos preservados ou acessíveis. Desta forma, para além dos documentos encontrados no ASMAE, foi possível ter acesso aos Estatutos dos anos de 1902 e 1903 da Sociedades Italianas Reunidas *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*.

No estatuto do ano de 1902, encontram-se alguns trechos importantes sobre a sociedade. De forma geral, o estatuto descreve as regras para o funcionamento da instituição, assim como o seu objetivo.

Artigo 1º: A Sociedades Italiana Reunidas *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* fundada nesta cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, em 1º de novembro de 1885, é uma associação essencialmente beneficente regida pelos presentes estatutos e tem por fim:

1º: Beneficiar, proteger e socorrer os seus associados, suas esposas e filhos menores;

2º: Dar sepultura ao sócio provado a falta de recursos, a juízo do Presidente da sociedade;

3º: Empregar todos os esforços para manter a maior harmonia entre os seus associados, e defendê-los contra a injustiça.

Capítulo 2º

Artigo 2º:

A sociedade compõe-se de sócios: ativos, contribuintes, beneméritos e honorários:

1º São sócios ativos: todos os italianos e filhos de italianos que atualmente fazem parte d'ela e os que de futuro forem admitidos pagando a jóia de 74.000 reis, incluída nesta soma a primeira anuidade de 24.000.

2º São sócios contribuintes: todos os que sem serem italiano, que atualmente fossem parte d'ela e os que do futuro fossem admitidos pagando a jóia correspondente

3º São sócios beneméritos: os que por serviços especiais prestados exclusivamente a sociedade, e que se torne dignos desse título.

4º São sócios honorários: todos aqueles a quem a sociedade conferir este título, em recompensa a serviços prestados à humanidade e a associação em particular.

5º Os sócios honorários gozam de todos os direitos conferidos por estes estatutos, exceto o de votarem e de serem votados (Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi, 1902, p. 01-02).

O primeiro elemento a ser considerado é o fato de o estatuto ser escrito na língua portuguesa e não na italiana. Nos documentos de anos anteriores das sociedades estes são escritos em italiano e não em português, talvez pelo fato de que as correspondências trocadas com o Ministério italiano deveriam ser compreendidas e, por isso, o uso do idioma italiano. Os estatutos, por sua vez, eram documentos internos e a sociedade era, também, composta por não descendentes de italianos e a escolha do português como idioma poderia se configurar como uma maneira de ser melhor compreendido. Ainda, no regulamento, há artigos que tratam especificamente da questão linguística:

Artigo 63º A Língua Italiana e a Portuguesa serão as únicas adotadas pela sociedade como símbolo de nacionalidade;
Artigo 64º Todos os sócios contribuintes que souber ler ou escrever italiano poderão votar e ser votado, de contrário só poderá votar (Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi, 1902, p. 01-02).

No que diz respeito às questões de escolarização, no estatuto de 1902, o único momento que menciona, de forma muito discreta, esse assunto é no artigo sobre as conferências que a sociedade poderá realizar: “Artigo 21º A sociedade poderá deliberar conferências sobre assuntos relativos à instrução e confraternização da Colônia Italiana” (Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi, 1902, p. 01-02). No Estatuto de 1903, a referência às questões educativas está no objetivo da sociedade: “fim da sociedade: Beneficência e Instrução” (Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi, 1903, p. 01).

Para o ano seguinte, 1903, há um outro estatuto, no qual há algumas ligeiras modificações e acréscimos no que diz respeito ao documento de 1902, entre as quais uma referência maior e mais explícita à nacionalidade italiana:

Art. 8º. A Sociedade como seu símbolo recolhe-se sob a bandeira italiana, a qual será desfraldada todos os domingos e dias feriados como também nas festas nacionais italianas e brasileiras, e será içada a meia haste pela morte de um sócio ou por luto nacional italiano e brasileiros (Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi, 1903, p. 02).

É interessante observar que o Estatuto da Sociedade previa, para os sócios residentes em Pelotas e que por motivo estivessem impossibilitados de trabalhar, uma assistência médica e um subsídio diário pelo período máximo de 60 dias (Sociedades Italianas Reunidas

Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi, 1903). Neste mesmo ano de 1903, é publicada a notícia da venda dos bens da sociedade italiana *Unione Filantropia e Circolo Garibaldi* por motivo de discórdia entre os seus membros:

Um amigo de Pelotas nos dá a triste notícia da venda em hasta pública dos bens da *Società Unione Filantropia e Circolo Garibaldi*, venda originada da dissidência entre os membros da associação: triste fruto da discórdia [...] (*Stella D'Italia*, 26 nov. 1903, s.p., tradução nossa).

No entanto, a venda dos bens, se esta ocorreu, não colocou fim à vida da sociedade italiana, pois encontram-se documentos que demonstram a existência dela em anos posteriores.

As instituições italianas em Pelotas fornecem indícios da movimentação desse grupo étnico em Pelotas. Pelas características e números da imigração em Pelotas, os quais discutiram-se no capítulo anterior, é interessante observar a quantidade de associações surgidas por este grupo étnico. Decerto que algumas tiveram uma efêmera duração, mas essa movimentação denota a presença deste grupo na sociedade pelotense. Ademais, percebem-se as relações sólidas estabelecidas entre as sociedades italianas e as escolas, as quais são objeto de investigação e serão abordadas nos capítulos seguintes.

4 As origens e o desenvolvimento das escolas italianas em Pelotas no ottocento

Este quarto capítulo abordará especificamente as escolas italianas no município de Pelotas durante o século XIX, sobretudo ao final desse século. O objetivo, neste momento, é abordar as primeiras iniciativas escolares promovidas em Pelotas e seu desenvolvimento ao longo dos anos, assim como seus atores, professores e corpo discente, além da cultura escolar nessas instituições.

Para uma melhor organização, o capítulo será dividido em três partes. Na primeira, aborda-se a importância dessas instituições étnicas italianas dentro das políticas do governo italiano propiciadas pelo *Ministero degli Affari Esteri italiano*. No segundo subcapítulo, serão analisadas as escolas desde o seu surgimento até o final do século XIX e, por fim, no terceiro item, serão analisados alguns documentos da organização interna das escolas, os quais revelam aspectos da cultura escolar.

4.1 A política italiana para as escolas no exterior no século XIX

Esse tópico foi planejado para contemplar as discussões acerca das políticas italianas para as escolas no exterior, pois entende-se que não há como analisar as escolas italianas em Pelotas sem compreendê-las na sua complexidade e abrangência. As escolas italianas

no exterior, ou escolas coloniais⁴⁰, não estavam presentes somente no Brasil ou nas Américas, mas, sim, em vários continentes para os quais os italianos emigraram. O conjunto de fontes preservadas no *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri* mostram a importância que adquiriram essas instituições escolares a partir das reformas levadas adiante pelo governo italiano em várias épocas. As políticas para essas instituições, de uma forma abrangente, foram estudadas no contexto italiano por Salvetti (2002), Floriani (1984) e Ciampi (1998).

A preocupação com aqueles que emigraram iniciou-se com as políticas nacionalistas do Governo de Francesco Crispi no projeto que ficou conhecido como “nacionalismo crispino” (Barausse; Luchese, 2018), nesse período:

[...] A modernização da política diplomática da Itália sob a liderança de Francesco Crispi, então primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores, passou pela Lei n° 5866, de 30 de dezembro de 1888, que estabeleceu novas formas de proteção para os emigrantes. O nacionalismo “crispino” considerava a emigração como um fator de força expansionista da Itália também no que diz respeito às relações comerciais, enquanto a reorganização das escolas fazia parte do renascimento geral da educação nacional e civil, que girava em torno de valores patrióticos e da construção de um imaginário coletivo fundado no culto da pátria. Com tal finalidade, o Decreto Real n° 6566 de 1889 reorganizou as escolas italianas no exterior, criando condições para o gerenciamento direto das instituições escolares pelo Ministério (Barausse; Luchese, 2018, p. 04, tradução nossa).

No que diz respeito à organização escolar, Crispi nomeou como Ministro da Instrução Pública Girolamo Nisio e os cônsules italianos foram os responsáveis pela supervisão das escolas no exterior (Barausse; Luchese,

⁴⁰ A expressão “escolas coloniais” é o termo usado pelo *Ministero degli Affari Esteri* para designar as escolas italianas no exterior, tanto as urbanas quanto as rurais.

2018). No que se refere às escolas italianas no exterior, a primeira lei foi aquela elaborada por Francesco Crispi no ano de 1889 (Floriani, 1974), a qual ficou conhecido como “Lei Crispi”.

O nome “escolas italianas no exterior”, foi dado pelo Ministério italiano para essas instituições. Foram organizadas nos países nos quais havia a presença de imigrantes italianos. As escolas italianas poderiam estar dentro de uma das duas categorias, como explica Salvetti (2002):

As Escolas italianas no exterior dividiam-se em escolas governativas e escolas privadas subsidiadas pelo governo italiano: as primeiras, menos numerosas, localizadas no Levante e na bacia do Mediterrâneo, eram inteiramente financiadas pelo governo italiano; as segundas eram escolas privadas laicas ou confessionais, nascidas dentro de associações italianas no exterior e recebiam um subsídio do governo italiano desde que se adaptassem aos programas e métodos de ensino da escola italiana, com um controle pelos cônsules e verificação regular através de inspeções ministeriais (Salvetti, 2002, p. 536, tradução nossa).

No Brasil, assim como nas Américas, conforme dados dos anuários, existiram as escolas italianas subsidiadas. Desta forma, as escolas italianas estudadas nesta pesquisa são dessa modalidade. Os subsídios para essas escolas vinham do *Ministero degli Affari Esteri*, assim como as orientações para o funcionamento. As escolas italianas no exterior poderiam estar divididas em três grupos, a saber, escolas de estado, coloniais e confessionais. A classificação dependia de sua origem e organização administrativa (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1897).

A partir dos anuários das escolas italianas, é possível perceber um significativo aumento do número de escolas e alunos inscritos, assim como os subsídios concedidos a elas nesse período:

[...] O primeiro “Anuário das escolas coloniais” 1888-1889, pouco antes da reforma de Crispi, informou o número total de 13.000 alunos [...] Após a reforma das escolas italianas Crispi no exterior aumentou imediatamente para 98, com mais de 15.000 alunos [...] (Salveti, 2002, p. 538, tradução nossa).

Nesse sentido, uma abordagem quantitativa pode ser oferecida por uma análise mais aprofundada dos anuários das escolas italianas no exterior. A publicação da série, que começa em 1888-1889 (Salveti, 2002) e chega até os anos de 1930, garante um entendimento dessas instituições escolares. Os anuários foram produzidos pelo *Ministero degli Affari Esteri* e trazem informações acerca das escolas italianas no exterior, tanto as governativas quanto as subsidiadas. Esses anuários não detalham o interior das instituições escolares italianas, mas são importantes fontes de pesquisa para fornecer um panorama geral sobre as escolas, os professores, os subsídios e a população escolar. Além disso, os anuários, ao trazer números referentes a vários continentes e países para os quais os italianos emigraram, nesse sentido, oferecem uma possibilidade de análise mais complexa ao compreender que tanto a imigração italiana quanto as escolas italianas no exterior não foram especificidade do Brasil ou do Rio Grande do Sul, mas de vários outros países e localidades. Essa dimensão auxilia no entendimento e na compreensão do fenômeno das escolas italianas e nas medidas do governo italiano a partir de uma visão transnacional. Mais uma vez, relembra-se a escolha do referencial teórico, o qual busca compreender o fenômeno das escolas italianas em Pelotas dentro de um contexto mais global e transnacional.

O primeiro ano do anuário é referente a 1888-1889. Neste ano:

No que se refere ao número de inscritos nas escolas subsidiadas, devemos nos limitar a reproduzir o total que se deduz dos relatórios apresentados ao Parlamento para o ano de 1880-1881, nos quais a população escolar total era de 4186 inscritos e para o ano 1881-1882, nos quais os alunos aumentaram para o número total de 8766 [...] (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1888-1889, tradução nossa).

No que diz respeito aos subsídios, esses anuários também revelam um aumento nas concessões: “enquanto isso, os montantes atribuídos em subsídios às escolas coloniais aumentavam de ano para ano, aumentando primeiro com o orçamento do Ministério da Instrução Pública, depois a cargo das relações exteriores” (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1888-1889, tradução nossa).

No quadro geral da população escolar nas escolas subsidiadas no Brasil, encontram-se os números de alunos nos estados. No distrito consular de Porto Alegre, onde se insere Pelotas, o número de inscritos é de 806 alunos nos diferentes tipos de instituições italianas (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1888-1889). Informações referentes aos subsídios anuais também são registradas. Nesses anos de 1888 e 1889, as escolas do distrito consular de Porto Alegre, dentro do qual está Pelotas, recebem 15.000 libras italianas no total. No ano de 1895, o cônsul italiano no Rio Grande do Sul escreve sobre a insuficiência dos subsídios concedidos aos professores e escolas:

Em geral

Os resultados foram satisfatórios em proporção ao meio ambiente e ao corpo docente que não poderia ser melhor aqui nem muito se deve esperar considerando a pequenez do subsídio quando se pensa que um professor rural recebia em média do Governo Real, a título de subsídio, menos de duas libras por aluno ensinando quatro horas por dia durante onze meses do ano (Legrenzi, 1895, s.p., tradução nossa).

Apesar do aumento do subsídio a partir do governo de Crispi, as escolas e sociedades subsidiadas pelo governo, queixavam-se de que eles eram escassos para todas as despesas de uma escola.

Por meio desses documentos, é possível, além de perceber a complexidade das escolas italianas no exterior, também algumas orientações para o estabelecimento e o funcionamento dessas instituições, como, por exemplo, no ano de 1889, encontra-se o ordenamento pedagógico das escolas italianas elementares no exterior:

No ano letivo anterior, o ordenamento pedagógico das escolas italianas no exterior se adequou, na medida em que as condições particulares dos lugares permitiram, com os princípios e as regras estabelecidos pelos novos programas didáticos aprovados para as escolas primárias do reino com o decreto de 25 de setembro de 1888 [...] (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1889-1890, p. 179, tradução nossa).

Muitos são os itens abordados neste ordenamento, entre os quais, os programas didáticos:

Embora tenha sido estabelecido que nas escolas italianas no exterior se adotem os programas de ensino das escolas primárias do reino, aprovados com o decreto de 25 de setembro de 1888, também foi permitido a cada professor fazer as modificações que ele considerará úteis para condições particulares do local [...] (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1889-1890, p. 181, tradução nossa).

Pelo documento, fica compreensível que havia disposições gerais para o ensino nas escolas italianas no exterior, mas que outras determinações poderiam ser incluídas levando em consideração o cenário local, o que certamente ocorreu nas escolas italianas ao redor do mundo e, também, em Pelotas. Segue-se uma série de disposições de como os professores deveriam construir seus programas didáticos, quais as diretrizes básicas a seguir, quais determinações e conteúdos deveriam ser incluídos, assim como a submissão desses programas à

aprovação prévia. Ainda é descrito como uma mudança essa forma de conceber os programas didáticos, uma vez que, no ano anterior, não havia essas normativas e/ou não foram respeitadas. Esse ordenamento é assinado pelo inspetor geral Girolamo Nisio (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1889-1890). Nesse mesmo anuário, encontra-se, também, o regulamento das escolas italianas no exterior, nesse há uma série de elementos que são importantes para compreender as escolas na sua complexidade. Entre esses elementos, está aquele relacionado aos subsídios que recebiam as escolas italianas e algumas regras para a sua concessão.

Nesse sentido, o cônsul italiano no ano de 1894, Gherardo Pio di Savoia, escreve ao Ministério italiano para discutir uma nova forma de distribuição dos subsídios com regras mais claras e definidas entre as colônias:

O programa que descrevi e que tentarei esgotar – em meio ao trabalho comum, diário, cada vez maior e mais urgente deste R. Escritório [consulado] – é o seguinte:

- a) providenciar um arranjo mais regular e lógico dessas escolas italianas;
- b) providenciar com mais segurança as necessidades de nossos concidadãos pobres que adoecem;
- c) disciplinar um pouco melhor o serviço consular neste distrito;
- d) estudar com critérios práticos as condições desta praça no interesse do comércio e da navegação nacional (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa).

O cônsul Gherardo Pio di Savoia escreve um longo relatório no qual detalha a sua visão sobre os subsídios e, mais do que isso, sobre a forma de distribuição destes e qual a sua finalidade:

O governo pátrio deu e continua a conceder a essas escolas a soma de 10 mil liras por ano, contentando-se, no final de cada semestre, confirmar que essa soma foi gasta; e sempre foi gasta, mas como, com qual aproveitamento, por que critério, somente Deus é capaz de saber.

As perguntas que eu me faço são as seguintes:

Qual é o objetivo a ser alcançado subsidiando escolas italianas neste distrito consular?

Quais são os meios disponíveis?

O que foi feito até agora?

O que deveria ser feito? (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa).

Além disso, justifica-se a necessidade e a importância do subsídio para essas escolas:

Bem – mesmo excluindo que as escolas que surgiram entre nossos agricultores podem servir à propaganda e até mesmo simplesmente para manter a língua e os sentimentos italianos – parece-me justo, nobre e legítimo que o governo italiano os ajude; e que, desde que se tenha fé na solidariedade humana, não se possa considerar como perdido o dinheiro usado para subsidiar as escolas destinadas aos filhos daqueles infelizes que a miséria expulsou da Itália (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa).

No final de seu relatório, Pio di Savoia divide as escolas entre “escolas de campanha” e “escolas de cidade” e escreve os parâmetros para que cada uma das categorias possa receber os subsídios do governo italiano. Era previsto um maior controle no que tange ao uso dos recursos e de uma fiscalização mais efetiva nas escolas, “para manter vivo o sentimento italiano entre as colônias, incentivando escolas e associações nacionais, eu acredito que é muito útil que um representante consular faça visitas frequentes nestes centros de população exclusivamente italiana [...]” (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa). Ainda, ao final deste relatório, Pio di Savoia faz um importante anexo no qual traz um grande quadro com as escolas italianas no Rio Grande do Sul e algumas das suas características, tais como nome do professor, número de alunos, subsídios a essa escola, quem a mantinha, entre outras informações. Nesse anexo ao relatório de Pio di Savoia, há o

registro da escola de Pelotas, conforme será analisado no item seguinte.

O assunto dos subsídios às escolas italianas diz respeito a várias escolas no estado, entre elas as de Pelotas, as quais tiveram problemas com esse auxílio como será melhor descrito na sequência. Esse relatório, assim como outros, ao abordar o assunto dos subsídios reflete, também, os objetivos dessa subvenção do governo italiano e, entre esses objetivos figuram a manutenção do idioma e a defesa da *italianità*, dos valores patrióticos e a ligação com a pátria-mãe, no caso, a Itália:

Nessas circunstâncias, é materialmente impossível obter um relatório de suas escolas de vários professores em cada trimestre, e me limitarei apenas a V.E. tal cumprimento ao final de cada semestre sob ameaça de suspensão do subsídio (Marefoschi, 1890, s.p., tradução nossa).

Por sua vez, no ano de 1895, o cônsul Legrenzi escreve sobre as diretrizes para que as escolas possam receber os subsídios:

O subsídio, que anualmente é repassado pelo R. governo, consiste em material escolar e dinheiro para serem distribuídos apenas entre as escolas para as quais consta oficialmente que permaneceram abertas de 1º de fevereiro a 31 de dezembro e ministradas de acordo com os programas governamentais. O material escolar, assim que chega aqui, é dividido no Consulado de acordo com os textos, pelo número de escolas e proporcionalmente ao dos alunos que frequentam [...] (Legrenzi, 1895, s.p., tradução nossa).

Como mencionado, um papel importante na fiscalização e na orientação das escolas italianas no exterior foi desempenhado pelos representantes consulares (Barausse; Luchese, 2018). Nesse sentido, o regulamento de 08 de dezembro de 1889 traz em seu artigo 1º que: “Os régios agentes diplomáticos e consulares, o inspetor geral e os diretores centrais, cada um no exercício de suas funções, supervisionar as escolas italianas no

exterior” (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1889-1890, p. 211, tradução nossa). Também nessa normativa, são descritas as funções de várias instâncias, os cônsules, os inspetores gerais, diretores gerais.

Esse regulamento traz as regras que devem ser seguidas para que as escolas possam receber os subsídios do governo italiano:

Art. 102

Podem obter um subsídio fixo as escolas italianas privadas quando:

Estejam em conformidade com os programas e a escolha de livros e com as disposições do ministério;

Celebram os feriados civis referidos no art. 123;

Aceitam a alta supervisão de régios agentes e dos diretores centrais;

Permitam as visitas de inspetores governamentais extraordinários.

Se a instituição privada é mantida por uma associação religiosa italiana, essa também deve intitular-se “Escola Italiana” e reconhecer o alto patronato de S.M. o Rei (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1889-1890, p.226, tradução nossa).

Visivelmente, os subsídios, em recursos financeiros ou em livros e materiais, eram concedidos mediante algumas condições e critérios que as escolas ou professores subsidiados deveriam cumprir. Não se diz que todas as determinações eram cumpridas, mas essas eram as normas. No anuário seguinte, 1890-1891, registram-se algumas das dificuldades das escolas italianas no Brasil:

Escolas italianas no Brasil – bem diferente das duas repúblicas [Argentina e Uruguai] acima mencionadas está o Brasil e as condições das escolas italianas. As sociedades de mútuo socorro não são nem ricas, nem numerosas, nem concordam umas com as outras, e é muito se, por ora, puderem oferecer, como subsídio às escolas, espaço em sua área local. O R. governo não deixou de estimulá-las, tanto com meios morais quanto com a promessa de grandes subsídios, desde que novas escolas sejam fundadas; mas, devemos confessá-lo, com pouco proveito até agora; algumas ajudas

nem sequer foram usadas. As dificuldades são enormes, algumas das quais são morais e outras físicas (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1890-1891, p. 17-18, tradução nossa).

Nesse anuário dos anos de 1890-1891, o quadro geral das escolas coloniais subsidiadas registra 1468 alunos inscritos nas escolas subsidiadas no estado do Rio Grande do Sul, tanto nas sociedades de mútuo socorro quanto com professores privados. Já no prospecto particular demonstrativo das escolas italianas no Rio Grande do Sul subsidiadas no ano escolar de 1890, são descritas cada uma das sociedades e/ou professores que receberam os subsídios. Especificamente em Pelotas, o subsídio foi concedido a *Società italiana riunita Unione e Filantropia*, a qual manteve neste ano uma escola com um número de 30 alunos e um subsídio anual de 750 libras italianas. Nas observações do documento, registra-se na escola: língua italiana, história, geografia e aritmética. Outro destaque é a necessidade de conhecer a realidade escolar de forma mais detalhada:

Notícias estatísticas de alunos matriculados em escolas italianas – É importante saber, no mínimo, qual é o número de alunos matriculados em cada ano escolar em escolas italianas no exterior, se, comparado ao ano passado, o número é maior ou menor, e quanto de admissão, por falta de espaço em cada escola, não poderia ser satisfeito (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1890-1891, p. 204, tradução nossa).

Nesse anuário, assim como nos outros anos, encontram-se documentos anexos ao final, os quais são majoritariamente reprodução de medidas legislativas. Dentro desses regulamentos e provimentos legislativos, percebem-se alguns dos objetivos dessas instituições no exterior:

Escolas italianas no exterior. Ano escolar 1896-1897

A escola é certamente um dos meios mais poderosos e civilizados que um país pode usar para manter sua emigração unida, pois mantém vivo nas gerações nascentes o pensamento, o carinho e a admiração pela terra distante

que foi o berço dos pais e desenvolve aquela consciência da irmandade nacional que persiste mesmo quando a paternidade legal dos filhos se torna diferente da dos pais, que é transmitida, pode-se dizer, em herança de geração em geração por longos períodos de anos e se manifesta em um sentimento de simpatia pela qual os descendentes de emigrantes sentem-se inconscientemente atraídos para o país de origem (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1897, p. 79-80, tradução nossa).

No anuário das escolas, há o decreto de 08 de maio de 1890 sobre o relatório que deveria ser escrito pelas escolas:

Relatórios finais sobre escolas – art. 58 do regulamento sobre escolas italianas no exterior estabelece quais notícias devem compreender o relatório final que deve ser enviado ao diretor central, logo após o término do ano letivo, pelo responsável pela direção de uma escola, seja secundária, elementar, infantil. Mas, para que essas informações sejam bem-sucedidas, tanto quanto possível, completas, é necessário basear-se em todos os fatos particulares nos quais se manifestou a vida da escola durante o ano (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1890-1891, p. 201, tradução nossa).

No ano de 1889, o cônsul italiano em Porto Alegre, Marefoschi, aborda, em seu relatório, as escolas italianas na província do Rio Grande do Sul e a necessidade de promovê-las:

A necessidade de promover e encorajar as escolas italianas nesta parte do Brasil se manifesta pelo fato de haver mais de 80.000 italianos aqui, os quais sem esse meio perderam em breve todo o conhecimento de seu idioma (*Marefoschi*, 1889, s.p., tradução nossa).

Ainda, o relatório consular fornece elementos importantes para compreender a organização escolar étnica italiana no Rio Grande do Sul, assim como o que se esperava dessas instituições escolares por parte do governo italiano:

A principal vantagem que o R. Governo deve esperar dessas escolas proporcionar a essas numerosas populações italianas a oportunidade de preservar e aperfeiçoar o uso da sua língua materna, é indispensável que os livros de italiano

sejam geralmente adotados. Disse, portanto, para pedir ao R. Ministério para enviar um novo suprimento, estando já exaurida aquela enviada há dois anos [...] (Marefoschi, 1890, s.p., tradução nossa).

A responsabilidade de visitar as escolas italianas e escrever os relatórios era do consulado por meio dos seus funcionários, conforme pode ser observado no regulamento a seguir:

Art. 2.

Sem prejuízo da observância do disposto nos artigos 75 e 76 do regulamento em vigor para a execução da lei de 23 de janeiro de 1866, sobre a organização do serviço consular, a tutela de escolas no estrangeiro e as funções delegadas por este regulamento aos agentes reais, são especialmente confiadas aos cônsules reais (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1889-1890, p. 211, tradução nossa).

Dessa forma, coube aos cônsules a tarefa de vistoriar as diversas escolas italianas no distrito consular sob sua jurisdição. Por essa razão, hoje se encontram muitos documentos e relatórios consulares, aos quais pode ser atribuído o valor de documento histórico. Mas, na época, havia a reclamação de que a extensão territorial por vezes era demasiada grande para as vistorias, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul:

De todos os serviços confiados a este consulado, o mais difícil de executar com a devida precisão é, sem dúvida, o referente à vigilância das numerosas pequenas escolas subsidiadas pelo R. Governo neste estado e a transmissão de relatórios periódicos exatos sobre seu progresso (Marefoschi, 1890, s.p., tradução nossa).

Devido a essa dificuldade, o cônsul Marefoschi autoriza que o vice-cônsul de Pelotas percorra as diversas localidades do estado para supervisionar e conhecer a realidade das escolas italianas a fim de poder planejar e repensar o subsídio financeiro a essas instituições, assim como o envio de livros e materiais didáticos. Dentro dessas circunstâncias, Enrico Acton visita as colônias

italianas e produz um relatório da condição dessas. Nesses relatórios, de Acton e de Marefoschi, a questão dos subsídios, seja em forma financeira ou na forma do envio de livros e materiais, é bastante discutida. Esses relatórios eram enviados ao Ministro das Relações Exteriores e, por isso, as informações da forma mais precisa possível eram importantes para a manutenção dos subsídios. A justificativa para essa visita de Acton às colônias é explicada pelo cônsul Marefoschi:

No entanto, a experiência me mostrou que muitos professores, aproveitando as grandes distâncias e a falta de inspetores competentes, enviaram informações e relatórios não confiáveis sobre suas escolas; e fui obrigado a pedir ao R. Ministério a autorização para encarregar o Barão Acton, R. Vice-Cônsul de Pelotas, a visitar nossas colônias, preocupando-se especialmente em confrontar as condições das escolas subsidiadas pelo R. Governo (Marefoschi, 1890, s.p., tradução nossa).

O anuário deste ano também faz menção à visita de Enrico Acton às colônias italianas do Rio Grande do Sul:

Escolas rurais das antigas colônias do Rio Grande do Sul – As escolas rurais desta vasta província do Brasil merecem menção especial – O subsídio de 12 mil libras para favorecê-las foi preservado, mas ao mesmo tempo foi estudada a maneira de a soma ser útil e de acordo com o mérito de cada professor, distribuída e que realmente sirva ao progresso da educação (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1890-1891, p. 19).

Mas importa reconhecer se o subsídio havia sido concedido adequadamente e de acordo com o mérito de cada escola, e se obtiveram a maior utilidade possível em favor de nossos nacionais, [...] não havia como obter informações que pudessem servir de base para julgamento. O R. Governo, no ano passado, entrou na resolução de submeter a inspeção das escolas existentes nas ex-colônias do Rio Grande do Sul ao vice-cônsul em Pelotas, com a tarefa de fazer um relatório sobre o estado das escolas rurais espalhadas por tão vasta superfície e examinar se os subsídios foram concedidos com critérios corretos [...] Lendo este relatório interessante, a alma se sente consolada pelos atos de patriotismo e filantropia de alguns mestres, que se cansam generosamente em favor dos filhos de compatriotas; e re-

gozija-se com o fato de que, mesmo nessas campanhas selvagens e solitárias pela virtude e pelos fetiches de alguns, o sotaque da terra natal e o nome glorioso da Itália ressoam (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1890-1891, tradução nossa, p. 20).

Marefoschi, no ano de 1891, ao iniciar o seu relatório, aborda o argumento dos subsídios da seguinte forma:

Será responsabilidade deste Consulado ter presente a enorme quantidade indicada por V. E. em relação à distribuição do subsídio do governo, para que isso seja realmente benéfico para as nossas colônias, espalhando entre elas a instrução e o conhecimento do idioma nacional (Marefoschi, 1891, s.p., tradução nossa).

Havia, por parte do governo italiano, uma preocupação de que os italianos no estado naturalizaram brasileiros e perdessem a italianidade, conforme demonstrou o cônsul Brichanteau (1892) no seu relatório.

No ano de 1895, o então cônsul italiano Legrenzi escreve o sentimento de pertencimento nacional – italiano – que essas escolas devem proporcionar aos seus alunos:

Sentimentos dos nacionais

Todos os alunos e professores das escolas coloniais subsidiadas são italianos e as comemorações da pátria são solenidades, cada vez menos segundo os mensageiros, mas em geral com decoro suficiente em cada escola, alguns da campanha também possuem a bandeira nacional e para outros estou à espera dela com um dos próximos navios a vapor da Europa já tendo recebido notificação de embarque do Ministério Real (Legrenzi, 1895, s.p., foto 190 b. 339, tradução nossa).

Esses excertos dos anuários das escolas italianas no exterior auxiliam a enxergar e compreender o funcionamento dessas instituições, bem como o que se esperava e as intencionalidades.

Especificamente no Rio Grande do Sul, a presença das escolas étnicas foi marcante em decorrência do fluxo

de imigrantes no Estado (Rosoli, 1998) e da reforma das escolas italianas no exterior (Salvetti, 2002), operada pelo governo Crispi, desejoso em construir um estado forte e relançar a política colonial italiana (Levra, 1992; Duggan, 2000). Durante os anos de 1875 a 1915, os imigrantes deram vida às escolas italianas no exterior. Algumas destas receberam apoio do governo italiano, sobretudo, após a reforma das escolas introduzida por Francesco Crispi (Barausse, 2017). Conforme o autor:

Muitas destas escolas foram sustentadas financeiramente, pelo governo italiano, através do consulado, que fornecia o material escolar e o dinheiro. Estes espaços escolares asseguravam o início do processo de escolarização, que tinha como objetivos, a difusão do sentimento de italianidade, junto à primeira forma de alfabetização e civilização (Barausse, 2017, p. 23).

Para Barausse, “as primeiras formas de educação destinadas aos colonos italianos foram promovidas já nos primeiros quinze anos de colonização, durante a última fase do regime imperial brasileiro” (Barausse, 2017, p. 206, tradução nossa). Conforme Luchese e Kreutz (2010), na Região Colonial Italiana, houve as escolas mantidas pelas comunidades rurais, as que se formaram em torno da capela e as criadas e mantidas pelas Sociedades de Mútuo Socorro ou de beneficência. Os imigrantes organizaram as suas iniciativas de assistência por meio das Associações de Mútuo Socorro, como, por exemplo, a que foi criada em 1877 na capital do estado, Porto Alegre (Barausse, 2017). No município de Pelotas, as sociedades italianas foram os locais que impulsionaram as escolas italianas.

Por conta do fluxo imigratório italiano no RS, tiveram espaço as escolas italianas, algumas das quais foram subsidiadas pelo Ministério italiano. Sobre essas

escolas italianas, é necessário ressaltar que havia uma heterogeneidade de iniciativas. Nesse sentido:

Em tal direção é necessário considerar a presença de uma larga variedade de agências e atores destinados a promover a escola com base étnica: escolas rurais comunitárias, escolas urbanas e aquelas ligadas às associações de mútuo socorro, professores privados pagos pelas famílias, escolas paroquiais e também confessionais, escolas coloniais distintas com um vínculo muito próximo das autoridades consulares, escolas subsidiadas pelos Estados ou municípios. No conjunto, revelam o papel complexo da atuação consular, das instituições de caráter religioso, das autoridades locais e das famílias na promoção de processos educativos entre imigrantes e descendentes (Barausse; Luchese, 2017, p. 35-36).

Algumas regiões do estado gaúcho já foram estudadas sobre o fenômeno da imigração e das escolas italianas. Entretanto, outros espaços, onde se sabe da presença de instituições italianas, ainda não foram totalmente explorados.

Luchese (2007), ao pesquisar sobre a região colonial italiana da região nordeste do estado do RS, observa que a escola pública foi a preferida pelos imigrantes de origem italiana. À medida que as escolas públicas eram construídas, as étnicas eram fechadas. A autora, também, aborda as escolas italianas na difusão do sentimento de *italianità* entre os seus descendentes. Essas escolas, de acordo com a autora, ofereciam aulas elementares, nas quais se aprendia a ler, escrever e as primeiras operações matemáticas. As escolas situadas na zona urbana, geralmente, eram organizadas pelas sociedades de mútuo socorro. E as localizadas na área rural existiam por iniciativa da própria comunidade. Conforme a autora, essas últimas tinham como professor alguém da comunidade que se dedicava a tal função.

Algumas indagações nortearam a presente pesquisa, como, por exemplo, o tempo de duração das escolas

italianas em Pelotas, qual a adesão dos italianos a essas instituições de ensino, as quais funcionaram com regularidade de alunos no município, qual era o perfil desse público: uma camada mais abastada da sociedade ou era formada por filhos de operários e outros profissionais que se estabeleceram na cidade? As escolas rurais, também, são foco desta investigação: como elas se formaram nas colônias italianas em Pelotas e qual a sua periodicidade e das políticas italianas da época.

4.2 Escolas italianas em Pelotas entre os anos de 1872 e 1900

Este subcapítulo foi planejado para analisar especificamente as escolas italianas no município de Pelotas desde o seu surgimento até o final do século XIX. A divisão dos capítulos entre os séculos entendeu-se necessária em virtude das políticas italianas para essas instituições escolares, as quais tiveram consideráveis modificações ao longo dos anos.

No município de Pelotas, houve a presença de escolas étnicas italianas, tanto na área urbana quanto na rural. Mas, por meio das fontes encontradas e selecionadas, percebe-se uma movimentação maior nas escolas italianas do espaço urbano, as quais estavam ligadas às sociedades de Mútuo Socorro locais.

Nesse momento, é oportuno registrar que há uma dificuldade maior no acesso às fontes acerca das escolas rurais. Isso pode, talvez, ser explicado pelo fato de essas escolas não estarem ligadas a nenhuma sociedade, mas, sim, porque foram criadas por iniciativa dos próprios moradores locais. Inicia-se a discussão por estas instituições escolares.

A partir das fontes mobilizadas, encontram-se indícios de escolas italianas no interior do município de Pelotas. Foi possível verificar, por meio dos relatórios dos cônsules italianos no Brasil, de relatórios de viajantes e notícias de jornais, que existiam tais estabelecimentos educativos na área urbana e rural do município.

Um desses documentos é o relato de Ullrich, no qual se encontram as seguintes informações sobre a Colônia Maciel:

À esquerda de Santa Helena situa-se paralelamente, **Maciel**, uma colônia do governo de 50 lotes de 360.000 m², habitada por 56 famílias italianas num mesmo número de casas. Há 5 casas comerciais, dois moinhos, **uma escola da comunidade**, uma escola do governo e uma igreja católica. A produção é de milho, feijão, tremoço, vinho, cevada, trigo, etc [...]. Quanto à qualidade do vinho, é muito inferior à do vinho de Santo Antônio, porque a maioria dos produtores não se esforça muito na sua preparação e também não tem os recursos e adegas necessários. A qualidade do solo é 1e 2. Há muito pouco solo arável, sendo bastante acidentado, com muitas rochas e alguns lotes sem nenhuma terra arável. As estradas no interior da colônia são muito ruins. [...] **Maciel**, colônia do governo emancipada. 50 lotes coloniais; 300.000 m² de área por lote colonial; nenhum lote de campo devoluto; nenhum lote com mato; 56 lares; 1 escola do governo, salário do professor R. 1:200\$000 anual, **1 escola da comunidade (italiana)** [...] (Ullrich, 1984, p. 04, grifos nossos).

Destaca-se, no relato, uma escola da comunidade italiana. Outro ponto merecedor de destaque nessa citação refere-se à quantidade de famílias italianas no local (56), um número significativo que explicaria, inclusive, a existência de uma escola italiana. Também, a partir dessa citação, pode-se notar que havia na Colônia Maciel uma certa estrutura de povoado, com cinco casas comerciais e nenhum lote devoluto. Igualmente, é interessante notar a coexistência da escola italiana e de uma escola do governo, na qual o ensino certamente era em língua portuguesa. Na comunidade da Maciel e entorno, havia

famílias de outras descendências, inclusive de origem lusa. Isso pode explicar a existência de duas escolas nesta mesma colônia. Outro ponto refere-se, talvez, a uma preocupação, diga-se, antecipada com as questões de nacionalização. Para Werle e Metzler (2010), o governo brasileiro, preocupado com o ensino ministrado em língua estrangeira, tomou algumas medidas ao longo dos séculos XIX e XX nas áreas de imigração, como, por exemplo, a abertura de escolas públicas. Outra possível reflexão diz respeito ao fato de que, talvez, na escola italiana, os pais teriam que subsidiar o salário do professor, o que poderia ser um incômodo para algumas famílias que optaram por colocar seus filhos na escola pública.

Sobre a Colônia Maciel, conforme Brichanteau (1893), havia uma pequena escola italiana, de forma improvisada. Não há detalhamento do funcionamento desta instituição, mas infere-se que era uma escola organizada pela comunidade e que foi citada por Ullrich (1984). No anexo ao relatório escrito por Brichanteau (1892), encontra-se listada uma escola italiana rural em Pelotas na localidade denominada Passo do Melo. Era uma escola mista que tinha como professor Antonio Lorenzini. No segundo semestre de 1892, foi frequentada por 18 alunos. Nas observações do Cônsul, consta que essa era uma escola nova, recém-aberta e que recebeu, durante o segundo semestre daquele ano, um subsídio de 50 libras italianas (Brichanteau, 28/08/1892). Porém, nos relatórios sucessivos, não há mais referência a essa instituição. Dois anos antes, o vice-cônsul sublinhou que “[...] a pequena Colônia Maciel, na Serra dos Tapes em Pelotas, está sem escolas” (Acton, 1890, s.p., tradução nossa). O professor Antonio Lorenzini também atuou nas escolas italianas urbanas.

Outra forma de escolas italianas em Pelotas, a principal delas, foi aquela ligada às Sociedades Italianas. As escolas de Pelotas, assim como as de outros contextos urbanos, foram promovidas pelas sociedades de beneficência (Barausse, 2017; *Cinquantenario*, 2000). As primeiras fontes utilizadas para compreender essas escolas foram os relatórios dos representantes consulares italianos, nos quais se nota a existência de escolas italianas em Pelotas, assim como alguns números de alunos, mas outras informações não são registradas. O detalhamento do funcionamento dessas instituições escolares não é descrito em nenhum dos relatórios analisados. Mas, a partir do que foi registrado pelos Cônsules, foi possível realizar uma série de problematizações e questionamentos acerca das escolas italianas no município de Pelotas, assim como buscar novas fontes. Barausse (2017) observa que, nos relatórios consulares, não estão completas as informações sobre as escolas italianas no exterior.

A primeira escola italiana em Pelotas foi fundada em 1872, pela Sociedade Italiana *Unione e Filantropia*, ainda antes do grande fluxo imigratório para o RS. A Sociedade italiana criou, naquele ano, uma escola sem qualquer forma de apoio econômico das autoridades consulares italianas. Era dirigida pelo professor Ettore Gori Mazzoleni e funcionou até 1880, ano do falecimento do professor. O professor Mazzoleni, em junho de 1877, havia-se dirigido diretamente ao Ministério da Educação (na Itália) para pedir ajuda financeira para a sua escola (Mazzoleni, 1877), iniciativa desconhecida pelas autoridades ministeriais, as quais solicitaram ao Ministério das Relações Exteriores informações sobre o professor e a escola. Com o objetivo de assegurar um subsídio, ao professor e, também o envio de livros

didáticos, consta nos documentos do ASMAE: “desde 1872, a Sociedade italiana *Unione e Filantropia* fundou uma escola em Pelotas (Brasil) sem ajuda alguma, que funcionou por muito tempo e só foi interrompida pela morte do professor Mazzoleni (1880)” (Mignone, s.d., s.p., tradução nossa). Para isso, foram consultadas as repartições consulares de Porto Alegre e de Pelotas:

Veio de Pelotas a este ministério uma demanda do Sr. Ettore Gori Mazzoleni, que pede um subsídio para uma escola fundada lá para o benefício da colônia italiana.

Antes de tomar alguma deliberação sobre o assunto, é necessário conhecer as qualidades da pessoa que pede e a verdade das coisas expostas. V.E. deseja ter a cortesia de enviar as informações necessárias sobre a pessoa indicada. Para esse efeito, enviasse todos os documentos por ele enviados (*Ministro Degli Affari Esteri*, 16 jul. 1877, s.p., tradução nossa).

Durante um período de tempo, após o fechamento da primeira escola dirigida por Mazzoleni em 1880, Pelotas não teve uma escola italiana.

No ano de 1885, as duas associações existentes: *Unione e Filantropia* e a *Circolo Garibaldi* uniram-se para fundar a *Società Italiane Riunite*⁴¹ e, nessa ocasião, foi retomado o projeto de criação de uma escola para os filhos de imigrantes italianos: “em 1885, outra sociedade (*Circolo Garibaldi*) se uniu a *Unione e Filantropia* e a escola, com contentamento geral, foi restabelecida para educar os filhos de nossos compatriotas italianos sócios e não sócios” (Mignone, s.d., s.p., tradução

⁴¹ Em uma carta particular de resposta enviada ao Agente Consular de Pelotas da época, Pietro Malan, o chefe de divisão do Ministério das relações exteriores, Baron Peiroleri, felicitou o seu papel na defesa de certos direitos dos imigrantes italianos contra o abuso por parte do delegado da polícia de Caldeira e na iniciativa de reunir as duas associações em uma única, que ele presidiu, na esperança de que “Mantendo-se afastado da política, ele dedica todo o seu trabalho a favorecer o bem-estar da colônia, a boa educação e a instrução das crianças italianas” (Peiroleri, 24/07/1886, s.p., tradução nossa).

nossa). Em um relatório produzido por Legrenzi no ano de 1895, o cônsul escreveu que havia uma escola italiana urbana em Pelotas, com 24 alunos. Esse é um número relativamente pequeno de alunos, ao comparar com o número de italianos descritos na cidade no relatório de Brichanteau (1893), 2.500 italianos. Decerto que nem todos os filhos de imigrantes italianos estudam nessas escolas étnicas, mas, ainda assim, parece um percentual relativamente baixo.

Também no jornal *Echo do Sul*, encontra-se a notícia da inauguração de uma escola da comunidade italiana: “foi inaugurada, no edifício da sociedade italiana reunida *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*, a escola gratuita para ensino dos filhos dos súditos italianos residentes em Pelotas” (*Echo do Sul*, 21/09/1887). A escola de Pelotas, no entanto, como sinalizou o cônsul de Porto Alegre, Marefoschi, passou por algumas dificuldades (Marefoschi, 1889), permanecendo fechada por um período de tempo.

No ano de 1890, foi reaberta, após uma decisão da sociedade de mútuo socorro. O vice-cônsul de Pelotas, Enrico Acton, escreveu, ao cônsul Marefoschi, uma breve nota afirmando que a escola italiana de Pelotas reabriu em 23 de maio e é dirigida pela Sociedade italiana *Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* e escreve ainda o cônsul: “[...] que nenhum cuidado foi poupado para estabelecer a escola em bases sólidas desta vez” (Acton, 21 de agosto de 1890, s.p., tradução nossa).

Conforme o regulamento da escola: “Art. 1. No próximo mês de junho de 1890, uma escola primária com ensino de italiano será aberta nas instalações da sociedade. A escola é anexa e dependente da sociedade” (*Società Italiane Riunite*, 1890, s.p., tradução nossa). Durante a reunião do dia 22 de maio de 1890, a diretoria

da *Società Italiane Riunite* decidiu abrir, em junho do mesmo ano, uma escola primária em língua italiana, a qual era anexa e dependente da sociedade e foi colocada sob “a supervisão direta do Régio Representante e de quatro membros do Conselho diretivo” (Acton, 1890, s.p., tradução nossa).

Os relatórios consulares deste período também escrevem sobre a organização das escolas no RS:

Nas escolas coloniais deste estado são ministradas as três primeiras aulas do ensino elementar, somente em língua italiana e de coisas italianas, de acordo com os regulamentos escolares em vigor no Reino. As aulas duram 4 horas por dia, das 08h às 12h; todos os dias, exceto domingos, feriados eclesiásticos e nacionais.

As escolas estão abertas em onze meses do ano [...] (Legrenzi, 1895, s.p., tradução nossa).

As escolas, de acordo com os artigos 4º e 6º do regulamento, aceitavam estudantes do sexo masculinos de italianos até os 14 anos e estudantes do sexo feminino até os 12 anos (*Società Italiane Reunite*, 1890, tradução nossa). O regulamento da escola aborda quais eram os objetivos dessa instituição:

Os artigos 2º e 4º do estatuto vigentes das *Società Italiane Riunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* em Pelotas contempla entre os objetivos que a sociedade se propõe a promover instrução pátria; e já em outras épocas, quando a sociedade previa a criação de uma escola italiana que, por várias razões, foi preciso interromper, tendo o Conselho de Administração obtido o voto da assembleia neste assunto (*Società Italiane Reunite*, 1890, s.p., tradução nossa).

Cada estudante pagava uma taxa mensal de mil réis, mas aqueles que estavam em uma condição de vulnerabilidade, certificados pelo consulado, poderiam receber a isenção desse pagamento. De qualquer forma, para evitar, talvez, formas de peculato, o professor foi explicitamente proibido de receber o dinheiro direta-

mente. O professor e o repetidor foram escolhidos pela diretoria da sociedade, a qual previa o pagamento de um salário mensal de trinta mil réis e vinte mil réis, respectivamente. Particularmente significativas, as funções e o perfil do professor foram estabelecidos pelos regulamentos (Acton, 1890). Para a elaboração dessas funções, foi decisiva a influência do vice-cônsul, Acton. Os deveres do professor e do repetidor foram definidos da seguinte forma:

- a) De procurar que o ensino seja rápido na prática e conserve sempre o caráter nacional; b) de manter entre os alunos a disciplina e incentivá-los ao estudo da pátria de origem; c) de manter um registro no qual será marcada a frequência dos alunos e seu progresso com pontos de mérito; d) de relatar à Comissão escolar qualquer ocorrência anormal e solicitar reparo imediato [...] (Acton, 1890, s.p., tradução nossa).

O vice-cônsul, Acton, comunicou ao cônsul de Porto Alegre que o número de alunos inscritos, todos do sexo masculino, era de 30, mas estava prevista a duplicação deste número assim que a escola pudesse dispor de dois professores. Naquele momento, a escola tinha somente um professor, Antonio Lorenzini, “um professor muito capaz, e que goza de muita estima e confiança na colônia [italiana]” (tradução nossa) e um repetidor, Giuseppe Sgrillo, “por ser jovem e inteligente” (tradução nossa), mas não havia uma professora e os pais de família não pareciam inclinados a “misturar [as meninas] com os meninos” (Acton, 1890, s.p., tradução nossa). Por estas razões, os membros eram apenas homens de 7 a 12 anos. Acton, no entanto, expressou um forte otimismo, e não parecia ter dúvidas em argumentar que a escola italiana pelotense poderia “em um futuro próximo estar entre as melhores deste estado” (Acton, 1890, s.p., tradução nossa). Por esse motivo, Acton solicitou um subsídio de 62,50 libras por mês, correspondendo a 750

liras por ano, e um subsídio extraordinário de 1000 liras para a reabertura da escola (Acton, 1890). Esse pedido de contribuição financeira foi concedido pelo cônsul Marefoschi, cuja magnitude foi expandida a 1500 liras após o cônsul Compans de Brichanteau ter verificado que os pais de família assinaram um compromisso financeiro, de 12.500 liras, para construir uma sala especial para a escola (Acton, 1890).

A ampliação das escolas nos contextos urbanos esteve entre os objetivos mais pretendidos pela estratégia geral das autoridades consulares italianas da época (Barausse, 2017). Além disso, em Pelotas, houve um movimento de fortalecimento das escolas, assim como em Porto Alegre e em Rio Grande, em relação às dificuldades emergentes nas rurais em que a situação não pareceu “muito fácil, já que os pais de família não mandam seus filhos para a escola pelo período de dois ou três anos” (Marefoschi, 1889, tradução nossa, s.p.). Marefoschi escreve ainda, em seu relatório que: “As escolas de Pelotas, Rio Grande e Bagé são administradas por suas respectivas sociedades de beneficência. Elas têm um total de cerca de oitenta crianças em idade escolar e cada uma [escola] recebe um subsídio de 500 liras” (Marefoschi, 1889, s.p., tradução nossa). Essa escola em Pelotas funcionou ao longo do segundo semestre de 1890 com 28 alunos e o vice-cônsul mostrou-se satisfeito com o trabalho realizado. “Pelotas, no que diz respeito a esta escola, possui 28 alunos, acredito oportuno enviar o relatório original do R. Vice-Cônsul Baron Acton, fornecendo todas as informações necessárias” (Marefoschi, 1891, s.p., tradução nossa). Em 1890, o cônsul italiano escreveu:

Escola de pelotas

A presença de um funcionário de carreira naquele Real Gabinete Consular deveria naturalmente reavivar naquela Colônia o desejo de ver o restabelecimento definitivo da escola italiana, há muito encerrada.

O Advogado Acton me explicou as deficiências daquela Sociedade de Caridade e a impossibilidade em que ela se viu de realizar as despesas correntes para prover a instalação da nova escola, sem um forte subsídio do governo real.

Pareceu-me que não podia eximir-me de cumprir o seu pedido e concordei com o mesmo Sr. Acton as seguintes medidas. 1.º aumento do subsídio, passando de 500 libras para 750 libras por ano. 2.º subsídio extraordinário para uma única vez de 1000 libras, deduzindo este montante do subsídio governamental residual do ano passado à minha disposição de acordo com autorização ministerial.

Nesta linha, a escola foi reaberta em junho u. s [último passado] com cerca de trinta alunos, e promete um futuro próspero, conforme consta do relatório anexa (anexo N.3) (Marefoschi, 28 ago. 1890, s.p., tradução nossa).

Enrico Acton retomou as suas considerações de outras circunstâncias sobre a escola de Pelotas no ano de 1891:

Seguindo meu relatório n.º. 137/87 de 4 de dezembro u.s [último passado] tenho a honra de levar ao conhecimento de V.E. Ilma que a escola italiana dependente da Sociedade de Mútuo Socorro, subsidiada pelo Governo Real, não reabriu no corrente conforme havia sido estabelecido, tendo a comissão escolar estimado de prolongar o período de férias em alguns dias devido à enfermidade da varíola. Todas as escolas de Pelotas, também atrasaram a inauguração (Acton, 12 jan. 1891, s.p., tradução nossa).

E, ao abordar que 28 alunos frequentaram a escola italiana de Pelotas no segundo semestre de 1890, lamentou que os dois professores dedicaram-se a italianizar, pois a maioria dos alunos tinha adquirido hábitos nas escolas locais e, assim como em outros lugares, em Pelotas ele notara um distanciamento da pátria de origem (Acton, 12 de janeiro de 1891).

Durante os exames realizados em setembro, Acton mostrou-se satisfeito com a capacidade dos alunos:

Nos últimos exames, notei com certa satisfação que todos os alunos conseguiram aplicar as noções adquiridas anteriormente à leitura e à escrita da nossa língua. Por isso, não acreditei que tivesse que insistir na insuficiência das várias partes do ensino [...] não estou satisfeito com os primeiros passos e me ocupar seriamente em melhorar a nossa escola em Pelotas. Que bem supervisionada, tenho certeza, poderá dar excelentes resultados (Acton, 12 jan. 1891, s.p.).

No entanto, o entusiasmo despertado pela reabertura da escola foi de curta duração. Durante o ano posterior à reabertura da escola, as autoridades consulares precisaram intervir para enfrentar as tensões existentes nas associações italianas em Pelotas. Há traços significativos que poderiam explicar a luta interna da comunidade de colonos italianos, como o papel do agente consular, a disputa de caráter regional entre os colonos de origem vêneta e os colonos de origem meridional. Na carta do presidente de Mútuo Socorro, percebem-se nitidamente essas tensões:

Mas quando o novo Cônsul chegou, Cav. Pio dei Príncipe di Savoia, por trás de informações falsas do Agente Oficial F. Trebbi, do professor, que por sua conduta nada elogiável já havia sido advertido também pelo Marquês Lencisa V. Cônsul Regente do Consulado de Porto Alegre, e mais por um comediante partidário por uma questão do campanário (quase como se os italianos do Sul não fossem como os da Alta Itália) – tira o subsídio para a escola, e coloca na mão do professor já expulso por sua conduta não muito transparente, e ao agente oficial; [...] (Mignone, Giovanni, s.d., s.p., tradução nossa).

Essas tensões no interior da comunidade italiana de Pelotas parecem ter influenciado a decisão do vice-cônsul regente Lencisa, sucessor de Enrico Acton, de interromper temporariamente o subsídio às escolas (Mignone, s.d.). Posteriormente, o Cônsul Compans di Brichanteau decidiu reduzir o montante do financiamento. Em suas palavras:

Por ocasião da minha passagem em Pelotas em 30 de outubro do ano passado, não deixei de visitar esta escola e

fiquei pouco satisfeito do progresso da mesma – Os alunos não entenderam a minha pergunta e pediram explicações ao professor, eu tive que confessar que, embora os estudantes sejam todos filhos de italiano, falavam, em suas respectivas famílias, o brasileiro, de modo que a escola tinha que usar a língua portuguesa para se fazer entender pelos alunos em suas explicações para ensinar nossa língua. Apesar da paciência e a discreta instrução do professor, não se pode esperar grande proveito dessa escola e isso se deve aos próprios pais que negligenciaram sua linguagem para adotar a do país [Brasil]. O relatório do professor enviado a mim em dezembro passado confirmou plenamente minha opinião sobre a escola italiana de Pelotas e, por isso, reduzi o subsídio de 350 libras por semestre para apenas 150 libras pelos dois semestres de 1891, alertando a Sociedade que eu as suprimiu totalmente se a escola não melhorasse (Brichanteau, 1892, tradução nossa).

Entre os anos 1892 e 1893, a escola voltou a receber um financiamento maior. Nesse momento, Pelotas registrou a presença de duas escolas: àquela criada pela sociedade urbana de Mútuo Socorro, na qual leciona o professor de Turim Giuseppe Marchiaro, e a segunda, na zona rural do município, que tinha como professor Lorenzini e possuía 18 alunos. Era uma escola mista e recebia um subsídio de 50 libras (Brichanteau, 1892).

Em um periódico pelotense, encontra-se uma notícia de uma escola italiana subsidiada pela sociedade:

Escola Italiana fundada e financiada pelas sociedades Reunidas Unione Filantropia e Circolo Garibaldi.

Avisamos aos senhores pais de família e a colônia italiana, que no domingo 9 às 11 horas da manhã, na sede da sociedade, acontecerá os exames dos alunos da escola acima serão realizados.

A presença de todos os alunos é de extrema importância; portanto, a pontualidade mais escrupulosa é recomendada aos chefes de família.

Pelotas, 7 de dezembro de 1894.

O presidente da comissão escolar, Tomas Aquino (Diário Popular, 07 dez. 1894, p. 03, tradução nossa).

Com isso, percebe-se o vínculo existente entre as escolas e as sociedades italianas, não diferente do que

ocorreu em outras localidades. Ainda, a partir deste recorte de jornal, pode-se notar que as escolas e a comunidade italiana eram noticiadas pelos periódicos pelotenses da época, o que denota que a comunidade italiana era significativa no município, assim como o jornal poderia ser um meio de divulgação desta escola e sociedade. Ainda, a partir do excerto da matéria do jornal, pode-se notar que essa era uma escola gratuita para os filhos dos súditos italianos. Outro ponto é a notícia ter sido escrita no idioma italiano mesmo sendo um jornal brasileiro, demonstrativo de que havia a intenção e a necessidade de que a notícia fosse compreendida por um grupo, em específico, a colônia italiana de Pelotas.

Pouco tempo após o desenvolvimento da escola italiana de Pelotas, o cônsul Pio di Savoia decidiu regulamentar, de modo radicalmente diferente, os subsídios: a partir disso, apenas a presença de certas condições permitiria a distribuição de subsídios, os quais foram fortemente reduzidos em tamanho e concentrados, sobretudo, na distribuição de materiais escolares (Barausse, 2017). Vários foram os motivos que levaram o cônsul a tomar esta decisão, a partir de uma visão diferente do papel das comunidades imigrantes urbanas em relação às rurais, a ponto de revelar a ausência de uma vontade real das autoridades consulares de garantir um desenvolvimento mais orgânico da rede de escolas étnicas em nível urbano. Para o cônsul italiano, as escolas de Pelotas e Porto Alegre:

Na[s] cidade[s] onde temos subsidiado escolas italianas (Porto Alegre e Pelotas) a questão se apresenta de forma bem diferente. As colônias italianas ali estabelecidas, por si mesmas, não mereceriam qualquer consideração. A caixa de Pandora é melhor do que elas. Mas talvez precisamente por isso haja uma necessidade maior de algo, como as escolas que exerçam uma influência moralizante. Ao pensar que os italianos residentes na cidade não estão presos ao solo com

o vínculo da propriedade e que se dedicam quase todos a comércio e pequenos negócios, e um elemento precioso para a manutenção e para o desenvolvimento de nossas relações comerciais, o dinheiro gasto em suas escolas não pode ser considerado como totalmente perdido (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa).

A sua importância reside no potencial que representaram para o desenvolvimento das relações comerciais. Por estas razões, a contribuição econômica continuou a ser considerada uma ferramenta importante, mas em um suporte mais orgânico: “Não é sequer o caso de pensar em lançar as bases de uma verdadeira organização escolar [porque] temos que lidar com um elemento excessivamente móvel, indisciplinado, sem qualquer orientação” (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa). As conclusões do cônsul não se referiam somente à ampliação do auxílio financeiro, mas, sim, para:

Voltar atrás e fazer pelos nossos conterrâneos mais do que fizemos até agora, de fato é necessário voltar atrás e dar à contribuição governamental o caráter que deveria ter, ou seja, o de subsídio, agora completamente perdido, para assumir aquele de manutenção real (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa).

Nas palavras do cônsul Pio di Savoia, as escolas de Pelotas e Porto Alegre nas condições em que se encontravam: “[...] seria uma loucura jogar fora o dinheiro [...]” (Pio di Savoia, 1894, s.p., tradução nossa).

As escolhas do cônsul tiveram consequências pesadas: os representantes dos colonos manifestaram-se insatisfeitos com as novas regras. Com isso, o cônsul Legrenzi precisou intervir junto ao ministério para solicitar a introdução de novas medidas (Barausse, 2017). Em Pelotas, essas escolhas do cônsul acentuaram as tensões existentes dentro das associações. Assim como na capital do estado, a maior parte da colônia italiana

estava dividida em dois grupos. Cada um referia-se a uma associação mútua e a professores diferentes (Legrenzi, 1895). No ano de 1895, o então cônsul italiano em Porto Alegre Legrenzi escreveu um relatório sobre a situação das escolas italianas subsidiadas no estado do Rio Grande do Sul e, entre essas escolas, as de Pelotas. Em seu relatório, traz dados referentes ao ano anterior, 1894. Nesse ano, havia em Pelotas 01 escola subsidiada, a qual possuía 30 alunos inscritos e 18 alunos frequentes na instituição. Em todo o estado do Rio Grande do Sul, o cônsul Legrenzi contabiliza 54 escolas subsidiadas pelo governo italiano (Legrenzi, 1895).

O grupo reunido em torno da *Società Italiane Riunite* atribui as responsabilidades de tensão à ação conjunta do agente consular de Pelotas, Frederico Alberto Trebbi e do professor Giuseppe Marchiaro. Segundo o presidente da *Società Italiane Riunite*, o cônsul Pio di Savoia estava mal informado por Frederico Alberto Trebbi e decidiu pela suspensão do subsídio (Mignone, s.d., s.p.). Dessa forma, com a suspensão do subsídio, às autoridades consulares, apoiadas pelo agente e pelo professor Giuseppe Marchiaro, anteriormente expulso da escola da *Società Italiane Riunite*, apoiaram a criação, em abril de 1894, de uma escola dentro de uma nova sociedade de beneficência, a *Cristoforo Colombo*, com a intenção de fechar a existente dentro da *Società Italiane Riunite*. De acordo com Mignone (s.d.), esta escola teve, de fato, uma curta duração e um mau funcionamento:

O R. Cônsul, o Agente Oficial e o Sr. Marchiaro, professor não licenciado, fundou em abril u.s. [último passado] uma escola para fechar aquela que existia há tantos anos. Mas a escola funcionou apenas alguns meses com 7 alunos, entre os filhos e cunhados do professor. A escola não funciona

há dois meses, de fato o professor sem casa depositou as carteiras no pátio da casa de um de nossos compatriotas, e vangloriando-se para a aprovação da autoridade consular, ele disse pouco importa a escola basta que venha o subsídio (Mignone, s.d., s.p.).

O presidente da *Società Italiane Riunite* dirigiu-se diretamente ao primeiro-ministro italiano, Francesco Crispi, para ilustrar a história e apresentou uma forte crítica ao comportamento da autoridade consular. Acusou-a de agir em contradição com a circular emitida em 1894 e de contestar o funcionamento da escola com 54 inscritos e apoiar um professor que, em vez disso, fundou uma nova escola com apenas 7 alunos, e que não era muito confiável, tanto que foi demitido de um colégio brasileiro (Mignone, s. d.). Segundo o presidente da associação, a discriminação contra a escola foi, também, manifestada pela disponibilidade diferenciada de material educativo: “O professor é obrigado a traduzir do brasileiro, Geografia, História Pátria e Aritmética, etc, para, então, fazer os alunos estudarem os manuscritos, enquanto o outro professor tem tudo em abundância” (Mignone, s.d., s.p., tradução nossa). No ano de 1895, o então Cônsul Legrenzi volta a escrever sobre os conflitos dentro da sociedade italiana de Pelotas:

Pelotas

Nesta colônia, muito eu poderia fazer pela educação se a discórdia de ciúmes mantida viva por algumas pessoas ambiciosas não tornasse impossível qualquer instituição séria. Portanto, o subsídio do governo nessa escola permanece suspenso, como tive ocasião de relatar nos meus outros relatórios. Não creio, no entanto, que esse subsídio possa ser cancelado do orçamento e concedido a outra escola, porque talvez aconteça um dia, como é de se esperar, que aqueles poucos turbulentos ou se acalmem ou abandonem a cidade e será necessário que a escola subsidiada seja reaberta e imediatamente o que seria melhor fazer sem retomar os procedimentos para a reconstituição da subvenção orçamentária (Legrenzi, 1895, s.p., tradução nossa).

O compromisso dos expoentes mais sensíveis ao desenvolvimento dos processos de escolarização dos grupos étnicos urbanos italianos de Pelotas também potencializou uma nova iniciativa. Em maio de 1894, alguns professores decidiram estabelecer uma escola noturna para adultos na sala da escola italiana na Rua Andrade Neves 219, a fim “de cooperar no bem intelectual dos italianos desta colônia, para que o artista, o operário e o comerciante possam melhorar na matéria que se adapta à sua condição” (Trebbi, 25/05/1894). Foram ensinadas disciplinas como: Desenho da figura, desenho de ornamento, italiano e composição, aritmética prática, contabilidade e caligrafia. Os professores foram, respectivamente: Frederico Alberto Trebbi, Rodolfo Astolfi, Carlo Cantalupi e Giuseppe Marchiaro (Pio di Savoia, 31/05/1894). A indicação para esse curso era que: “Os italianos que desejam fazer este curso, necessitam matricular-se na residência do Sr. G. Marchiaro, onde poderão receber os esclarecimentos que julgarem convenientes” (Trebbi, 25/05/1894, s.p., tradução nossa). A iniciativa reuniu não apenas o consenso e o entusiasmo do cônsul regente, Legrenzi, o qual se comprometeu a financiar o curso caso a colônia respondesse de maneira positiva, mas, também, do ministério, por meio do subsecretário Adamoli (Legrenzi, 1894):

Recebi do R. Agente Consular de Pelotas a notícia de que naquela cidade se constituiu espontaneamente uma comissão à frente da qual está o diligente Sr. Federino [Frederico] Alberto Trebbi, pintor de raro mérito, e da qual fazem parte os Srs. Carlo Cantaluppi, Rodolfo Astolfi e Giuseppe Marchiaro – todos, gente séria e capaz – com o objetivo de montar um curso noturno para adultos [...]

Esta nova instituição já foi divulgada ao público pela imprensa (Pio di Savoia, 31 maio 1894, tradução nossa).

O vice-cônsul Enrico Acton (1889) sublinha a presença de uma escola noturna anexa à sociedade de mútuo

socorro, a qual teria funcionado por dois anos. Quando o cônsul chega à cidade, essa escola já havia encerrado suas atividades. Entretanto, estava sendo estudada a possibilidade de reabrir essa instituição com subsídio do governo italiano, pois havia público para uma escola noturna. Esse público poderia ser formado pelos operários que trabalhavam na cidade. Por serem italianos, alguns não assistiam às aulas nas outras escolas noturnas no município, mas tinham a sua própria instituição de ensino. Além disso, as escolas noturnas existentes poderiam não atender à demanda existente. Aliado a isso, a manutenção de uma escola italiana noturna poderia ser interessante para o governo italiano, pois havia a já mencionada atenção despendida ao sentimento de italianidade.

Nesse momento, é oportuno pensar a configuração do município de Pelotas, a qual criava as condições necessárias para aulas noturnas. É importante pensar onde trabalhavam os italianos no espaço urbano de Pelotas. Para abordar tal assunto, utiliza-se a tese de doutorado de Beatriz Loner (2001). A autora aborda a construção da classe operária nos municípios de Pelotas e Rio Grande durante os anos de 1888 e 1930. Para Loner (2001), o operariado brasileiro foi constituído de vários elementos, tanto nacionais quanto de estrangeiros. Os imigrantes italianos, também, faziam parte desse grupo. Como se demonstrou, os italianos em Pelotas tiveram variadas profissões e foram, também, operários. Com isso, questiona-se sobre o percurso escolar desses operários italianos de Pelotas e relaciona-se com a escola étnica italiana noturna no município. Loner (2001) escreve que, para estudar o movimento operário nas primeiras décadas do século XX, é necessário considerar a etnia e a nacionalidade dos operários.

Sobre as escolas noturnas em Pelotas, usam-se os estudos de Peres (1995). Essa pesquisa versa sobre os cursos noturnos da *Bibliotheca* Pública Pelotense. Este foi o principal estudo utilizado para compreender as aulas noturnas da *Bibliotheca* Pública, assim como para pensar se os italianos e descendentes frequentam esse espaço e, com isso, problematizar a criação da escola noturna italiana e o possível público desta. Os cursos noturnos de instrução primária da *Bibliotheca* Pública tiveram início em 1877 e findaram-se no ano de 1915 (Peres, 1995).

Para o ingresso nos cursos noturnos da *Bibliotheca* Pública Pelotense, os anúncios de jornais apontavam que as matrículas aceitavam crianças a partir de sete anos com a justificativa de que trabalhassem durante o dia, principalmente (Peres, 1995). Com isso, questiona-se se os imigrantes italianos e descendentes frequentaram esses cursos. Peres (1995) fornece algumas pistas. A autora escreve que os estrangeiros frequentavam, também, essas aulas.

Decerto que não devem ser desconsideradas questões linguísticas, ou seja, pode ser que, no final do século XIX, os imigrantes italianos ainda preferirem a alfabetização em outro idioma e não na língua portuguesa. Neste sentido, poderiam ter dificuldades com o aprendizado em português. Poderia este ser um dos motivos para a criação de uma escola italiana noturna em Pelotas, aliada aos interesses do governo italiano neste grupo. Conforme Peres (1995, p. 95), “[...] A gênese das escolas noturnas de instrução primária está, portanto, intimamente relacionada com as transformações que se processaram na realidade brasileira do século passado”. A autora salienta que os cursos noturnos possuíam como característica atender a pessoas

de qualquer faixa etária, ainda que tenha iniciado para jovens e adultos. Os alunos desses cursos eram especialmente trabalhadores.

No primeiro ano de funcionamento dos cursos noturnos, 1877, registrou-se um total de 77 alunos, dos quais 35 eram estrangeiros. É importante destacar que esses cursos eram predominantemente masculinos. Algumas meninas matricularam-se nesses cursos, na companhia dos irmãos (Peres, 1995). Peres (1995) cita que havia a matrícula de menores de idade estrangeiros, os quais eram analfabetos. Ao elencar alguns desses alunos, a autora escreve sobre o caso de um italiano matriculado em 1901 com 14 anos de idade. A autora salienta a diferença de nacionalidade entre os alunos dos cursos, fato que é facilmente explicado pela diversidade étnica no município. A autora escreve que, no ano de 1896, foi elogiada a presença de estrangeiros nas aulas. Nesse ano, nota-se a presença de cinco italianos matriculados; já no ano de 1878, esse número é de apenas um italiano (Peres, 1995).

Esses dados mostram que, sim, o grupo étnico italiano também procurou esses cursos com o objetivo de alfabetização. O relatório de Acton foi escrito em 1889, quando ele chegou a Pelotas. A escola já havia fechado, sendo aberta no ano de 1894, conforme demonstrado acima.

Todavia, entre o final de 1894 e os primeiros meses de 1895, as tensões fortalecem-se entre as sociedades. Cada sociedade agiu sobre a autoridade consular para obter seu apoio, o que gerou um forte embaraço ao sucessor do Pio di Savoia, Angelo Legrenzi. O cônsul lamentou os desentendimentos entre os pelotenses, quando havia problemas mais graves em outras regiões do estado. Para exemplificar, ele escreve que, caso

houvesse a ocupação dos federalistas⁴², a comunidade poderia ficar mais compacta.

No final de novembro de 1894, o cônsul confirmou a suspensão do subsídio. Este retornaria com uma trégua entre os desentendimentos e o compromisso de designar um novo professor, por meio da publicação de um concurso específico que aconteceria em janeiro de 1895, sob a condição de que as duas sociedades encontrassem um acordo sobre o professor a ser escolhido. Conforme o cônsul:

Em colônias numerosas como estás e sem os exemplos do ambiente em que vivem, entre as quais o Cônsul não tem outra força além de seu prestígio pessoal é absolutamente necessário que medidas ou reformas radicais ocorram gradualmente (Legrenzi, 1894, s.p., tradução nossa).

Após os relatórios recebidos de Porto Alegre, o Ministério italiano aprovou as escolhas do cônsul e apoiou a decisão de que os subsídios para as escolas do meio rural não deveriam ser cancelados e, ao mesmo tempo, confirmou a suspensão temporária dos subsídios destinados à escola de Pelotas (Legrenzi, 1895). Não se pode excluir, com base nas avaliações do cônsul, que, no interior dos dois grupos, também, poderiam existir preocupações políticas. Para ele, a associação *Cristoforo Colombo* parecia ser “mais tranquila e menos combativa” (Legrenzi, 05/10/1894, s.p., tradução nossa) enquanto a outra era “mais barulhenta e inquieta, porque era composta apenas por trabalhadores fáceis de conduzir e liderados por um jovem ambicioso e

⁴² “A Revolução Federalista de 1893 se caracterizou como uma guerra civil e iniciada no Rio Grande do Sul. O conflito armado ocorreu devido às disputas políticas entre dois grupos ideologicamente diferenciados. De um lado, estavam os castilhistas apoiadores do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos; enquanto por outro lado, o dos federalistas, agrupou seus opositores comandados politicamente por Gaspar da Silveira Martins” (Lopes, 2013, p. 523).

ousado” (Legrenzi, 05/10/1894, s.p., tradução nossa). Conforme o cônsul: “Naquela época, quando o Régio vice-cônsul [Acton] partiu de Pelotas, a regência ficou a cargo daquele jovem, chefe das sociedades reunidas e, entre os membros dela, foi escolhido o professor subsidiado que despertou a aversão da *Cristoforo Colombo*” (Legrenzi, 05/10/1894, s.p., tradução nossa).

Para resolver as tensões, as autoridades consulares designaram Frederico Trebbi como agente consular, considerado: “homem de comprovada honestidade, pai de oito filhos e que dá toda garantia para o bom desempenho daquele Régio ofício [consular], embora talvez não seja de uma excessiva energia” (Legrenzi, 05/10/1894, s.p., tradução nossa). Naquele momento, também, o subsídio do governo para a escola foi atribuído a um professor (Marchiaro) da sociedade *Cristoforo Colombo*, o que ocasionou fortes reações da outra associação:

A luta, mudou de rumo, foi cada vez mais imediato a tal ponto que pelas notícias que acabam de chegar eu sei que aquele professor subsidiado estava hoje sem sala para a escola e acredita que em breve também ficará sem os alunos porque tantos e tantos eram os problemas das sociedades reunidas que o pobre homem foi expulso de casa em 24 horas sem que lhe fosse fornecido alguma causa confiável e os alunos, cerca de setenta, há algum tempo estão se retirando (Legrenzi, 05 out. 1894, tradução nossa, s.p.).

Por esta razão, o cônsul chegou à conclusão de suspender o fornecimento do subsídio a partir de janeiro de 1895, na esperança de que tal decisão favorecesse uma reconciliação, mas, também, para impedir o financiamento de uma iniciativa escolar fortemente enfraquecida (Legrenzi, 05/10/1894). O agente consular Trebbi concordou com essa decisão do Cônsul e assumiu a responsabilidade de formalizá-la, justificando-a como uma ordem do ministério italiano, a fim de evitar outras

formas de protesto (Legrenzi, 05/10/1894). Para compreender, de forma mais aprofundada, o que estava acontecendo em Pelotas, o cônsul Legrenzi enviou o vice (prestes a ir como regente para Vitória, no Estado do Espírito Santo) à cidade (Legrenzi, 29/05/1895):

Na ocasião em que o Vice-Cônsul nesta residência foi a Vitória no Espírito Santo para governar aquele R. Consulado, eu o instruí a fazer uma cuidadosa visita à colônia de Pelotas, referindo-me então de maneira especial às escolas para ter uma base de conduta entre os relatórios contínuos e as reclamações que recebo de lá quase com toda mensagem (Legrenzi, 29 maio 1895, s.p., tradução nossa).

O advogado Dall'Aste Brandolin, depois de ter ido a Pelotas no dia 27 de abril, escreveu um breve relato entusiasta sobre a condição física e material da escola de Pelotas, instalada na sede da *Società Italiane Riunite*. No interior da sede, havia a sala em que as aulas eram realizadas, naquela ocasião, para 35 alunos entre 8 e 13 anos. Na realidade, a aula gerida pelo professor Lorenzini tinha um número duplo de membros, conforme evidenciado pelos registros submetidos ao exame do vice-cônsul. Escreveu o cônsul: “Eu interroguei alguns meninos e descobri que eles demonstravam uma instrução bem conduzida, então eu examinei muitos ditados e composições, especialmente dos maiores, e fiquei espantado com a facilidade em compô-los e a elegante caligrafia” (Dall'Aste Brandolin, 08/05/1895, s.p., tradução nossa). Esse relatório de Dall'Aste Brandolin reforçou a convicção do cônsul Legrenzi em manter a suspensão do subsídio para a escola de Pelotas, aguardando que o conflito entre as associações melhorasse. Em particular, Legrenzi considerou essencial esperar: “que desaparecesse do campo de ação o turbulento Garbini e o [professor] Marchiaro” (Legrenzi, 29/05/1895, s.p., tradução nossa):

Para as escolas de Pelotas pretendo agora manter suspenso o subsídio governamental até que o turbulento Garbini e o necessitado Marchiaro desapareçam do campo de ação e nesse ínterim, para não prejudicar o ensino italiano naquela colônia, passar um certo fornecimento de material escolar e também não como um subsídio anual fixo, que fomentaria a luta do ciúme, mas apenas como um prêmio ou presente dado pelo Governo Real de vez em quando (Legrenzi, 29 maio 1895, s.p., tradução nossa).

Neste momento, a confiança no trabalho do agente consular de Pelotas, Frederico Trebbi, diminuiu, pois este era considerado “ótima pessoa, mas partidário da [sociedade] *Cristoforo Colombo*” (Legrenzi, 29/05/1895, s.p., tradução nossa). Entretanto, “para não danificar a instrução italiana naquela colônia” (Legrenzi, 29/05/1895, s.p., tradução nossa), o cônsul pretendia repassar alguns materiais escolares para a escola dirigida pelo professor Lorenzini “e, além disso, não como um subsídio anual fixo, que fomentaria ciúmes, mas somente como uma recompensa ou um presente feito pelo governo de vez em quando” (Legrenzi, 29/05/1895, tradução nossa). Apesar da suspensão do subsídio, a escola continuou a existir nos anos que acompanharam o final do século, conforme documentado pelo cônsul Dall’Aste Brandolin em seu relatório de 1895. Legrenzi, em uma correspondência ao Ministério em 1894, escreve sobre os conflitos na colônia italiana de Pelotas e que não se enxerga uma paz estável na comunidade, há uma divisão da colônia em duas partes, uma que gira em torno da *Società Italiane riunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* e a outra em torno da sociedade *Cristoforo Colombo* (Legrenzi, 05/10/1894).

A partir das fontes mobilizadas para esta pesquisa, é evidente, portanto, que as questões de escolaridade relacionadas às formas de sociabilidade urbana em Pelotas foram objeto de tensões e fricções dentro das

comunidades urbanas de imigração italiana. As escolas italianas em Pelotas durante o século XIX, assim como no seguinte, estavam ligadas às sociedades italianas e foram influenciadas pelos problemas dessas. A existência das instituições escolares foi conturbada desde o seu início no ano de 1872 e permaneceram entre períodos de abertura, fechamento e reabertura também no século XX. No entanto, foi durante os anos que envolvem o século XIX que a escola teve um funcionamento mais regular se comparado com o período seguinte. Outrossim, foi durante os anos do *ottocento* que se encontram documentos internos da organização escolar, os quais serão analisados na sequência.

4.3 *Cultura escolar e italianidade*

Este subcapítulo pretende verificar e aprofundar as características da cultura escolar das escolas analisadas acima. Os documentos examinados para abordar tal aspecto referem-se a um conjunto de exercícios e atividades escolares do interior da escola italiana de Pelotas.

No âmbito da cultura escolar, há vários elementos possíveis de serem analisados. Vidal, em uma publicação do ano de 2005, fazendo referência ao clássico texto de Dominique Julia (2001), originalmente publicado em 1995, escreve que a cultura escolar vem sendo discutida e debatida no âmbito da história da educação há cerca de dez anos. Para Viñao Frago (1995), é mais adequado falar em culturas escolares, no plural. Para o autor, a cultura escolar é um conjunto de aspectos institucionalizados, os quais caracterizam a escola como uma organização e possuem vários níveis. Viñao Frago (1995, p. 68) explica o termo “conjunto de aspectos institucionalizados”, o qual inclui práticas e condutas,

modos de vida, hábitos e ritos. Para o autor, a cultura escolar é toda a vida escolar. Dentro de todas essas possibilidades de análise acerca da cultura escolar, será analisada uma série de atividades e de exercícios escolares da escola italiana de Pelotas. Por meio destes, é possível perceber um tipo de ensino nessas instituições escolares, bem como o que se esperava delas e, portanto, uma cultura escolar que caracterizava essa escola de Pelotas. Com isso, leva-se em conta, também, que nem todas as escolas italianas que existiram no Brasil tinham as mesmas características, não tendo esta pesquisa a intenção de fazer generalizações para outras localidades, mas estudar a escola italiana na cidade mencionada por meio dos exercícios escolares dos seus alunos e perceber alguns elementos do ensino nessa instituição.

Vidal (2009) escreve que as práticas escolares se produzem como uma operação, decorrendo disso dois problemas: a localização dos registros e a diferença entre o prescrito e o praticado. Nesse ponto, é adequado pensarmos sobre a localização dos registros, ou seja, onde se encontram preservados esses vestígios da cultura escolar. Como já mencionado, todos os documentos analisados neste item foram encontrados no *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri*. Sendo assim, após localizar as fontes, foi necessário refletir sobre o que elas poderiam responder sobre as escolas e se, a partir desse material, foi possível compreender as práticas escolares ou não.

De forma detalhada, são 40 exercícios escolares. A maioria destes estão identificados com os nomes dos alunos que fizeram e a idade deles. Porém, quase não há as datas em que os documentos foram produzidos, há somente um datado de 28 de agosto de 1894. Muito provavelmente, o conjunto analisado foi formado por

documentos enviados ao longo de vários anos pelos representantes consulares. Para fins de compreensão, o *Ministero degli Affari Esteri italiano*, ao subsidiar as escolas italianas, como as de Pelotas, fazia um acompanhamento dessas instituições por meio de relatórios consulares e de outros documentos que eram enviados a Roma e que, posteriormente, passaram a fazer parte do acervo do arquivo histórico do MAE.

Decerto que estes exercícios escolares não mostram a totalidade das atividades da escola. Certamente, foram escolhidos alguns para serem enviados ao Ministério italiano, aqueles dos quais os alunos tinham um melhor desempenho, por exemplo, aqueles que melhor atendiam às expectativas e aos interesses do Ministério italiano. Sendo assim, os exercícios escolares presentes neste conjunto são uma parte do todo, uma parcela significativa da totalidade. Entretanto, dão-nos uma dimensão do que se ensinava nessa escola, bem como algumas das suas intencionalidades.

Para analisar esses exercícios escolares, foram necessários ao menos dois movimentos, os quais estão integrados. O primeiro tratou de entender o fenômeno das escolas italianas no exterior e as políticas do governo italiano para os que haviam emigrado para outros países; o segundo movimento foi compreender os documentos e classificá-los de acordo com uma metodologia de análise passível de organicidade e inteligibilidade. A partir disso, propõe-se uma divisão dos 40 documentos em três itens: 1) contos, fábulas e pequenas histórias; 2) traduções e 3) exercícios matemáticos. O quadro a seguir apresenta a distribuição dos 40 documentos:

Quadro 12 – Divisão das fontes analisadas no estudo.

1. Contos, fábulas e pequenas histórias	19 atividades escolares
2. Traduções	09 atividades escolares
3. Exercícios matemáticos	12 atividades escolares

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Ao estudar essa série documental de atividades e exercícios escolares, compreendem-se aspectos da cultura escolar desta escola, ou seja, uma parte daquilo que ocorreu no interior da instituição, não as normas prescritas, mas os conteúdos ensinados no cotidiano escolar (Buffa, 2002). Ao analisar os aspectos da cultura escolar, é possível compreender o interior de uma instituição escolar e perceber um conjunto de normas (Julia, 2001), os objetivos e as intencionalidades das instituições.

A partir da primeira divisão dos documentos descrita acima, foi possível perceber algumas categorias de análise. Uma delas refere-se ao incentivo do que se denominou sentimento de *italianità*. A produção da *italianità* configurou-se e potencializou-se nesta conjuntura. Para Iotti (2001, p. 53), “o sentimento de italianidade surgiu no Brasil e, também, foi incentivado pelo Estado italiano, preocupado em interligar emigração, comércio e manutenção da identidade cultural [...]”. Segundo Gabaccia (2003), no Brasil, assim como em outros países para os quais os italianos emigraram, a italianidade assume contornos importantes. Houve, por parte do governo italiano, por meio dos diplomatas no exterior, um incentivo para a criação desse sentimento de italianidade. Na época da unificação italiana, a própria ideia de nação não estava definida. Como observa Bertonha (2016), era necessária a manutenção da ita-

lianidade ou a produção desta, tanto por parte de quem emigrou quanto dos descendentes. E, neste sentido, a escola foi um importante vetor para potencializar este sentimento de italianidade nos que haviam deixado a pátria e eram considerados italianos no exterior e não mais como emigrantes.

Esse sentimento de italianidade mencionado neste texto não deve ser entendido de forma homogênea e como algo a ser alcançado de forma simples e direta. Muitos eram os meios e as instituições que buscam impulsionar a italianidade, dentre os quais se inserem as escolas italianas e os conteúdos ensinados nessas instituições. Dentro do conjunto documental analisado, há muitos exercícios que buscam potencializar ou criar esse sentimento de italianidade, como, por exemplo, a produção de contos e pequenas histórias acerca da história da Itália no período pós-unificação⁴³, e do *risorgimento*⁴⁴ como o exemplo que se segue:

Umberto di Savoia nasceu em Turim, em 14 de março de 1844, [filho] de Vittorio Emanuele II, pai da pátria, e da arquiduquesa Adelaide D'Áustria, falecida em 20 de janeiro de 1855. Ele acompanhou seu pai na guerra de independência de 1859 e participou da reorganização do reinado das Duas Sicílias, e em julho de 1862, visitou Palermo e Nápoles (*Scuola Italiana di Pelotas*, [1889-1910], s.p., tradução nossa).

Essas noções de pertencimento a uma nação unificada e as guerras pela unificação do país eram elementos utilizados para repassar as noções de italianidade aos alunos descendentes de italianos.

Ainda encontramos contos sobre Vittorio Emanuele II (Bersezio, 1878) e a educação que ele recebeu. Há,

⁴³ A unificação italiana ocorreu em 17 de março de 1861 durante o movimento do *Risorgimento*.

⁴⁴ Movimento político italiano que procurou unificar as várias províncias italianas em um estado único, ver mais em: Banti, 2013.

no conjunto de documentos, várias referências ao Rei da Itália, considerado um símbolo da unificação italiana e, pelo que se percebe pelas fontes, era desejável que os alunos descendentes de italianos conhecessem esses personagens como apresentado no excerto a seguir:

Primeira educação de Vittorio Emanuele. Vittorio Emanuele II, nascido em Turim em 14 de março de 1820, [...] ainda criança foi transportado para Florença, para salvá-lo da revolução de 1821. Ali ele foi educado com o máximo cuidado no estudo da ciência e das táticas militares, e participou ativamente, como Duque de Savoia, na guerra de 1848-49, lutando bravamente em Goito.

A primeira vez que ouviu o estrondo do canhão, exclamou: esta é a música que eu gosto! (*Scuola Italiana di Pelotas*, [1889-1910], s.p., tradução nossa).

Nesses excertos, percebe-se com clareza que a história da Itália era repassada para essas crianças que estudavam na escola italiana de Pelotas. Era importante que os alunos tivessem clareza e se sentissem também italianos, pois eram descendentes, filhos ou netos daqueles que emigraram. Como não conheciam a Itália, regra geral, era preciso que fosse ensinada a história da península, assim como os heróis nacionais. Luchese (2012) aborda as escolas italianas na difusão do sentimento de *italianità* entre os seus descendentes. A escola era uma instituição importante, seja na Península, seja no exterior, para o pertencimento de ser italiano.

Outro exercício também nos remete a essa discussão sobre a história italiana:

O Duque de Savoia Amadeo IX

Amadeo IX, perturbado depois de longas doenças, confia a regência do estado a sua consorte Violante; depois se retirou para Vercelli, a conselho dos médicos, onde o ar era mais adequado à sua saúde. Em Vercelli terminou a sua vida, atendendo a obras de piedade cristã [...] (*Scuola Italiana di Pelotas*, [1889-1910], s.p., tradução nossa).

O exercício segue contando a vida de Savoia Amadeo IX, um dos membros da Casa Savoia⁴⁵. Como já mencionado acima, muitos dos exercícios encontrados nesses documentos referem-se à história italiana e à Casa Savoia. Neste momento histórico, a Itália, como mencionado, vivia seu período pós-unificação e era necessário que os habitantes da Península Itálica passassem a sentir-se italianos. A escola teve papel fundamental nesse processo: tanto a escola na Itália quanto as escolas italianas no exterior tinham essa missão.

Ainda neste primeiro item dos contos, fábulas e pequenas histórias, destacam-se alguns excertos de atividades que fazem menção a regiões da Itália ou a nomes de pessoas italianas, sempre com elementos elogiáveis e ressaltando aspectos positivos e engrandecedores da pátria-mãe, como neste excerto: “Em uma das mais belas cidades da Toscana, havia uma fonte que, saindo de rochedos de pedra, lançava-se em um pequeno lago, onde todos os animais eram obrigados a ir beber porque todas as outras fontes haviam secado devido ao forte calor [...]” (*Scuola Italiana di Pelotas*, [1889-1910], s.p., tradução nossa). Outro exemplo na mesma direção está reproduzido a seguir, tratando da vida de um nobre italiano:

Temos um belo exemplo de sobriedade na vida de Luigi Cornaro, nascido em Veneza em 1461.

Este homem em sua juventude foi dado à intemperança de comer e beber, de modo que aos 35 anos ele havia perdido toda a saúde, nem esperava recuperá-la.

Os médicos lhe disseram: se você quiser alongar os seus dias, só há um remédio, que é a sobriedade. Luigi Cornaro ouviu-os, cuidou-se e recuperou-se perfeitamente ao fim de um ano. Sua comida era pão, carne, ovos e sopa com um pouco de vinho.

⁴⁵ Uma das mais antigas famílias nobres da Itália.

Pesava tudo e cada vez [refeição] consumiu mais de 350 gramas de comida e 100 de vinho (*Scuola Italiana di Pelotas*, [1889-1910], s.p., tradução nossa).

Sobre esses trechos de documentos que abordam a história italiana, é necessário mencionar que se trata, por certo, de uma parte dessa história, uma parte que se elegeu para ser narrada aos estudantes dessa escola, e talvez de outras escolas subsidiadas também. As histórias contam sobre as nobres famílias italianas da época, as guerras pela unificação italiana, a bravura dos nobres que lutam pela unificação. Certamente, uma história parcial que agradaria aos dirigentes italianos da época e atenderia às exigências do ministério italiano para continuar subsidiando esta escola. Não havia menções a outros aspectos da história da península, como, por exemplo, a questão da emigração, o grande êxodo que ocorreu na Itália no final do século XIX, os impactos sociais das guerras pela unificação, os problemas econômicos e sociais da península.

Como se vem demonstrando, para o grupo étnico dos italianos, a escola foi umas das instituições importantes para potencializar nos imigrantes e seus descendentes a italianidade. A escola foi, também, utilizada na Itália unificada como um meio de unir os italianos. Na época da unificação italiana, o país estava dividido em regiões e províncias. Os habitantes identificavam-se mais com essas regiões do que com o país unificado. Bertonha (2016) salienta que, após a unificação, foi necessária a construção efetiva do estado e da nacionalidade, pois os moradores da península não se sentiam italianos, apenas 2,5% da população falava o idioma. Para isso, foram fundamentais a língua, a cultura, a literatura, o exército, a escola primária, a história e a memória histórica. Outrossim, foram criadas associações com a

mesma intenção, como, por exemplo, a *Associazione Nazionale Italiana* (1910). Iniciativas de igual teor também surgiram no Brasil, como as comemorações e as festas nacionais italianas (Bertonha, 2016). No período histórico da unificação italiana e da criação de uma identidade, houve, como observou Bertonha, várias iniciativas e instituições importantes para se criar um pertencimento à nação e isso não aconteceu somente na área geográfica da Itália, mas também nos países onde havia imigrantes italianos, tornando-se a noção de italianidade importante dentro e fora do país e muito sob responsabilidade das escolas.

Em outros contos e fábulas, encontra-se, ao final, o que é chamado de “moral”. Nesse momento, é explicado o que se pretendia com a atividade, conforme pode ser visto na transcrição traduzida:

As rãs e Júpiter

As rãs que habitavam um pequeno lago recomendaram a Júpiter para ter um rei.

Júpiter jogou do céu um pedaço de madeira que, caindo naquele lago, fez com que as rãs assustadas fugissem.

Depois de alguns instantes elas saíram, e as mais ousadas começaram a pular daqui e dali e ousaram pular no pedaço de madeira. Mas, vendo que ele não se mexia e que era um bom rei, começaram outra vez a se recomendar a Júpiter, que queriam outro rei porque aquele não servia porque era bom demais. Júpiter furioso enviou-lhes uma serpente do céu que as devorou uma a uma.

Moral

Esta fábula ensina-nos que devemos contentar-nos com o nosso estado, e não procurar novidades, porque nos podem fazer mal (*Scuola Italiana Di Pelotas*, [1889-1910], s.p., tradução e grifos nossos).

Há outras atividades nesse mesmo modelo. Isso demonstra, por um lado, que não eram escolhidos contos e histórias aleatoriamente, mas, sim, aqueles que tinham, de um certo modo, um caráter moralizante.

Nessa atividade acima, por exemplo, é escrito, de forma explícita, que as pessoas devem contentar-se com o seu estado sem procurar criticá-lo, havia, também, nessas atividades uma finalidade que não somente a alfabetização. E, certamente, os contos e atividades enviados ao Ministério italiano não eram escolhidos ao acaso.

O conjunto de documentos encontrados, como já mencionado, é uma parcela dos que existiram e não se pode precisar qual era a frequência com que esse tipo de atividade era realizada na escola. Entretanto, como esses foram os exercícios enviados ao Ministério italiano, podem representar aquilo que o governo esperava do ensino nessa escola, assim como nas demais subsidiadas pelo estado italiano. Certamente, escolhas conscientes foram feitas no momento de enviar esses documentos a Roma, por meio do consulado italiano, com o intuito de mostrar que a escola estava comprometida com a italianidade e mereceria continuar com o recebimento de subsídios.

O segundo item desta divisão para o conjunto dos 40 documentos refere-se às traduções que eram realizadas pelos alunos, o que mostra a intencionalidade de demonstrar ao Ministério italiano que havia uma preocupação com a integração dos dois idiomas. Ao mesmo tempo em que era uma escola italiana, subsidiada pelo governo italiano, com livros e materiais enviados pela Itália, e, por conseqüente, era priorizado o idioma italiano, era, também, importante que o português estivesse dentro do cotidiano dessa instituição, pois as crianças viviam no Brasil e era necessário o domínio do português para a vida em sociedade. Ao mesmo tempo em que os alunos eram considerados italianos pelo governo italiano, eram também brasileiros, já que haviam nascido no Brasil. Daí a importância de integração entre os dois idiomas,

pois “observa-se que o Brasil ou, mais especificamente, o Rio Grande do Sul é a segunda pátria, enquanto a primeira continua a ser a Itália [...]” (Constantino, 1991, p. 158-159). Dentro dessa perspectiva trazida pela autora, compreende-se que os italianos, ao mesmo tempo em que se adaptaram à nova pátria, no caso, o Brasil, também mantinham alguns laços com o país de origem. O próprio idioma italiano também deveria ser ensinado a essas crianças, pois seus familiares, quando emigrados, possivelmente, muitos deles, expressaram-se nos diversos dialetos e não no idioma italiano propriamente dito, como discutido anteriormente.

Nos exercícios deste conjunto, é possível notar que há correções do professor na grafia de alguns exercícios. O professor corrige quando os alunos cometem erros de grafia no italiano.

Favola

In uno dei più belli paesi di Toscana, c'era una fontana che scaturendo da massi di pietra, si gettava in un piccolo lago, dove tutti gli animali erano obbligati ad andare a bere perché tutte le altre fonti causa i forti calori si erano seccate.

Un leone che abitava lì vicino, approfittando della siccità tendeva agguati agli animali e quando questi andavano a bere lo prendeva e se li mangiava.

O exercício acima, no qual as traduções são revisadas, foi escolhido entre os demais que existem no conjunto documental. Não é necessário colocar todos os documentos aqui. O que interessa é pontuar que era constante, nesses exercícios, a correção do professor na escrita do idioma italiano.

Ainda nesse assunto das traduções, reproduz-se abaixo a transcrição literal de uma dessas traduções que constam no conjunto de documentos analisados:

Quadro 13 – Transcrição literal de uma tradução da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].

Traduzione	
Esta planta é única na sua espécie.	Questa pianta è unica nella sua specie.
Christina e Sophia são duas senhoras interessantes.	Cristina e Sofia sono due signore interessante.
Qual d'estes senhores é o seu primo?	Quale di questi Signori è suo cugino?
A Itália é o jardim da Europa.	L'Italia è il giardino dell'Europa.
De quem é aquelle livro?	Di chi è quel libro?
O primo e a prima não tinham talher.	Il cugino e la cugina non avevano posata.
Elles terão uma garrafa de vinho.	Eglino avranno una botiglia di vino.
Meu sobrinho e minha sobrinha não tinham copos.	Mio nipote e mia nipote non avevano bicchieri.

Fonte: *Scuola Italiana di Pelotas* in ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

Algumas dessas traduções abordavam a história do Brasil. Apresentavam-se da maneira como podemos ver abaixo:

Expulsão dos holandeses do Brasil	Espulsione degli olandesi dal Brasile
Ao saber da revolta de Vieira, mandou o Supremo Conselho uma Comissão de officios para a Bahia afim de fazer sciente ao Governador Antonio Telles da Silva da obrigação que elle tinha de reprimir a rebelião visto que a Hollanda achava-se em paz com Portugal. O governador recebeu os enviado com a maior cortezia e soube com extraordinária habilidade illudil-os promettendo que faria tudo a seu alcance para que o movimento cessasse.	Alla notizia della rivolta di Vieira il Supremo Consiglio mandò una commissione di ufficiali a Baia allo scopo di far conoscere al Governatore Antonio Telles da Silva l'obbligazione che egli aveva di reprimere la ribellione visto che l'Olanda si trovava in pace con Portogallo. Il governatore ricevette gl'inviati colla maggior cortezia e seppe con straordinaria abilità e illuderli promettendo che farebbe ogni sforzo affinché cessasse la rivoluzione.

Como pode ser notado, as traduções tinham duas formas. A primeira era composta de frases mais curtas e com a estrutura gramatical mais simples, a qual era realizada por alunos menores. A segunda forma eram textos maiores e realizados por alunos maiores, 12 anos de idade, conforme pode ser visto na imagem 02, isso pode ser indicativo de que as atividades de traduções de textos completos eram realizadas por alunos maiores já alfabetizados, pois é uma atividade que necessita de maior domínio da escrita e leitura.

Todas as traduções seguem a mesma lógica da citada anteriormente: de que os alunos maiores traduziam textos completos e os menores, apenas frases. Em outra tradução, chama-se atenção para aspectos da história do Brasil, o texto intitula-se “Descobrimento do Brasil”. Como no exercício anterior, esse também foi realizado por um aluno de 12 anos de idade.

Figura 1 – Recorte de uma tradução da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].



Fonte: *Scuola Italiana di Pelotas* in ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiarie Pelotas.

Nos exercícios de tradução, os assuntos não se referem somente a aspectos da história italiana, mas também a alguns aspectos da história do Brasil, sempre escolhas parciais e ressaltando elementos positivos e romancados dos dois países.

Outro ponto interessante refere-se à idade dos alunos que realizaram essas atividades, que abrangiam

uma faixa etária entre de 7 a 12 anos. Ao analisar todos os exercícios deste conjunto, é possível notar que, para cada idade dos alunos, eram propostas algumas categorias de atividades a serem realizadas, como, por exemplo, as traduções diferenciadas para alunos de diferentes idades. Quanto à faixa etária dos alunos de 7 a 12, essas escolas, regra geral, concentram-se, com algumas poucas exceções⁴⁶, no ensino primário. A partir do regulamento da escola de Pelotas, nota-se com qual idade os alunos poderiam frequentar a escola, “Art. 04. Todas as crianças italianas podem frequentar a escola, no sentido indicado no art. 6º do estatuto. Como a escola é mista, são admitidos tanto os meninos de até 14 anos, quanto às meninas, até a idade de 12 anos” (*Società Italiane Reunite*, 1890, s.p., tradução nossa). Cada escola italiana poderia possuir o seu regulamento. A partir do regulamento da escola italiana de Pelotas, instituído no ano de 1890, consegue-se identificar o funcionamento interno da escola nessa época, quais eram as lições diárias e como estavam organizadas as aulas, conforme se pode observar:

A escola é aberta todos os dias, exceto aos domingos e feriados nacionais e brasileiros, das 9h às 12h e da 1 às 3 da tarde.

Às quintas-feiras, a escola será aberta apenas pela manhã.

De manhã, são ensinadas aulas de italiano (leitura, redação, gramática, composição etc.) elementos aritméticos, geografia e história. A tarde, os alunos se candidatam ao cumprimento de suas funções sob a supervisão de um repetidor.

Art. 11. A comissão também poderá estender o programa escolar, introduzindo, se necessário, a ginástica, o desenho etc.

Art. 12. O material escolar pertence à sociedade. Os livros fornecidos pelo Governo serão distribuídos gratuitamente aos alunos: no entanto, eles têm a obrigação de devolvê-

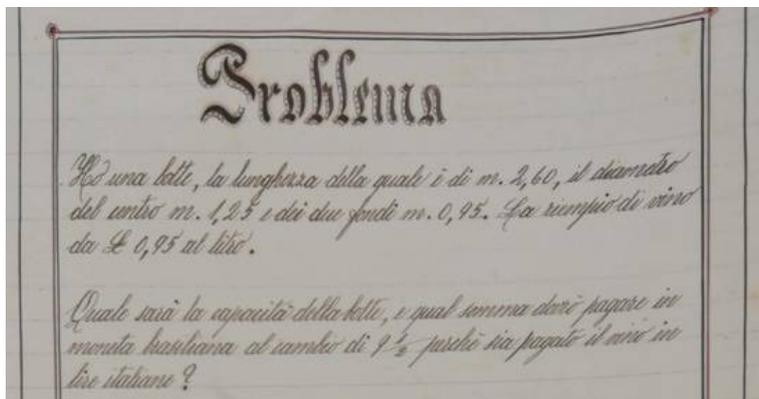
⁴⁶ Como o Instituto Médio *Cristoforo Colombo* em Santa Maria (Castro; Barausse, 2019) e o Instituto Médio Italo-Brasileiro Augusto Menegatti em Porto Alegre (Rech; Luchese, 2018).

los ao professor quando deixarem de frequentar a escola. Os outros livros, papel, canetas etc. continuam a ser da responsabilidade de cada aluno (*Società Italiane Riunite*, 1890, s.p., tradução nossa).

A partir desse regulamento interno, podemos notar o programa escolar. Os exercícios encontrados, em grande medida, estão em consonância com o regulamento interno da escola, ou seja, fazem referência à história da Itália, à figura do rei, da casa Savoia, inserindo-se, desta forma, dentro do contexto da criação da ideia de italiano e da italianidade. Além disso, havia atenção ao idioma italiano, como posto no regulamento acima, exercícios de leitura, redação e gramática italiana. As traduções, por sua vez, trazem a dimensão da importância de que esses filhos de imigrantes compreendessem o idioma italiano ao mesmo tempo em que estivessem, também, integrados à sociedade brasileira.

Como mencionado, uma terceira série documental refere-se aos exercícios de matemática, que estão divididos entre exercícios mais básicos, ainda na fase inicial de alfabetização, e outros mais complexos, para os mais adiantados. Mesmo os exercícios matemáticos também traziam elementos que lembravam a Itália, como, por exemplo, a conversão da moeda brasileira da época para a lira italiana, como o exercício que se segue:

Figura 2 – Trecho de um exercício matemático da escola italiana de Pelotas, [1889-1910].



Fonte: *Scuola Italiana Di Pelotas in ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Pelotas.*

Eu tenho um barril, cujo comprimento é 2,60 m., o diâmetro do centro 1,25 m. e os dois fundos 0,95 m. Encho-o com vinho a partir de & 0,95 por litro. Qual será a capacidade do barril e que quantia terei que pagar em moeda brasileira ao câmbio de $9 \frac{1}{2}$ para que o vinho seja pago em liras italianas? (*Scuola Italiana di Pelotas, [1889-1910], s.p., tradução nossa*).

Outros exercícios matemáticos também seguem essa mesma lógica de conversão da moeda italiana para a brasileira e vice-versa. Esse conjunto de exercícios é todo assinado por alunos de 10 e 11 anos de idade. Nesses exercícios matemáticos, é possível notar que havia sempre alguma maneira de relacionar as atividades com algum aspecto que envolvesse a Itália. Nesse caso, há uma recorrência em exercícios que pedem a conversão da moeda brasileira para a moeda italiana, exercícios que buscam comparar o preço de artigos na Itália e no Brasil.

De forma geral, a divisão do conjunto de 40 exercícios em três itens permitiu perceber elementos que se complementam, que faziam parte da cultura escolar

dessa instituição, atividades essas que foram enviadas ao Ministério italiano e que hoje podem ser transformadas em documentos para a pesquisa histórica. Os exercícios escolares deste conjunto de documentos analisados trazem uma dimensão daquilo que era ensinado em Pelotas e, também, o que se esperava dessas instituições. Decerto que os exercícios analisados não eram todos aqueles realizados na escola, mas, sim, uma parte, aqueles que foram enviados ao Ministério italiano e que hoje podem ser acessados no ASMAE. Do estudo desses materiais, a partir do referencial teórico escolhido para fornecer sustentação à pesquisa, despontaram elementos importantes que nos indicam alguns dos objetivos dessa instituição, como a italianidade e noção de pertencimento a uma pátria longínqua.

5 O desenvolvimento da escola italiana em Pelotas nas primeiras décadas do Novecento

Este capítulo irá abordar e analisar as escolas italianas em Pelotas durante o século XX, especificamente do início do século até 1938, ano em que essa pesquisa se concluiu. Como mencionado no capítulo anterior, a escolha em dividir os capítulos a partir do recorte temporal diz respeito às políticas do governo italiano para a emigração e as escolas italianas no exterior, as quais passaram, ao menos em termos legislativos, por profundas transformações no início do século XX.

Para fins de organização, o capítulo foi dividido em três partes. A primeira abordará as políticas para as escolas italianas no exterior durante o século XX. A segunda, por sua vez, focaliza a organização das escolas italianas em Pelotas durante as duas primeiras décadas do século. E, por fim, o último item abordará as décadas de 1920 e 1930, as quais comportam particularidades significativas em ambos os contextos, italiano e brasileiro.

5.1 As duas primeiras décadas do século XX e a criação do *Commissariato Generale dell'Emigrazione*

Como já delineado no capítulo anterior, no século XIX (1889), as escolas italianas foram regulamentadas

pela primeira vez pelas reformas propostas e efetivadas pelo Ministro italiano Francesco Crispi. Essas foram medidas importantes e significativas para a estruturação das escolas italianas da época. Entretanto, no início do século XX, novas normativas foram criadas. Poucos foram os pesquisadores brasileiros que fizeram uso desses documentos para explicar e analisar as escolas italianas à luz dessas legislações. Desta forma, também por esse motivo, serão analisadas essas fontes para melhor estudar as escolas em Pelotas. Entende-se que não há como analisá-las em sua completude sem compreender as normativas que as regiam, reforçando, mais uma vez, a escolha do quadro teórico desta pesquisa com a *global history* e a história transnacional.

No início do século XX, ambos os contextos, brasileiro e italiano, foram marcados por especificidades históricas, as quais merecem ser levadas em consideração quando se analisam os fenômenos imigratórios.

No que diz respeito ao contexto brasileiro, com a mudança do governo imperial para o republicano, muitas transformações, em vários âmbitos, foram sentidas. Na área específica da escolarização, as décadas iniciais do período republicano foram marcadas por um discurso em prol da educação e das instituições escolares. Era preciso, de acordo com a concepção da época, desvencilhar-se do período imperial e trazer luz às instituições. Conforme Andreotti (2006), no início do século XX, a escolarização foi discutida em vários setores. Também no âmbito político, muitas mudanças aconteceram. Conforme Saviani (2007), o período de 1890 a 1930 é marcado pela implantação das escolas primárias por meio da criação dos grupos escolares. Bencostta (2005, p. 69), ao discorrer sobre os grupos escolares criados no período republicano, escreve que “[...] este tipo de

instituição previa uma organização administrativa-pedagógica que estabelecia modificações profundas e precisas na didática, no currículo e na distribuição espacial de seus edifícios [...]”. Entretanto, os grupos escolares, os quais foram uma característica da Primeira República brasileira, não existiam de forma uniforme em todos os lugares nem mesmo existiram em todas as localidades. Coexistiram diversas tipologias de escolas nesse período, entre as quais as escolas denominadas étnicas. Neste sentido, esclarece Jorge Nagle (2001, p. 137) que “[...] a importância da escolarização, nesse contexto, é derivada das necessidades políticas; devido a isso, e não a outros argumentos, quaisquer que sejam as formas, a escolarização ganha prestígio [...]”. Nesse sentido, no início da Primeira República no Brasil, assim como no estado do Rio Grande do Sul, a escolarização não atendia a toda a população e, dentro deste contexto, tiveram espaço às iniciativas dos grupos imigratórios, assim como outras formas de escolarização. De acordo com Luchese (2010), a criação das escolas étnicas esteve em consonância com a situação em que se encontrava o Rio Grande do Sul no que se refere ao número de escolas, ou seja, desprovida de escolas que atendessem às demandas de toda a população. Decerto que essas instituições não foram criadas somente pela falta de escolas públicas, aspectos identitários não podem ser deixados de lado nesta conjuntura. As escolas não serviam apenas para o aprendizado dos alunos, mas, também, para manter alguns costumes dos imigrantes, bem como estimular a italianidade no exterior.

No contexto italiano, os primeiros anos do século XX foram particularmente significativos para as políticas imigratórias e para as escolas italianas no exterior. Novas resoluções foram criadas como uma forma de

tutelar os italianos no exterior. Nesse período, a classe política liberal italiana inaugurou uma série de medidas que voltavam uma maior atenção do Estado às políticas para a emigração de italianos para o exterior. Para colocar em prática essas medidas, foi criado, no ano de 1901, o *Commissariato Generale dell'Emigrazione* (Comissariado Geral da Emigração) a partir do qual foram promovidas novas iniciativas e intervenções para a proteção e a assistência dos emigrantes (Grassi, 1997; Grispo, 1986). A criação deste Comissariado era justificada por:

A necessidade de uma organização mais racional dos serviços relativos à emigração e de uma proteção mais eficaz dos emigrantes, muito viva face às evidentes lacunas do texto Crispino de 1888 ainda em vigor, levou em 1901 à instalação de uma série de novos gabinetes, através dos quais se propôs acompanhar e proteger o emigrante em todas as etapas do seu percurso, desde o país de partida ao de destino. O órgão central, no qual deveria estar concentrado tudo o que se referia aos serviços de emigração, era um comissariado geral, nomeado entre os funcionários superiores do Estado sob proposta do Ministro AA.EE, por terceiros comissários e pelos oficiais do despacho solicitado pelo serviço (art. 7º da lei de 31 de janeiro de 1901) [...] (Grispo, 1986, p. 01, tradução nossa).

As mudanças na lei de 1901, que ficou conhecida como Decreto Prinetti, foram substanciais em comparação com as leis anteriores referentes à imigração. Neste sentido:

A Lei de 1901 foi a primeira lei abrangente sobre migração, graças ao seu caráter especificamente social e econômico, e por colocar a questão da migração no mesmo nível que outras questões internacionais. Previa uma forma de intervenção e proteção do Estado antes da partida do migrante, durante sua viagem e na chegada a cada destino final [...] (D'Alessio, 2019, p. 493, tradução nossa).

Muitas foram as linhas de atuação do novo comissariado, dentre elas a criação da *Direzione dalle scuole italiane all'estero* (Direção das escolas italianas no

exterior), órgão responsável por gerir as instituições escolares italianas no exterior. Outra linha de atuação foi a atenção àqueles que gostariam de emigrar. Assim, foram publicados vários manuais, guias e *vademecum*, os quais aconselhavam, em vários aspectos, os que desejavam emigrar para outros países. Os aspectos e os objetivos dessas produções foram analisados por D'Alessio (2019):

A este respeito, um papel crucial foi desempenhado pelo novo órgão de governo do Commissariato Geral da emigração que, também no quadro das políticas migratórias dos países de acolhimento, desempenhou a sua ação em três níveis distintos de «reconhecimento dos migrantes»: a educação básica e a formação cultural, profissional e geral para os migrantes em seu país de origem; a formação profissional e as iniciativas destinadas a favorecer o emprego dos migrantes no estrangeiro; os cursos de especialização dirigidos a instrutores de migrantes (D'Alessio, 2019, p. 494, tradução nossa).

É compreensível que as ações do novo comissariado buscavam abranger todos os aspectos que envolviam a vida dos emigrados, entre as quais aqueles relacionados à escolarização e à instrução.

Um conjunto de documentação importante para estudar e compreender as ações do novo comissariado é o dos *Bollettini dell'Emigrazione* (Boletins da emigração), instituídos no ano de 1901. Esses foram, assim como os anuários, uma publicação do Ministério italiano e mudaram de formato ao longo dos anos, assim como de objetivo. Os relatórios eram produzidos pelos representantes diplomáticos italianos, enviados a Roma e publicados no *Bolletino Consolare*, órgão oficial vinculado ao *Ministero degli Affari Esteri*. O objetivo da publicação era divulgar dados comerciais e estatísticos de outros países. A partir de 1888, a publicação passou a se chamar *Bolletino del Ministero degli Affari Esteri*. Essa mudança impactou alterações no conteúdo do

documento, o qual passou a publicar todas as notícias referentes ao ministério e não somente informações comerciais. Entre os anos de 1902 e 1927, os documentos passaram a ser publicados, também, no *Bolletino dell'Emigrazione*, criado em 1901 (Iotti, 2001) e passaram a ser competência do *Commissariato Generale dell'Emigrazione*.

Os relatórios foram importantes documentos administrativos naquele período. Conforme Iotti (2001), essas publicações fornecem informações sobre as colônias italianas no exterior, ao mesmo tempo em que se constituem em uma leitura obrigatória para os interessados na temática (Iotti, 2001). Ao utilizar este tipo de fonte, deve-se considerar que eram documentos oficiais do governo italiano e, por isso, devem ser relativizados no momento de uma análise aprofundada, sem perder de vista que os cônsules refletiam o pensamento do governo italiano da época.

Essa introdução aos boletins nos auxilia na compreensão desses documentos, do seu contexto, dos seus autores, dos seus interesses. Além disso, ao ter contato e ler os boletins, tem-se uma compreensão melhor da dimensão do que foi a emigração italiana em todo o mundo, e não somente no Brasil. A emigração italiana e as escolas italianas foram um fenômeno complexo que envolve aspectos múltiplos e transnacionais.

No primeiro boletim do ano de 1902, há o objetivo da produção desses documentos:

Em primeiro lugar, o Boletim pretende dar a conhecer a ação do Commissariato para a proteção dos emigrantes, tanto no interior como no exterior, e por isso sintetizará as providências tomadas perante os transportadores e seus representantes, as instruções dadas em forma de circulares aos governadores, inspetores nos portos de embarque, comitês de mecenato no exterior para a proteção dos emigrantes na chegada. Da mesma forma, contabilizará o

movimento de emigrantes, divididos por países de destino e classificados de acordo com as suas qualidades pessoais, e dará a conhecer, periodicamente, as receitas obtidas com o imposto cobrado aos transportadores por cada emigrante transportado [...] (*Commissariato Dell'Emigrazione*, 1902, p. 03, tradução nossa).

Essas informações eram recolhidas e organizadas, na forma de relatórios, pelos representantes consulares, mas, excepcionalmente, missões específicas poderiam ser enviadas a determinado país ou local:

Para estudar as condições dos italianos no exterior, além do trabalho permanente dos agentes diplomáticos e consulares reais, a lei prevê o envio de delegados, tanto na qualidade de funcionários do Commissariato tanto em missões temporárias (*Commissariato Dell'Emigrazione*, 1902, p. 07, tradução nossa).

Ainda no boletim do ano de 1902, encontram-se algumas das medidas que eram competência do Commissariato. Entre essas atribuições, estão as várias vertentes da emigração italiana que competia ao comissariado. Por meio dessa listagem, é possível identificar a abrangência deste comissariado e a sua preocupação em atender, da forma mais ampla possível, às necessidades dos italianos que haviam deixado o país. Um destes itens refere-se à constituição do comissariado, pelo qual é possível entender quando esse foi constituído:

O Commissariato, no qual, de acordo com a lei de 31 de janeiro de 1901 (art. 7º), são centralizados os serviços de proteção à emigração, começou a funcionar a partir de 2 de setembro de 1901, data em que entrou em vigor a nova lei e o respectivo regulamento [...] Já com uma circular datada de 11 de abril do mesmo ano, o Ministro do Interior havia chamado a atenção dos governadores para as disposições mais importantes da lei, e dado algumas regras para a vigilância e a proteção da emigração na passagem de lei de 1888 e a de 1901 (*Commissariato Dell'Emigrazione*, 1902, p. 09, tradução nossa).

Durante as primeiras duas décadas do século XX, além do Decreto Prinetti, que criou o *Commissariato*

Generale dell'Emigrazione, no ano de 1901, outras determinações, leis e regulamentos também foram promulgados com o objetivo de tutelar os que haviam partido. Isso demonstra, por um lado, uma tentativa de que o sentimento da pátria italiana fosse também constituído fora da Itália e, por outro, uma tentativa de regular, regrar e, de uma certa forma, padronizar as instituições escolares italianas que recebiam subsídios do governo italiano.

Outra importante lei para a imigração e as escolas italianas foi a Lei Tittoni, elaborada em 1910 pelo Ministro Tittoni. Nesse mesmo ano, assumiu como diretor central das escolas italianas, Angelo Scalabrini, o qual já havia assumido antes o *Ispettorato delle Scuole Italiane all'estero* (Ciampi, 1998). Sobre essa lei em específico:

No ano em que o movimento migratório italiano registrou um dos picos mais elevados, foi aprovada a lei de 18 de dezembro de 1910, n. 867, destinada a reorganizar nossas escolas no exterior. Síntese da experiência adquirida na Itália e no exterior, pode ser considerada a mais completa e orgânica das medidas adotadas em cem anos de atividade escolar italiana em favor dos compatriotas emigrantes (Floriani, 1974, p. 63, tradução nossa).

Essa lei de 1910 reafirmou alguns itens contemplados na Lei Crispi de 1889; porém estabelecia alguns pontos diferentes:

Do trabalho da comissão ministerial nasceu a nova lei orgânica para a reorganização das escolas italianas no exterior, denominada “lei Tittoni” pelo ministro que a promulgou em 1910: foi a primeira lei orgânica sobre o assunto depois da “lei Crispi”. Estabeleceu que o ensino religioso fora do horário escolar permanecia opcional, mas confirmou o financiamento para escolas religiosas, desde que fossem submetidas a inspeções governamentais regulares (Salveti, 2003, p. 546, tradução nossa).

Para Salvetti (2014), a Lei Tittoni de 1910 confirmava as disposições anteriores da Lei Crispi, ou seja, na Bacia Mediterrânea, eram instituídas as escolas italianas governamentais e, nas Américas, as escolas italianas subsidiadas, assim como não havia modificações substanciais se comparada com as normativas anteriores. A autora salienta como uma novidade de relevo a criação da figura dos *maestri-agenti*. Esses professores, além das funções didáticas, assumiram também tarefas consulares de assistências aos italianos e descendentes. Ainda para a autora, os subsídios concedidos às escolas continuavam a ser praticamente irrisórios (Salvetti, 2014). Porém, ao menos no Brasil, já se encontravam *maestri-agenti* atuando em anos anteriores a 1910, conforme será abordado no momento oportuno.

No específico das escolas italianas no exterior, além dos decretos e leis promulgados sobre a imigração que abrangiam essas instituições escolares, houve também regulamentos específicos para as escolas, tais como os de 20 de junho de 1912 e de 1916, a lei de 1910 e o texto único de 1940. Nesses documentos há vários itens, entre os quais aqueles referentes aos subsídios, assunto constante em vários outros documentos:

Art. 4º As escolas e as outras instituições de ensino coloniais ou privadas submetidas a fiscalizações governamentais poderão ser subsidiadas pelo governo, observadas as regras estabelecidas no regulamento.

O subsídio também pode ser pago em livros e material escolar (Itália, 1910, p. 04, tradução nossa).

A lei de 18 de dezembro de 1910, no seu artigo 1º, estabeleceu que:

Art. 1. O Governo do Rei prevê a difusão da língua e da cultura italiana no exterior, fundando e mantendo escolas ou outras instituições de ensino no Estado, promovendo e subsidiando escolas ou outras instituições de ensino coloniais ou privadas (Itália, 1910, p. 03, tradução nossa).

Neste artigo, identifica-se e reforça-se o objetivo das escolas no exterior de difundir não somente o idioma, mas também a cultura italiana. De forma geral, os regulamentos e as leis eram divididos pelos níveis de escola e abordavam vários elementos, como a distribuição dos subsídios, professores, direções das escolas, a produção e o envio dos relatórios e documentação escolar a Roma, entre outros assuntos. O assunto dos subsídios era recorrente nesses documentos, assim como as condições para o seu recebimento.

Os anos do século XX que esta pesquisa engloba comportam singularidades diversas nas duas primeiras décadas do século. Há, nos anos de 1920 e 1930, um contexto diverso nos dois países se comparado com o início do século XX. Nesse período, os ideais fascistas de Benito Mussolini impactaram fortemente a Itália, e também no Brasil, assim como a política nacionalista de Getúlio Vargas impactou o Brasil e as escolas e instituições de grupos estrangeiros.

Assim, outras leis e regulamentos para os italianos e as escolas no exterior referem-se ao período fascista, o qual introduziu novas orientação para que as escolas e instituições fossem subsidiadas:

[...] as medidas mais radicais situam-se na virada dos anos trinta [...]. Com a ordem de serviço de 12 de dezembro de 1929, n. 18, procedeu-se à unificação da Direção Geral das Escolas Italianas no Exterior com o Comissariado Geral da Emigração, dando origem a um novo órgão, a Direção Geral dos Italianos no Estrangeiro e Escolas (D.I.E.S) [...] (Ciampi, 1998, p. 118, tradução nossa).

As décadas de 1920 e 1930 comportam particularidades significativas e, por isso, as escolas italianas em Pelotas, nesse período, serão tratadas em um tópico específico.

O objetivo deste item não foi exaurir a legislação acerca das escolas italianas no exterior. Essa análise, em alguma medida, já foi realizada por outros pesquisadores, como, por exemplo, Salvetti (2002) e Floriani (1974). A intenção foi elencar alguns elementos que forneçam bases para a análise das escolas em Pelotas, as quais, como mencionado, não estão deslocadas e isoladas de um contexto maior.

5.2 As escolas italianas em Pelotas durante os primeiros anos do século XX

As escolas italianas em Pelotas no século XX tiveram características marcantes em relação ao século precedente. Conforme mencionado no capítulo anterior, um conjunto importante de fontes são os anuários das escolas italianas no exterior. A partir deles, é possível traçar um perfil quantitativo dessas instituições escolares, assim como o número de alunos, o subsídio anual ou semestral concedido às escolas e, por vezes, quem eram os professores e a qual instituição essas escolas estavam atreladas, como, por exemplo, sociedades de mútuo socorro ou instituições religiosas.

Durante todos os anos em que os anuários foram produzidos, foi possível, para esta pesquisa, ter acesso aos seguintes anos ao longo do século vinte: 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1913, 1914, 1921, 1922, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1939, 1940.

O primeiro documento consultado deste século, 1907, registra em Pelotas a presença de uma escola italiana privada, mista, com 36 alunos. Para o ano seguinte de 1908, o anuário registra, no quadro geral de escolas italianas no estado do Rio Grande do Sul, uma

escola italiana privada com 20 alunos do sexo masculino e 16 alunas do sexo feminino. Em 1909, repetem-se as mesmas informações (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1907, 1908, 1909).

Os anuários também anotavam as escolas e os colégios brasileiros nos quais havia aulas ou cursos de italiano e a quantidade de alunos que os frequentavam. No ano de 1909, encontra-se, no anuário, a informação sobre o Ginásio Pelotense e o Liceo Pelotense, com 300 e 12 alunos respectivamente. Porém, essas duas instituições estão anotadas como tendo sede em Porto Alegre (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1909). Entretanto, sabe-se que não havia na capital do estado instituições com essa nomenclatura, mas em Pelotas sim, dessa forma, subentende-se que essas referidas instituições eram as de Pelotas e não em Porto Alegre. Alguns questionamentos podem ser colocados, como, por exemplo, a quantidade de alunos mencionados, quais alunos fariam esse curso, quem era o professor nesse curso. É interessante observar se havia alguma relação com a sociedade italiana da época e se esses alunos que frequentavam o curso eram ou não descendentes de italianos ou, então, fazia parte de uma cultura da época estudar idiomas, mesmo que não fossem imigrantes ou filhos de imigrantes. Ainda se podem tecer considerações sobre possíveis ligações entre o grupo de italianos em Pelotas e a maçonaria. Para os anos de 1910, 1911, 1913, 1914, encontram-se as mesmas anotações para Pelotas. Sempre o anuário refere-se a essas instituições como situadas na cidade de Porto Alegre (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1910; 1911; 1913-1914), porém em Pelotas havia instituições com essas denominações, o que induz ao pensamento de que essas instituições eram as de Pelotas. Conforme Amaral (2002), o Gymnasio

Pelotense foi criado pela maçonaria no ano de 1902 e representou, na época, uma alternativa de ensino laico em contraposição ao colégio católico “Gymnasio Gonzaga”, fundado em 1894. Ainda de acordo com a autora, nos primeiros anos, o Gymnasio Pelotense funcionou para um grupo de pessoas mais abastadas, pois era um colégio pago e funcionava no regime de internato e externato (Amaral, 2002). Como mencionado, no Gymnasio Pelotense, nos anos de 1909, 1910, 1911, 1913 e 1914, houve cursos de italiano, os quais foram registrados nos anuários italianos. Pelas características do Gymnasio, por ser uma instituição, diga-se, de elite, explica-se o fato da inclusão do ensino de idiomas para esse público, além da possível relação entre os italianos em Pelotas e a maçonaria.

A trajetória das escolas italianas em Pelotas durante o período do século XX que esta pesquisa abarca teve uma continuidade menor se comparada com o século anterior. Houve, ao que indicam as fontes, um período bastante grande de interrupção das atividades dessas instituições escolares.

No ano de 1906, o presidente da *Società Italiane Riunite* escreveu, em uma carta endereçada ao Ministério italiano, as seguintes palavras: “*Una società senza scuola è come un corpo senza anima*” (uma sociedade sem escola é como um corpo sem alma). Essa pequena frase, extraída de uma correspondência, sintetiza a tipologia das escolas italianas existentes no município de Pelotas, ou seja, aquelas ligadas às Sociedades de Mútuo Socorro. Salienta, ainda, a necessidade que a sociedade tinha em escrever ao Ministério para solicitar subsídios e condições necessárias para o funcionamento das escolas.

No início do século XX, percebe-se um declínio nas atividades das escolas italianas em Pelotas, declínio esse influenciado tanto por falta de alunos quanto por falta de estrutura para a escola. Como mostrado no capítulo anterior, até o final do século XIX, as escolas em Pelotas tinham atividades. Desta forma, nos primeiros anos do século seguinte, Pelotas necessitava de uma reorganização da escola italiana. Para isso, no ano de 1905, foi enviado a Pelotas o *maestro-agente* Umberto Ancarani a fim de reestruturar a escola italiana em Pelotas, assim como criar novos cursos de idiomas e fornecer auxílio para tudo aquilo que os italianos e descendentes poderiam precisar.

O corpo docente que atuava nas escolas italianas no exterior é uma vertente interessante, mas que, ao longo do tempo, foi pouco estudada e aprofundada. Os professores que atuavam nessas instituições era um assunto recorrente em documentos legislativos italianos e também em alguns periódicos. No início do ano de 1907, o jornal italiano *Stella D'Italia* publicou um artigo sobre os professores que atuavam nas escolas italianas no RS:

Os Professores

Quem já se preocupou em avaliar o trabalho humilde, ignorado, árduo, cansativo e altamente patriótico que os pobres professores italianos (licenciados e não licenciados) estão realizando entre nós?

Nestes dias, quando os obscuros pioneiros da civilização voltam às suas atividades diárias para iluminar as inteligências ternas, queríamos lembrá-los e louvar seus elevados méritos com um sentimento de admiração e gratidão. Porque – devemos reconhecê-lo – a maior obra do espírito italiano neste país, a obra de preservação da língua e do pensamento da pátria na nova geração, é realizada por professores italianos [...] (*Stella D'Italia*, 10 fev. 1907, s.p., tradução nossa).

Essa matéria extensa concentra-se em exaltar as características e as qualidades dos professores dessas escolas, assim como as dificuldades que enfrentavam. O grupo de professores que atuavam nessas escolas tinha características bastante heterogêneas e diversificadas formações. Em muitos casos, eram descendentes de italianos ou imigrantes e, sobretudo nas escolas rurais, eram pessoas da própria comunidade sem formação para dar aulas. Como demonstrado no capítulo anterior, os professores das escolas de Pelotas durante o século XIX eram imigrantes italianos e foram escolhidos pela sociedade para tal função. No entanto, no início do século XX, o *Commissariato generale dell'emigrazione* decidiu enviar os *maestri-agenti*. É dentro desse contexto que se insere a trajetória do professor Umberto Ancarani e a sua atuação em Pelotas, assim como em outras cidades do Rio Grande do Sul. O pagamento dos salários dos *maestri-agenti* provinha diretamente do orçamento do *Ministero degli Affari Esteri italiano* (Ancarani, 17/06/1922), ou seja, esses professores eram funcionários do estado italiano e não somente subsidiados por este, como era o caso dos professores imigrantes.

Umberto Ancarani teve um percurso de mais de duas décadas em três países diferentes e desenvolveu várias atividades, para além da docência nas instituições escolares. Também atuou em outros espaços nas sociedades urbanas onde viveu. Especificamente no Brasil, assumiu também funções consulares. É necessário mencionar que Ancarani exerceu cargos diferentes nos três países onde atuou: na Grécia e em Constantinopla, era um funcionário das escolas italianas governativas, no Brasil, era professor nas escolas que eram subsidiadas pelo estado italiano.

Umberto Ancarani nasceu no dia 18 de janeiro de 1865 na cidade de Constantinopla e foi residente em Gênova, na Itália. Casou-se em 28 de agosto de 1892 com Irò Ancarani (MAE, s.d.), a qual assumiu a docência em cursos de italiano para mulheres, em algumas das cidades onde o professor era o responsável pelas escolas italianas (Ancarani, 17/06/1922). Irò foi, inclusive, nomeada pelo Ministério italiano como professora nas escolas italianas femininas e lhe foi assegurado um subsídio para o desempenho de tal função.

Umberto Ancarani possuía formação para desempenhar suas funções como professor. Entre seus títulos acadêmicos ou habilitações, está a “habilitação para o ensino primário de primeiro grau superior e habilitação para o ensino de francês” (MAE, s.d., s.p., tradução nossa). Com essa habilitação, o professor ministrou aulas de francês em Canea, na Grécia e em alguns municípios no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Neste país, Ancarani consolidou-se não somente como professor nas escolas italianas no Brasil, mas também atuou em outras instituições brasileiras de ensino. Ministrou aulas de italiano e de francês em alguns colégios e ginásios brasileiros, ou seja, também foi professor nas escolas locais dos países onde era professor nas escolas italianas.

Umberto Ancarani foi professor nas escolas italianas desde o ano de 1890, quando se submeteu a um concurso (MAE, 1901, s.p.): “O abaixo assinado Umberto Ancarani foi admitido como professor nas régias escolas primárias masculinas no exterior, com decreto ministerial n. 37518/275 em 17 outubro de 1890” (Ancarani, 20/03/1897, s.p., tradução nossa).

A primeira destinação no exterior do professor Ancarani, junto com a sua esposa, foi a Constantinopla⁴⁷, na escola elementar de Galapa. Nesse país, atuou também na Escola Elementar de Pera e em Pancaldi até o ano de 1899, onde permaneceu por um período de 9 anos antes da sua próxima destinação. Após alguns anos em Constantinopla, Umberto Ancarani expressa a vontade de ser transferido para outra cidade, conforme registra o Cônsul regente em uma correspondência ao Ministro: “[...] Envio a Vossa Excelência o pedido do senhor Ancarani Umberto, professor na R. Escola Primária de Pancaldi, que pede para ser transferido desta cidade” (Console Reggente, 13/08/1898, tradução nossa). Assim, no ano de 1899, Umberto Ancarani foi transferido para a Grécia, onde recebeu diversos encargos de docência, permanecendo até 1904, quando retornou à Itália. Após os serviços do professor em Constantinopla e na Grécia⁴⁸, Umberto Ancarani é designado a uma missão no Brasil, no ano de 1904, onde permaneceu por 16 anos, atuando ininterruptamente nas escolas italianas em diversas cidades no estado do Rio Grande do Sul (Ancarani, 17 jun. 1922).

A partir do boletim da imigração de 1904, é possível verificar como e quando a figura dos *maestri-agenti* foi inserida na legislação italiana referente às escolas italianas no exterior:

Embora seja impossível enviar cônsules de carreira a todos os centros mencionados, e seja difícil encontrar entre nossos compatriotas nessas regiões (geralmente pobres e pouco educadas) pessoas adequadas para o cargo de agentes consulares, poderia ser útil recorrer a professores e médicos, em contato, por profissão própria, com nossos colonos e sabendo de suas necessidades.

⁴⁷ Atual território de Istambul.

⁴⁸ Para aprofundar sobre a trajetória profissional de Ancarani em outros locais que não Pelotas, ver: Castro, Barausse (2019).

O Ministério das relações exteriores já havia feito uma experiência nesse sentido, encarregando o mestre do colégio italiano de Bento Gonçalves (município do estado de Rio Grande do Sul) da representação consular. Agora seria uma questão de estender esta disposição.

A matéria foi submetida ao exame do Conselho de Emigração, que, na reunião de 22 de março de 1903, votou favoravelmente que fosse concedida a contribuição de 50.000 Liras para o exercício financeiro de 1903-1904, porém colocando as seguintes condições:

Que os professores, junto com seu ofício de professores, realizem um trabalho de proteção aos nossos emigrantes, dando-lhes orientações e conselhos adequados e também os ajudando na correspondência com seus familiares; que, além de professores, também podem ser contratados médicos com as mesmas qualidades dos correspondentes;

Que tais correspondentes devem manter contato com as repartições de patronato e com o Comissariado, envidando todos os esforços para divulgar as informações por eles enviadas;

Que tais correspondentes sejam obrigados a informar anualmente ao Comissariado sobre as condições de suas respectivas colônias, sobre suas necessidades e sobre as medidas que pareçam apropriadas (*Commissariato Dell'Emigrazione*, 1904, p. 133-134, tradução nossa).

Como citado anteriormente, a criação da figura dos *maestri-agenti* foi atribuída como uma das determinações da Lei Tittoni de 1910. Porém, como verificado a partir do anuário citado e de outros documentos, já existia antes de 1910. O professor Ancarani registra a sua destinação para o Brasil nesta função de *maestri-agenti*:

O Decreto Ministerial n. 23076, assinado por S.E. o Subsecretário de Relações Exteriores, Exmo. Fusinato, em 13 de maio de 1904, com quem fui destinado ao Brasil como comandado ao posto de Mestre-Agente a Alfredo Chaves, ressalta que, “além de ser obrigado a exercer um trabalho de proteção aos nossos emigrantes, também ocupei a função de professor, função pela qual sempre almejei desde minha chegada a Porto Alegre, conforme atestam as inúmeras cartas desses Régios Cônsules e comunicações do Ministério Superior” (Ancarani, 07 set. 1920, s.p., tradução nossa).

A presença do professor no sul do Brasil foi, assim como na Grécia, marcada por conflitos e tensões com

os representantes consulares locais, em especial, com o cônsul regente em Porto Alegre, Salemi-Pace. Assim como na Grécia, Umberto Ancarani envolveu-se em outras atividades nas cidades onde esteve, da mesma forma que ministrou aulas de italiano e de francês em outros locais e em colégios brasileiros, bem como foi decisivo na criação de um colégio ítalo-brasiliano na cidade de Santa Maria, localidade onde o professor permaneceu por mais tempo e onde sua atuação percebe-se de forma mais intensa. Decididamente, Ancarani era um professor diferenciado dos demais que atuavam nas escolas italianas no Brasil. Ancarani era um intelectual que possuía uma visão de mundo e uma formação específica e, para a época, diferente da formação da qual havia os professores que atuavam nas escolas italianas no exterior, os quais eram, em sua maioria, emigrados.

No ano de 1904, encontra-se um artigo escrito pelo professor Umberto Ancarani. No artigo intitulado *Per l'omogeneità dell'insegnamento nelle scuole italiane* (para a homogeneidade do ensino nas escolas italianas), Umberto Ancarani defende que as escolas italianas deveriam ter uma linha homogênea de ensino:

É verdadeiramente um trabalho sábio e louvável qualquer pessoa que desperte interesse no futuro desenvolvimento das nossas escolas ressurgidas por obra de Sociedades italianas que com tanta abnegação, constância e patriotismo conseguiram sucesso nas nobres instituições. Essas sociedades dignas podem se apropriar do ditado: <aqueles que amam seu país o honram com suas obras>. Com apenas seus esforços, eles conseguiram isso, esses bons italianos. **E agora que a escola está feita, necessita fazer os escolares;** necessita isto é, convergir todos os esforços, todo o trabalho para a homogeneidade do ensino, como o senhor diretor, acertadamente indicou com claras visões, em sua preciosa folha de 24 de julho [...] Mas para facilitar a tarefa aos professores meritórios das nossas escolas, que cumprem com verdadeira abnegação a sua missão de educar, instruir e civilizar, para facilitar a sua forma de seguir um ensino único e uniforme, é necessário que uma pessoa competente,

encarregada *ad hoc*, prepare um programa geral sobre as matérias de ensino, não podendo esperar que aqui tenhamos em vigor aquele do Reino da Itália; pois é necessário levar em consideração o meio em que se vive e a língua do país, que também deve ser ensinada a todos os alunos. É então que, com base no programa geral, os professores individuais, antes do início das aulas, ou seja, no início do ano letivo, deverão elaborar os seus programas detalhados, mês a mês, e o horário de ensino semanal. Devem ser entregues à pessoa competente, designada pela autoridade consular, para as devidas observações. Porém, esses programas devem ser enviados antes do início das aulas, para que após a aprovação do diretor didático, o ensino comece de acordo com o programa elaborado (*Stella D'Italia*, 11 ago. 1904, s.p., tradução nossa, grifo nosso).

Havia, tanto nos relatórios consulares quanto na imprensa, o discurso de que o ensino nas escolas italianas deveria seguir determinados critérios e orientações visando uma homogeneização dessas instituições. Os programas escolares produzidos pelo MAE italiano tinham esse objetivo, porém essa homogeneização desejada possivelmente não era realizada por todas as escolas italianas no RS. Um indicativo disso é a necessidade de os documentos oficiais do MAE e a imprensa da época, os jornais, reforçarem a necessidade desta homogeneização. Decerto que havia iniciativas gerais para as instituições subsidiadas, mas, nesse contexto, as características locais não podem ser desconsideradas. Ainda, a partir da citação acima, chama-se atenção para a frase: “E agora que a escola está feita, necessita fazer os escolares” em alusão à conhecida e famosa frase do piemontês Massimo d’Azeglio no contexto da unificação italiana: “fizemos a Itália; agora precisamos fazer os italianos”. Era necessário, neste período, criar um sentimento de italianidade e a escola cumpriria um papel fundamental, tanto na Itália quanto nas comunidades italianas no exterior.

A figura dos *maestri-agenti*, além de no Brasil, foi instituída também na Argentina:

Ao mesmo tempo, o Comissariado da Emigração, em acordo com a Diretoria Geral de Escolas no Exterior, promoveu o estabelecimento de escolas italianas no Brasil e na Argentina, no interesse exclusivo de nossos emigrantes e, portanto, como um experimento, algumas pessoas escolhidas pela referida gerência geral receberam a tarefa de ensinar nessas escolas e, posteriormente, assumiram a proteção dos emigrantes da qualidade dos agentes consulares (Ancarani, 17 jun. 1922, s.p., tradução nossa).

Fica compreensível, a partir da leitura do documento citado acima, que era algo que estava sendo criado a título de experiência e os professores foram escolhidos entre aqueles que eram funcionários do Ministério. Claro que o período em que Ancarani foi escolhido para vir até o Brasil coincidiu com a data em que ele retornou à Itália, após um problema diplomático na Grécia. Certamente, essa condição, também, foi determinante para a sua escolha, mas as suas características e qualificações também contribuíram para a decisão dele como *maestro-agente* no estado do Rio Grande do Sul. O boletim da emigração do ano de 1904 relata que: “Importantes núcleos de emigração italiana vivem em locais remotos, fora de qualquer supervisão imediata dos agentes diplomáticos e consulares reais” (*Commissariato Dell’Emigrazione*, 1904, p. 133, tradução nossa). Nesse sentido, muitas localidades ficavam desatendidas pelos consulados por causa das grandes distâncias, e, assim, foi proposto o envio de professores e, também, de médicos italianos de carreira que pudessem exercer também atividades de agentes consulares de ofício. E foi nessa conjuntura que foi proposta para Ancarani a ida para o Rio Grande do Sul (Ancarani, 17/06/1922), conforme se pode observar:

Preg. meu Senhor, confirmando as provisões deste ministério, comunique-as de forma verbal, tenho a honra de participar a S.V. seu destino final como COMANDADO, ao posto de Mestre-agente, na Colônia de Alfredo Chaves, no Rio Grande do Sul, Brasil (ou em outro local no próprio estado que o R. Consul em Porto Alegre considere mais apropriado) com o salário de L. 2500 mais uma quantia anual de L. 500, que deve ser usado para custos de inspeção no território da cidade, com a obrigação de indicar seu uso anualmente (Fusinato, 13 maio 1904, s.p., tradução nossa).

Durante o período em que o professor Umberto Ancarani atuou no Brasil, encontram-se inúmeras notícias do jornal *Stella D'Italia*. Em data de 07 de julho de 1904, encontra-se no periódico a notícia da chegada do professor e sua esposa no Brasil:

Quinta-feira passada chegou no *Juanita*, com sua consorte distinta, prof. Cav. Umberto Ancarani enviado pelo Ministério da Instrução Pública de Roma para assumir a Agência Consular Italiana [...] Prof. Ancarani, ex-professor de uma escola secundária em Canea, em nome do governo italiano, é um ornamento brilhante de nossas instituições de ensino estrangeiras [...] (*Stella D'Italia*, 07 jul. 1904, s.p., tradução nossa).

Em 15 de agosto de 1904, Umberto Ancarani escreve uma carta ao *Sotto Segretario* do Ministério das Relações Exteriores na Itália e descreve a sua chegada no RS. Conforme o professor:

Chegado em Porto Alegre no dia 2 de julho, encontrei o regente consular daquela R. Consulado, o senhor advogado Salemi Pace da repartição central de emigração, e a ele apresentei, para meu conhecimento pessoal, a carta ministerial nº 23076/234, com a qual fui nomeado por V. E. Agente Mestre. O Sr. Salemi Pace me indicou que não havia recebido nenhuma participação em minha visita, enquanto por outro lado, cauteloso, me deu a leitura de uma cópia do relatório enviado por Cav. Ciapelli (Cônsul Real da Itália em Porto Alegre) a este Excelentíssimo Ministério, em cujo relatório comunicou a minha destinação a Caxias, por ser a melhor das colônias, e da destinação do professor Mantevoni a Alfredo Chaves, mas o próprio Sr. Salemi sabia que em Caxias já havia um agente consular (Sr. Italo Vittorio Bersani). Eu apontei minha difícil posição diante

do Sr. Bersani que certamente não teria visto bem o seu futuro sucessor, mas o Sr. Salemi me deu garantia dizendo-me: “Vai a Caxias com calma, porque no final do mês o Sr. Bersani virá a mim para apresentar a sua demissão, até porque ele, além de hoteleiro, também aceitou o posto de vendedor que não lhe dá tempo para zelar pela agência pelos diversos negócios comerciais da casa alemã que representa, e para a qual é obrigado a ficar continuamente fora de Caxias” (Ancarani, 15 ago. 1904, s.p., tradução nossa).

Nessa carta bastante longa, Umberto Ancarani descreve o seu descontentamento com o cônsul regente Salemi Pace por não o informar sobre a condição da agência consular em Caxias, a qual já possuía um agente que continuou nessa posição apesar das promessas de Salemi Pace. A agência consular seguiria nas mãos do agente anterior e isso desagradou Ancarani. Ainda, conforme o professor: “Sobre o outro ponto me pede de ‘considerar que em Caxias faltava o professor desejado, mas não faltava o agente consular’ (Ancarani, 15 ago. 1904, s.p., tradução nossa)”.

O professor lamenta o ocorrido e continua a escrever a carta dizendo que não entende porque o senhor Salemi Pace resolveu comunicar-lhe a situação por meio de uma carta e não pessoalmente no momento da sua chegada a Porto Alegre, de acordo com o professor ele não teria deixado a Itália e vindo para o Brasil se soubesse dessas condições. Ainda, escreve que, para ele, Caxias é uma cidade pequena onde ele não vive em boas condições. Mora com sua esposa em uma casa de madeira, o município é longe da vida social e intelectual, já que ele já possuía um encargo em um lugar com condições melhores e aceitou vir para o Brasil para assumir o posto de “maestro-agente” e não somente de maestro. Em suas palavras: “Além da posição moral oferecida pela nomeação de mestre-agente (a de mestre não oferece nenhuma consideração)” (Ancarani, 15

ago. 1904, s.p., tradução nossa). O professor, em sua longa carta, escreve do pouco empenho que o agente consular Bersani teve com o município e que a instituição da figura do “*maestro-agente*” não foi bem recebida pelo senhor Bersani. A partir do jornal *Stella D’Italia*, em data de 21 de janeiro, podemos notar que o Agente Consular Italo Bersani, agente em Caxias no momento da chegada do professor Ancarani, solicita a sua exoneração da Agência consular de Caxias (Ancarani, 15 ago. 1904). A partir dos documentos seguintes, pode-se compreender como se desdobraram esses tensionamentos. As cartas mostram que a tensão entre o professor e o Régio consulado de Porto Alegre não se amenizou. Nesse sentido, o Ministério intervinha na mediação dos conflitos.

Além dessas reclamações por parte de Ancarani pelo fato de não receber a agência consular de Caxias, encontramos cartas referentes a pedidos de reembolso da viagem de Gênova até Porto Alegre. Todos esses documentos nos dão a dimensão das divergências entre o consulado e o professor Ancarani. Essas dissidências dentro da colônia italiana de Caxias nos fazem lembrar que os grupos de italianos que vieram para o Brasil não eram homogêneos. Havia dissidências no seu interior, assim como em Pelotas, como demonstrado anteriormente.

Após esses desentendimentos na região de Caxias, Umberto Ancarani é transferido para Pelotas, no sul do estado do RS, no ano de 1905 (Ancarani, 1926). O cônsul italiano da época escreve sobre esses problemas em Caxias e que Ancarani se mostra satisfeito em mudar-se para Pelotas:

[...] ciente dos precedentes e das graves discórdias que surgiram em Caxias, vi que o único remédio para uma situação

deplorável era da minha parte facilitar o afastamento do prof. Ancarani para Pelotas, aproveitando sua boa disposição para ir até lá. E depois de lhe dar os devidos conselhos sobre o teor de conduta a manter na sua nova residência e principalmente em relação ao R. Agente Consular para fazer esquecer os inconvenientes acontecidos em Caxias, recomendei-o ao bom prof. Trebbi que o acolheu com toda a cortesia.

Ancarani retorna de Pelotas feliz e satisfeito com tudo e resolveu ir para lá definitivamente (De Velutiis, 29 nov. 1905, s.p., tradução nossa).

De acordo com a carta do cônsul, a ida de Ancarani a Pelotas foi tratada com o agente consular local, Frederico Trebbi:

Na ocasião, o Consulado, ao exigir da Sociedade o compromisso de um salário fixo mensal de 100.000 réis a ser pago ao mestre, solicitou em particular ao prof. Ancarani se ele queria ir para Pelotas.

Com carta datada de 18 de junho, este aceitou a proposta em princípio através de algumas cláusulas sobre as condições de higiene das instalações, sobre despesas de deslocação, etc.

Comunicadas estas condições (3 de julho) ao prof. Trebbi, este último respondeu (no dia 3 de agosto) que a sociedade cumpriria algumas exigências do professor, mas não podia fazer para as demais por falta de meios (De Velutiis, 29 nov. 1905, s.p., tradução nossa).

Assim, o cônsul De Velutiis justifica ao ministro a transferência do professor a Pelotas:

Me lisonjeio com satisfação que a Vossa Excelência tenha o prazer de aprovar o meu trabalho, que não permitiu atrasos, dadas as condições especiais em que estive o prof. Ancarani, cuja presença em Caxias era uma pedra de tropeço que queria exacerbar cada vez mais a discórdia da colônia, e deu a urgência de removê-lo daquela residência, aproveitando as boas disposições que lhe mostravam a mudança para Pelotas.

Queira aceitar, Senhor Ministro, os atos de meu profundo respeito (De Velutiis, 12 nov. 1906, s.p., tradução nossa).

A notícia da sua transferência foi divulgada no jornal *Stella D'Italia*:

Consta que o prof. Umberto Ancarani no final deste setembro se estabelecerá em Pelotas, onde foi escolhido diretor da escola italiana daquela Sociedade Unione e Filantropia. Só podemos nos regozijar com a meritória preciosa aquisição de um tão digno professor, confiando-lhe a direção da escola que sem dúvida obterá esplêndidos resultados e crescimento duradouro, conhecendo os méritos que muito distinguiram o cav. prof. Ancarani, principalmente em Caxias onde rapidamente organizou um modelo de internato, dando um extraordinário desenvolvimento à instrução popular (*Stella D'Italia*, 07 set. 1905, s.p., tradução nossa).

Outra notícia do mês de dezembro de 1905 mostra outras funções exercidas pelo professor, além da já mencionada tensão com Salemi-Pace:

O extenuante prof. Ancarani, o perseguido pelo sr. Salemi Pace provavelmente por suas acentuadas ideias monárquicas, atualmente diretor da escola italiana da *Società Riunite* em Pelotas, foi contratado para a cadeira de grego e italiano no ginásio Pelotense. Além de prestar homenagem à sua vasta doutrina, a nomeação honorífica deve compensar parcialmente as dores injustamente infligidas. A colônia de lá o rodeia com uma estima merecida [...] (*Stella D'Italia*, 21 dez. 1905, s.p., tradução nossa).

A decisão de transferir Ancarani para Pelotas foi pautada por divergências e tensões dentro do município onde ele trabalhava antes, Caxias do Sul, assim como pela necessidade de reabrir a escola italiana dentro da sociedade italiana de Pelotas, como consta a seguir:

Agora, esse estado de coisas não poderia durar.

Com relatório datado de 8 de agosto de 1904, o R. Agente Consular de Pelotas enviou a este escritório uma instância da associação local "*Società italiana Riunite*" solicitando que aquela colônia fosse dotada de uma escola italiana subsidiada pelo Governo Real – cuja instituição, para além do efeito benéfico da educação dos filhos dos italianos, serviria para despertar no coração de todos os conterrâneos aquele sentimento de solidariedade que visa devolver a harmonia à Colônia, principal fator da prosperidade e do amor à pátria. A sociedade ofereceu as instalações para a escola (De Velutiis, 29 nov. 1905, s.p., tradução nossa).

Ancarani manifesta-se em uma carta endereçada ao ministério italiano: "Meu destino em Pelotas também

foi mais uma vingança de Salemi, porque a sociedade para onde estou destinado têm lugar próprio, mas está hipotecada por mais de 10.000 libras [...]” (Ancarani, 20 mar. 1906, s.p., tradução nossa). A notícia da chegada de Ancarani em Pelotas foi noticiada pela imprensa:

Na noite de segunda-feira, chegaram de Caxias os ilustres cônjuges Ancarani, que após alguns dias de descanso pretendem seguir para Pelotas, onde assumirão a direção de uma escola italiana modelo, fundada pela *Società Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* (*Stella D'Italia*, 05 out. 1905, s.p., tradução nossa).

Entre os documentos consulares, encontram-se pedidos de reembolso da transferência de Caxias a Pelotas. Em uma carta de 1906, Ancarani justifica seu pedido de reembolso da seguinte forma: “dos mestres-agentes enviados nesses dois anos, fui o único que fez inspeções e visitas aos centros agrícolas coloniais, como atesta meu bom relatório detalhado sobre Caxias, publicado no Boletim de Emigração, que teve um eco favorável nos jornais do governo local [...]” (Ancarani, 1906, s.p., tradução nossa). Nesta mesma carta, Ancarani pediu que fossem enviados livros didáticos à escola de Pelotas e se queixa da condição melhor que havia os maestros-agentes da capital, enquanto ele teria que esperar para receber o material didático (Ancarani, 1906, s.p.). Inúmeros são os pedidos, por meio de cartas, que o presidente da Sociedade italiana enviou ao *Ministero degli Affari Esteri* na Itália pedindo envio de livros e subsídios para a sociedade, com o objetivo de auxiliar a escola nesse período de tempo. O assunto dos subsídios era noticiado com frequência nos periódicos, como essa matéria que trata da condição das escolas e do pouco subsídio que essas recebiam:

[...] As escolas poderiam estar em melhores condições: é verdade. Todo mundo reconhece isso. Mas são escolas não

subvencionadas (não se pode dizer subvenção, o pequeno subsídio governamental – que é dado como prêmio de incentivo) que não são ajudadas, quase esquecidas da Colônia.

O que fazemos para melhorar? Nada. O que existe se deve unicamente ao esforço das poucas associações que as sustentam e ao esforço pessoal dos professores.

O mérito, portanto, é grande.

Existem milhares de crianças que em escolas humildes aprendem a amar a Itália; milhares de crianças em cuja boca a nossa língua permanecerá, em cujas mentes está fixado o conceito de pátria de origem e em seus corações o sentimento de italianidade irrompe e se torna grande (*Stella D'Italia*, 10 fev. 1907, s.p., tradução nossa).

No tocante às escolas em Pelotas, há inúmeros documentos dos presidentes da sociedade italiana e do próprio professor Umberto Ancarani solicitando ao MAE um subsídio maior. Ao iniciar as suas atividades em Pelotas, o professor fundou e dirigiu a escola italiana no interior da *Società reunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi*, e, também, criou um curso feminino dominical, nomeado *Dante Alighieri*, o qual foi dirigido pela sua esposa, Irò Ancarani (Ancarani, 1926). Documentos deste curso mostram 18 alunas inscritas e 16 frequentes no ano de 1906 (Tafari, 1906). Nessa carta, o presidente da Sociedade de Pelotas ressalta a importância do desenvolvimento da escola dirigida por Ancarani:

Em nome dos 178 membros que hoje conta a *Unione Filantropia e a Sociedade Circolo Garibaldi* graças ao forte impulso do trabalho de seu próprio Presidente atual Sg. Tafari Domenico e ao progresso contínuo da escola confiada à direção do prof. Umberto Ancarani [...] (Tafari, 04 jul. 1906, s.p., tradução nossa).

De fato, a escola italiana de Pelotas precisava ser reativada no início do século XX e ao professor Ancarani foi confiada a missão de reabri-la. O jornal *Stella D'Italia* noticia o renascimento da escola de Pelotas:

Pelotas

Società Riunite Italiane Unione Filantropia e Circolo Garibaldi

Graças à boa vontade dos membros animados por sentimentos patrióticos para com a comunidade italiana de Pelotas, esta Sociedade renasce agora em uma nova vida de paz e harmonia, com o estabelecimento da Escola Italiana confiada à sábia direção do prof. Ancarani. A escola faz verdadeiros milagres, como milagres de progresso fazem os sócios da sociedade, os quais trazem o amor como algo próprio. Escola e sociedade são agora uma só, e bons pais de família, os bravos sócios orgulham-se desta união.

A nomeação do Dr. Tafuri como presidente das sociedades, foi o segredo do sucesso, e seu nome nos conduziu ao futuro para a prosperidade da Sociedade. Para animar a nobre corrida de trabalho em prol da sociedade, Dr. Tafuri ofereceu seus serviços gratuitamente para os sócios doentes e para os alunos que frequentam a escola italiana, trazendo bom número de novos sócios inscritos: já são mais de 150. Todo o Conselho Diretivo está trabalhando hoje para o bem da sociedade e da escola, apoia o trabalho zeloso de seu presidente, Dr. Tafuri. O vice-presidente é o Sr. Ulysses Simone; secretário prof. Cav. Ancarani; a vice-secretária Padula Carmine; Tesoureiro russo-romano Federico; Conselheiro, Srs. N. Caputo, A. Bachettini, T. Sica, G. Avancini, G. Monti, G. Mancini, A. Petrucci, G. Croce, P. Talamini, A. Alvaro, A. Fantuzzi, A. Lindo; censores, o A. Zanotta. G. Di Maio.

E nós desejamos, de coração feliz sucesso ao nobre romance empreendido, especialmente porque a patriótica corrida do trabalho teve parte também a Sra. Irò Ancarani abrindo uma escola particular gratuita para mulheres <Dante Alighieri>, que já conta com 18 alunas adultas.

Assim a colônia italiana de Pelotas poderá aproveitar do zeloso trabalho de civilização dos cônjuges Ancarani. 11/03/1906 (*Stella D'Italia*, 22 mar. 1906, s.p., tradução nossa).

A notícia no periódico traz, além da reanimação da escola, uma série de informações importantes. Uma delas, a já nomeada relação profícua e profunda entre escola e sociedade. Outro elemento é o número de sócios naquele momento, 150 sócios e esse número, ao que indica a notícia, é animadora, o que auxilia a compreender, em termos quantitativos, o tamanho da associação. Por fim, a informação da escola feminina que tinha

como professora Irò Ancarani. Documentos consulares também escrevem sobre essa escola, em 03 de abril de 1906 o R. cônsul De Velutiis escreveu ao *Ministro degli Affari Esteri* para informar que:

O prof. Umberto Ancarani, professor-agente de Pelotas, conta que sua esposa, a senhora Irò Ancarani, iniciou um curso gratuito de italiano dominical para as mulheres no salão da *Società italiane riunite*, chamando-o de “Dante Alighieri” para meninas adultas filhas dos sócios (De Velutiis, 03 abr. 1906, tradução nossa).

Atividade semelhante a esta foi desempenhada por Irò Ancarani durante a permanência do professor e sua esposa em Caxias. Esta lecionou para alunas descendentes de imigrantes italianos (Ancarani, 1905). A abertura desse curso em Pelotas denota que havia um público adulto feminino interessado no aprendizado do idioma italiano.

No ano de 1906, o presidente da Sociedade Italiana *Unione Filantropia e Circolo Garibaldi* escreveu ao Ministério italiano sobre a abertura da escola italiana:

Os abaixo-assinados [...] fazem questão de dar uma prova clara do espírito de italianidade que anima esta Sociedade tão abandonada e que hoje começa uma nova vida com a Escola, protegido por seu digno Presidente Dr. Tafuri (Tafuri, 1906, s.p., tradução nossa).

Nesta carta, entre outras informações, o presidente registra os números dos alunos, os quais estavam assim distribuídos:

Quadro 14 – escolas italianas em Pelotas no ano de 1906.

Nome da escola	Inscritos	Frequentes
Escola masculina	45	38
Escola privada feminina Iolanda di Savoia	38	38
Curso festivo gratuito	18	16

Fonte: Tafuri, 04/07/1906, s.p., tradução nossa.

No documento enviado ao Inspetor Geral das escolas italianas, Angelo Scalabrini, o presidente da sociedade italiana cita algumas características da escola, como número de alunos que a frequentam, para demandar a necessidade de livros e materiais escolares, pois a escola havia sido iniciada pelo professor Ancarani sem esses materiais:

Edifício da sociedade onde uma obra da civilização italiana está sendo concluída pela primeira vez em Pelotas.

Do número de todos esses alunos – única Sociedade do Estado do Rio Grande que tem tantos – a V.E. poderá detectar melhor o trabalho verdadeiramente patriótico dos cônjuges Ancarani que devem seu sucesso à virtude do seu trabalho, tanto que estão sempre se firmando mais em nossas simpatias.

Ainda com 92 frequentados, essas escolas estão carentes de livros que há oito meses o prof. Ancarani está esperando, tendo começado a Escola sem material escolar.

Quando em março de 1905 o Sr. Salemi Pace visitou esta Sociedade, ele prometeu professor, livros, cadernos e material escolar; em Porto Alegre e em outros lugares foram todos providos, nossa Sociedade não tem nada [...] (Tafuri, 1906, s.p., tradução nossa).

O presidente da sociedade segue pedindo que sejam enviados os materiais escolares solicitados pelo professor Umberto Ancarani (Tafuri, 1906). No ano de 1906, o cônsul italiano De Velutiis escreve sobre os subsídios para o estado do Rio Grande do Sul: “Com o venerado despacho de 31 de outubro. nº 67655/122

Vossa Excelência se dignou a participar que, ao aceitar minha proposta, elevou a subvenção para escolas italianas neste estado de Rio Grande do Sul para dois mil por ano” (De Velutiis, 03 dez. 1906, s.p., tradução nossa). Porém, conforme se registrou inúmeras vezes pelos dirigentes das associações e professores, os subsídios não eram suficientes e, talvez por isso, algumas sociedades cobravam mensalidades dos alunos, como aquela de Pelotas. A partir da Associação Cultural Italiana Pelotense, foi possível encontrar a ficha de pagamento de um aluno da escola italiana dirigida pelo professor Umberto Ancarani. Esta ficha é referente à mensalidade do mês de abril de 1906, conforme consta a seguir:

Figura 3 – Ficha de pagamento da escola italiana de Pelotas, 24 de abril de 1906.



Fonte: Associação Cultural Italiana Pelotense.

Por meio dessa ficha de pagamento, é possível identificar que, nessa escola, era necessário o pagamento de mensalidade por parte dos alunos. Ainda que a escola recebesse subsídios do governo italiano, não era gratui-

ta neste período, possivelmente pelo fato de os subsídios não terem uma regularidade e não serem suficientes para cobrir todas as despesas da escola.

No ano de 1907, o cônsul De Velutiis escreve uma relação final sobre as escolas italianas no município de Pelotas dirigida pelo professor Umberto Ancarani. O relatório aborda os exames finais realizados na escola, os quais contaram com a presença do agente consular Frederico Trebbi:

A seção masculina dividida em 3 turmas e 4 seções foi frequentada por 36 alunos, dos 7 aos 14 anos, dos quais 33 foram aprovados. A seção feminina dirigida pela Sra. Irò Ancarani, dividida em 3 turmas e 4 seções, teve 32 alunos, de 6 a 13 anos e 28 foram aprovados (De Velutiis, 16 jan. 1907, s.p., tradução nossa).

No início do mesmo ano, uns dias antes, o professor Ancarani escreve uma carta ao ministério italiano elencando as atividades do casal Ancarani além das aulas na escola italiana. O objetivo da correspondência era tentar obter uma remuneração melhor:

Sr. Comendador,

Como já aponte em outra parte dos relatos aqui reunidos, em abril de 1906 iniciei um curso de italiano no Liceo Pelotense, gratuitamente, encerrando-o no dia 10 de dezembro com 12 alunos.

Mais um curso de italiano “Dante Alighieri” gratuito para filhas adultas de italianos, minha senhora, começou em março do ano passado, encerrando-o após oito meses com 80 horas de ensino.

Minha senhora também abriu uma pequena escola para meninas com 36 alunas, e destas mais de um terço não pagou por serem filhas de pais pobres.

Por todo esse trabalho extra, eu oro a V.E. se acredita que pode nos dar uma remuneração de incentivo (Ancarani, 1907a, s.p., tradução nossa).

O professor Ancarani, além das aulas na escola italiana da sociedade de mútuo socorro também leciona em outras instituições:

Em Pelotas ocorreu a abertura do curso de língua grega, ministrado pelo esclarecido prof. Umberto Ancarani. Nessa ocasião, nosso ilustre amigo fez um discurso em francês, tecendo a história da literatura grega. O orador foi muito elogiado; parabenizamos muito pelo merecido triunfo do bom concidadão (*Stella D'Italia*, 29 abr. 1906, p. XX, tradução nossa).

Ainda, durante sua permanência em Pelotas, Ancarani foi professor de língua italiana e francesa na Academia Comercial de Pelotas e no Ginásio Liceu brasileiro. Foi, também, nomeado membro honorário da Bibliotheca Pública Pelotense, o primeiro italiano a receber essa distinção em 1905 (Ancarani, 1926). Novamente o *Stella D'Italia* noticia a distinção recebida pelo professor:

Sabemos que o nosso querido amigo Prof. Ancarani, residente em Pelotas, foi nomeado membro honorário daquela Biblioteca Pública por ter ensinado francês gratuitamente aos alunos daquela escola; ano que vem ele também vai ensinar italiano. Sabemos também que no dia 1º do corrente [ano], na escola mista italiana dirigida por ele com verdadeiro amor e proficiência, a cerimônia de premiação foi realizada solenemente. Ao receber os detalhes, iremos publicar; entretanto, o felicitamos pela homenagem obtida (*Stella D'Italia*, 10 jan. 1907a, s.p., tradução nossa).

Ancarani escreve diretamente ao Ministro italiano para informá-lo da sua nomeação na biblioteca:

Como a V.E poderá observar a partir da publicação conjunta, a Diretoria da Biblioteca Pública de Pelotas me nomeou Membro Honorário desta Biblioteca local, para serviços prestados gratuitamente durante o ano letivo, como professor de língua francesa em cursos noturnos.

Nesse ínterim trago ao conhecimento do V.E. este lisonjeiro apreço por parte dos brasileiros (sou o primeiro italiano a ter esta homenagem em Pelotas), destaco que para o próximo ano letivo, nestes cursos noturnos, frequentados por adultos, estarei também contemplando o ensino gratuito de italiano [...] (Ancarani, 1907a, s.p., tradução nossa).

Ancarani também ministrou aulas na Academia Comercial de Pelotas:

Sr. Comendador,

No âmbito do programa conjunto da nova Academia Comercial de Pelotas, utilizando os conhecimentos e simpatias que tenho no elemento brasileiro, pude obter que o ensino da língua italiana também fosse aceito pela nova Academia no Brasil [Pelotas]. E para minha satisfação aponto para V.E. que o ensino da nossa língua foi adotado lá por 2 anos e obrigatório, enquanto nas outras duas Academias Comerciais de S. Paulo e do Rio de Janeiro – as únicas em todo o Brasil – o italiano é ensinado lá por apenas 1 ano e é opcional.

No anteprojeto de regulamento da referida Academia, o ensino de italiano foi incluído por 1 ano como em São Paulo e Rio de Janeiro, mas na discussão para aprovação dos artigos individuais, consegui obter tratamento igual para o italiano como para as outras línguas, facilitando a minha vitória a estima que já desfruto no Liceo Ginásial Pelotense para a cátedra de grego antigo [...] recebi os diplomas de professor de italiano e francês na referida Academia.

As taxas são muito pequenas, tanto que me sentindo italiano, ofereci-me gratuitamente para o ensino da nossa língua.

Essa é a obra da civilização italiana feita por mim em Pelotas e que constitui minha maior satisfação entre tantas tristezas do passado (Ancarani, 1907a, s.p., tradução nossa).

Essas participações do professor na Biblioteca e na Academia Comercial de Pelotas demonstram como Ancarani envolvia-se em outras instituições de ensino que não somente as escolas italianas. Isso demonstra, por um lado, a sua inserção na sociedade local e, por outro, a sua formação, que permitia o ensino de outros idiomas que não somente o italiano. Como já delineado, era um professor com características diversas dos professores italianos anteriores em Pelotas.

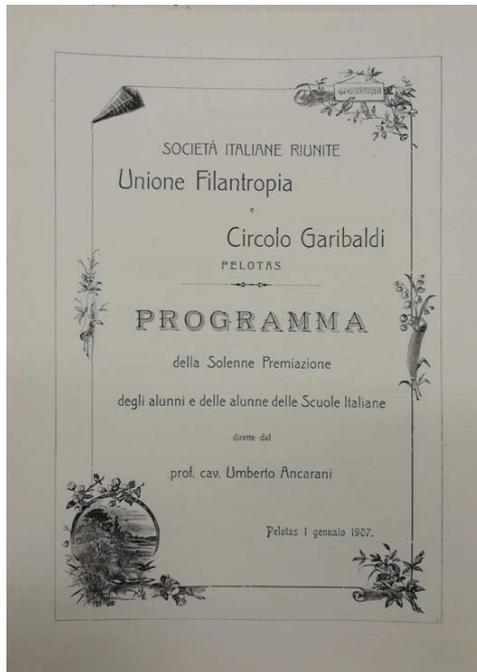
No ano de 1907, o professor Umberto Ancarani escreve ao cônsul geral da Itália em Porto Alegre para informar sobre a situação da escola italiana em Pelotas:

Foi então uma grande satisfação para aqueles que ouvem falar italiano, visto que 70, entre meninos e meninas, todos falam italiano, enquanto anteriormente esta língua era completamente desconhecida para eles: este resultado é

a melhor satisfação para os sacrifícios do Governo Pátrio (Ancarani, 02 jan. 1907b, s.p., tradução nossa).

Por meio desse excerto da carta, percebe-se o número de alunos da escola italiana de Pelotas em 1907, 70 alunos. Nessa carta, o professor Ancarani faz menção à festa de premiação dos alunos e das alunas da escola italiana de Pelotas. Para essa comemoração, foi planejado um programa com *folder* de divulgação, como pode ser visto na sequência:

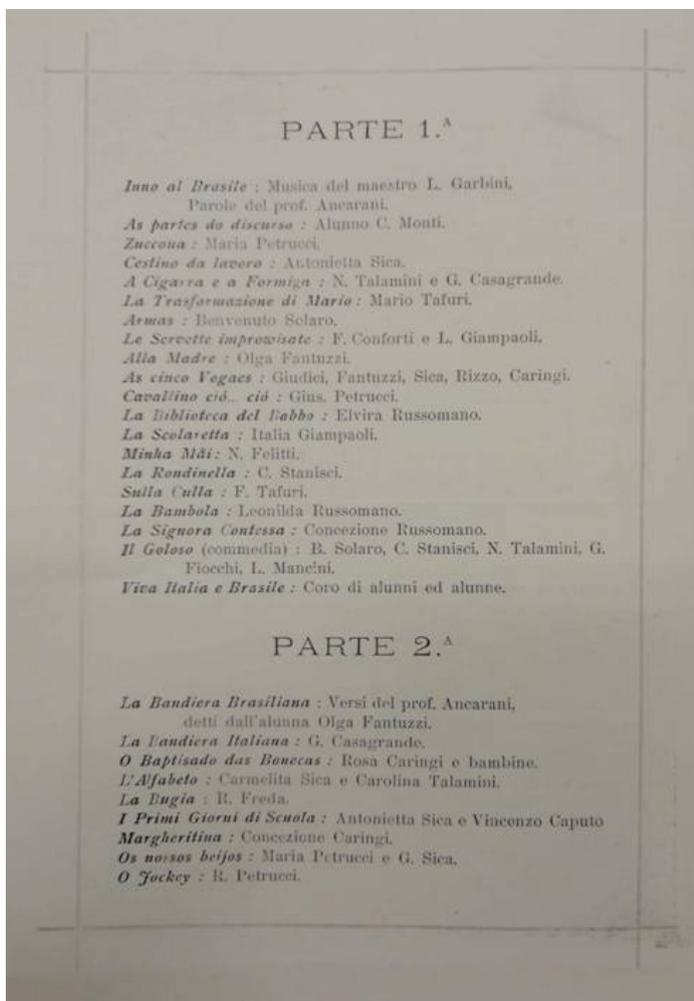
Figura 4 – Programa da solenidade de premiação dos alunos e das alunas das escolas dirigidas pelo professor Umberto Ancarani.



Fonte: Ancarani, 02 jan. 1907b.

Este programa estava dividido em três partes e apresentava o que cada pessoa iria representar, conforme a imagem que segue abaixo:

Figura 5 – Programa da solenidade de premiação dos alunos e das alunas das escolas dirigidas pelo professor Umberto Ancarani.



Fonte: Ancarani, 02 jan. 1907b.

Esse *folder* fornece a dimensão que a escola italiana adquiriu na sociedade pelotense da época. Realizava cerimônias de premiação talvez também como uma forma de se destacar e dar importância à comunidade italiana em Pelotas.

Os documentos encontrados e mobilizados indicam que houve, sim, uma forte reestruturação da escola italiana de Pelotas após a chegada do casal Ancarani à cidade. A escola parecia ter chegado a um patamar de satisfação por parte dos dirigentes da sociedade e também pelos representantes consulares italianos.

No entanto, no ano de 1907, após as suas atividades em Pelotas, o professor Ancarani e sua esposa foram direcionados ao município de Santa Maria. Ancarani assumiu a função de Agente Consular em Santa Maria, na região central do Estado. Desse município, eram dependentes todos os núcleos coloniais italianos daquela região (Ancarani, 1922). Em Santa Maria, foi responsável pela criação do Instituto Médio *Cristoforo Colombo*. Permaneceu nesse município até 1920, quando retornou à Itália. O álbum do *cinquantenario* registra esse colégio em Santa Maria e também aponta alguns questionamentos sobre os motivos para o fechamento de várias escolas italianas, inclusive a de Pelotas.

Em outros tempos funcionam as escolas sociais: da Dante di Caxias, da *Società Italiane Riunite* de Pelotas, da *Mutua Cooperazione* de Rio Grande, da *Principe di Piemonte* de Alfredo Chaves, da *Regina Margherita* de Bento Gonçalves e da *Stella D'Italia* de Garibaldi que tinha como professora Enrico Grossi e Ernesto Palombo, Belluco, Santini e professora Pugnina.

De 1908 a 1918, o Colégio Ítalo-Brasileiro dos cônjuges Umberto Ancarani e Iró Ancarani realizou uma ação benéfica na cidade de Santa Maria.

O motivo da suspensão das referidas escolas deve ser procurado, em primeiro lugar, na abertura dos numerosos colégios geridos pelas várias ordens religiosas, colégios que apoiam eficazmente, mesmo nas pequenas cidades da região colonial, as crescentes necessidades da instrução pública (Cinquantenario Della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, 2000, p. 401, tradução nossa).

Após a saída de Ancarani e sua esposa de Pelotas, a única informação que temos de outro professor na escola de Pelotas é uma notícia no *Stella D'Italia* que menciona a professora C. Roncoroni, como segue:

Em Pelotas

A comemoração de Garibaldi também teve um desfecho satisfatório nesta cidade. A iniciativa das *Società Italiane Riunite*, da qual é presidente o diligente e excelente Jovem Achille Nery, não caiu no esquecimento, sobretudo se considerarmos que os poderes públicos e os rio-grandenses em geral se juntaram espontaneamente na homenagem da Colônia Italiana.

De fato, por decreto de 4 de julho, o Intendente Municipal deu o nome de Giuseppe Garibaldi a uma estrada recém-inaugurada perto do porto. Esse foi o ato mais gentil com que o poder público quis caracterizar a solidariedade e a amizade que unem italianos e rio-grandenses no culto aos grandes da pátria, principalmente pelo herói que lutou e venceu pelos dois países.

As celebrações continuaram no domingo, 7 de julho, com uma imponência extraordinária. Sessão, dia cívico, discursos, entretenimentos, brindes, diversões, tudo foi consagrado com pureza de sentimento à luz dos Mil, ajudando a inspirar em nós nobres sentimentos de união, harmonia, patriotismo.

As autoridades locais, juntamente com nosso venerável Representante Consular cav. F. A. Trebbi, compareceu à comemoração, homenageada com o maior respeito pelo público.

O digno cav. Trebbi também teve amáveis palavras de encorajamento e elogios dos promotores da festa, na qual figuraram lindamente as escolares do colégio das *Società italiane Riunite*, habilmente dirigida pela distinta professora Sra. C. Roncoroni [...] (*Stella D'Italia*, 11 ago. 1907, s.p., tradução nossa).

Nessa notícia, identifica-se uma comemoração em Pelotas em homenagem a Giuseppe Garibaldi, de iniciativa da sociedade italiana e, também, a inauguração, pelo poder público municipal, de uma rua com o nome de Giuseppe Garibaldi. Nos dias dessa comemoração, estavam também presentes as alunas da professora Roncoroni. Isto induz a ideia de que, se havia uma pro-

fessora para as meninas, também havia um professor para os meninos, pois, de acordo com os outros anos, as escolas eram separadas para os sexos. Conforme citado acima, no anuário do ano de 1907, há o registro de uma escola mista em Pelotas com 36 alunos, 20 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Talvez essa escola citada no anuário seja a gerida pela professora Roncoroni. Após esse registro do ano de 1907, a outra referência que há sobre as escolas italianas em Pelotas é do anuário do ano de 1909, no qual consta que há 36 alunos na escola. No entanto, não há referência aos professores neste ano (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1907; 1909). Após esses registros não há nenhuma fonte que indique a continuidade da escola italiana de Pelotas até o ano de 1937.

Na primeira década do século XX, na escola italiana de Pelotas, foi fundamental a figura do professor Umberto Ancarani, juntamente com a sua esposa, Irò Ancarani. A escola italiana foi reestruturada por ele e ainda foi aberta uma turma feminina. A figura de ambos foi fundamental para a comunidade italiana de Pelotas no período em que estiveram no município, aproximadamente 02 anos.

Nota-se, a partir da documentação consultada e analisada, que as escolas italianas no município de Pelotas tiveram uma existência menos contínua durante o século XX até o momento em que elas deixaram de existir, na década de 1930. Possivelmente, o período de um número menor de alunos e de fechamento da escola pode estar relacionado com a oferta de ensino público no município de Pelotas, conforme será dissertado no próximo item.

5.3 *As décadas de 1920 e 1930 e as novas diretrizes*

A constituição do último capítulo desta pesquisa aborda um período de tempo que engloba um contexto muito diversificado. Por essa razão, optou-se por separar este capítulo por itens temporais para melhor analisar as fontes. Assim, neste momento, serão tecidas as nuances que influenciaram o desenvolvimento das escolas italianas em Pelotas entre as décadas de 1920 e 1930.

No que se refere às escolas italianas, assim como às de outras nacionalidades, a primeira metade do século XX comporta características que são bastante diversas ao longo dos anos. Nos itens anteriores, analisaram-se os anos iniciais do século, os quais são particularmente muito significativos, principalmente para o contexto italiano. Neste período, houve novas diretrizes do *Commissariato Generale dell'Emigrazione* que faziam referência às escolas italianas no exterior, as quais tiveram implicações também no Brasil e em Pelotas. Por outro lado, nas décadas de 1920 e 1930, o contexto brasileiro não é o mesmo do início do século, sobretudo por conta do crescimento e da intensificação das medidas e políticas nacionalistas, atividades essas que ganharam força com o governo do presidente Getúlio Vargas. Os grupos imigrantes foram atingidos com força, sobretudo nos anos de 1930, pois se buscava nacionalizar o país e se combatiam as formas de expressão de grupos estrangeiros e, dentro disso, estavam as orientações e as diretrizes referentes ao ensino nas escolas tidas como estrangeiras. Neste momento, as escolas étnicas praticamente deixaram de existir. Em Pelotas, não foi diferente. Decerto que muitas dessas

instituições italianas no estado do RS já haviam sido fechadas anteriormente, Luchese (2007), ao pesquisar sobre a região colonial italiana, observa que a escola pública foi a preferida pelos imigrantes de origem italiana. À medida que as escolas públicas eram construídas, as étnicas eram fechadas.

Do outro lado, no contexto italiano, os anos do governo de Benito Mussolini e a ascensão do fascismo também influenciaram mudanças na organização das escolas italianas no exterior. A noção e a alusão ao sentimento de italianidade se alteraram. Não era o mesmo que aquele do período inicial da imigração italiana. As noções, inclusive, de nacionalidade são alteradas, como explica Gentile (1986), primeiro, nacionalismo, depois, o fascismo ambos fizeram uso da *italianità* (Gentile, 1986).

Para essas duas décadas citadas, também é possível fazer uso de informações que são encontradas nos anuários das escolas italianas no exterior. Após o ano de 1914, no qual não há menção a nenhuma escola italiana em Pelotas, o próximo anuário a que se tem acesso é referente ao ano de 1924. Nesse documento, é descrita a presença de um curso de italiano no município, conforme o documento, de recente instituição, para o ano de 1925. Há as mesmas informações do curso, mas em nenhum dos anos é descrito o número de alunos que frequentam esse curso ou outras informações adicionais (*Ministero Degli Affari Esteri*, 1925, 1926). Não há qualquer registro de escola italiana subsidiada em Pelotas nesses anos, o que nos faz pensar que elas não estavam em funcionamento. Caso contrário, teria sido mencionado nos anuários.

Além dos anuários, também se utilizam outras fontes devido a uma produção ligada a diferentes contextos e

finalidades. É possível recorrer às relações consulares e relatórios que foram elaborados em conformidade com as prescrições ministeriais que se seguiram à reforma das escolas italianas no exterior, desejada por Crispi. Particularmente úteis são, por exemplo, os documentos produzidos pela comissão nomeada pelo *Ministro degli Affari Esteri* no final de 1921 para a reforma das escolas italianas nas Américas e que contou com a participação de Ernesto Schiaparelli e Vittore Alemanni (Barausse, 2016). Enquanto o primeiro elaborou o relatório sobre a situação das escolas nos Estados Unidos, Alemanni redigiu o relatório sobre o estado das escolas italianas no Brasil (Barausse, 2016).

Como foi abordado ao longo de todo esse texto, a organização das escolas italianas no exterior é um assunto que não diz respeito somente a Pelotas ou ao estado do Rio Grande do Sul, mas, sim, abrange todos os lugares para os quais os italianos se deslocaram e onde foram abertas as escolas italianas, sejam elas subsidiadas ou governativas. Nesse sentido, encontram-se documentos da *Commissione per la riorganizzazione delle scuole italiane in america* (Comissão para a reorganização das escolas italianas na América). A instauração dessa comissão foi justificada da seguinte forma:

Politicamente, parece-lhe que se deve explicar o máximo de cautela para que não se desperte no exterior a impressão de que se deseja fazer um trabalho de penetração política e de qualquer forma com intenções nacionalistas, principalmente em um momento em que se agrava a tendência à americanização dos emigrantes, impressão que pretendemos em geral proporcionar para a difusão da cultura italiana, especialmente onde ela está reservada para estrangeiros e, neste caso específico, para prover a cultura de nossos compatriotas para que possam se tornar excelentes cidadãos do estado americano preservando a língua do país de origem (*Commissione Per La Riorganizzazione E La Vigilanza Delle Scuole Italiane All'estero*, [1911-1922], s.p., tradução nossa).

Em data de 18 de dezembro de 1910, foi decretada a comissão encarregada da preparação do projeto de lei para a organização e a vigilância das escolas italianas na América (*Commissione Per La Riorganizzazione E La Vigilanza Delle Scuole Italiane All'estero*, [1911-1922], s.p.), entre os quais citam-se aqui o professor Vittorio Alemanni e Ernesto Schiaparelli, já mencionados anteriormente. O professor Alemanni, no apêndice de seu relatório, aborda a instrução primária em alguns estados do Brasil, especialmente no que se refere à imigração italiana. São descritas as condições dos Estados do Brasil meridional: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Nesse texto, Alemanni disserta sobre a Capital do estado do Rio Grande, Porto Alegre, e outros dois importantes centros urbanos: Rio Grande e Pelotas. No que se refere a Pelotas, o número é de 1000 italianos, os quais trabalham no comércio, nas mais variadas profissões (Alemanni, 1923). Para preparar o seu relatório, Alemanni fez uso, também, dos relatórios que foram elaborados e enviados por uma das associações filo-ministeriais que, a partir do início dos anos vinte, viu aumentar o seu papel na gestão e coordenação de esforços para o desenvolvimento de escolas italianas no Brasil e, sobretudo, no Rio Grande do Sul, a associação católica *Italica Gens* (Barausse, 2019). A associação direta de Schiaparelli confiou ao capitão Louis Seghetti uma missão específica para verificar a possibilidade de reviver a presença de instituições educacionais no sul do Brasil. Durante esta missão, que ocorreu por quase dois anos, Seghetti periodicamente escreveu relatórios e enviou ao ministério. Sua leitura oferece, ainda que parcialmente, uma fotografia e uma representação das escolas italianas que merecem ser investigadas (Barausse, 2015). É a partir de um desses

relatos que se pode ver, por exemplo, como o desenvolvimento das escolas italianas em Pelotas no decorrer da década de 1920 se extinguiu. Como observado no seu relatório do ano de 1923, o Capitão Segueti sublinha a inexistência de uma escola italiana em Pelotas:

Bem menor é aquela de Pelotas. Também faltam escolas italianas nesta cidade, em cujos institutos religiosos me disseram que o número de alunos filhos de italianos é mínimo. Dois dispostos, o Dr. Ernesto Ronna (que também é professor do Liceu de Pelotas) e o Sr. Ernesto Mattola, aderiram de coração, e eles também, por puro amor à pátria, a iniciar um curso de italiano, quando os livros forem fornecidos.

Para esta escola, que irá funcionar na sala de aula da paróquia, cortesia de S.E. Mons. Gioacchino Ferreira De Mella, Bispo de Pelotas, assegurou o seu interesse, além dos dois compatriotas citados, o Rev. Pároco da Catedral, Pe. Pietro Esmeraldo da Silva, Cav. Uff. Federico [Frederico] Trebbi, R. Agente Consular, o Ver. Can.co D. Rocco Ambrosini, Secretário do Bispo, Eng. Lucano Conedera e o Sr. Gaetano Gotuzzo. O Eng. Conedera, falando da colonização italiana no Estado do Rio Grande, acenou a conveniência de trazer emigrantes italianos para os dois municípios de Canguçu e Camaquã, como poderá ler em sua carta, que eu pedi para escrever e que aqui incluo o envio (Seghetti, 08 maio 1923, p. 06-07, tradução nossa).

Esse documento aponta que durante um lapso de tempo Pelotas novamente não teve uma escola italiana. Após 1909, a partir das fontes utilizadas para essa pesquisa, não se encontram referências à escola italiana no município até o ano de 1937. Neste contexto, é possível pensar sobre os motivos que poderiam levar ao baixo interesse da população descendente de italianos em estudar nessas escolas e/ou manter o idioma. Muitos são os questionamentos e as hipóteses que podem ser levantados, tais como: a abertura de escolas públicas no município de Pelotas, uma nacionalização “antecipada” dessas instituições italianas, o não interesse na manutenção da escolarização em um idioma diferente daquele do lugar em que se vivia. Além disso, não se deve des-

considerar as tensões existentes entre os membros da comunidade italiana em Pelotas. Inúmeras vezes, os representantes consulares responsáveis fizeram menção a essas dissidências que traziam consequências dentro da escola e entre os sócios. A colônia italiana em Pelotas era dividida e nem sempre estava de acordo com questões que abrangiam a escolarização dos seus descendentes. O fato de a escola italiana em Pelotas não existir durante, aproximadamente, os anos de 1909 a 1937 pode também ser explicado pela configuração municipal da época. Castro (2017) ao analisar os relatórios dos intendentes municipais, observa que, justamente nesse período acima referido, houve um forte discurso sobre a importância da educação pública e também um aumento no número de escolas construídas pelo poder municipal, sobretudo nos anos da administração do Intendente Augusto Simões Lopes, entre 1924 e 1928. Neste período, foram construídos, conforme os relatórios municipais, 17 prédios para escolas rurais, além de alguns grupos escolares na região urbana (Simões Lopes, 1928). Nesta época, foi criada uma diretoria que tratava especificamente da escolarização e também foi lançado o regulamento de instrução (Oliveira, 2005). Nesse sentido, esse impulso dado à escolarização pelo poder público municipal pode ser um dos fatores que contribuíram para a inexistência da escola italiana nesse período.

Por meio de vários relatórios dos intendentes municipais, é possível notar que, durante as duas décadas do século XX, a educação pública municipal estava sendo organizada e impulsionada em Pelotas, como analisaram os autores citados. Além de um discurso em favor da educação pública, novas escolas foram abertas, no espaço urbano e rural no município. A não existência de

escolas italianas poderia ter relação com a maior oferta no ensino público. Oliveira (2012) escreve que, ainda que a década de 1920 tenha sido um decênio importante para o aumento da oferta no ensino público municipal pelotense e representa um momento de criação e construção de escolas, foi na década anterior, 1910, que se iniciou o discurso da importância da instrução. A preocupação com o ensino primário público ocorreu, sobretudo, a partir de 1910, algo que se percebe facilmente com a leitura dos relatórios da intendência municipal de Pelotas. Ainda de acordo com Oliveira (2012), até essa década, o ensino primário no município era ofertado sobretudo por meio de particulares e também por aulas subvencionadas. Para Neves (2012), no final do século XIX e início do XX em Pelotas, existiam espaços educacionais com diferentes perfis, os quais atendiam a grupos heterogêneos com necessidades também diferentes em relação à escolarização. Ainda para a autora, em Pelotas percebeu-se, assim como em outras localidades do país, que a população recorria às escolas particulares pela ausência de oferta no ensino público.

Nesse sentido, o período do século vinte em que a escola italiana em Pelotas deixou de existir coincide com esse período de maior preocupação, incentivo, criação de escolas públicas municipais, assim como uma maior oferta de matrículas no ensino primário municipal pelotense. Decerto que não é apenas uma coincidência, talvez a maior oferta no ensino público tenha sido influenciadora para que a escola fosse fechada por falta de público. Outros aspectos também merecem ser levados em consideração, como, por exemplo, a vontade de que os filhos fossem alfabetizados em português para uma melhor inserção na sociedade pelotense ou uma inserção

desse grupo em outras escolas privadas que se destacavam na cidade.

Um outro argumento merecedor de análise é referente às colônias italianas rurais no município de Pelotas. Como mencionado acima, as escolas italianas situadas em regiões rurais eram, geralmente, organizadas pela comunidade local e o professor também era da localidade. A colônia rural de Pelotas com a maior concentração de italianos é a Colônia Maciel, a qual contou com uma escola pública municipal desde o ano de 1928. Antes disso, houve algumas instituições que a precederam. Castro (2017), ao entrevistar descendentes de imigrantes nessa região, percebe que os entrevistados relembram que, antes da criação da Escola Garibaldi em 1928, foi difícil a regularidade de instituições escolares na Colônia Maciel. Nas escolas comunitárias anteriores, o salário do professor era subsidiado pelos pais dos alunos, e com isso, quando os alunos eram alfabetizados, não havia mais a necessidade de frequentar a escola, ocasionando uma irregularidade no funcionamento das instituições. É oportuno e relevante mencionar a existência de outras escolas na localidade da Maciel e o frequente fechamento por falta de frequência e desentendimentos entre a comunidade escolar e o professor (Castro, 2017). Conforme mencionado no capítulo anterior, na Colônia Maciel, o relatório consular do ano de 1893 aponta uma pequena escola italiana, sem maiores informações sobre o seu funcionamento. Após essa data, registram-se as seguintes iniciativas escolares: no ano de 1915, existiu uma escola comunitária, onde os pais subsidiaram o salário do professor. Foi professor dessa escola Maurício Vergara. Anterior a essa escola comunitária, existiu no local uma escola estadual criada em 1910. Ambas fecharam por falta

de frequência. Na escola estadual, certamente, as aulas eram ministradas em português; na comunitária, talvez (Castro, 2017). No documento manuscrito pelo professor José Rodeghiero⁴⁹, encontra-se a seguinte narrativa relativa à escola criada em 1910:

Anos depois da fundação da Colônia foi criada no mesmo local onde se acha a Escola “Garibaldi” uma escola estadual sobre a regência do professor José da Fontoura Grilo, que por alguns anos numa rústica propriedade de pau a pique e barro foi ouvida a sua abalizada voz, **mas pouco apreciada por tenderem aquela gente a conservação da língua italiana, a ponto de tentarem tirar o dedicado professor.** E por falta de frequência em sua escola foi o referido professor removido para a margem direita do arroio Caneleira perto do passo do mesmo nome, hoje propriedade do senhor Modesto Blanco. Ficando por alguns anos a Colônia Maciel sem escola (Rodeghiero, s.d., p. 01, grifo nosso).

Uma informação relevante a ser observada nas referências do manuscrito do professor, é o fato de essas escolas ministrarem o ensino em português, entrando em conflito com os imigrantes de origem italiana, os quais tinham um dialeto próprio e gostariam de manter a sua conservação. Não se sabe se a escola italiana citada por Brichanteau em 1893 é a mesma escola comunitária que ainda funcionava em 1915; possivelmente, não, pois não há qualquer menção a essas iniciativas em relatórios e documentos consulares. Também não há indícios de que essa escola iniciada na Colônia Maciel no ano de 1915 fosse subsidiada pelo governo italiano. Provavelmente, foi criada e mantida pela própria comunidade local. De todo modo, interessa observar, neste momento, que o grupo étnico da localidade da Colônia Maciel esteve mobilizado e valorizou as iniciativas escolares para os seus descendentes e, em um determinado momento, preferiria

⁴⁹ Primeiro professor da Escola Garibaldi. Sobre esta escola, ver a dissertação de Castro (2017).

o ensino da língua italiana ou, ao menos, a manutenção do idioma na escola.

Os anos de 1920 e 1930 constituem um período intenso de mudanças, tanto para o contexto político nacional brasileiro quanto para o italiano. Durante os anos 20 do século XX, no contexto geral das escolas no Rio Grande do Sul, há alguns documentos de representantes diplomáticos italianos que auxiliam na compreensão deste período. Em março de 1920, o embaixador italiano escreve um relatório ao Ministro em Roma para informar sobre as condições das escolas no estado do Rio Grande do Sul:

Senhor Ministro,

Na sequência do meu relatório de 27 de fevereiro nº 580, tenho a honra de transmitir, aqui anexo, a Vossa Excelência, cópia de um relatório recebido pelo Regente do Real Consulado em Porto Alegre sobre as escolas italianas no Estado do Rio Grande do Sul, Vossa Excelência inferirá que as condições dessas escolas naquele Estado são um pouco melhores do que em qualquer outro lugar. Afinal, tudo nas nossas colônias lá é melhor do que em qualquer outro Estado do Brasil [...]. Supondo que não tenha ideia exata do que são na realidade as escolas italianas deste Distrito Consular, permito-me fazer algumas considerações que me foram sugeridas pela experiência de muitos anos e pelo conhecimento do ambiente.

Em primeiro lugar, por falar em escolas italianas, não se pode pensar, nem se deve compreender, que sejam verdadeiras escolas orgânicas, fundadas e constituídas para nós, pois são em geral escolas ítalo-brasileiras que surgiram a partir da Colônia, e nas quais se aprende o português e a língua italiana (*Regio Ambasciatore*, 05 mar. 1920, s.p., tradução nossa).

Ainda nesse mesmo relatório, o embaixador escreve sobre o programa de ensino que as escolas seguiam, ou deveriam seguir:

De forma que o programa de ensino realizado pelos professores colonos se limite às coisas mais simples e essenciais:

- 1) Aprender a ler e a escrever com fluência, treinando o aluno ao silabário e ao seu cumprimento até adquirir a confiança certa;
 - 2) O princípio da numeração simples e as quatro operações fundamentais;
 - 3) Algumas noções geográficas e históricas básicas da Itália e do Brasil;
- Leituras escolhidas nas escolas pelo próprio professor de contos educativos e das mais belas páginas do nosso *Risorgimento* (*Regio Ambasciatore*, 05 mar. 1920, s.p., tradução nossa).

No ano de 1923, o ministro Giovanni Gentile promoveu uma reforma da educação na Itália, sob a égide fascista. Em 1922, quando Mussolini assumiu o poder, nomeou Gentile para o *Ministero dell'istruzione*. De acordo com Horta (2009), o ministro conseguiu a colaboração de alguns de seus discípulos. Entre esses, encontra-se Lombardo-Radice, o qual se tornou Diretor-geral da instrução primária e foi responsável pela reforma do ensino primário em 1923. Gentile e Lombardo-Radice permaneceram no governo italiano até 1924 (Horta, 2009). Entretanto, suas ideias influenciaram o pensamento do governo fascista no que diz respeito à escola e à educação. Os fundamentos da reforma Gentile continuaram a existir mesmo após a saída de ambos do ministério em 1924 (Horta, 2009). Essas foram reformas importantes na Itália. Entretanto, segundo Salvetti (2014), essas mudanças não impactaram, de forma substancial, as escolas italianas no exterior no que se refere ao número de escolas e à distribuição de subsídios. Mas, com essas determinações, as escolas passaram a receber novos livros de acordo com os ideais fascistas e houve, também, gradualmente, uma centralização administrativa e um maior controle dos professores italianos no exterior. As escolas perderam a sua relativa autonomia nesse período. Para a autora, não por coincidência, no ano de 1928, Piero Parini as-

sumiu a direção dos italianos no exterior e nas escolas. Parini havia sido secretário dos fascistas italianos no exterior (Salveti, 2014), “a ideia de um nacionalismo sem fronteiras será uma das máximas perseguidas pelos fascistas, parte da sua política de sobreposição entre fascismo, identidade nacional e etnicidade” (Beneduzi, 2015, p. 292).

No específico de Pelotas, foram encontrados alguns documentos que nos auxiliam a compreender a realidade do município neste período. Essas fontes nos indicam que, na década de 1920, houve o fechamento da escola, como já analisado. Nesse momento, talvez os alunos filhos dos italianos estudassem já em escolas públicas no município de Pelotas, pois:

[...] Mas, no caso brasileiro, já em meados de 1920, as efêmeras escolas italianas iam, aos poucos, cedendo espaço para as escolas públicas. Algumas iniciativas, especialmente em áreas urbanas, permaneciam ou foram reativadas na década de 30 do século XX, resultando da ação fascista (Luchese, 2015, p. 239).

Entretanto, verificar se os italianos estudam nessas instituições não é o objetivo desta pesquisa. O que se percebe é a reativação da escola italiana em Pelotas na década de 1930, exatamente pelo impulso da política fascista dado às escolas no exterior.

No início do ano de 1937, o cônsul italiano em Porto Alegre comunica ao Ministério italiano a inauguração de uma escola italiana em Pelotas, com 50 alunos inscritos:

Tenho a honra de comunicar a V.E. que ontem, 15 corr. ocorreu em Pelotas, cidade próspera desse distrito consular e importante núcleo de imigrantes italianos, comerciantes e abastados, a inauguração da escola italiana, sediada na sede da Sociedade de Mútuo Socorro.

Já tem 50 alunos matriculados, sendo que as despesas relativas, incluindo o professor escolhido no local, são a

encargo da referida sociedade que, sob os auspícios deste R. consulado que alentou e incentivou a iniciativa, cumpriu verdadeiramente um trabalho meritório.

A escola de Pelotas é a terceira que vem abrir suas salas de aula durante o período de minha estada no Consulado Real; foi ouvida a política escolar que nesses países se mostra a mais saudável com o propósito de preservar e divulgar nosso patrimônio linguístico e a intangibilidade e continuidade de nossas gloriosas tradições. Tendo em conta as condições particulares do ambiente, da mentalidade e do tipo de imigração, com todo o empenho e boa vontade; são sinais manifestos e patentes a auréola de simpatia e consentimento unânime com que se circunscreve o surgimento e afirmação de tais instituições. Em breve, por exemplo, e numa nobre corrida de emulação, serão abertas outras duas escolas em importantes centros das cidades, tanto demográfica como economicamente, de S. Maria e Boa Vista do Erechim.

Por enquanto e por um outro período de tempo necessário ao desenvolvimento e ampliação, o ônus da escola de Pelotas será arcado por aquela comunidade, salvo avaliação feita sobre o funcionamento e as possibilidades de desenvolvimento, de pedir a este ilustre Ministério uma pequena ajuda, para torná-la mais eficiente e mais ágil aos seus propósitos (*Console Generale*, 16 mar. 1937, s.p., tradução nossa).

Ainda no mês de março de 1937, o Ministro Piero Parini escreve ao consulado de Porto Alegre abordando a inauguração da escola:

Escola de pelotas

Com referência ao relatório deste R. Consulado Geral nº 527-52, tenho o prazer de expressar minha profunda satisfação pela construção da Escola Italiana de Pelotas.

Peço ao S.V. Ill.ma que se torne o intérprete da Sociedade de Mútuo Socorro de toda a satisfação do governo fascista pela generosidade e alto sentido de italianidade demonstrado ao assumir todos os custos.

Desejo também ser informado, em particular, se o *Fascio* local participa nesta instituição escolar de língua [italiana], pois seria seu estrito dever nos termos do estatuto e aguardo novas comunicações sobre a atividade e o desenvolvimento das várias instituições que presidem ao bem-estar da nossa comunidade (Parini, 31 mar. 1937, s.p., tradução nossa).

Na correspondência, o Ministro italiano Piero Parini faz referência direta ao governo fascista e ao *Fascio*

local⁵⁰ e se havia a participação deste na escola, o que seria desejável, segundo o Ministro. Nesse período, em específico, os ideais fascistas do governo de Mussolini estavam presentes nas diretrizes para as escolas italianas dos imigrantes e era desejável que esses ideais fossem repassados aos alunos por meio das escolas.

Outro relatório consular informa o início das aulas em Pelotas com um número de 50 alunos:

Senhor Ministro,

Tenho a honra de comunicar ao V. E. que desde 6 corr. as aulas começaram regularmente em nossas escolas, nas de Caxias e Pelotas, com o seguinte número de alunos:

Escola de Pelotas: 50 (Console Generale, 24 mar. 1937, tradução nossa).

No mesmo ano de 1937, no mês de agosto, encontra-se um pedido de professor para a escola italiana de Pelotas, pedido esse justificado pelo fato de existir um número significativo de alunos, a saber, 73 alunos. Esse pedido é feito pelo Cônsul italiano ao Ministério das relações exteriores na Itália:

Dos relatórios do Diretor Didático dessas escolas e pelas verificações que eu pessoalmente fiz no local, fica claro para mim que a professora de língua italiana que atende em nossa escola em Pelotas, como substituta temporária, não há cultura suficiente, nem atitude necessária para dirigir uma escola.

Pelotas é a segunda cidade do estado e tem uma universidade, nossa escola se for bem administrada pode levar a um desenvolvimento considerável. Na verdade, depois de apenas alguns meses de funcionamento, seus alunos já atingem a pujante cifra de 73. É preciso, portanto, mandar para lá um jovem professor que, além de dirigir a própria escola, pudesse organizar bons cursos de línguas para estrangeiros, como em Porto Alegre e Caxias.

⁵⁰ Os *Fasci all'estero* eram as seções dentro do *Partito Nazionale Fascista* (PNF) implantados no exterior com o objetivo de difundir a ideologia fascista nas coletividades italianas emigradas (Bertonha, 1998).

Se desejasse, de fato, obter os resultados esperados daquela instituição, o envio de um professor titular da Itália torna-se indispensável.

Também seria necessário fornecer alguns subsídios para as despesas necessárias ao funcionamento da escola em questão.

A sociedade italiana, de fato, que até agora tem suportado estas despesas, contando com a promessa que lhe foi feita pelo meu antecessor, que se comprometeu a assumir por conta do Consulado Geral no dia 1 deste mês as despesas de luz, limpeza, etc. ele agora me exorta a colocar essa promessa em prática.

Portanto, estou aguardando para saber se este Ministério poderá enviar o professor titular em questão para a escola de Pelotas no início do próximo ano letivo.

Queira aceitar, Senhor Ministro, os atos de meu mais profundo respeito (*Console Generale*, 08 jul. 1937, tradução nossa).

Na correspondência acima, observa-se a solicitação de dois elementos que eram fundamentais para o desenvolvimento das atividades das escolas italianas: o professor e os subsídios concedidos pelo governo italiano. O outro elemento importante para o funcionamento da escola era a gestão da sociedade italiana, a qual, nesse momento em Pelotas, assumia responsabilidades financeiras. Nas correspondências sucessivas, nota-se que o pedido foi, ao menos, levado em consideração pelos representantes consulares, como pode ser observado a seguir: “[...] o Ministério examinará, já no início do Ano Novo brasileiro, a conveniência de enviar um professor para Pelotas” (*Ministero Degli Affari Esteri*, 17/10/1937, s.p.). Porém, dois meses depois, o cônsul geral em Porto Alegre escreve novamente ao Ministério para escrever sobre o assunto do envio do professor:

Com referência ao documento nº 899867/143 sobre a oportunidade de mandar um professor para Pelotas, rogo que queira fazer um acompanhamento urgente da prática porque o início do novo ano letivo está iminente, e por outro lado a necessidade de providências parece sempre maior.

É evidente a importância da nossa escola, bem organizada e bem gerida naquela cidade sede de Universidade, que delineei no meu relatório n.º 1485/229 de 8 de julho de 1937/XVI (Console Generale, 31 dez. 1937, s.p., tradução nossa).

No ano de 1937, Luigi Ledda⁵¹ escreveu sobre as condições gerais da escola italiana de Pelotas:

Escola de Pelotas

Nesta escola a frequência se não o proveito é excelente.

É necessário prever sua organização definitiva com um bom professor titular.

Pelo exposto, valem os dados sobre a periodicidade do primeiro relatório, na medida em que parece a esta Gestão que o ambiente não é fácil e simples. No entanto, essas duas escolas também poderão funcionar melhor no próximo ano (Ledda, 12 set. 1937, s.p., tradução nossa).

Para o ano de 1937-1938, o cônsul italiano em Porto Alegre solicitou ao Ministério italiano um aumento no valor dos subsídios, estabelecendo para a escola de Pelotas um valor de 5.000 libras anuais (Console Generale, 01 maio 1937, s.p.). Isso denota, ao menos, dois elementos: o primeiro, que havia uma escola italiana com alunos que a frequentavam; e o segundo, que essa escola se alinhava, ao menos em teoria, com o que se esperava de uma instituição italiana no exterior no período fascista de Mussolini. Caso contrário, não seria financiada.

As escolas italianas no município de Pelotas, durante o século XX, tiveram uma existência não contínua em todos os anos analisados, 1901-1938. As fontes mobilizadas indicam que as escolas italianas no contexto urbano de Pelotas, durante um lapso temporal

⁵¹ Luigi Ledda nasceu na Sardenha, Itália, em 1903 e, após um percurso em diversas escolas, foi destinado pela direção das escolas italianas no exterior às escolas italianas nas Américas e partiu para o Brasil no ano de 1932, Ledda, após 1934, assumiu a escola italiana de Porto Alegre, onde atuou até 1938 (Barausse, 2019).

grande, não funcionaram. Como mencionado anteriormente, depois de 1909, não se encontram, nas fontes analisadas, mais referências às escolas subsidiadas pelo governo italiano até o ano de 1937, quando foram reativadas justamente no período em que o fascismo italiano revitalizou e reorganizou as escolas italianas no exterior.

C Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as escolas italianas no município de Pelotas no recorte temporal que foi definido entre os anos de 1872 e 1938, período que foi delimitado pelos anos em que existiram no município essas instituições étnicas italianas. Necessário reforçar que as escolas não perduraram durante todo esse interstício. Houve momentos de interrupção e reabertura. Esses momentos estavam em consonância com as políticas do governo italiano para as escolas no exterior e com os acontecimentos locais, sobretudo referentes ao município de Pelotas: a escolarização no município e, posteriormente, as políticas do governo de Getúlio Vargas. Nesse sentido, defendeu-se nesta pesquisa que as escolas italianas em Pelotas estiveram majoritariamente ligadas às sociedades italianas no município e, também, foram, em alguns períodos, influenciadas pelos direcionamentos locais de ofertas do ensino público municipal e pelas políticas nacionalistas no governo de Getúlio Vargas e, em outros períodos, foram influenciadas pelas diretrizes italianas para as escolas no exterior. Ainda, defende-se a ideia de uma dimensão transnacional do cotidiano escolar italiano em Pelotas, de negociações entre os gestores locais dessas instituições e as determinações do governo italiano, desta forma configurando a abordagem transnacional que esta pesquisa buscou abarcar.

Ao longo da pesquisa, muitas eram as direções que poderiam ser seguidas a partir do mesmo pano de fundo: as escolas étnicas italianas no município de Pelotas. Essa temática é justificada, como mostrou a revisão de

literatura, pela ausência de estudos que abordassem a escolarização dos imigrantes italianos em Pelotas. De forma geral, no RS, as pesquisas que envolvem escolarização e presença italiana estão concentradas na região chamada de Serra Gaúcha, local onde a imigração italiana foi a mais expressiva do estado e, com isso, houve um maior número de escolas italianas e também na capital do estado, Porto Alegre. A partir da leitura de pesquisas e de fontes empíricas sobre o município de Pelotas, tornou-se perceptível que a presença do grupo étnico dos italianos foi significativa em Pelotas. Decerto que a imigração italiana não se compara, em termos quantitativos, com aquela ocorrida na região nordeste do estado ou na capital, Porto Alegre, mas, considerando também as características de Pelotas, pode-se dizer que a imigração italiana se mostrou expressiva. No decorrer da investigação, os dados apontaram a presença relevante dos italianos em Pelotas, assim como a necessidade de entender as suas instituições.

Ao longo de todo o percurso da pesquisa, para responder à indagação principal da pesquisa, era necessário compreender e analisar outros aspectos da imigração italiana, pois as escolas não estavam distanciadas da sociedade da época e não podem ser analisadas por si só. Dessa forma, uma atenção especial foi dedicada à colônia italiana, citadina e rural, de Pelotas. O objetivo era compreender a imigração italiana no município a partir de uma perspectiva também quantitativa. Nesse sentido, foram fundamentais os registros de entrada de imigrantes no RS, salvaguardados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Ainda que esses documentos não abarque toda a complexidade da imigração do RS, pois nesses livros eram anotados os registros somente daqueles que ficavam nas hospedarias, foram

elementos importantes para compreender em quais anos foi mais expressiva a chegada de italianos em Pelotas, assim como as profissões destes e a origem. A grande maioria dos italianos que se estabeleceram em Pelotas não chegou diretamente da Itália, mas, sim, de outras regiões e municípios do Brasil e também do país vizinho, Uruguai. Outro conjunto importante de documentos encontrados na mesma instituição diz respeito a uma série de correspondências entre autoridades italianas e brasileiras, a partir das quais foi possível observar alguns conflitos existentes entre alguns italianos em Pelotas e a sociedade. Esses conflitos envolvem a estrutura consular e as autoridades policiais pelotenses. Os documentos foram importantes para compreender a imigração italiana em Pelotas, não somente do ponto de vista quantitativo, mas também do ponto de vista das relações sociais estabelecidas e da inserção local.

Um elemento importante para a concretização desta pesquisa diz respeito ao arcabouço de fontes utilizadas, as quais foram recolhidas nas mais diversas instituições de salvaguarda nacional e internacional. Houve, neste estudo, uma originalidade no que se refere à utilização de fontes de pesquisa, muitas das quais não haviam sido utilizadas nem mesmo acessadas por pesquisadores. Muitos foram os locais de pesquisa empírica, como se listou na introdução, mas especialmente os arquivos presentes no *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri italiano* foram as fontes principais utilizadas para compreender o fenômeno das escolas italianas em Pelotas. Essas fontes auxiliaram a delimitar e especificar o que viria a ser a investigação central desta pesquisa. Pode-se, sem dúvidas, afirmar que as fontes preservadas no ASMAE foram as protagonistas da pesquisa. Sem elas, seguramente,

o questionamento principal deveria ser outro que não especificamente as escolas italianas em Pelotas. Os documentos do ASMAE foram determinantes para a abordagem central da pesquisa e, a partir deles, pode-se dizer que foram procuradas outras fontes que pudessem integrá-las e complementá-las para formar o trabalho final.

Para analisar o conjunto de fontes desta pesquisa, um componente fundamental diz respeito ao referencial teórico, à perspectiva histórica e às categorias analíticas, ou seja, as lentes que o pesquisador usa para analisar a pesquisa. Nessa conjuntura, a abordagem escolhida para essa pesquisa, consciente de que muitas outras eram possíveis, foi a da *global history*, uma perspectiva histórica pouco utilizada, até o momento, em pesquisas histórico-educativas brasileiras. Intencionava-se, com esta pesquisa, não somente estudar localmente as escolas italianas no município de Pelotas e explicá-las exclusivamente por aspectos da municipalidade e nacionais, mas, sim, inserir o contexto da imigração e das escolas italianas em Pelotas em um outro contexto mais amplo, global e transnacional. O objetivo era compreender as escolas italianas de Pelotas dentro do universo amplo das escolas financiadas pelo governo italiano, sem deixar de lado as singularidades locais, mas analisá-las a partir de elementos transnacionais. É necessário, nesse momento de finalizar os resultados da pesquisa, relembrar que, com a *global history*, não se pretende uma pesquisa generalizante de todo o globo terrestre. Não se pode deixar enganar pela nomenclatura, global, pois ela não tem essa intenção de uma pesquisa totalizante, como explicam os autores: “[...] vocabulário não deve ser enganoso: global não significa totalizante [...]” (Douki; Minard, 2007, p. 21, tradução nossa).

Dentro dessa mesma perspectiva, a de não analisar as fontes apenas a partir de perspectivas nacionalistas ou locais, fez-se uso da história transnacional e, para pensar a imigração a partir de conexões, de pontos que se cruzam, fez-se uso da perspectiva da *histoire croisée*. Essas perspectivas, igualmente, são pouco utilizadas na história da educação brasileira. Apesar de haver uma diversidade na nomenclatura dessas perspectivas e, por vezes, até uma certa confusão, o ponto comum é a crítica ao chamado nacionalismo metodológico, a uma abordagem que coloca as perspectivas nacionais no centro das discussões. A teoria utilizada nesta pesquisa busca um distanciamento deste tipo de abordagem a partir de uma perspectiva transnacional, que mescle elementos locais, nacionais e internacionais, em uma circulação de ideias, pessoas e objetos, ou, como o próprio nome sugere, uma história cruzada que se conecta em algum ponto. Para o específico desta pesquisa, foi possível integrar o que acontecia localmente no município de Pelotas a partir de uma perspectiva transnacional. No momento de análise das fontes, foram levados em consideração os acontecimentos e o contexto local, assim como as discussões internacionais que tinham reflexos na sociedade italiana de Pelotas. Não se diz que as medidas, sobretudo do governo italiano, fossem determinantes e sem mudanças locais, mas que essas influenciaram a dinâmica e a organização da comunidade italiana no município e as escolas, claro, não estavam distantes de tudo.

Ao fazer uso das fontes para analisar as escolas italianas no município de Pelotas, procurou-se integrar os documentos a partir do que foi a imigração italiana no Brasil e também o que significou a emigração italiana. Como bem ressaltou Franzina (1995), a emigração italiana para o Brasil foi um capítulo na história da emi-

gração na Itália. Um substancial contingente de pessoas se deslocou da Itália para o Brasil, mas este foi apenas um dos países que recebeu um grande fluxo de italianos que buscavam, via de regra, melhores condições de vida. Dentro desta conjuntura, a análise buscou privilegiar aspectos do país de origem, Itália, e do país hospedeiro, Brasil.

No que tange diretamente às políticas para as escolas italianas no exterior, muitas orientações, leis e regulamentos foram lançadas pelo governo italiano para as escolas e instituições que recebiam subsídios em forma de material, livros ou contribuição financeira. Analisar os documentos das escolas italianas em Pelotas à luz desses documentos auxilia a compreender como as instituições se adequam ou não a essas determinações. Decerto que nem tudo era seguido à risca, como previa o ministério italiano, porém alguns elementos básicos deveriam ser seguidos para que o subsídio, considerado insuficiente pela direção das escolas, fosse efetivado. Ainda, a partir da série de legislações, recolhidas em diversos locais, foi possível compreender o que o governo italiano, por meio do MAE, esperava e intencionava, em diferentes momentos históricos, com os subsídios para as escolas italianas no exterior. Do outro lado, os contextos locais e nacionais possuíam também discussões e opiniões sobre a imigração e as escolas étnicas. Diferentes momentos históricos e políticos possibilitaram tanto a criação e a expansão das escolas ligadas a grupos imigratórios quanto o fechamento e a nacionalização dessas instituições. A sociedade receptora também teve influências nessas instituições, assim como o país de origem.

Ademais, o recorte temporal desta pesquisa, de 1872 a 1938, abarca um período no qual há mudanças

significativas nos dois países que influenciam esta pesquisa, Brasil e Itália. As mudanças de cunho político alteraram o quadro e as discussões referentes às escolas italianas no exterior e Pelotas estão dentro dessa conjuntura toda. De um lado do Atlântico, o Brasil, no interstício de tempo da pesquisa, houve a transição do período imperial para o período republicano e, dentro deste último, em um primeiro momento, as escolas ligadas a grupos étnicos foram incentivadas e até desejadas pela falta de escolas públicas naquele momento. No início da República, foram bem-vindas as iniciativas escolares de diferentes grupos e de diferentes segmentos. Porém, na década de 1930, sobretudo, as políticas nacionalistas do governo de Getúlio Vargas fizeram com que as iniciativas étnicas, não somente italianas, fossem fechadas e nacionalizadas com o passar dos anos. Decerto que houve maneiras e medidas de resistência a essa nacionalização do ensino. Entretanto, esse não foi o foco desta pesquisa. Todo esse contexto brasileiro forneceu as bases para compreender o momento de criação, interrupção, reabertura e fechamento definitivo das escolas italianas em Pelotas.

Do outro lado do Atlântico, na Itália, o período de tempo abarcado também comporta singularidades e mudanças históricas protagonizadas pelos ministros italianos da época, figuras importantes e fundamentais para a análise das escolas italianas no exterior. As reformas propostas pelo ministro Francesco Crispi no final do século XIX, pelo ministro Prinetti no início do século XX e a criação do *Commissariato Generale dell'Emigrazione* portaram significativas mudanças na estrutura interna do *Ministero degli Affari Esteri*, na atenção e na política direcionada aos que haviam emigrado e às escolas no exterior. Nas décadas de 1920

e 1930, a ascensão de Benito Mussolini ao poder e a potencialização do fascismo influenciaram, além de toda a Itália, também as instituições italianas ao redor do mundo, entre as quais as escolas. Nesse período, novas determinações e novos objetivos foram determinados para essas instituições. Foi nessa época, também, como se demonstrou, que a escola italiana de Pelotas foi reinaugurada, após um tempo (1909-1937), pode-se dizer longo, fechada pelos motivos que se pontuaram no quinto capítulo. Em um primeiro momento, no regime fascista de Mussolini, foi dado um incentivo à reabertura dessas escolas, as quais deveriam estar em consonância com os princípios fascistas. Entretanto, após alguns anos, sobretudo a partir de 1938, foram as políticas brasileiras ligadas à nacionalização que resultaram na proibição de instituições estrangeiras que ganharam centralidade e protagonismo e, aos poucos, as escolas étnicas foram desaparecendo, fenômeno que foi observado na escola italiana em Pelotas. Compreender e analisar esse contexto de forma integrada e conectada neste trabalho de doutoramento foi possível a partir de dois elementos principais: o acesso a fontes, assim como a bibliografias de ambos os países e também a escolha da perspectiva teórica desta pesquisa, a qual auxilia e instrumentaliza a pensar a partir de uma ideia transnacional, conectada e também de uma história global, de inserir um contexto que, sim, é local em uma perspectiva mais ampla de análise.

Dentro desta conjuntura, um elemento fundamental da discussão é o que se refere ao contexto, ou melhor, aos contextos. Muitas são as pesquisas e as correntes históricas que abordam o uso do contexto para uma análise mais aprofundada. Também aquele era um elemento fundamental para esta pesquisa. Todavia, o que

se propôs aqui não foi somente o utilizar como pano de fundo, mas, sim, o objetivo foi fazer uso dos contextos, no plural, como potencial analítico, utilizá-los como elementos que explicassem as fontes utilizadas. Buscou-se a integração dos elementos principais que compõem um trabalho acadêmico em uma tríade: contexto, empiria e teoria, evitando, neste texto, como já se pontuou, o que Werner e Zimmermann (2006) chamam de “uso conveniente e preguiçoso do contexto”.

Outrossim, outros elementos emergiram por meio da leitura e da análise das fontes de pesquisa, tais como as reflexões sobre identidade e identidade étnica, a qual foi compreendida nesta pesquisa como uma construção, em que negociações e adaptações entram em cena, como algo socialmente construído e não como um dado biológico. A identidade daqueles que chegaram ao Brasil foi influenciada e até potencializada a partir de uma série de fatores. No que tange ao grupo de italianos, essa identidade denominou-se, por vezes, *italianità* (italianidade), um item essencial para compreender o percurso étnico imigrantes em Pelotas, assim como a sua inserção na sociedade local, a qual, em alguns momentos, esteve mediada por conflitos e tensionamentos. As fontes de pesquisa analisadas, sobretudo os relatórios consulares, impulsionaram e difundiram esse sentimento de italianidade, o qual Iotti (2011) considera que surgiu no Brasil, assim como em outros países para os quais os italianos emigraram. Ao chegar a esse país, os imigrantes assumiram e se perceberam como italianos frente aos brasileiros, diferente de como se viam na Itália, com um pertencimento ligado diretamente ao local, cidade ou região de origem e não ao recém-unificado país italiano. Porém, não se pode considerar essa italianidade como algo homogêneo que abrangeu todos os indivíduos

italianos que partiram da Itália em direção a terras distantes além-mar. Houve, no interior desse grupo, que era heterogêneo, discussões e conflitos que, por vezes, impactavam as instituições escolares, como é o caso de Pelotas.

As escolas italianas neste município existiram atreladas às sociedades de mútuo socorro e essas sociedades em Pelotas tiveram uma existência, no mínimo, complicada e tumultuada entre si. No final do século XIX, a partir de 1872, foram fundadas algumas sociedades italianas em Pelotas oriundas de diversos grupos de imigrantes italianos que possuíam em comum o objetivo de se reunir ao redor dessas associações. Algumas das sociedades tiveram uma vida breve e não foi possível encontrar uma variedade de documentos sobre essas instituições. Notícias nos jornais, por exemplo, mostram que elas comemoravam as festividades do vinte de setembro, assim como a inserção de novos sócios, porém nem todas essas sociedades fundaram escolas no seu interior, embora o assunto educacional estivesse presente. De todas as sociedades italianas em Pelotas, duas delas perduraram por um período maior de tempo. A partir destas é possível perceber divergências muito grandes entre os grupos dirigentes da *Società italiane riunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi* e da *Cristoforo Colombo*. Esses conflitos foram percebidos pelas autoridades consulares, as quais, em alguns momentos, inclusive, cancelaram os subsídios escolares como uma forma de tentar amenizar e mediar os conflitos. Porém, esses perduraram e envolveram também a representação consular no município na figura de Frederico Trebbi. As notícias de jornais noticiaram as tensões existentes entre os dois grupos e os reflexos na instituição escolar, assim como o envolvimento

consular nesta questão, por muitas vezes, sem sucesso de resolução. As sociedades italianas de Mútuo Socorro em Pelotas foram as instituições que determinaram e financiaram a existência das escolas italianas no meio urbano. As instituições italianas rurais em Pelotas não receberam a mesma atenção e não foram analisadas de forma aprofundada nesta pesquisa, pois não foram encontrados tantos documentos empíricos sobre as escolas no espaço rural. Isso se deveu, talvez, ao fato de não serem todo o tempo subsidiadas pelo governo italiano, ou por não estarem atreladas às sociedades de mútuo socorro e, por esses motivos, os documentos e registros referentes a essas escolas não foram preservadas no ASMAE ou, ainda, ao fato de terem existido por um período muito pequeno de tempo e sem regularidade.

As escolas italianas em Pelotas surgiram no mesmo ano da primeira sociedade italiana em Pelotas, 1872, e nesse primeiro momento, não tiveram nenhuma forma de auxílio do governo italiano, conforme mencionado. Tinham uma existência não regular durante todo o tempo em que funcionaram. Durante o século XIX, uma existência mais ou menos contínua. Logo após, no século XX, precisaram ser reestruturadas e, para isso, contaram com o auxílio do *maestro-agente* Umberto Ancarani e sua esposa Iró Ancarani. Ambos foram as principais figuras para as escolas italianas em Pelotas nas primeiras décadas do século XX, até 1907. Durante alguns anos, que vão aproximadamente de 1909 a 1937, não há nas pesquisas registros de escolas italianas subsidiadas em Pelotas. A escola foi reinaugurada no período do fascismo italiano, logicamente sob objetivos e intencionalidades que respondiam aos ideais fascistas do governo de Benito Mussolini, até que um outro elemento entra em cena: a nacionalização do ensino, colocada em

prática pelas políticas patrióticas do governo brasileiro de Getúlio Vargas. Essa situação propiciou e impôs o fechamento das instituições ligadas a grupos de estrangeiros, bem como a utilização em instituições formais de ensino, assim como em periódicos e em outros locais, de línguas estrangeiras. Após o ano de 1938, há uma total ausência de documentos e registros sobre as escolas italianas em Pelotas, o que nos fornece a possibilidade de pensar que essas instituições deixaram de existir no município, assim como em outros locais. Com isso, não se está a dizer que o idioma italiano não foi mais utilizado pelos descendentes. Isso certamente não ocorreu. No entanto, as escolas italianas financiadas deixaram de existir.

No período de tempo estudado nesta pesquisa, foram encontrados alguns documentos referentes à cultura escolar da escola italiana de Pelotas. Esses documentos, os quais são uma parcela daqueles que existiram, foram importantes indícios para compreender o que se ensinava e, também, o que se esperava do ensino nessas instituições. Dessa análise, despontaram elementos fundamentais e que caracterizavam as escolas italianas no exterior, como a impulsão à italianidade e à identidade nacional italiana, assim como a integração dos dois idiomas, italiano e português. Encontrar essa tipologia de documentação que adentra no interior das instituições escolares não é sempre tarefa fácil. A possibilidade de acesso a essas fontes permite pensar a pesquisa pelo viés da cultura escolar, o que, dentro da temática, das escolas italianas e de imigrantes, configura-se como um diferencial das pesquisas já existentes.

Ainda, esta pesquisa atentou para a trajetória profissional do professor Umberto Ancarani, o qual teve um longo percurso em diversos países como professor

nas escolas italianas subsidiadas e governativas. No Brasil, Ancarani atuou em várias cidades, entre as quais Pelotas, sua presença foi uma figura ativa na reestruturação da escola italiana no município. Esse professor chegou ao Brasil, especificamente ao estado do Rio Grande do Sul, com a tarefa de *maestro-agente*, figura inédita que surgiu dentro do Ministério italiano e que congregava as funções de professor e de representação consular, para tratar de outros assuntos que não somente os relativos à escolarização. A análise da trajetória desse professor foi importante neste estudo de pesquisa por dois motivos. O primeiro, por ser um professor protagonista nas escolas italianas em Pelotas e o segundo, por se tratar de um tema ainda quase que totalmente inexplorado pela historiografia da escolarização dos imigrantes italianos. Poucos são os estudos que lançam luzes sobre o perfil dos professores nessas escolas.

Por fim, para finalizar, é necessário considerar que esta pesquisa, ao abordar um objeto completamente inexplorado até esse momento, que são as escolas italianas em Pelotas, amplia os estudos sobre as escolas étnicas italianas no estado do Rio Grande do Sul à luz dos acontecimentos locais, nacionais e transnacionais.

Jornais consultados

- ADELCHI, Colnachi. Bagé e Pelotas. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 7, p. 01, 27 fev. 1908.
- ADELCHI, Colnachi. Da Rio Grande e Pelotas. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 9, p. 01, 01 dez. 1910.
- ANCARANI, Umberto. *Stella D'Italia* Porto Alegre, ano 3, s.p., 11 ago. 1904.
- ANCHE da Pelotas ci pervengono i giornali. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 5, p. 03, 30 set. 1906.
- BALENATA. l'idea in alcuni. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 7, s.p., s. d.
- CI CONSTA CHE IL PROF. UMBERTO ANCARANI. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 4, s. p, 07 set. 1905.
- EGO. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 5, s.p., 22 mar. 1906.
- FESTAS ITALIANAS. *Diário Popular*, Pelotas, ano 6, p. 01, 19 set. 1894.
- FESTAS ITALIANAS. *Diário Popular*, Pelotas, ano 6, p. 01, 20 set. 1894.
- FOI INAUGURADA NO EDIFÍCIO. *Echo do Sul*, ano 34, p. 02, 21 set. 1887. I MAESTRI. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 6, s.p., 10 fev. 1907.
- IN PELOTAS EBBE. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 5, s.p., 29 abr. 1906.
- IN PELOTAS. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 6, s.p., 11 ago. 1907.
- LE DUE società riunite Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 3, p. 03, 23 out. 1904.
- LE SOCIETÀ Riunite. Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 7, s.p., 5-8 mar. 1908.
- LO STRENUO PROF. ANCARANI. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 4, p. s.p., 21 dez. 1905.
- LUNEDÌ SERA. *Stella D'Italia*, Porto Alegre, ano 4, s.p., 05 out. 1905.

MONTE, Bonito (Pelotas). Stella D'Italia, Porto Alegre, ano 8, p. 02, 21 nov. 1909.

NA SESSÃO DE DOMINGO. Diário de Pelotas, Pelotas, ano 9, p. 02, 05 dez. 1876.

NOTIZIA telegrafica trasmessa dalla vicina città di Pelotas. Stella D'Italia, Porto Alegre, ano 1, p. 03, 16 out. 1902.

SAPPIAMO CHE IL NOSTRO. Stella D'Italia, Porto Alegre, ano 6, s.p., 10 jan. 1907.

SCUOLA ITALIANA FONDATA. Diário Popular, ano 6, p. 03, 07 dez. 1894.

SUL JUANITA ARRIVÒ. Stella D'Italia, Porto Alegre, ano 3, s.p., 07 jul. 1904.

UN AMICO di Pelotas. Stella D'Italia, Porto Alegre, ano 2, s.p., 26 nov. 1903.

Documentação consultada

ACTON, Enrico. La città di Pelotas. Roma: Ministero degli Affari Esteri, 1889. *In*: HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (orgs.). **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2016, p. 163 – 173, tomo I-2.

ACTON, Enrico. **Relazione sulle scuole italiane sovvenzionate dal R. governo nelle Colonie del Rio Grande do Sul**, maio de 1890. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898.

ACTON, Enrico. **Elenco degli alunni della scuola italiana di Pelotas**, 1890. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339. f. scuole sussidiate Pelotas.

ACTON. **Lettera de Acton a Marefoschi**, 12 gennaio 1891. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339, f. Scuole al Brasile fino al 1898, s.f. Pelotas.

ACTON. **Lettera di Acton a Marefoschi**, 21 agosto 1890. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339, f. Scuole al Brasile fino al 1898, s. f. Pelotas.

ALEMANNI, Vittore. Rapporto di Vittore Alemanni, 1923, **La scuola primaria italiana in Brasile**. *In*: ASMAR, AS, 1923-1928, b. 702. 1923.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al signor commendatore**, 10 gennaio 1907. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 4, f. I Umberto Ancarani. 1907a.

ANCARANI, Umberto. **Pro-memoria di Umberto Ancarani**, 17 giugno 1922. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 4, f. I Umberto Ancarani. 1922.

ANCARANI, Umberto. **Relazione finale sulle scuole italiane di Pelotas**, 02 gennaio 1907: *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1907b.

ANCARANI, Umberto. **Servizio prestato all'estero dal 1890 al 1925 dal prof. cap. Umberto Ancarani**. Roma: tipografia delle Mantellate, 1926. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 4, f. I Umberto Ancarani. 1926.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al Direttore centrale della scuole italiane all'estero**, 07 settembre 1920. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 4, f. I Umberto Ancarani. 1920.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al Ministro degli Affari Esteri**, 20 marzo 1897: *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 5, Ancarani Umberto, parte riservata – dal 1890 al 1904. 1897.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al Ministro degli Affari Esteri**, s. d. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 5, Ancarani Umberto, parte riservata – dal 1890 al 1904.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al signor commendatore**, 20 marzo 1906. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 4, f. I Umberto Ancarani. 1906a.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al Signor Commendatore**, Pelotas, 31 luglio 1906. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1906b.

ANCARANI, Umberto. **Lettera di Umberto Ancarani al Sotto Segretario degli Affari Esteri**, 15 agosto 1904. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 5, Ancarani Umberto, parte riservata – dal 1890 al 1904. 1904.

BARTOLOTTI, Domenico. **Il Brasile Meridionale**. Roma: Casa editrice Alberto Stock, 1930.

BRICHANTEAU, Compans. Rapporto del Regio Console cav. avv. Edoardo dei conti Compans de Brichanteau In Emigrazione e Colonie. Rapporti di R. Agenti diplomatici e consolari pubblicati dal R. Ministero degli Affari Esteri. Roma: Tipografia Bertero, 1893, p. 108-128. *In*: HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (orgs.). **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2016, p. 119-140, tomo I.

BRICHANTEAU. **Rapporto del console Compans di Brichanteau, Relazione sulle Scuole Italiane sussidiate dal R. Governo nello stato di Rio Grande del Sud durante l'anno 1891**, 6 febbraio 1892. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas. 1892a.

BRICHANTEAU. **Rapporto del console Compans di Brichanteau, Scuole italiane nel Rio Grande del Sud**, 26 agosto 1892. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s. f. Pelotas. 1892b.

BRICHANTEAU. **Tabella della ripartizione del sussidio governativo alle Scuole Italiane nello Stato di Rio Grande del Sul durante l'anno 1891 del 2 febbraio 1892 del regio console Brichanteau**, 1892. *In*: ASDMAE, b. 339, f. Contabilità pel sussidio alle Scuole Italiane nel Distretto di Porto Alegre. 1892c.

BUCCELLI, Vittorio. **Un viaggio a Rio Grande del Sud**. Milão: Officine Crono-Tipografiche, 1906.

CIAPPELLI. Bollettino dell'Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato dell'Emigrazione. Anno 1905, n. 12. Roma, Bertero, 1905. Lo Stato di Rio Grande del Sud (Brasile). Relazione del. cav. E. Ciapelli. *In*: HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (orgs.). **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2016, p. 529 – 609, tomo III.

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 2000, p. 364-397.

COMMISSARIATO GENERALE DELL'EMIGRAZIONE. **Annuario statistico della emigrazione italiana dal 1876 al 1925**. Roma: L'universale, tipografia Poliglota, 1926.

COMMISSARIATO DELL'EMIGRAZIONE. **Bollettino dell'emigrazione 1902**. Roma: Tipografia Nazionale di G. Bertero E. C, 1902, n. 01.

COMMISSARIATO DELL'EMIGRAZIONE. **Bollettino dell'emigrazione 1904**. Roma: Tipografia Nazionale di G. Bertero E. C, 1904, n. 07.

COMMISSIONE PER LA RIORGANIZZAZIONE E LA VIGILANZA DELLE SCUOLE ITALIANE ALL'ESTERO. **Relazione a S. E. il Sottosegretario di Stato [1911-1922]**. *In*: ASMAE, scuole, cat III, 1911-1922, b. 437.

CONSOLE GENERALE. **Ufficio dal console generale al Ministro degli Affari ESTERI**, 16 marzo 1923. *In*: ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre.

CONSOLE GENERALE. **Ufficio del Console Generale ao Ministro degli Affari Esteri**, 01 maggio 1937. *In*: ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre.

CONSOLE GENERALE. **Ufficio del Console Generale al Ministero degli Affari Esteri**, 31 dicembre 1937. *In*: ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre.

CONSOLE GENERALE. **Ufficio del Console Generale al Ministro degli Affari Esteri**, 24 marzo 1937. *In*: ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre.

CONSOLE GENERALE. **Ufficio del Console Generale al Ministro degli Affari Esteri**, 08 luglio 1937. *In*: ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre.

CONSOLE REGGENTE. **Dispaccio dal Console reggente a Costantinopoli al Ministro degli Affari Esteri**, 13 agosto 1898. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 5, Ancarani Umberto, parte riservata – dal 1890 al 1904.

CONSUL ITALIANO. **A Discussão**, Pelotas, ano 6, p. 01, 16 out. 1886.

CORTE, Pasquale. **Le colonie agricole italiane nella provincia di Rio Grande del Sud del Brasile all'esposizione nazionale di Torino**. Porto Alegre: Livraria Americana, 1884.

COSTA, C. **Officio de C. Costa**, 09 de dezembro de 1890. *In*: AHRS, Caixa 8, maço 14, consulados e legações.

DALL'ASTE BRANDOLIN. **Lettera al console generale Angelo Legrenzi**, 08 maggio 1895. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.

DE VELUTIIS. Emigrazione e colonie. Ministero degli Affari Esteri. Commissariato Dell'Emigrazione. Raccolta di Rapporti dei RR. Agenti diplomatici e consolari. Cav. Francesco de Veluttis. Volume III: America. Parte I: Brasile. Roma: Cooperativa Tipografica Manuzio, 1908. *In*: HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (orgs.). **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2016, p. 697 – 775, tomo IV.

DE VELUTIIS. **Lettera del console De Veluttis al Ministro degli Affari Esteri**, 29 novembre 1905. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1905.

DE VELUTIIS. **Lettera del console De Veluttis al Ministro degli Affari Esteri**, 16 gennaio 1907. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1907.

DE VELUTIIS. **Lettera del R. Console De Velutiis al Ministro degli Affari Esteri**, 12 novembre 1906. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1906a.

DE VELUTIIS. **Lettera del R. Console De Velutiis al Ministro degli Affari Esteri**, 03 aprile 1906. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1906b.

DE VELUTIIS. **Dispaccio del console De Veluttis al Ministro degli Affari Esteri**, 03 dicembre 1906. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Rio Grande do Sul. 1906c.

FUSINATO. **Minuta del dispaccio del Sotto Segretario di Stato F° G. Fusinato**, 13 maggio 1904. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 4, f. I Umberto Ancarani. 1904.

ITÁLIA. Lei n° 867 de 18 de dezembro de 1910. **Legge sul riordinamento delle scuole italiane all'estero**. Napoli: Casa Editrice E Pietrocòla, 1910.

LEDDA, Luigi. **Relazioni di Luigi Ledda sulle scuole italiani di Rio Grande del Sud**, 12 settembre 1937. *In*: ASMAE, AS, 1936-1940, b. 62, f. Porto Alegre. 1937.

LEGRENZI. Bollettino del Ministero degli Affari Esteri. 1895. Parte Amministrativa e Notiziario. L'immigrazione nello Stato do Rio Grande del Sud (Brasile). Rapporto del Regio Console in Porto Alegre. Nob. Avv. A. Legrenzi. Roma, MAE, 1895. *In*: HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; ROMANATO, Gianpaolo (orgs.). **Fontes diplomáticas**: documentos da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 2016 tomo I-2.

LEGRENZI. **Dispaccio di A. Legrenzi al ministro degli Affari Esteri**, 29 maggio 1895. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas.

LEGRENZI. **Dispaccio do consul A. Legrenzi al ministro degli Affari Esteri**, 5 ottobre 1894. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas.

LEGRENZI. **Rapporto del console Angelo Legrenzi, Le scuole sussidiate nello stato di Rio Grande del Sud Brasile nell'anno 1894**, gennaio 1895. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.

MAE. **Personale insegnante delle scuole italiane maschile**. *In*: ASMAE, AS, Personale docente non più in servizio all'estero, 1880-1920, b. 5, f. I Umberto Ancarani (riversato).

MALAN, Giovanni Pietro. **Um viaggio al Brasile**. Genova: dai tipi di Luigi Sambolinò, 1885.

MALAN. **Correspondência de Giovanni Pietro Malan**, 27 de julho de 1885. *In*: AHRS, Caixa 8, maço 13, consulados e legações.

MALAN. **Lettera di Giovanni Pietro Malan**, 8 giugno 1886. *In*: ASMAE, AS cat. 451, 1868-1888, b. 218 P-S.

MAREFOSCHI. **Rapporto sulle scuole dello stato nel Rio Grande do Sul**, 28 agosto 1890. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898.

MAREFOSCHI. **Rapporto sulle scuole italiane nel Rio Grande do Sul**, 29 gennaio 1891. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898.

MAREFOSCHI. **Rapporto sulle scuole italiane nel Rio Grande do Sul**, 26 luglio 1889. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.

MAZZOLENI, Ettore Gori. **Lettera di Mazzoleni al Ministro della Istruzione Pubblica**, 31 luglio 1877. *In*: ASMAE, AS cat. 451, 1868-1888, b. 218 P-S.

MIGNONE, Giovanni. **Lettera del Presidente da Società Italiana Riunita Giovanni Mignone ai Presidenti dei Ministri Francesco Crispi**, s.d. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1890-1891**. Roma: Tipografia delle Mantellate, 1891.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1888-1889**. Roma: Tipografia di Gabinetto del Ministero degli affari esteri, 1889.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1889-1890**. Roma: Tipografia delle Mantellate, 1890.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1897**. Roma: Tipografia del Ministero degli affari esteri, 1897.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1907**. Roma: Tipografia del Ministero degli affari esteri, 1907.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1908**. Roma: Tipografia del Ministero degli affari esteri, 1908.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1909**. Roma: Tipografia del Ministero degli affari esteri, 1909.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1910**. Roma: Tipografia del Ministero degli affari esteri, 1910.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1911**. Roma: Tipografia del Ministero degli affari esteri, 1911.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1913-14**. Roma: Tipografia Editrice Nazionale, 1914.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1924**. Roma: Libreria dello Stato, 1925.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1925**. Roma: Tipografia di Gabinetto del Ministero degli affari esteri, 1926.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. Regolamento delle scuole italiane all'estero. *In*: MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Annuario delle scuole coloniali per l'anno finanziario e scolastico 1888-1889**. Roma: Tipografia di Gabinetto del Ministero degli affari esteri, 1889.

MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI. **Scuole italiane a Pelotas**, 17 ottobre 1937. *In*: ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre. 1937.

MINISTRO DEGLI AFFARI ESTERI. **Scuola tenuta in Pelotas. Lettera del Ministro degli Affari Esteri**, 16 luglio 1877. *In*: ASMAE, AS, 1868-1877, b. 218. 1877.

PARINI, Piero. **Ufficio del Ministro degli Affari Esteri Piero Parini al Consolato Generale di Porto Alegre**, 31 marzo 1923. ASMAE, AS 1936-1945, b. 63, f. Porto Alegre. 1923.

PEIROLERI. **Lettera di Augusto Peiroleri al Agente ufficioso di Pelotas**, Pietro Malan, 24 luglio 1886. *In*: ASMAE, AS cat. 451, 1868-1888, b. 218 P-S.PELOTAS. Registro de Entrada e Saída de Imigrantes, Pelotas, 1891. *In*: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C181. 1891.

PELOTAS. Registro de Imigrantes Chegados e Estabelecidos em (vários locais) Accioli [Pelotas], 1874/1897. Sa76a.PELOTAS. **Registro dos Colonos Italianos, Pelotas, 1887/1888**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C018.

PESCIOLINI, Ranieri Venerosi. **Le colonie italiane nel Brasile Meridionale: Stati di Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná**. Turim: Fratelli Bocca, 1914.

PIO DI SAVOIA. **Dispaccio di Gherardo Pio di Savoia, Corso noturno para adultos**, 31 maggio 1894. *In*: ASMAE, AS 1889-1910, b. 339, f. Escolas no Brasil até 1898, s. f. Pelotas. 1894a.

PIO DI SAVOIA. **Rapporto del console Gherardo Pio di Savoia**, 1894. *In*: ASMAE, AS, 1889-1910, b. 339. 1894b.

REGIO AMBASCIATORE. **Scuole Italiane nel distretto consolare dello Stato di Rio Grande del Sud**, 05 marzo 1920. *In*: ASMAE, AS, cat. III 1911-1922, b. 445, f. Brasile. 1920.

RIO GRANDE DO SUL. **Delegacia da Inspeção Geral de Terras e Colonização: Registro dos Colonos que Seguiram para Diversos Núcleos Coloniais – 1892/1896**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C202.

RIO GRANDE DO SUL. **Delegacia da Inspeção Geral de Terras e Colonização: Registro de Imigrantes de Diversas Nacionalidades que Seguiram para Diversos Núcleos Coloniais, 1896/1897**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C206.

RIO GRANDE DO SUL. **Delegacia da Inspeção Geral de Terras e Colonização: Registro de Imigrantes Entrados no RS, 1896/1899**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C344.

RIO GRANDE DO SUL. **Inspeção de Terras e Colonização: Mapa Estatístico dos Imigrantes Entrados na Província e as Localidades a que se Destinaram, 1887**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C191.

RIO GRANDE DO SUL. **Registro de Colonos Chegados e o Destino que Tiveram, 1862/1876**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C299.

RIO GRANDE DO SUL. **Registro de Colonos Chegados e o Destino que Tiveram, 1857/1863**. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, C234.

RODEGHIERO, José. **Histórico da Escola Garibaldi, s. d.** Arquivo da Escola de Ensino Fundamental Garibaldi, Colônia Maciel, Pelotas, s. d.

SCUOLA ITALIANA DI PELOTAS. **Attività scolastica della scuola italiana in Pelotas**. *In*: ASMAE, Archivio Scuola, 1889-1910, b. 339, f. scuole sussidiate Pelotas.

SCUOLA ITALIANA DELLE SOCIETÀ RIUNITE. **Ficha de pagamento da escola italiana de Pelotas**, 24 de abril de 1906. Associação Cultural Italiana Pelotense. 1906.

SEGHETTI, Luigi. **Rapporto di Luigi Seghetti**, 08 maggio 1923. *In*: ASMAE, AS, 1911-1922, b. 437. 1923.

SIMÕES LOPES. **Relatório da intendência Apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1928 pelo Intendente Augusto Simões Lopes**. Pelotas: Off. Typ. do “diário popular”, 1928. Bibliotheca Pública Pelotense. 1928.

SOCIEDADES ITALIANAS REUNIDAS UNIONE E FILANTROPIA E CIRCOLO GARIBALDI. **Estatuto da Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi**, 1902.

SOCIEDADES ITALIANAS REUNIDAS UNIONE E FILANTROPIA E CIRCOLO GARIBALDI. **Estatuto da Sociedades Italianas Reunidas Unione e Filantropia e Circolo Garibaldi**, 1903.

SOCIETÀ ITALIANE REUNITE. **Regolamento interno per la scuola italiana di Pelotas, 1890, allegato alla lettera di Acton a Marefoschi**, 21 agosto 1890. *In*: ASDMAE, AS, 1889-1910, b. 339.f. Scuole sussidiate fino al 1898, s.f. Pelotas. 1890.

TAFURI, Domenico. **Lettera del presidente dalla Società Italiane Riunite al sig. Comm. A. Scalabrini, ispettore generale delle Scuole Italiane all'estero**, del 4 luglio, 1906. *In*: ASMAE, AS, POS III, 1889-1910, b. 343, f. Pelotas. 1906.

TREBBI. **Lettera di Frederico Alberto Trebbi alla colonia italiana di Pelotas, corso serale per gli adulti**, 25 maggio 1894. *In*: ASMAE, AS 1889-1910, b. 339, f. Escolas no Brasil até 1898, s. f. Pelotas. 1894.

ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul. **Revista Ensaios da FEE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 57-74, 1984. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/459/690>. Acesso em: 04 jul. 2019.

- ACEVEDO, Ariadna. QUINTANILLA, Susana. La perspectiva global en la historia de la educación. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, v. 14, n. 40, p. 07-11, jan./mar. 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662009000100002. Acesso em: 25 jan. 2020.
- ALCÂNTARA, Wiara. A transnacionalização de objetos escolares no fim do século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, v. 24, n. 2. p. 115-159. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/122775>. Acesso em: 16 mai. 2020.
- AMARAL, Giana Lange do. **Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense**: entre a memória e a história 1902-2002. Pelotas: Educat, 2002.
- ANDERSON, Benedicte. **Comunità immaginate. Origini e fortuna dei nazionalismi**. Bari: Editori Laterza, 2018.
- ANDREOTTI, Azilde Lina. A administração escolar na Era Vargas e no Nacional-Desenvolvimentismo (1930-1964). **Revista HISTEDBR online**, Campinas, número especial, p. 102-123, 2006. Disponível em: www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art8_22e.pdf. Acesso em: 15 ago. 2015.
- ANDRÉS, María del Mar del Pozo. The Transnational and National Dimensions of Pedagogical Ideas: The Case of the Project Method, 1918-1939. **Paedagogica Historica**, v. 45, n. 4-5, 2009, p. 561-584.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 2000.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. Italianos e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. **História em revista: núcleo de documentação histórica da UFPel**, Pelotas, v. 05, p. 01-10, 1999. Disponível em: http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/hr/historia_em_revista_05.html. Acesso em: 13 ago. 2015.
- ANTUNES, Helenise Sangoi; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Lembranças da escola italiana. **História da Educação**, v. 1, n. 2, p. 99-109, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30667>. Acesso em: 23 fev. 2020.

ASCENZI, Anna *et al.* History of education and migrations: crossed (or connected or entangled) histories between local and transnational perspective. A research “agenda”. **History of Education & Children’s Literature**, v. XIV, n. 2, p. 227-262, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

ASCENZI, Anna. Journals for italian young people abroad during the fascist Twenty Years: from “Aquilotti d’Italia” (1928-1930) to “Il Tamburino della gioventù italiana all’estero” (1931-1943). **History of education & Children’s Literature**, vol. XIV, n. 2, p. 425-445, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

ASCENZI, Anna. Para a educação patriótica e nacional dos italianos no exterior: a edição póstuma do livro de leitura o pátria mia de Luigi Bertelli (Vamba) e a sua difusão no brasil. **História da Educação**, Porto Alegre v. 21 n. 51, p. 101-122, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592017000100101&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 fev. 2020.

AZEVEDO, Debora. Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Fundamentação Teórica e Framework Conceitual em Pesquisa – diferenças e propósitos. **Working paper**, 2016. Disponível em: <https://unisinus.academia.edu/DeboraAzevedo/Papers>. Acesso em: 16 dez. 2019.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 23-80.

BAGCHI, B. Connected and entangled histories: writing histories of education in the Indian context. **Paedagogica Histórica**, v. 50, n. 6, 2014, p. 813-821.

BAGCHI, B.; FUCHS, E.; ROUSMANIERE, K. (Eds.), **Connecting Histories of Education. Transnational and Cross-Cultural Exchanges in Pos-Colonial education**. New York; Oxford: Berghahn, 2014.

BANTI, Alberto Mario. **Il risorgimento italiano**. Gius. Laterza & Figli Spa, 2013.

BARAUSSE, Alberto. “Una impronta di italianità”: os livros didáticos para as escolas étnicas italianas no Brasil entre o liberalismo e o fascismo. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 329-350, 2019a. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50280>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BARAUSSE, Alberto. **As fontes para uma história das práticas educativas nas escolas italianas no Rio Grande do Sul**

(Brasil): da colonização ao período varguista. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 20, n. 44, p. 126-153, set./dez. 2019b. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820442019126/0>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BARAUSSE, Alberto. Between religion and nation: Italic Gens and the development of ethnical schools and Italian language in Southern Brazil in the early 20th century (1910-1930). **History of Education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 303-338, 2019c. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

BARAUSSE, Alberto. Chamas da educação nacional e do sentimento pátrio: as escolas italianas no Rio Grande do Sul da colonização ao final do século 19 (1875-1898). **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 41-85, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592017000100041&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2020.

BARAUSSE, Alberto. From the Mediterranean to the Americas. Italian Ethnic schools in Rio Grande do Sul between emigration, colonialism and nationalism (1875-1925). **SISYPHUS**, vol. IV, p. 144-172, 2016a. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/sisyphus/article/view/10462>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARAUSSE, Alberto. Os livros escolares como instrumentos para a promoção da identidade nacional italiana no Brasil durante os primeiros anos do fascismo (1922-1925). **Revista História da Educação**, Porto Alegre v. 20 n. 49 p. 81-94, 2016b. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/60384>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BARAUSSE, Alberto, Processi di scolarizzazione etnica italiana nei contesti migratori in Brasile. Un primo bilancio storiografico tra dimensione locale e transnazionale della ricerca. In: RADUNZ R.; HEREDIA MERLOTTI, V. B. (Orgs.). **Imigração e emigração balanço historiográfico no sul do Brasil**. Caxias do Sul: Educus, 2022, pp. 133-184.

BARAUSSE, Alberto. The construction of national identity in textbooks for Italian schools abroad; the case of Brazil between the two World Wars. **History of Education & Children's Literature**, v. X, p. 425 – 461, 2015. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARAUSSE, Alberto; BASTOS, Maria Helena Câmara. Informing and educating for Italianess on the pages of “Stella d’Italia” (Porto Alegre/RS, 1902-1908). **History of Education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 359-387, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Education, ethnic identity, and memory in the Italian ethnic schools of South Rio Grande (1875–1902), **Paedagogica Historica**, v. 54, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/cpdh20/current>. Acesso em: 20 jan. 2019.

BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Nationalisms and schooling: between italianity and brazility, disputes in the education of italian-gaucho people (RS, Brazil, 1930-1945). **History of Education & Children's Literature**, XII, v. 2, p. 443-475, 2017. Disponível em: <https://www.torrossa.com/resources/an/4242484>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BARAUSSE, Alberto; LUCHESE, Terciane Ângela. Uma história da educação dos (i)migrantes italianos entre o local e o transnacional: entrecruzando documentos e olhares investigativos. *In*: KARSBURG, A.; VENDRAME, M. (Orgs.). **Variações da Micro-história no Brasil**: temas, abordagens, desafios. São Leopoldo: Oikos, 2019. v. 1, p. 171-203.

BARROS, José D'Assunção. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 103-111, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18708>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BARTH, Fredrik de. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BASTOS, Maria Helena Camara. A associação Sul-Rio-Grandense de pesquisadores em História da Educação (ASPHE): (1995-2005). *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL RIO GRANDENSE DE PESQUIADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, v. 11, 2005, São Leopoldo. **Anais eletrônicos** [...]. São Leopoldo, 2005. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/05/10/11o-encontro-2/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BASTOS, Maria Helena Camara. A História da Educação no Rio Grande do Sul Cartografia de uma produção (1970-2000). ANPED – SUL, 2002, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. 2002. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_Historia_e_Filosofia/Mesa_Redonda/10_28_51_m79-246.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020

BENCOSTTA, Marcus Levy. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, v. III. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005, p. 68-76.

BENEDUZI, Luis Fernando. Redenção e integração: Vittorio Buccelli e a escola na zona colonial italiana. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 37, n. 2, p. 117-128, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22195>. Acesso em: 25 abr. 2020.

BENEDUZI, Luís Fernando. Staffetta Rio-grandense: Fascismo e italianidade na Serra Gaúcha. In: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (orgs.). **Imigração e Sociedade: fontes e acervos da imigração italiana no Brasil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 288-309.

BERSEZIO, Vittorio. **Il regno di Vittorio Emanuele II**: Trent'anni di vita italiana. Roux e Favale, 1878.

BERTONHA, José Fábio. **Os italianos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BERTONHA, José Fábio. Uma política exterior não estatal? Os fasci all'estero e a política externa do Partito Nazionale Fascista. **Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, v. 6, n. 10, p. 1919-1943, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6213>. Acesso em: 26 fev. 2020.

BERTRAND, Romain. Historia global, historias conectadas: ¿um giro historiográfico? **Pro-historia**, Rosário, n. 24, p. 3-20, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=380144016001>. Acesso em: 24 fev. 2020.

BIANCHINI, Paolo. Pátria, raça e civilização. Instruções para uma emigração bem-sucedida nos manuais escolares italianos de Geografia entre o final do século XIX e o início do século XX. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 309-328, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50277>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BIONDI, Luigi. Mãos unidas, corações divididos. As sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo na Primeira República: sua formação, suas lutas, suas festas. **Tempo**, n. 33, p. 75-104, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042012000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASTER Jacques F. A.; DEL POZO, Maria del Mar Andres. Educating Immigrants in the Netherlands: migration flows and Educational Policy in the Twentieth Century. **Paedagogica historica**, v. 37, n. 1, 2001, p. 97.

BONILHA, José Fernando Martins. **Organização social e educação escolarizada numa comunidade de imigrantes italianos**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1970.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI, Décio Júnior (orgs.). **A História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas, Autores Associados, 2002. p. 25-38.

CALLEGARI, Ana Beatriz Casagrande. A educação dos imigrantes italianos. **Ideas**, v. 01, n. 2, p. 25-38, 2004. Disponível em: <https://p3.usal.edu.ar/index.php/ideas/article/view/3389>. Acesso em: 27 nov. 2019.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras: São Paulo, 1990.

CAMPANELLA, Carla. Emigrazione e scuola: gli scioperi degli insegnanti italiani in Belgio negli anni settanta. **Altretalie**, n. 54, 2017. Disponível em: <https://www.altretalie.it/publicazioni/ rivista/n-54/indice.kl>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CARMO, Jefferson Carrielo; SANDANO, Wilson. A imigração italiana na cidade de Sorocaba e a experiência escolar no final do século XIX e início do século XX. **Histedbr online**, v. 9, n. 33, p. 109-121, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639557>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASTRO, Renata Brião de. **A Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero na Colônia Maciel – Pelotas (RS) (1928 – 1950): grupo local e etnia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

CASTRO, Renata Brião de; WEIDUSCHADT, Patrícia. O percurso escolar dos imigrantes italianos e alemães na Serra dos Tapes (Pelotas/RS, 1920-1950): similitudes e particularidades. **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 571-591, mai./ago. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50312>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASTRO, Renata Brião de; BARAUSSE, Alberto. “Una società senza scuola è un corpo senz’anima”: as escolas italianas de Pelotas/RS mantidas pelas sociedades de mútuo socorro no século XIX. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 24, p. 01-32, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/view/3885>. Acesso em: 27 fev. 2020.

CASTRO, Renata Brião de; BARAUSSE, Alberto. Transnacionalidade e ensino: a trajetória de Umberto Ancarani entre a Europa e o Brasil

nas escolas italianas no exterior. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 25., 2019, Bagé. **Anais eletrônicos** [...].

Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/index.php/2019/10/31/25o-encontro/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAVALIERI, Daniel Gonçalves. **Os imigrantes italianos e os ítalo-descendentes em Belo Horizonte**: identidade e sociabilidade (1897-1942). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos (org.). Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**: “*Andiamo in’Merica*”. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CERQUEIRA, Fabio Vergara. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi (orgs.). *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E TRADIÇÃO, 4., 2010. **Anais eletrônicos** [...].

Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010. Disponível em: <https://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

CHEVALIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella**: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Livraria Mundial, 2002.

CIAMPI, Gabriella. Le scuole italiane all’estero. *In*: PELLEGRINI, Vincenzo (ed.). **Amministrazione centrale e diplomazia italiana (1919-1943)**: fonti e problemi. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1998, p. 115-122.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Imigração e trabalho: a presença italiana em Porto Alegre, no pós-guerra (1946 – 1976). **MÉTIS: história & cultura**, v. 11, n. 22, p. 81-96, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1451/1245>.

Acesso em: 20 jan. 2020.

CONRAD, Sebastian. **Storia globale**: un’introduzione. Roma: Carocci editore S.p.S., 2015.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 1991.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Italiani a Porto Alegre. L'invenzione di un'identità. **Altreitalie**, n. 25, luglio-dicembre 2002.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. A escrita da História da Imigração Italiana: arquivos e fontes. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz *et al.* (orgs.). **História da imigração: Possibilidades e Escrita**. São Leopoldo: Oikos, 2013, p. 106-123.

CONZEN, Kathleen Neils *et al.* (Eds.). The Invention of Ethnicity in the United States. **Journal of America Ethnic History**, v. 12, n. 1, pp. 3-41, 1992.

CUNHA, Maria Teresa Santos; SILVA, Cristiani Bereta da. A "civilizing mission" between quills, inks, and types: Italian immigrants and "La Tribuna" newspaper (Florianópolis/SC – 1932). **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 339-357, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

D'ALESSIO, Michelina. Preparatory courses addressed to "special" teachers for training Italian migrants in the early twentieth century. **History of education & Children's Literature**, vol. XIV, n. 2, p. 491-508, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

DALTOÉ, Guilherme. Arquitetura eclética de Caetano Casaretto em Pelotas/RS. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 5, n. 8, 2013, p. 01-18. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9474>. Acesso em: 25 fev. 2019.

DE GIORGI, Fulvio. La storia dell'educazione come storia culturale. **Contemporanea**, v. 7, n. 2, p. 263-286, 2004.

DE RUGGIERO, Antonio. Italians in the cities of Rio Grande do Sul: social networks and ethnic associationism (1870-1914). **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 559-584, 2019.

DEPAEPE, M.; SIMON, F. Is there any place for the history of Education in the History of Education? A Plea for the history of Everyday Educational Reality in-and outside Schools. **Paedagogica Historica**, v. 31, n. 1, p. 9-16, 1995.

DI FIORE, Laura; MERIGGI, Marco. **World History: le nuove rotte della storia**. Urbino: Gius Laterza & Figli Spa, 2011.

DONDARINI, Rolando. Le prospettive della didattica della storia. Storia globale e dimensione locale. **Storia e futuro, Rivista di Storia e storiografia**, n. 10, 2005. Disponível em: <http://storiaefuturo.eu/wp-content/uploads/2018/06/Storia-e-Futuro-n.10.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. **Revue d'histoire moderne & contemporaine**, n. 54, p. 07-21, 2007. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-d-histoire-moderne-etcontemporaine-2007-5-page-7.htm>. Acesso em: 25 jan. 2020.

DROIT, Emmanuel. Entre histoire croisée et histoire dénationalisée. Le manuel franco-allemand d'histoire. **Histoire de l'éducation**, v. 114, p. 151-162, 2007.

DROUX, Joelle; HOFSTETTER, Rita. **Globalisation des mondes de l'éducation. Circulations, connexions, réfractations, XIXe-XXe siècles**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015.

DROUX, Joelle; HOFFSTETTER, Rita. Going international: the history of education stepping beyond borders. **Paedagogica Historica**, v. 50, n. 5, p. 1-9, 2014.

DUGGAN, Christofher. **Creare la nazione: Vita di Francesco Crispi**. Roma-Bari: Laterza, 2000.

ESCOLANO Benito, Agustín. **La cultura material de la escuela**. Berlanga de Duero: CEINCE, 2007.

ESCOLANO Benito, Agustín. **Tiempos y espacios para la escuela. Ensayos históricos**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

FAGGION, Carmen; LUCHESE, Terciane Ângela. Producing Silencing: Portuguese Teaching/Learning in Rural Schools in the Italian Colonial Region, Brazil. **American Journal of Educational Research**, v. 4, n. 5, p. 412-419, 2016. Disponível em: <http://www.sciepub.com/education/abstract/5856>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FAGGION, Carmen; LUCHESE, Terciane Ângela. Professoras da Região Colonial Italiana ensinando português em tempos de nacionalização estado-novista: memórias de formação e práticas escolares. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 50, p. 261-282, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/27500>. Acesso em: 12 fev. 2020.

FARGE, Arlete. **O Sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, N. S. A. As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Revista Educação e Sociedade**, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.

FETTER, Leila Maria Wulff. **A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX**. 2002. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

FLORIANI, Giorgio. **Scuole italiane all'estero: cento anni di storia.** Roma: Armando Editore, 1974.

FONTAINE, A. **Aux Heures suisses de l'école republicaine: Un siecle de transfert cultureles et de declinaisons pedagogiques dans l'espace franco-romand.** Paris: Demopolis, 2015.

FONTAINE, A.; MASONI, G. Circolazioni transnazionali di letture morali nell'Europa del secolo lungo. Una storia di transfert culturali. **Annali di Storia dell'educazione**, v. 23, p. 20-37, 2016.

FRANZINA, Emilio. **La terra ritrovata.** Storiografia e memoria della prima immigrazione in Brasile. Genova: Stefano Termanini Editore, 2014.

FRANZINA, Emilio (Org.). **Storia dell'emigrazione italiana: arrivi.** Roma: Donzelli, 2002.

FUCHS, Eckhardt. History of Education beyond the Nation? Trends in Historical and Educational Scholarship. In: BAGCHI, Barnita, FUCHS, Eckhardt, ROUSMANIERE, Kate (Orgs.). **Connecting histories of education: transnational and cross-cultural exchanges in (post)colonial education.** Ney York; Oxford: Berghahn Books, 2014.

FUCHS, Eckhardt (Ed.). Transnazonating the History of Education. **Comparativ**, v. 22, n. 1, Special Issue, 2012.

FUCHS, Eckhardt; VERA, Eugenia Roldán (orgs.). **The Transnational in the History of Education: Concepts and Perspectives.** Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2019.

GABACCIA, Donna R. **Emigranti: Le diaspore degli italiani dal Medioevo a oggi.** Torino: Einaudi, 2003.

GABACCIA, Donna R. **Emigranti: Le diaspore degli italiani dal Medioevo a oggi.** Torino: Einaudi, 2003.

GEHRKE Cristiano. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da Colônia Maciel.** 2013. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

GENTILE, Emilio. L'emigrazione italiana in Argentina nella politica di espansione del nazionalismo e del fascismo 1900-1930. **Storia Contemporanea**, v. 17, n. 3, p. 355-396, 1986.

GIOVAGNOLI, Agostino. **Storia e globalizzazione**. Bari: Gius Laterza & Figli Spa, 2003.

GIRON, Loraine Slomp. Colônia italiana e educação. **História da Educação**, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1998. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30691>. Acesso em: 24 fev. 2020.

GOMES, Maysa; LUCHESE, Terciane Ângela. Notícias de escolas e associações étnicas italianas na imprensa de Caxias do Sul/RS e Juiz de Fora/MG (1880 – 1914). **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 119-144, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/2896>. Acesso em: 27 fev. 2020.

GRANDO, Marinês Zandavalli. **Pequena agricultura em crise: o caso da colônia francesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria de Coordenação e Planejamento, Fundação de Economia e Estatística, 1990.

GRASSI, Orsini. Per una storia del Commissariato dell'emigrazione. *In: Le carte e la storia. Bollettino semestrale della Società per gli studi dei Storia delle istituzioni*, vol., 3, n. 1, 1997, pp. 112-13.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Os castigos nas escolas étnicas da região colonial italiana do Rio Grande do Sul: memórias de escolarização (1896- 1928). **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 2, p. 591- 598, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/25022>. Acesso em: 15 fev. 2020.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; LUCHESE, Terciane Ângela. The schooling process and teacher training in the Italian colonial region of Rio Grande do Sul, Brazil (1910-1940). **History of Education & Children's Literature**, v. 9, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

GRISPO, Francesca. (org.). **La struttura e il funzionamento degli organi preposti all'emigrazione (1901-1919)**. Roma: Istituto Poligrafico e Zecac dello Stato, 1986.

GROSVENOR, Ian; LAWN, Martin; ROUSMANIERE, Kate. **Silences and images: the social history of the classroom**. New York: Peter Lang, 1999.

GRUZINSKY, S. Les mondes m]elés de la Monarchie Catholique et autres "connected histories", *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 56, n. 1, pp. 85-117, 2001.

GUIMARÃES, Valéria. Da história comparada à história global: imprensa transnacional e o exemplo do *Le Messenger* de São Paulo.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 176, n. 466, 87-120, 2015. Disponível em: <https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-466/item/108120-da-historia-comparada-a-hist%C3%B3ria-global-imprensa-transnacional-e-o-exemplo-do-lemessenger-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

GUTIERREZ, Esther (Org.) **Marcucci, Zanotta e Casaretto constroem o sul do Novo Mundo**. Pelotas: Ed. UFPel, 2005.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global? **História, histórias**, Brasília, vol. 1, n. 1, p. 164-179, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10714>. Acesso em: 17 mar. 2020.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. Introduction: the invention of tradition. *In*: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **The invention of traditions**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 09-23.

HORTA, José Silvério Baia. A educação na Itália fascista (1922-1945). **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 19, p. 47-89, 2009. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/79>. Acesso em: 18 ago. 2017.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder**: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto historiográfico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 09 – 44, 2001. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/273>. Acesso em: 05 abr. 2015.

JULIA, Dominique. La culture scolaire comme objet historique. *In*: NÓVOA, A.; DEPAEPE, M. JOHANNINGMEIER, E.W. (Eds.). **The Colonial experience in Education: Historical Issues and Perspectives. Paedagogica Historica**, Supplementary Series, I, 1995, p. 353-382.

KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 159-176, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782000000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 fev. 2020.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas no Brasil e a formação do estado nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). **Poiésis**, v. 3, n. 5, p. 71-84, 2010. Disponível em: <http://>

www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/527.
Acesso em: 05 abr. 2016.

KREUTZ, Lúcio; LUCHESE, Terciane Ângela. Grupos étnicos, pluralidade cultural e políticas públicas na história da educação, no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 11, n.1, p. 79-206, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38511>. Acesso em: 13 mar. 2020.

LAWN, Martin; RABELO S. R. Um conhecimento complexo: o historiador da educação e as circulações transfronteiriças. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 14, n. 1, p. 127-144, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/view/1400>.

LE GOFF. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEVRA, Umberto. **Fare gli italiani: memoria e celebrazione del Risorgimento**. Torino: Comitato di Torino dell'Istituto per la storia del Risorgimento italiano, 1992.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: Editora Universitária: Unitrabalho, 2001.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. Imagens de uma cidade sitiada: as fotografias de José Greco e a Revolução Federalista em Bagé-RS, 1893-1895. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 7, p. 522-535, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/360/260>. Acesso em: 22 maio 2021.

LUCASSEN, L.; SMIT, A. X. The Repugnant Others: Soldiers, Missionaries, and Aid Workers as Organizational Migrants. **Journal of World History**, v. 25, n. 4, p. 1-39, 2014.

LUCHESE, Terciane Ângela (org.). **Escarlarização, culturas e instituições: escolas étnicas italianas em terras brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

LUCHESE, Terciane Ângela (org.). **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras**. Caxias do Sul: EDUCS: 2014, p. 57-78.

LUCHESE, Terciane Ângela. 'E não nos deixeis cair em tentação': livros de leitura religiosa do governo fascista para as escolas italianas no Brasil (anos 20 e 30 do século XX). **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 368-385, 2019a. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50289>. Acesso em: 28 mar. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. Em busca da escola pública: tensionamentos, iniciativas e processo de escolarização na região colonial italiana, Rio Grande do Sul. **Cadernos de História da Educação**, v. 11, n. 2, p. 667-679, 2012a. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21718>. Acesso em: 24 fev. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. Escolas étnico-comunitárias italianas mantidas por Associações de Socorro Mútuo: circulação e produção cultural da “italianità”. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 5., 2010a, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/arquivos/eixo_tematico3/Escolas_étnico_comunitarias_italianas_mantidas.pdf. Acesso em: 03 abr. 2017.

LUCHESE, Terciane Ângela. “Per essere alcuno nella vita”: escolas na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul. **MÉTIS: história & cultura**, v. 9, n. 17, p. 153-168, 2010b. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1031>. Acesso em: 16 mar. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. “...libriccini, tutto l’amore che nutro per l’infanzia”. Syllabaries written and printed in Brazil to the Italian ethnic schools (1906-1907). **History of education & Children’s Literature**, v. XIV, n. 2, p. 467-489, 2019b. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. Da Itália ao Brasil: indícios da produção, circulação e consumo de livros de leitura (1875-1945). **História da Educação**, v. 21, n. 51, p. 123-142, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592017000100123&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 mar. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. Entrelaçando tempos de infância e escolarização: a relação entre idade e frequência nas escolas da Região Colonial Italiana do RS de 1875 a 1930. **Educação**, v. 35, n. 2, 277-284, 2012b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/11641>. Acesso em: 25 fev. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. Ethnical catholic press in the RS Italian colonial regional: clashes and consensus on behalf of education (1898-1927). **History of education & Children’s Literature**, v. XIV, n. 2, 2019c, p. 389-423. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. Histórias cruzadas: imigrantes italianos e processos educativos (1875-1914). *In*: RADÜNZ, Roberto; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti (orgs.). **Imigração e Sociedade**:

fontes e acervos da imigração italiana no Brasil. Caxias do Sul: EDUCS, 2015, p. 288-309.

LUCHESE, Terciane Ângela; BARAUSSE, Alberto; SANI, Roberto; ASCENZI, Anna (Orgs.). **Migrações e História da Educação. Saberes, práticas e instituições. Um olhar transnacional.** Caxias do Sul: EducS, 2021.

LUCHESE, Terciane Ângela. Ler, escrever, contar, rezar ou muito além? Saberes prescritos e praticados em escolas Étnicas italianas no Brasil (1875 – 1942). **Momento Diálogos em Educação**, v. 25, n. 2, p. 99-109, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/5861>. Acesso em: 25 mar. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: EducS, 2012c.

LUCHESE, Terciane Ângela. Singularidades na história da educação brasileira: As escolas comunitárias étnicas entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (final do século XIX e início do XX).

Cuadernos Interculturales, v. 6, n. 11, p. 72-89, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=55261104>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes na região colonial italiana do Rio Grande do Sul, 1875 a 1930:** leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio (orgs.). **Imigração e educação no Brasil:** histórias, práticas e processos escolares. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Das escolas de improviso às escolas planejadas: um olhar sobre os espaços escolares da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12 n. 2, p. 45-76, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38787>. Acesso em: 25 fev. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Educação e etnia: as efêmeras escolas étnico-comunitárias italianas pelo olhar dos cônsules e agentes consulares. **História da Educação**, v. 14, n. 30, p. 227-258, 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/28920>. Acesso em: 30 abr. 2016.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio; XERRI, Eliana Gasparini. Escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do

Sul: entre o rural e o urbano (1875 – 1914). **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 211-221, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22176>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MAESTRI, Mário. **Os Senhores da Serra: a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)**. Passo Fundo: UPF, 2000.

MAGALHÃES, Justino. A história das instituições educacionais em perspectiva. In: GATTI JR, D., INÁCIO FILHO, G. (orgs.). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPel/Livraria Mundial, 1993.

MARJANEN, Jani. Undermining methodological nationalism: *Histoire croisée* of concepts as transnational history. In: ALBERT, Mathias; BLUHM, Gesa; HELMIG, Jan; LEUTZSCH, Andreas; WALTER, Jochen (orgs.). **Transnational Political Spaces: Agents – Structures – Encounters**, Frankfurt/New York: (Reihe Historische Politikforschung, 18), 2009, p. 239-263.

MANFRÓI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. Porto Alegre: Grafosul, IEL/DAC/SEC, 1975.

MARTINIÁK, Vera Lucia. A reconstrução histórica das instituições escolares étnicas no Paraná. **Antíteses**, v. 8, n. 15, p. 423-447, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/15482>. Acesso em: 26 fev. 2020.

MARTINIÁK, Vera Lucia. Educação e imigração na província do paraná: análise da constituição das escolas étnicas para os filhos de imigrantes. **Histedbr online**, Campinas, n. 52, p. 119-137, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640233>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MASCHIO Elaine Cátia. Experiências comunitárias na organização das escolas étnicas italianas da cidade de Curitiba. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 52, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000200011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 fev. 2020.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. Childhood, school and education in Italian settlements under the auspices of the Scalabrinian Missionaries, located in the state of Paraná, Brazil. **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 285-301, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. **Escolarização pública e imigração italiana**. Paco Editorial, 2013.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade; PRADO, Eliane Mimesse. Entraves no ensino da língua portuguesa nas escolas italianas privadas curitibanas e paulistanas (1883-1907). **História da Educação**, v. 21, n. 51, p. 85-100, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-34592017000100085&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 fev. 2020.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade,. A escrituração escolar como prática e como lugar indiciário de representações da infância. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 37, n. 2, p. 141-150, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/20337>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MAYER, Christine. The Transnational and Transcultural: Approaches to Studying the Circulation and transfer of Education Knowledge. In: FUCHS, Eckhardt; VERA, Eugenia Roldán (orgs.). **The Transnational in the History of Education: Concepts and Perspectives**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2019, p. 49-68.

MINARD, Philippe. Globale, connectée ou transnationale: les échelles de l'histoire. **Revue Esprit Comment faire l'histoire du Monde?** Paris, n. 12, p. 20-32, 2013. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/tous-les-numeros/comment-faire-l-histoire-du-monde/818>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MONTALBANO, Gabriele. Le scuole italiane in Tunisia: tra rivalità imperiali e costruzione comunitaria (1861-1910). **Altreitalie**, n. 61, 2020. Disponível em: <https://www.altreitalie.it/publicazioni/rivista/n-61/altreitalie-61-luglio-dicembre-2020-kl>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MYERS, Kevin.; RAMSEY, Paul. J.; PROCTOR, Helen. Rethinking borders and boundaries for a mobile history of education. **Paedagogica historica**, v. 54, n. 6, p. 677-690, 2018.

MYERS, Kevin; GROSVENOR, Ian; WATTS, R. Education and Globalisation. **History of Education**. v. 37, n. 6, p. 737-741, 2008.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

NEIS, Fabiano. **As Sociedades Italianas em Pelotas: A formação de uma identidade coletiva (1870-1925)**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

NEVES, Helena. **O ensino privado em Pelotas-RS na propaganda impressa: séculos XIX, XX, XXI.** 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

NICÁCIO, Karina Fernandes. **Escolarização dos imigrantes italianos e seus descendentes em São João del Rei – Minas Gerais (1888/1914).** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

NÓVOA, Alfredo. On History, History of Education and History of Colonial Education. *In*: DEPAEPE, Mark; NÓVOA, Antonio; JOHANNINGMEIER, E. V. **The Colonial Experience in Education: Historical Issues and Perspectives.** Ghent: CHSP, 1995, p. 23-61. (Paedagogica Historica Supplementary Series; v. 1).

NÓVOA, Antonio. L'histoire et l'histoire de l'éducation (Refléxions à propos de l'historiographie américaine). **Histoire & Comparaison** (Essais sur l'Éducation), Lisbonne, Educa, p. 13-50, 1998.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena. **A educação durante o governo de Augusto Simões Lopes (1924-1928).** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

OLIVEIRA, Maria. **Instituições e práticas escolares como representações de modernidade em Pelotas (1910-1930): imagens e imprensa.** 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

OSSEMBACH, Gabriele; DEL POZZO, María del Mar. Postcolonial models, cultural transfers and transnational perspectives in Latin America: a research agenda. **Paedagogica Historica International Journal of the History of Education**, v. 47, n. 5, p. 579–600, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00309230.2011.606787>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PAGANI, Carlo. Ensino elementar no Brasil e na Itália: o caso dos imigrantes italianos na escola de Cascatinha (Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro). **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 243-253, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22241>. Acesso em: 26 fev. 2020.

PANIZZOLO, Claudia Panizzolo. Scuole italiane all'estero: a study on reading books circulating in Italian ethnical schools in Brazil (Late 19th and early 20th Century). **History of education & Children's**

Literature, v. XIV, n. 2, p. 447-465, 2019a. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 mai. 2020.

PANIZZOLO, Claudia. A escola étnica na cidade de São Paulo e os primeiros tons de uma identidade italiana (1887-1912). **Revista História da Educação**, v. 24, p. 01-31, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/91636>. Acesso em: 28 mar. 2020.

PANIZZOLO, Claudia. Livros de leitura e a construção da identidade nacional de crianças italianas e descendentes (São Paulo no início do século XX). **Acta Scientiarum**, v. 41, p. 01-13, 2019b. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/45486>. Acesso em: 20 fev. 2020.

PANIZZOLO, Claudia. Scuole italiane all'estero: livros de leitura para as escolas italianas no Brasil (São Paulo/SP- 1911-1931). **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 2, p. 351-367, 2019c. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50287>. Acesso em: 23 fev. 2020.

PEIXOTO, Luciana. **Memória da imigração italiana em Pelotas / RS – Colônia Maciel**: lembranças, imagens e coisas. 2003. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

PERES, Eliane Teresinha. **'Templos de luz'**: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915). 1995. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

POMATTI, Angela Beatriz. **Italianos na cidade de Pelotas**: doenças e práticas de cura – 1890 a 1930. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

POMATTI, Angela Beatriz; LONER, Beatriz Ana. Italianos. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (orgs.). **Dicionário de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPel, 2010, p. 153-154.

POPKEWITZ, Thomas S. (org.). **Rethinking the history of education**: transnational perspectives on Its, Questions, Methods, and Knowledge. Nova Iorque: Palgrave macmillian, 2013.

PRADO, Eliane Mimesse. **A Educação e os Imigrantes italianos**: da Escola de Primeiras Letras. Fundação Pró-memória, 2001.

PRADO, Eliane Mimesse. A questão da nacionalização do ensino: escolas italianas na cidade de São Paulo no início do século XX.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 63, p. 259-269, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640022/0>. Acesso em: 24 fev. 2020.

PRADO, Eliane Mimesse. As escolas elementares paulistas e seus alunos estrangeiros na passagem do século XIX para o XX. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 15, n. 63, p. 259-269, 2015a. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641182>. Acesso em: 26 fev. 2020.

PRADO, Eliane Mimesse. O ensino da Língua Portuguesa nas escolas primárias paulistanas no início do século XX. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 315–336, 2015b. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015315>. Acesso em: 23 mar. 2020.

PRADO, Eliane Mimesse. Polêmicas no ensino da Língua Portuguesa: as escolas elementares de estrangeiros existentes na cidade de São Paulo no início do século XX. **Historia de la Educación**, v. 15, n. 1, pp. 66-81, 2014. Disponível em: <https://www.academica.org/eliana.mimesse/8.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PRADO, Eliane Mimesse. O convívio concomitante e frugal das escolas elementares públicas e privadas paulistanas. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 183-198, 2015c. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40602015000400183&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 fev. 2020.

PRADO, Eliane Mimesse. Orphaned and abandoned children in the city of São Paulo: the crucial understanding to create the Scalabrinian orphanage. **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 509-525, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

POPKEWITZ, Thomas S. (Org.). **Rethinking the history of education: transnational perspectives on Its, Questions, Methods, and Knowledge**. New York: Palgrave macmillian, 2013.

PROSPERI, Adriano. **Un tempo senza storia**. La distruzione del passato. Torino: Einaudi, 2021.

RAMSEY, P. J. Education and migration in History. *In*: RURY, J. L.; TAMURA, E. H. **The Oxford handbook of the History of Education**. New York: Oxford University Press, 2019, p. 372-384.

RECH, Gelson Leonardo. Educação e italianidade: a opção pelas congregações religiosas italianas. **Conjectura**, v. 23, número especial, 157-180, 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/issue/view/266/showToc>. Acesso em: 18 fev. 2020.

RECH, Gelson Leonardo. **Escolas étnicas italianas em Porto Alegre/RS (1877-1938): a formação de uma rede escolar e o fascismo.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

RECH, Gelson Leonardo; BARAUSSE, Alberto. Schooling of italian immigrants in Porto Alegre/RS (1928-1938). **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 527-557, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

RECH, Gelson Leonardo; LUCHESE, Terciane Ângela. **Escolas Italianas no Rio Grande do Sul**, Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

RECH, Gelson Leonardo; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. O jornal Stella d'Italia e a defesa da escola étnica italiana (1902-1904). **História da Educação**, v. 19, n. 35, p. 159-182, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/47461>. Acesso em: 18 fev. 2020.

RENK, Valquiria Elita. O estado e as políticas de nacionalização da infância nas escolas étnicas do Paraná. **Histedbr online**, Campinas, n. 52, p. 165-182, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640236>. Acesso em: 15 fev. 2020.

RENK, Valquiria Elita. Professores de escolas étnicas no Paraná: manter a cultura ou cumprir as leis? **Revista Diálogo Educacional**, v. 12, n. 37, pp. 1045-1064, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4894>. Acesso em: 17 mar. 2020.

ROCHA, Alexandre Luis Moreli. O Global como nova era da História. **História historiografia**, Ouro Preto, v. 8, n. 18, p. 283-288, 2015. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/911>. Acesso em: 19 mar. 2020.

RODRIGUES, Maysa Gomes. Escolas italianas em Minas Gerais: organização, currículo e relações sociais. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 36, n. 2, p. 255-265, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22403>. Acesso em: 22 mar. 2020.

RODRIGUES, Maysa Gomes; LUCHESE, Terciane Ângela. Notícias de escolas e associações étnicas italianas na imprensa de Caxias do Sul/RS e Juiz de Fora/MG (1880 – 1914). **Revista história comparada**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 119-144, 2016. Disponível em: http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/rhc_volume010_Num001_jun16_004.pdf. Acesso em: 18 mar. 2020.

RODRIGUES, Maysa Gomes Rodrigues. **Sob o Céu de Outra Pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, Minas Gerais. (1888-1912).** 2009. Tese (Doutorado em Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em Educação. **Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=237&dd99=view>. Acesso: 05 abr. 2016.

ROSOLI, Gianfausto. La politica migratoria italiana durante il periodo liberale dall'unità politica al fascismo. In: AA.VV. **Il problema dell'emigrazione italiana tra ottocento e primo novecento a partire dalle pagine della Riforma Sociale.** Torino: Annali della Fondazione Einaudi, 20XII, 1998, p. 51-69.

ROSOLI, Gianfausto. Un quadro globale della diaspora italiana nelle Americhe, **Rivista AltreItalie**, n. 8, p. 02-15, 1992. Disponível em: https://www.altreitalie.it/publicazioni/rivista/numeri_arretrati/n_8/altreitalie_8_luglio_dicembre_1992.kl. Acesso em: 15 out. 2019.

RUGGIERO, Antonio de. Italians in the cities of Rio Grande do Sul: social networks and ethnic associationism (1870-1914). **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 559-581, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 mai. 2020.

SAAVEDRA, Vicente Peña. Panorámica de la intervención escolar de los emigrantes gallegos a América (Siglos XVII-XXI). In: MIÑAMBRES, M. Llordén; DEL VISO, J. M. Prieto Fernández (Coords.). **El asociacionismo y la promoción escolar de los emigrantes del Norte Peninsular a América.** Boal-Asturias: Ayuntamiento de Boal, 2012, p. 35-69.

SAAVEDRA, Vicente Peña. **Éxodo, organización comunitaria e intervención escolar. La impronta educativa de la emigración transoceánica en Galicia.** La Coruña: Xunta de Galicia, 1991.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Le Petit Prince.** Paris: Gallimard, 1999.

SALVETTI, Patrizia. Governo italiano, diplomacia e escolas italianas no exterior. In: LUCHESE, Terciane Ângela. **História da escola dos imigrantes italianos em terras brasileiras** (org.). Caxias do Sul: EDUCS: 2014, p. 57-78.

SALVETTI, Patrizia. Le scuole italiane all'estero. In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina, FRANZINA, Emilio (orgs.). **Storia dell'emigrazione italiana: arrivi.** Roma: Donzelli, 2002, p. 535-549.

SANI, Roberto. Entre as exigências pastorais e a preservação da identidade nacional: a Santa Sé e a emigração italiana para o exterior, entre o oitocentos e novecentos. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 143-185, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592017000100143. Acesso em: 27 fev. 2020.

SANI, Roberto. Catholicism, education and emigration: the Spiritual Guide of the Italian emigrant in America [Guida spirituale per l'emigrato italiano nella America] by the Scalabrinian priest Pietro Colbacchini. **History of education & Children's Literature**, v. XIV, n. 2, p. 263-283, 2019. Disponível em: <http://www.hecl.it/>. Acesso em: 04 maio 2020.

SANI, Roberto. **Sub specie educationis. Studi e ricerche su istruzione, istituzioni scolastiche e processi culturali e formativi nell'Italia contemporanea**. Macerata: EUM, 2011.

SAVIANI, Dermeval et al. Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. **Revista brasileira de História da Educação**, v. 11, n. 3 [27], p. 13-45, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38762>. Acesso em: 23 fev. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHWONKE, Raquel Santos. **Leopoldo Gotuzzo e a constituição do Malg (1887-1986)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SILVA, Adhemar Lourenço da. **As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940)**. 2004. 574 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, Daniele Hungaro. A política de Getúlio Vargas e as escolas primárias de Santa Catarina (1930-1945). **Revista Grifos**, v. 25, n. 40, p. 144-171, 2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/issue/view/199>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SILVA, Gabriela Ucoski da. **História e aspectos do cotidiano da Hospedaria de imigrantes do Cristal Porto Alegre (1890-1898)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2014.

SILVEIRA, Marcel Camargo. **Imigrantes italianos em Limeira – SP: terra, Política e instrução escolar (1880-1900)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 2007.

SMITH, Anthony D. **Il revival etnico**. Bologna: Il Mulino 1984.

SOUZA, Sauloéber Társio de. Educação escolar e processos migratórios no Pontal Mineiro (décadas – 1950 a 1990). **Cadernos de História da Educação**, v. 11, n. 2, p. 641-666, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21717>. Acesso em: 26 fev. 2020.

STUART, Hall. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

SUBRAHMANYAM, S. Connected histories: Note towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. In: LIBERMAN, V. (Ed.). **Beyond Binary Histories: Re-Imagining Eurasia to c. 1830**. Ann Arbor (MI): University of Michigan Press, 1977, pp. 289-315.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, p. 219-240, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21862017000100219&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 24 fev. 2020.

TEIXEIRA, Celia Regina. Estado da Arte: a concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação Currículo (1975-2000). **Cadernos de Pós-Graduação em Educação**, v. 5, n. 1, p. 59-66, 2006. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/9952>. Acesso em: 30 abr. 2016.

TEIXEIRA, Mariana Eliane. **Ecos do nacionalismo italiano: os sentidos da italianidade em Juiz de Fora (1878-1922)**. 2016. Tese (Doutorado em História) – programa de Pós-Graduação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. **Associações italianas no interior paulista num espaço partilhado**. Nacionalismo e italianidade sob a perspectiva da história local. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 2011.

THOEN, Carla Fernanda Carvalho. **Representações sobre Etnicidade e Cultura Escolar nas Antigas Colônias de Imigração Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (1905 – 1950)**. 2011.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, 2011.

THOMÉ, Nilson. A nacionalização do ensino no contestado, centro-oeste de Santa Catarina, na primeira metade do século XX. **Histedbr**, 2004, p.1-38, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1353/1160>. Acesso em: 20 jan. 2020.

TIMM, Jordana Wruck; KREUTZ, Lúcio. A relação escola/comunidade no contexto da italianidade, Nordeste do Rio Grande do Sul, 1915 a 1960. *In*: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; BISOL, Cláudia Alquati. **Olhares históricos e filosóficos, reflexões sobre tecnologias e inclusão**. Caxias do Sul: Educs, 2014.

TIMM, Jordana Wruck. **A relação escola/comunidade na região das antigas colônias italianas, nordeste do Rio Grande do Sul, 1915 a 1960**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, 2013.

TORRE, Angelo. Micro/macro: ¿local/global? El problema de la localidad en una historia espacializada. **História Crítica**, n. 69, p. 37-67, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0121-16172018000300037&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2020.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1988.

TRIVELLATO, Francesca. Microstoria, storia del mondo e storia globale. *In*: LANARO, Paolo (org.). **Microstoria**: a venticinque anni la L'eredità immateriale. Franco Angeli, 2011, p. 119-131.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, v. 20, n. 1, 199 – 218, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567>. Acesso em: 09 abr. 2018.

VENDRAMINI, Lucimary. **Urussanga: da escola italiana à escola pública**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Sujeitos e artefatos**: territórios de uma história transnacional da educação. Fino Traço: Belo Horizonte, 2020.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leituras e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. História transnacional da educação: (des) conexões entre Brasil e a New Education Fellowship (1920-1948). In: ARATA, Nicolás; PINEAU, Pablo (Org.). **Latinoamérica: la educación y su historia. Nuevos enfoques para su debate y enseñanza.** Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2019.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem fronteiras**, v. 9, n. 1, p. 25-41, 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/2-vidal.pdf>. Acesso em: 09 set. 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves; RABELO, Rafaela Silva (orgs.). **Movimento internacional da educação nova.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

VIDAL, Diana. Gonçalves. Transnational education in the late nineteenth century: Brazil, France and Portugal connected by a school museum. **History of Education**, v. 47, p. 01-14, 2017.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista de Educación**, Madrid, n. 306, p. 245 – 269, 1995. Disponível em: redined.mecd.gob.es/xmloi/handle/11162/70501. Acesso em: 09 jul. 2015.

VIRTUOSO, Tatiane dos Santos; RABELO, Giani. Escolas étnicas italianas: Urussanga como principal centro ítalo-brasileiro catarinense no início do século XX. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 37, n. 1, p. 65-77, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/22261>. Acesso em: 24 fev. 2020.

WARDE, Mirian Jorge. Sobre o “global”: duas ou três coisas que eu pensei a respeito. In: CURY, Cláudia Engler; VIEIRA, Carlos Eduardo; SIMÕES, Regina Helena Silva Simões (orgs.). **História da Educação: global, nacional e regional.** Vitória: EDUFES, 2019, p. 99-129.

WERLE, Flávia Obino Correa; METZLER, Ana Maria Carvalho. Contextos, institucionalização e práticas pedagógicas. In: WERLE, Flávia Obino Correa (org). **Educação Rural: práticas civilizatórias e institucionalização da formação de professores.** São Leopoldo, Oikós, 2010. p. 15-52.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN. Beyond comparison: Histoire croisée and the challenge of reflexivity. **History and Theory**, v. 45, n. 01, p. 30-50, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3590723>. Acesso em: 24 fev. 2020.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. **Revista textos de história**, v.

11, n.1/2, p. 89-128, 2003. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/issue/view/1805>. Acesso em: 15 fev. 2020.

WIMMER, Andreas; SCHILLER, Nina Glick. Methodological nationalism and beyond. Nation state formation, migration and the social sciences. **Global Networks: a Journal of Transnational Affairs**, Oxford, v. 2, n. 4, p. 301-334, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomás T. da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 07-73.

ZANINI, Maria C. C. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria – RS. Santa Maria: Editora da UFSM, 2006.

“Do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul ao *Archivio Storico Diplomatico del Ministero degli Affari Esteri* em Roma, entre tantos outros acervos que constituem a riqueza documental construída em um denso percurso, o olhar atento e inquisitivo da autora e os ecos dos estudos teóricos marcam presença. A pesquisadora Renata mergulhou em um corpus documental composto por correspondências e relatórios de agentes consulares e cônsules, cartas de professores, jornais e outros, que por meio da análise documental histórica, realizada com maestria, em diálogo com a autoria e todo o referencial teórico, resultam nas páginas que o leitor agora é convidado a percorrer” (Por Terciane Luchese, UCS).

“O trabalho é original, por ter sido uma das primeiras pesquisas que englobou aspectos de escolas étnicas italianas na região de Pelotas, tratando-se, portanto, de uma referência importante no âmbito nacional e internacional. Ademais, as lentes teóricas escolhidas permitiram perceber as imbricações de processos de construção identitária no contexto local de Pelotas cruzados com os interesses da Itália” (Por Patrícia Weiduschadt, UFPel).

“È all’interno di questo fermento storiografico che si colloca il ricco ed articolato saggio di Renata Brião de Castro la quale, attraverso una estesa esplorazione di fonti inedite raccolte in diverse sedi di conservazione, tanto nello Stato del Rio Grande do Sul, quanto in quello italiano, ha ricostruito le vicende della scolarizzazione etnica italiana nel particolare contesto di Pelotas. L’importante centro urbano dello stato meridionale del Brasile, come ci ricorda la giovane ricercatrice brasiliana, fu meta di italiani fin dal secondo Ottocento, prima ancora dell’avvio della grande migrazione che portò centinaia di migliaia di italiani provenienti da diversi comuni.” (Por Alberto Barausse, UniMol).

